

A woman is seated on a dark blue suitcase with gold trim. She is wearing a long-sleeved, belted blue dress and maroon leather gloves. Her hands are resting on the suitcase, one holding a grey clutch bag. She is also wearing black high-heeled shoes. The background is a blurred outdoor setting with a stone wall.

*Louise Walters*

A maleta  
da sra.  
**Sinclair**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**A maleta  
da sra.  
Sinclair**

*Louise Walters*

**A maleta  
da sra.  
Sinclair**

Tradução  
Fátima Pinho

 **essência**

Copyright © Louise Walters, 2014

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015

Todos os direitos reservados

Título original: *Mrs Sinclair's Suitcase*

*Preparação:* Paula Nogueira

*Revisão:* Malu Poleti

*Diagramação:* 2 estúdio gráfico

*Capa:* Adaptada do projeto gráfico original

*Adaptação para eBook:* Hondana

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

W192m

Walters, Louise

A maleta da Sra. Sinclair / Louise Walters; [tradução Fátima Pinho]. -1. ed. - São Paulo : Planeta, 2015.

Tradução de: Mrs. Sinclair's suitcase

ISBN 978-85-422-0606-7

1. Guerra Mundial, 1914-1918 - Ficção. 2. Romance americano.  
I. Pinho, Fátima. II. Título.

15-26101

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

2015

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21<sup>o</sup> andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

*Para Ian, Oliver, Emily, Jude, Finn e Stanley.  
Com amor.*

---

## SUMÁRIO

---

CAPÍTULO 1  
CAPÍTULO 2  
CAPÍTULO 3  
CAPÍTULO 4  
CAPÍTULO 5  
CAPÍTULO 6  
CAPÍTULO 7  
CAPÍTULO 8  
CAPÍTULO 9  
CAPÍTULO 10  
CAPÍTULO 11  
CAPÍTULO 12  
CAPÍTULO 13  
CAPÍTULO 14  
CAPÍTULO 15  
CAPÍTULO 16  
CAPÍTULO 17  
CAPÍTULO 18  
CAPÍTULO 19  
CAPÍTULO 20  
CAPÍTULO 21  
CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

AGRADECIMENTOS

---

## CAPÍTULO 1

---

8 de fevereiro de 1941

Querida Dorothea,

*Em tempos de guerra, as pessoas ficam desesperadas. Vemos as coisas por outra perspectiva. A verdade é que amo você, e sinto muito por confessar isso só agora. Você me ama. Nunca me esquecerei de como suas mãos acariciavam minha cabeça e meu pescoço enquanto achava que eu estava dormindo. Um toque de amor que eu não consigo mais imaginar. Ninguém vai me tocar daquela maneira outra vez. Sei disso. Essa é uma perda com a qual tenho de conviver.*

*Perdoe-me, Dorothea, por não conseguir perdoar você. O que você está fazendo com essa criança, com a mãe dessa criança, é muito errado. Não é adequado, como eu, que fui forçado a sair de minha terra natal para talvez nunca mais voltar. Você também nunca mais vai voltar se insistir nesse plano. E você vai insistir. Nesse momento, as coisas ainda poderiam ser desfeitas. Mas sei que você não vai desfazê-las. Você não vai se redimir do que está fazendo. acredite em mim, por favor. Ao acolher em seus braços aquele que escolheu, você deve deixar a outra pessoa. Não consigo suportar isso e você sabe o porquê.*

*Não gosto de ter de escrever essas palavras. Na verdade, lágrimas caem enquanto as escrevo. Assim que a guerra terminar — e ela terminará em breve —, poderíamos construir uma vida juntos. Passar a vida a seu lado tornou-se meu único sonho e meu único desejo. Depois de nosso primeiro encontro, enquanto voltava para casa de bicicleta, já sabia que você seria tão*

*importante para mim quanto o ar que respiro. Sabia que seria eterna, mesmo que não houvesse eternidade. Minutos após conhecê-la, já pensava em fazer de você minha esposa. Mas isso não é possível. Você é uma mulher respeitável, mas isso que está fazendo vai além da honra. Você se esforça tanto para ser boa para os outros, mas se enjeita e cai em desonra. Não sou bom com as palavras, mas acho que você vai entender. Minha bela Dorothea, apesar de tudo, nossa amizade deve acabar aqui. Desejo-lhe toda a felicidade que existe neste mundo.*

*Com amor,*

*Jan Pietrykowski*

Encontrei essa carta no meio de uma edição de *The Infant's Progress: From the Valley of Destruction to Everlasting Glory*, de 1910. Deixei o livro na mesa de Philip para que colocasse preço, e o livro foi parar na sessão de sebos, pela bagatela de 15 libras.

Eu limpo livros. Tiro o pó das capas e das páginas, às vezes uma por uma. É um trabalho meticuloso e emocional. Encontro coisas escondidas dentro deles: flores secas, cachos de cabelo, passagens, etiquetas, recibos, contas, fotografias, cartões-postais — bem, todos os tipos de cartões. Também encontro cartas: trabalhos feitos por pessoas comuns, pessoas angustiadas, pessoas iletradas. Às vezes escritas de forma atrapalhada, às vezes de forma eloquente; são cartas de amor, cartas rotineiras, cartas secretas e cartas sociais que falam sobre coisas como frutas, bebês ou partidas de tênis, assinadas por pessoas chamadas Marjorie ou Jean. Meu chefe, Philip, já está acostumado com esses achados e, como é bastante indiferente, quando encontra alguma coisa, separa para que eu dê uma olhada depois. Ele sempre me lembra de que não posso guardar tudo, e é claro que ele tem razão, mas não consigo me desfazer desses trechos e instantes de vidas que em algum momento foram (ou talvez ainda sejam) tão importantes.

Onze anos atrás, entrei na livraria Old & New para comprar um livro e voltei no dia seguinte como a primeira funcionária da loja.

Philip, dono e gerente, muito impulsivo, me chamou para trabalhar com ele. Nas palavras dele, em breve entraríamos em um novo milênio, portanto era hora de mudar. Literalmente, era hora de avaliar a situação. Ele gostava do meu amor pelos livros e da minha habilidade em lidar com pessoas. Dizia que achava os seres humanos “complicados”.

— Eles geralmente são bem podres, não é? — disse ele, e concordei em parte.

Philip também me disse uma vez:

— Os livros contam muito mais histórias do que aquelas impressas em suas páginas.

E aquilo era novidade para mim? Não era. Livros cheiram, livros chamam, livros falam. Ao segurar um livro, você tem nas mãos uma coisa viva, que respira e sussurra.

No meu primeiro dia de trabalho na livraria, Philip me orientou:

— Estude os livros, sinta o cheiro deles, ouça o que dizem. Você será recompensada.

Também organizo as prateleiras. Confiro se não estão cheias demais. Faço o balanço dos livros todos os anos em maio, quando as flores nas árvores estão se desfazendo das pétalas e o sol brilha através das janelas francesas do salão dos fundos da loja, onde guardamos os livros de não ficção de segunda mão e os de ficção de capa dura; o calor do sol de primavera abraça minhas costas como um braço longo e reconfortante e as andorinhas revoam pelo jardim, chiando e se banquetando com as moscas. Faço café pela manhã e chá à tarde. Ajudo a entrevistar novos candidatos: por exemplo, Sophie, que, com seus dezoito anos, resolveu esperar algum tempo antes de ingressar na faculdade e continua trabalhando conosco até hoje. E mais recentemente Jenna, que começou a namorar Philip menos de duas semanas depois de ser contratada. Jenna nunca foi entrevistada, para falar a verdade. Assim como eu, entrou na Old & New para comprar um livro e, da mesma forma, acabou recebendo uma proposta de emprego.

Ninguém é mais apaixonado por livros, pela palavra impressa, do que meu chefe, Philip Old. Seu amor pelos livros — pelo objeto em si, o cheiro, o toque, a idade, a proveniência — é o que lhe dá

motivação. A loja é grande, de pé-direito alto, piso de lajotas e um labirinto de salas — são seis no total, mais o almoxarifado no primeiro piso. Tudo é espaçoso e claro. Vendemos livros novos, livros antigos, livros de segunda mão, livros para crianças — enfim, prateleiras e mais prateleiras de livros que revestem nosso grande e volumoso santuário. O prédio é separado do movimentado Market Square por um jardimzinho agradável e muito bonito, com mudas de lavanda e alecrim ladeando o caminho de pedras que leva até a grande porta de carvalho na entrada da loja. No verão, colocamos cordões com bandeirolas ao longo da cerca de ferro forjado que foi feita por um cliente muito amável, e uma plaquinha pintada à mão onde se lê:

**Bem-vindo à**

**LIVRARIA OLD & NEW**

**Aberta das 9 às 17 horas**

**Entre e confira**

A Old & New não gera muitos lucros como negócio. Temos alguns clientes fiéis, é claro — estabelecimentos assim sempre têm —, mas são poucos. Deve haver dinheiro saindo de algum lugar para que seja possível manter a loja funcionando e para que Philip consiga decorar seu apartamento no segundo andar com tanto bom gosto. Nunca cheguei a perguntar. Ele nunca fala sobre dinheiro, assim como nunca fala sobre sua vida particular.

Já tive também minha cota de romance, se é que é possível chamar assim. Pelo menos ofertas de romance. Um rapaz mais novo que me ofereceu o número de seu fax mais de uma vez. Ele fazia parte do grupo de nerds que visita a loja nas tardes de sábado e parecia viver em um mundo de pelo menos uma década anterior à nossa, sempre vestindo roupas de ginástica pretas e roxas. Outro, mais envergonhado e até que um pouco interessante, me disse

recentemente que eu era a mulher “mais atraente que ele havia visto em meses”.

Evidentemente aquilo não era verdade, e Jenna, que era linda, deu risadinhas abafadas enquanto fingia arrumar as prateleiras. Olhei para ela e ela me olhou de volta. E teve ainda um professor de uma das três escolas primárias da cidade, há mais ou menos um ano, que costumava vir com frequência à livraria e colocar tudo que comprava na conta da escola. Depois de atendê-lo e entregar a ele a elegante sacola de papel da Old & New com suas compras, ele ficava me cercando, não saía de perto de mim. Pigarreava e acabava me convidando para jantar em uma quinta-feira à noite, caso eu estivesse livre. Tinha um sorriso bonito e cabelos pretos e fartos. Suspeito que fossem tingidos.

Hoje pela manhã, papai trouxe alguns livros para casa, livros antigos que eram da *babunia*, minha avó. Faz dois anos que ela está morando em uma casa de idosos, mas levamos um tempão para organizar as coisas dela. Nem são tantas coisas assim. Graças a Deus, *babunia* não é uma grande colecionadora. Mas papai tem feito as coisas bem devagar ultimamente. Já andei mexendo nos livros dela, é óbvio, e guardei para mim alguns que lembram minha infância. Quando ela concordou em se mudar para o lar de idosos, disse-me para ficar com qualquer coisa dela que eu quisesse, porque não conseguiria mais ler nem bordar com aquela idade. É impossível descrever como aquele momento foi triste, mas não tínhamos escolha. Papai já não conseguia mais cuidar dela. Quanto a mim, tentei oferecer trabalhar menos tempo na livraria para ajudar, mas ninguém quis me ouvir.

Vi papai passando e acenei, mas ele não me viu. Fui correndo, então, até a pesada porta de entrada e a abri para ele.

Ele explicou que tinha trazido uns vinte livros, que havia colocado dentro de uma maleta velha e surrada.

— Isto era dela também — disse papai. — Pode ficar com ela se gostar, Roberta.

Claro que eu ia ficar. Adoro malas antigas e já sabia até o que ia fazer com ela.

— Como você está? — perguntei, tentando decifrar sua expressão.

Fazia algum tempo que andava pálido, com uma cor meio acinzentada, mas nunca contava a ninguém como se sentia. Encolheu os ombros em um gesto vago, que queria dizer: “Bem, você sabe...”. Ele vinha melhorando um pouco havia algumas semanas. Mas de repente voltou a piorar. Foi uma mudança bem abrupta dessa vez, e assustadora para nós dois.

Philip saiu do escritório e veio apertar a mão de meu pai. Já haviam se encontrado duas vezes antes, e ambos haviam me confessado ter achado o outro muito “cavalheiro”. Philip insistiu em pagar papai pelos livros, mas papai queria doá-los. No fim, acabaram chegando a um acordo, e papai aceitou 20 libras. Ele ficou um pouco mais e tomamos uma xícara de chá, sentados no jardim dos fundos, sob o sol tímido da primavera. Depois ele se foi, e os passos já não eram fortes e decididos como antes, fato que tentei não perceber.

Esvaziei a maleta. Havia uma etiqueta velha e rasgada dentro dela onde se lia “Sra. D. Sinclair” e, enquanto organizava e limpava os livros, fiquei me perguntando quem seria aquela pessoa. Papai havia dito que a mala era da vovó, mas devia antes ter pertencido à tal sra. Sinclair. Vovó sempre foi fã de fazer economias e de reaproveitar as coisas. Sempre gostou de artigos de segunda mão e se dizia feliz por serem novos para ela. Papai diz que ela adquiriu esse hábito por causa da guerra, que “era o que todos faziam então”, e que não era apenas um modismo da época.

Tirei a poeira de *The Infant's Progress: From the Valley of Destruction to Everlasting Glory* (não me lembrava de ter visto esse livro na casa da vovó), e duas folhas de papel muito bem dobradas caíram de dentro dele. Uma carta! Não tinha envelope, sempre uma pena. Desdobrei as folhas. A carta era endereçada para Dorothea, minha avó, e havia sido escrita com uma tinta azul anêmica, com

letras pequenas e nítidas. O papel era de um azul ainda mais pálido, frágil e seco como a asa de um inseto morto há muito tempo, amarelado nos cantos e com furinhos nas dobras. É óbvio que me perguntei se seria correto ler a tal carta, mas minha curiosidade foi maior. Não pude evitar. Venho lendo e relendo a carta desde então, e ainda não consegui entendê-la. Da primeira vez que a li, precisei parar e me sentar. Sentei-me em um banquinho barulhento, e minhas mãos tremiam enquanto meus olhos deslizavam pelo papel, tentando absorver cada palavra.

Sabia com certeza que Dorothea Pietrykowski era a minha avó e que Jan Pietrykowski era o meu avô, que nem eu nem meu pai chegamos a conhecer.

Mas aquela carta não fazia sentido.

Para começar, meus avós tiveram um casamento feliz, ainda que curto, mas na carta ele dizia que não podia se casar com ela. Além disso, a carta era datada de 1941. Meu avô, Jan Pietrykowski, tinha sido líder do esquadrão polonês e morrido defendendo Londres na Blitz<sup>[1]</sup>, em novembro de 1940.

---

## CAPÍTULO 2

---

Dorothy Sinclair suave na lavanderia, onde o vapor deixava o ar úmido e pegajoso. Enxugava a testa sem parar com as costas da mão, mas a umidade parecia grudar em seu rosto. O lenço tinha escorregado da cabeça já fazia algum tempo e, como não havia se dado ao trabalho de parar para amarrá-lo novamente, os cabelos grudavam em seu rosto como se fossem tentáculos predadores de alguma criatura perigosa. Era importante manter a cabeça ocupada naquele dia.

Em um canto escuro distante, a máquina de lavar de cobre sibilava e borbulhava como um caldeirão, enquanto fervia as roupas de Aggie e Nina. Os uniformes delas voltavam quase todos os dias enlameados e manchados, e Dorothy achava que o mínimo que podia fazer era presentear as garotas com uma pilha de roupas limpas, engomadas e passadas, pelo menos uma vez por semana. Apesar do desconforto, adorava fazer aquilo. Lavar vestidos, meias, roupas íntimas, casacos, culotes e camisas das meninas, as calças e todas as outras roupas da casa, era mais que uma tarefa doméstica: aquilo era agora a sua vida. Esfregar, mergulhar, suar, mexer — todas essas coisas tinham um ritmo próprio e davam propósito ao dia. Virar o tambor repetidamente como fazia agora, torcendo roupas, lençóis e toalhas de mesa até a última gota. Mas havia algo que lhe dava ainda mais prazer e era, sem dúvida, sua parte preferida do dia: estender as roupas e os lençóis em filas, e depois observar roupas de cama, roupas e fronhas esvoaçando e batendo como as asas de um anjo triunfante.

Era importante manter a cabeça ocupada naquele dia. Naquele... dia.

Não queria pensar em nada. Absolutamente nada. Desde *aquela* dia, havia se tornado adepta do “não pensar”. Com frequência, os pensamentos agora eram imagens. A linguagem era algo partidário e ambíguo, e já não confiava mais nas palavras, ainda que não pudesse dar as costas a elas totalmente. Gostava de escrever, por isso se aventurava à tarefa em segredo em seu caderno quando estava sozinha. Não sabia desenhar bem, então só lhe restavam as palavras. Tinha esperança de conseguir dar forma às suas incoerências e transformá-las em poesia. Mas era difícil dar sentido a elas ou fazer com que soassem agradáveis.

Ela tirou os olhos das roupas. Ficou ouvindo e olhando para a porta aberta por onde apenas um pouco de vapor parecia passar. Havia algo errado. Desde a perda... desde Sidney... ela havia desenvolvido um sexto sentido, quase parecido ao olfato. Cheirou o ar. Deixou os culotes de Nina pendurados, ainda cheios de lama, nas laterais da máquina, limpou as mãos no avental e foi em direção à porta da lavanderia. Ergueu o olhar novamente, mas momentaneamente ficou cega pelo sol e pelas filas de lençóis e fronhas brancas, e pelas toalhas de mesa brilhantes. Apertou os olhos, admirando o céu azul e inocente. Algumas nuvens pequenas corriam por ele, como crianças desatentas correndo para casa na hora do chá.

Foi então que ouviu um barulho de motor, um zumbido baixo, misturado a engasgos e grunhidos, como os de um cachorro quando se sente ameaçado. Quase imediatamente, ela viu: um avião Hurricane zigzagueando pelo ar. Mas não estaria vindo em direção à terra rápido demais? Nunca tinha visto um avião se aproximar tão rápido. Seu coração começou a martelar, o sangue fervia na cabeça, e um nó apertou sua garganta. Será que o piloto estaria fazendo uma brincadeira? Dorothy continuou observando. Não. Aquilo não era uma brincadeira. O piloto estava em apuros, e ele não era o único.

— Não pode ser! — gritou, correndo pela trilha de tijolos vermelhos.

As galinhas se colocaram na frente dela, irritadas e fazendo estardalhaço, sem terem a menor ideia da tragédia que se

aproximava delas. Dorothy correu em direção ao portão dos fundos, passou por ele e entrou em Long Acre, um campo que ela gostava de imaginar que fosse tão imenso quanto um deserto árabe. Sempre havia temido que algo assim acontecesse; tinha visto pilotos, tão jovens e tão imprudentes, fazendo *loops* e outras manobras loucas só para se exibirem. Sempre pensou que era uma questão de tempo, e a hora, com certeza, havia chegado. Por que ele não saltou de paraquedas? O Hurricane guinou em sua direção, tombando descontrolado como um pêndulo quebrado. Dorothy olhou aterrorizada para trás, onde ficava a cabana. Voltou os olhos novamente para o Hurricane e percebeu aliviada que o avião guinava para longe dela e da casa, e rumava para o campo vasto e vazio. Caminhou atônita por entre as espigas de cevada que ondulavam com o vento e roçavam suas pernas descobertas. Em condições normais, aquela era uma sensação que ela adorava e com a qual entrava em sintonia.

O avião agora estava perto, próximo de um inevitável pouso descontrolado, perto da terra, dela e da cevada que balançava. A aeronave precipitou-se então por sobre sua cabeça como um pássaro gigante, cobrindo o sol momentaneamente com a sombra.

— Dorothy!

Era Aggie que chamava, de muito, muito longe, pensou Dorothy. Avistou duas camisas cáqui tremulando do outro lado de Long Acre. As meninas corriam em sua direção, mas Dorothy ignorava os chamados estridentes de Aggie.

Tudo bem. Nada mais justo. Fazia um ano desde Sidney. Pobre Sidney. Ela deveria se juntar a ele, realmente deveria. Poderia muito bem fazer isso e, por um momento, admirou-se por nunca ter tido aquela ideia antes. Dorothy começou a atravessar o campo, com dificuldade, mas determinada. Marchou em direção ao Hurricane, enquanto este se entregava completamente à terra. Ouviu-se um barulho forte como um trovão, seguido de um rolo de fumaça negra asfixiante, um baque horroroso e o som de coisas que se despedaçavam.

— Dorothy? Passe a xícara de chá para a sra. Lane, por favor. Dorothy, passe esta para a sra. Hubbard. E, Dorothy? O prato de bolo de frutas. Dorothy, sente-se direito. Meu Deus do céu, menina!

Dorothy odiava a sensação que a nova túnica branca superengomada causava ao roçar em seu pescoço. A mãe, a sra. Ruth Honour, a observava com a rotineira mistura de orgulho e repulsa enquanto ela servia o bolo obedientemente, como lhe havia sido recomendado. A sra. Lane e a sra. Hubbard abriram um sorriso bondoso para ela, mas Dorothy se negou a olhar para elas, sabendo que só encontraria pena naqueles olhos. Não queria pena, nunca. Por que sentiam pena dela? Era possível que tivesse algo a ver com a mãe. Ou, ainda mais provável, com a morte do pai. O período de luto havia terminado, e nem mãe nem filha vestiam mais preto, mas era provável que mamãe estivesse se sentindo sozinha, não?

Dorothy ficou parada, observando como a mãe e as amigas fofocavam e mordiam timidamente os pedaços de bolo e bebericavam o chá. Fazia calor e a túnica que usava era bastante desconfortável. Ela queria estar lá fora, no fundo do jardim, debaixo da macieira retorcida, pés descalços sobre a grama, cantarolando para si mesma ou imaginando que escrevia uma incrível poesia, sonhando com o passado, o presente e o futuro. Em sua imaginação, tinha seis irmãos, que se chamavam Alice, Sarah, Peter, Gilbert, Henry e Victoria. Sabia que os irmãos estariam esperando por ela na grama fresca, sentados sob a árvore, conversando bobagens e se provocando.

Vendo o bolo desaparecer dentro das bocas tagarelas das três senhoras, Dorothy começou a balançar. A garganta apertou e o coração acelerou. Percebeu que caía, abandonava-se e aterrissava com um estrondo sobre a bandeja de chá, enquanto as xícaras de botões de rosas e os pires se despedaçavam no chão, e o chá escorria por toda a túnica branca nova e engomada e por todo o tapete.

— Dorothy? Dorothy? Sua desastrada!

\*\*\*

Sentiu alguma coisa quente e pontuda atingir seu estômago. Outro objeto quente, macio e molhado esbofeteou seu rosto. Estava cercada por uma fumaça negra, asfixiante e estrondosa.

— Dorothy! Volte aqui! — A voz de Aggie se aproximava dela.

Dorothy avistou as meninas, que corriam do outro lado dos destroços em chamas, balizas brilhantes em meio à névoa traiçoeira.

— Quero me juntar a ele — disse Dorothy, mas ninguém a ouviu. Esfregou o pescoço. A roupa branca nova era engomada demais, dura demais.

Sua mãe a olhava.

Dorothy se agitou. Por fim, caiu lentamente, e as roupas brancas se encheram de sangue, enquanto a cabeça girava em um turbilhão de vergonha e o mar de cevada amortecia sua queda.

Dorothy Sinclair seria lembrada para sempre como a heroína que havia tentado resgatar o jovem piloto do Hurricane, que se acidentou e acabou morrendo em Long Acre naquela tarde quente no fim de maio de 1940. A mulher valente e corajosa, que tinha colocado a própria segurança em segundo plano. Uma mulher que deveria servir de exemplo para os outros, o tipo de mulher que a Inglaterra precisava durante aqueles tempos tão ermos e terríveis.

Mas Dorothy sabia a verdade.

Mesmo assim, deixou que as pessoas pensassem daquela maneira, já que não estava fazendo mal a ninguém.

A sra. Compton veio visitá-la no fim daquela tarde, depois que o dr. Soames já havia feito curativos nos ferimentos, que doíam, mas eram superficiais: um corte que cruzava a barriga e algumas queimaduras no rosto. Ter desmaiado e caído no campo sem dúvida havia evitado que se machucasse mais. Ela era uma garota muito valente, ou pelo menos foi o que o médico afirmara.

A sra. Compton tinha a habilidade irritante de fazer Dorothy sentir-se envergonhada. Será que ela *sabia* de alguma forma? Dorothy achou que talvez soubesse. A mulher era uma bruxa. Sorriu ligeiramente para ela e percebeu uma mecha fina de cabelo branco que brotava da verruga na bochecha esquerda da senhora. Ou achou que tinha percebido? Talvez nem existisse verruga alguma. Dorothy

tinha dificuldade em ver as pessoas claramente, em ver solidez, realidade.

— Não sei, não — disse a sra. Compton. — Veja só o seu estado!

— Só achei que...

— Eu sei, querida. Eu sei. É vergonhoso.

— Eles ficaram limpando os destroços a tarde toda — disse Dorothy, indicando, com um aceno de cabeça, Long Acre e os campos de cevada agitados.

— Eles já devem estar acabando, acho. Não se preocupe, você fez o que podia. Mais do que deveria ter feito, talvez.

— Não fiz nada.

Ficaram sentadas em silêncio, bebericando o chá. O relógio batia em cima da lareira. Vozes masculinas distantes entravam pela janela aberta, as vozes dos homens que limpavam os restos de corpo e de metal em Long Acre. Será que a sra. Compton se lembrava de sua participação no drama do ano anterior? Estaria ciente que aquele era o aniversário mais triste de todos? Dorothy suspeitava que não, e aquilo lhe dava ainda mais motivos para não confiar nela. Mais motivos para imaginá-la de bruços, com a cabeça em um bloco ensanguentado, o rosto feio contorcido de medo, implorando pela piedade dela enquanto Dorothy erguia um enorme machado, dizendo a ela para...

— Ele era polonês — disse a sra. Compton.

— Fiquei sabendo da chegada deles. Foi há algumas semanas, não foi?

— Sim, foi. Dizem por aí que os poloneses odeiam os nazistas mais do que nós mesmos.

A sra. Compton terminou de beber o chá, fazendo um barulhinho. Colocou a xícara e o pires na mesa com cuidado, e, cruzando as mãos sobre o colo, voltou o olhar para Dorothy, que desviou os olhos para a janela e ficou observando as cabeças dos homens subirem e descerem, enquanto as cercas vivas espinhentas obscureciam os corpos. Dorothy pensou no piloto polonês, morto, queimado e desmembrado. Uma parte dele tinha atingido seu rosto. Tocou a bochecha e sentiu o curativo. Devia estar horrorosa.

— E como você vem se sentindo ultimamente? — perguntou a sra. Compton, inclinando-se para a frente.

— Estou bem — disse Dorothy.

Levantou-se para olhar pela janela da cozinha e observou uma galinha que revirava a terra para puxar uma minhoca, contemplando, com sensatez, a luta inútil da presa.

— Que bom. Isto é ótimo.

A sra. Compton parecia cheia de incertezas. Olhou para o relógio e disse que tinha de ir embora, porque uma jovem no vilarejo vizinho estava esperando o primeiro filho e, já que estava em trabalho de parto desde as 04h30 daquela manhã, poderia estar precisando da ajuda dela.

Dorothy olhou-a fixamente.

A mulher foi em direção à porta e colocou a mão na maçaneta, mas voltou-se para Dorothy, que permanecia imóvel, de costas para a janela.

— Sinto muito, Dorothy. Deveria ter me lembrado. Essas coisas levam tempo, você sabe. Se me lembro bem, aconteceu mais ou menos nessa época do ano, não foi? Se você precisar conversar sobre isso em algum momento, ficarei feliz em ouvir. Você não precisa ignorar os pensamentos. Sei que a vida continua, mas algumas coisas nos assombram às vezes.

A sra. Compton saiu e fechou a porta, e Dorothy manteve o olhar nela.

Como ousava?

Antes de ao menos perceber o que estava fazendo, pegou a xícara de chá que a mulher havia esvaziado sem nenhuma cerimônia e a atirou contra a porta. E o fez com tanta força e rapidez que se assustou com o barulho. Ainda sentindo dor onde o metal quente a havia atingido, começou a varrer a bagunça.

\*\*\*

Alice, Sarah, Peter, Gilbert, Henry e Victoria viviam, se movimentavam e respiravam nos devaneios solitários de Dorothy. O

único problema é que nunca havia descoberto onde ela, Dorothy, se encaixava naquela família de meninas de cabelos claros esvoaçantes e meninos fortes e robustos, que brincavam com catapultas e bambolês, todos os seis com olhos azuis brilhantes e cílios compridos. Fantasiava que haviam sido abençoados com uma infância absolutamente perfeita. Seria ela a irmã mais velha, durona, séria, forte e mandona? Ou estaria em algum lugar no meio, esquecida, ignorada e sem importância alguma? Talvez fosse a mais nova, a mais esquisita das meninas por ter o cabelo longo e castanho e os olhos verdes. Um querubim de perninhas grossas. Ah, não, aquilo não fazia sentido. A pequena Victoria era a mais nova — o anjinho de bochechas rosadas, cachos loiros e olhos grandes e azuis. Talvez Dorothy fosse a segunda mais nova? Poderia brincar com as bonecas de Victoria e com o carrinho de bebê preto. Sim, aquele era o lugar dela, com duas irmãs mais velhas para abraçá-la quando caísse, para ajudá-la a se levantar e a sacudir a poeira da roupa. Os irmãos não tinham idades determinadas, mas eram todos altos e estridentes. Eles não reparavam em Dorothy.

O primeiro homem que de fato a notou, muitos anos depois que os irmãos e as irmãs imaginários já tinham sumido de seus anseios, acabou se casando com ela. O namoro havia sido curto. A mãe não aprovava o relacionamento e disse que se ela se casasse com aquele... homem... não lhe dirigiria mais a palavra.

Dorothy o conheceu em 1934, no funeral da tia, Jane, que havia morrido durante o verão, com impressionantes oitenta e dois anos. Dorothy mal havia tido contato com a tia. Nunca mais haviam se falado após a infância, e só sabia que ela era a irmã mais velha e rebelde da mãe, que havia se casado antes dela e se mudado de Oxford para uma cidade distante ao norte, chamada Lincolnshire. A mãe de Dorothy contraiu os lábios e franziu o cenho ao ouvir a notícia da morte da irmã.

— Vamos ter de visitar aquele lugar horroroso. Não se esqueça de colocar o casaco de pele na mala, Dorothy. Não tenho intenção de pegar nenhuma doença que vá me matar na catedral de Lincolnshire, seja por causa da minha irmã ou de qualquer outra pessoa.

— Mamãe, é agosto e está bastante quente. Até mesmo em Lincolnshire.

Dorothy colocou o casaco na mala, é claro — junto com muitas outras coisas —, e as duas viajaram de trem. Dorothy ficou espiando pela janela a maior parte do percurso, tentando ignorar as ordens constantes da mãe. Os campos ficavam dourados em agosto, e ela observava os homens que trabalhavam neles. Viu tratores, carroças, cavalos e colheitas. Aquela vida a céu aberto, trabalhando na terra, nos campos dourados, debaixo do sol dourado, com a pele dourada, lhe parecia invejável.

Dorothy prestou atenção em cada palavra de Albert Sinclair, homem bonito e bucólico, que lhe contou tudo sobre a vida na fazenda, quando o conheceu. Por que ele estava no funeral?

— Minha irmã era faxineira da senhorita Jane, e às vezes prestava-lhe serviços esporádicos, coisas como limpar a calçada ou varrer as folhas. A senhorita Jane era muito bondosa. Uma dama. Dizem que a família não gostava muito dela, mas só Deus sabe o motivo. Acho difícil encontrar uma pessoa melhor que ela.

— “A família” dela era minha mãe e eu.

— Sinto muito, não queria...

— Não há problema. Minha mãe a renegou, na verdade. Ela acaba renegando a todos, mais cedo ou mais tarde.

Duas semanas depois, ao voltar para Oxford, Ruth renegou a própria filha depois de saber que ela tinha intenção de se casar com aquele Albert — *Bert?* — Sinclair. Dorothy ficou feliz. E se aquilo significava que terminaria como a tia Jane, abandonada e esquecida, então ficava ainda mais feliz. Partiu de Oxford de trem, dessa vez sozinha, com os pertences em uma mala e a admoestação final da mãe ainda soando em seus ouvidos:

— Você vai se arrepender! Não vai dar em nada! Ele não serve para você!

E, naquele momento, Dorothy se libertava de sua infância prolongada e lamentável.

Dorothy permaneceu virgem até a noite de núpcias, em 12 de novembro de 1934. Era seu aniversário de trinta e quatro anos. Albert, ainda um estranho para ela, tentou ser delicado e amável,

mas estava tão impaciente, tão viril, que a machucou um pouco. Dorothy tentou não deixar a dor transparecer, mas ele percebeu, porque não era de todo estúpido. Pediu desculpas e ela aceitou. Depois melhorou, é claro. Era um homem grande, forte e musculoso, e a pele dele parecia feita de couro. Depois de um tempo, Dorothy começou a gostar de sentir os braços dele ao redor dela, do calor e da força. Engravidou quatro meses após o casamento, mas a gestação estaria fadada ao fracasso.

Assim como a próxima, e a outra também.

Por fim, após quase quatro anos de casamento e cinco abortos, Dorothy acabou desistindo. O anseio por um filho foi substituído por sonhos impossíveis e insuportáveis, e uma triste resignação. Tinha se tornado a mulher de um camponês, adepta de cozinhar, lavar, costurar e cuidar de uma pequena horta, além de tomar conta de uma pequena criação de galinhas. Não teve mais notícias da mãe, e após algumas cartas formais onde contava sobre o marido, a vida nova e as tentativas de gravidez, ela desistiu de tentar se comunicar. Podia bem ter sido a mãe no lugar de tia Jane, morta no chão da catedral de Lodderston.

Em agosto de 1938, Dorothy engravidou pela sexta vez, e foi então que começou a escrever poesia “corretamente”. No começo errava muito, sem saber como juntar quaisquer palavras que pudessem significar algo, mas tentava e escrevia sozinha durante o dia, enquanto jantava ou bebericava o chá da tarde. Escondia o caderno de poesias atrás dos potes e panelas, no fundo do armário. Escondia na gaveta da mesa, ou debaixo da cama. Escondia em lugares onde Albert não o encontraria.

Aquela gravidez passou dos dois primeiros meses. Sentia-se mal e ficava enjoada o dia todo. Os seios doíam, e ela caía em lágrimas sem aviso prévio. A sra. Compton, que vestia defuntos e era a parteira da região, foi visitá-la quando Dorothy chegou ao quarto mês de gravidez, olhando interrogativamente para a barriga que crescia.

— Você acha que é um menino? — perguntou.

— Não tenho ideia — disse Dorothy.

Já naquela época, a mulher era insuportável.

— E como você se sente?

— Melhor agora, que não estou mais vomitando. Obrigada por perguntar.

A sra. Compton concordou com a cabeça, o que ela deve ter julgado ser um gesto prudente. Dorothy desviou o olhar dela. Odiava aquela mulher. Não podia suportar aquele olhar que parecia zombar de tudo, mesmo quando estava cuidando de alguém. A sra. Compton, com seus cinquenta e poucos anos, talvez sessenta, havia dado à luz seis filhos, dos quais cinco haviam chegado à idade adulta. O mais velho havia morrido durante a Primeira Guerra. As três filhas, fortes e férteis, assim como o filho mais novo, moravam na vila, haviam se casado com outras pessoas da vila e todos contribuía, em intervalos regulares, para o crescimento do exército de netos da sra. Compton.

Na verdade, Dorothy achava mesmo que o bebê seria menino. Até já havia pensado em um nome para ele: Sidney. Mas não disse isso à sra. Compton. Albert, que trabalhava bastante e agora bebia bastante também, já tendo perdido toda a boa aparência, disse que ela poderia dar qualquer nome que quisesse à criança, contanto que não fosse “tantã”. Ele aprovava Sidney, então seria isso. Sentia-se aliviado que a esposa fosse, afinal, lhe dar um filho. Os outros homens — tanto na fazenda quanto no vilarejo ou nos bares — faziam comentários maldosos sobre o casamento sem filhos, como “você deve estar fazendo errado” ou “você sabe onde colocar?”. As provocações o irritavam e terminaram por colocá-lo contra a esposa: uma cara feia aqui, um dar de ombros ali, às vezes a deixava falando sozinha e muitas vezes a olhava com desdém. Mas agora Albert se sentia orgulhoso da barriga redonda e firme da esposa, e do largo sorriso que ela carregava no rosto. Para ele, Dorothy estava mais bonita, tinha se tornado a esposa que ele sempre quis.

Um dia, durante o quinto mês de gravidez, Dorothy pegou o ônibus para Lincoln para comprar coisas para o bebê, sentindo-se como uma filha pródiga que voltava para casa. Comprou uma maleta para colocar todas as coisas que planejava costurar e tricotar.

A mala era pequena, tinha vinte centímetros de largura e vinte de profundidade, meros trinta centímetros da frente até o fundo. Era marrom-ferrugem, com uma alça de baquelite marrom-escuro, duas trancas e uma chave que parecia de brinquedo. Por dentro, a maleta era forrada com papel estampado com um xadrez pastel, e tinha também uma etiqueta adesiva onde poderia escrever o nome. Então, ela escreveu, com letra rebuscada:

*Sra. D. Sinclair*

Lambeu a etiqueta e grudou-a no interior da maleta.

Ainda na cidade, comprou tecido e lã, além de atualizar o estoque de linhas e agulhas. Era hora de fazer as coisas. As conversas sobre uma guerra iminente eram, em sua opinião, tão inexpressivas quanto a primeira demão de tinta que um artista de aquarela aplica à tela vazia. A guerra era incerta, tudo era obscuro, talvez já estivesse acontecendo há muito tempo, ou talvez não fosse acontecer. Dorothy só sabia que estava grávida, que não sentia mais enjoo e que tinha recuperado toda a energia. O bebê precisaria de cardigãs, vestidos, casacos, sapatinhos, cobertores, xales. O bebê precisaria de uma mãe feliz e radiante, uma mãe capaz, criativa e previdente.

A maleta cabia perfeitamente debaixo da cama, e Dorothy começou a se empenhar de imediato em enchê-la de coisas. Dentro de poucas semanas de euforia, já tinha feito duas roupinhas de tecido de algodão macio, três jaquetas matinais de tricô, com chapéus e botinhas combinando, um cobertor pastel também tricotado com lã macia de cordeiro e uma túnica branca para o batismo. Não mostrou a ninguém o fruto de seu trabalho, nem mesmo a Albert, que sabia que as agulhas de tricô andavam trabalhando em ritmo industrial e percebia suas caretas, suspiros e irritações ocasionais, assim como seus sorrisos satisfeitos quando o trabalho dava certo. Ela bordava e tricotava em silêncio todas as noites junto à luz da lamparina de óleo, enquanto ele lia o jornal e lhe contava sobre a guerra que acreditava estar próxima. Ela mal lhe dava ouvidos, de tão envolvida que estava com o nascimento que se

aproximava, com a maternidade que, finalmente, estava a seu alcance. Cada ponto a levava para mais perto daquele momento, daquele novo e misterioso estado de alma. Cada ponto confirmava que existia um bebê em seu ventre. Cada ponto a levava para mais perto do dia em que deixaria para trás, finalmente e para sempre, os dias de menina. Cada esperança que um dia tivera encontrava-se investida em cada ponto das agulhas, em cada picada nos dedos. A futura mamãe esbanjava vida e vigor.

No final do processo, cada peça de roupa era lavada e, se necessário, engomada e passada. Um a um, ia colocando os tesouros feitos à mão na maleta, com muito cuidado, como se cada item fosse o próprio bebê. Resgatou o caderno do armarinho da cozinha e o escondeu debaixo das roupas de bebê no fundo da maleta. Aquele era seu novo esconderijo, seu domínio secreto, particular e inviolável. Salpicava um pouco da lavanda seca que havia colhido no jardim, para evitar que as traças devorassem a lã, mas também porque amava o perfume consistente, avinagrado e doce da flor, o cheiro mais seguro do mundo.

Quando chegou a época de dar à luz, o enxoval já estava completo e a generosidade se instalou no casamento. Albert tinha economizado e comprado um carrinho de bebê preto e enorme. Também estava construindo um berço, e para isso trabalhava no galpão depois dos dias longos na fazenda. Fazia questão que a esposa ficasse com os pés para cima à noite e lhe trazia chá que ele mesmo preparava.

A mala continuava embaixo da cama esperando que os tesouros fossem retirados, esperando que a tampa fosse aberta e o conteúdo agarrado por mãos trêmulas de anseio. Se ela estendesse a mão, poderia tocar aquele sonho que não era mais um sonho. Dessa vez, era sólido, grande e inesgotável. Se qualquer preocupação entrou em seu coração, Dorothy não se lembrava mais. Só se lembrava da ansiedade, do irritante, inebriante e forte desejo para que o mistério da maternidade começasse.

E com certeza agora iria começar.

---

## CAPÍTULO 3

---

Carrinho de passeio Silver Cross:	£ 150,00
Conjunto waffle para berço:	£ 5,50
Conjunto de lençóis para berço pastel:	£ 5,00
<b>Total:</b>	<b>£ 160,50</b>

OBRIGADO PELA PREFERÊNCIA

O recibo feito à mão da já extinta loja de artigos para bebê *Bibs'n'Blankets* eu encontrei dentro de uma edição antiga do livro *Mulherzinhas*, de Louisa M. Alcott, com uma sobrecapa bem conservada que representava Jo March como uma beldade. Mas era uma cópia bem legal para estar nas prateleiras de livros de segunda mão da seção de livros juvenis por meras 2 libras e 50 centavos.

Philip mora em um apartamento em cima da Old & New, e hoje foi minha terceira incursão à casa dele nos onze anos em que trabalho aqui. A primeira vez foi para ajudar a preparar a festinha que fizemos quando inauguramos o novo salão de livros. Ele havia comprado um monte de comida pronta do Waitrose: canapés, molhos, queijo, biscoitos, uvas e vinho. Precisava de ajuda para descer as coisas até a loja e colocar tudo sobre a grande mesa redonda de carvalho do salão. Naquele dia, resolvemos abrir as

janelas francesas e convidamos os clientes a se sentarem do lado de fora, no jardim. Foi ideia minha, e, ainda que Philip não tivesse gostado muito dela no início, resolveu arriscar. Isso acabou virando uma tradição que nossos clientes adoram até hoje.

A segunda vez que entrei no apartamento foi para me certificar de que Philip estava bem, quando ele pegou uma gripe, no inverno passado. Ele estava bem, mas indisposto. Tossia muito, estava com o rosto vermelho, enrolado debaixo de um cobertor no sofá de couro vermelho-cereja, enquanto bebericava uísque sem gelo e assistia *Judge Judy*. Disse que estava doente demais pra se entediar com os programas da tarde na tevê e debilitado demais para mudar de canal. E o pior de tudo: não conseguia ler porque os olhos estavam “derretendo” nas órbitas. De qualquer forma, gostava de *Judge Judy*. Sentia uma pontinha de vergonha nisso, e me pediu que não contasse a ninguém. E aí me disse algo muito estranho.

— Sabe, Roberta, só trouxe você para cá porque concordou comigo quando eu disse que a maioria das pessoas era total e completamente desprezível. Você se lembra?

Apesar da hipérbole, eu me lembrava, sim. Lembrava de ter pensado que ali estava uma pessoa com quem eu poderia trabalhar bem. Mas fiquei surpresa por ele se lembrar de nossa “entrevista” tão bem quanto eu naquelas condições, jogado no sofá, bebendo uísque quente e obviamente sentindo-se muito mal.

Jenna. Ela foi meio... inesperada. Sophie e eu os observávamos com uma mistura de diversão e espanto. Philip? Jenna? Philip e Jenna? Os clientes também compartilhavam da nossa perplexidade. Alguns diziam que não ia durar muito, que ela não fazia o tipo dele, que ela era muito para ele, que *ele* era muito para ela. Diziam essas coisas por aí.

Philip não é só um homem culto e amante dos livros que usa óculos, se é que você me entende. Ele é descolado, adora usar jeans e camisas largas, e tem os cabelos encaracolados castanho-dourados caindo sobre o pescoço. Se você olhar de perto, é um homem muito charmoso. Jenna também é meiga e bem bonita, não há como negar, por isso consigo entender a atração de ambos os lados. Seis meses já se passaram desde o primeiro encontro e eles ainda estão juntos,

enfiados no apartamento delicioso do Philip, ao contrário do que todos acreditavam.

Jenna tem cabelos loiros ondulados e olhos azuis. É o tipo de mulher que todos os homens entre doze e cento e doze anos ficariam olhando na rua, em qualquer lugar, em todo lugar. Mas estava aqui, se escondendo do mundo na livraria Old & New, namorando o dono sarcástico de quarenta e tantos anos. Sophie e eu suspeitamos de que eles se encontrem às escondidas na loja. Devem gostar da sala dos fundos, entre as prateleiras de livros de ficção de segunda mão, porque, toda vez que entro lá, parece que os dois se afastam depressa um do outro, e eu sempre acabo balbuciando um pedido de desculpas tímido e fico com as bochechas vermelhas de vergonha. Jenna me lança um olhar que é um misto de divertimento e reprovação e eu me retiro, sem me atrever a olhar para Philip. Não cheguei à conclusão de qual de nós três acaba se sentindo mais envergonhado.

Pelo menos, agora Jenna tem lido mais. Não acho que lesse muito antes de começar a trabalhar na Old & New. Ela não é do tipo rato de biblioteca, seja lá o que isso queira dizer. Jenna abre nossas remessas diárias mordendo o lábio inferior, depois dá baixa nos recibos de entrega, certificando-se de que os livros estejam todos lá; por fim, os coloca com cuidado nas prateleiras e empilha os livros reservados pelos clientes debaixo do balcão. Fica concentrada como uma menininha que está aprendendo a pular corda. Com frequência nos pede ajuda, e aí Sophie e eu vamos acudi-la, com toda a paciência. Todas temos muito a aprender, e acho que estamos formando uma boa equipe. Sei que Philip se orgulha de nós.

Hoje, o apartamento de Philip está escuro e silencioso. É Jenna quem me recebe e me conduz para dentro. Ela acende um abajur Tiffany que fica ao lado do sofá de couro vermelho-cereja e me pergunta se aceito alguma coisa para beber. Digo que não, e ela se serve de um pouco de gim com água tônica. Ela não foi trabalhar hoje, não estava se sentindo muito bem. Fico reparando em como ela anda pelo apartamento como se estivesse em casa, mexendo nas coisas de Philip e servindo-se do gim. Mesmo em um ambiente tão

zen, Jenna parece nervosa e agitada, e fico com pena dela, sem saber ao certo o motivo.

Mas há algo de errado.

Sinto que estou invadindo a propriedade de Philip. Ele estava em uma feira de livros, onde iria passar o dia todo, e avisou Jenna que só voltaria depois das oito e meia da noite. São duas da tarde e as cortinas ainda estão fechadas, e uma xícara e um pratinho todo cheio de migalhas ainda estão sobre a mesa de café. Há um ar de desleixo no apartamento que Philip normalmente não toleraria.

— Um brinde! — Disse Jenna, esvaziando o copo rapidamente. Sorrio para ela, sem saber o que dizer, sem entender bem sobre o que ela estava falando.

— Roberta, estou encrencada — anunciou.

— Que tipo de encrenca?

— Das antigas, se você me entende. “Aquela encrenca”.

Começa a se desmanchar em lágrimas, tampando o rosto com a mão e com o copo vazio. Chego mais perto dela e faço carinho em seu braço, tentando consolá-la. Não sei ao certo o que dizer.

Por fim, ela para de chorar e pega uma caixinha de lenços de uma prateleira debaixo da mesa lateral.

— O que você pensa de mim agora? — pergunta, colocando mais gim e bebendo com mais calma dessa vez.

As mãos pálidas tremem um pouco.

— Não vou julgar você, Jenna. Por Deus, você e Philip já são adultos. Não é nada anormal, é? Pode ser... inesperado, talvez, mas vocês vão dar um jeito. O que o Philip acha disso?

Ela me olha horrorizada.

— Ah! — digo, olhando para o chão, para a cortina na janela, para o grande espelho dourado acima da lareira.

— Descobri na semana passada. Estava me sentindo cansada e minha menstruação estava atrasada, aí fiz um teste. Tem sido um inferno, Roberta, juro. Não quero ter filhos, sabe? Nunca quis e nunca vou querer. Sempre tomei muito cuidado, mas agora acontece essa... catástrofe.

— Acho que você deveria estar tendo essa conversa com o Philip — digo, me culpando por parecer tão pudica.

— Para que eu faria isso?

— Porque... não tenho nada a ver com isso. O filho é do Philip.

— Não. Acho que não. Quer dizer, não tenho certeza.

Naquele instante, senti uma ponta de alívio, ainda que isso me fizesse sentir um pouco culpada e confusa. O filho não era dele. Poderia não ser. Estava tudo bem, então. Era filho de outra pessoa. Mas de quem? Ela teria...?

Não sou uma pessoa muito corajosa. Sempre evito qualquer tipo de desentendimento. Então fiquei quieta, sem saber o que dizer à mulher que tremia na minha frente. Não posso pensar em Philip — que seria a última pessoa no mundo, na minha opinião, que aceitaria uma traição. Pobre Jenna. Nem consigo imaginar como ela deve estar se sentindo. Que confusão.

Jenna é mesmo muito bonita. Linda. E, como qualquer outra pessoa, incluindo o próprio Philip, deixo-me levar pela beleza. Você é sugado e não vê. Não posso culpar o Philip por... é compreensível. Ele não é nenhum monge, e não tem de viver como um. E nada disso é da minha conta. Sou apenas uma empregada da loja e nada mais, ainda que goste de pensar que Philip possa até me descrever como “amiga” dele.

Jenna solta um suspiro e coloca o copo vazio na mesa.

— No que você está pensando?

— Ah, nada em particular — digo. Eu não sou de muita ajuda, principalmente em momentos difíceis como esse.

Era uma crise.

Jenna se afunda outra vez no sofá e começa a chorar, talvez por um minuto, até assoar o nariz dramaticamente. Abro caminho entre as almofadas vermelho-cereja e sento-me ao lado dela, que se deita no meu ombro. Dou uma palmadinha em seu joelho e esfrego suas costas.

— Vai ficar tudo bem, Jenna.

Há uma clínica. Uma amiga dela... bem... tem uma clínica. Jenna tem uma consulta amanhã de manhã e vai resolver o problema em breve, colocar ordem em toda essa bagunça. Philip não vai ficar sabendo. Graças a Deus estará na feira de livros amanhã outra vez. Ele não pode ficar sabendo disso nunca. Nunca.

Jenna o ama, ama mesmo. Errou, mas quem não erra, não é, Roberta? Um namorado antigo a queria de volta, ela o havia machucado e sentiu pena dele por um momento. Que insanidade tinha cometido!

— Você já terminou um relacionamento? — pergunta Jenna.

— Não — respondo, após a mais curta das pausas.

— Não quero ir sozinha. Digo... à clínica.

— Entendo.

— Você viria comigo? Por favor.

— Sim, é claro.

— Não tenho outra pessoa para pedir. Não tenho ninguém.

— Vou com você.

— Não quero pedir para a Sophie.

— Eu sei.

Idades parecidas, vinte e poucos anos, ambas são legais, sem discussão, de beleza bem acima da média. O cabelo de Sophie é castanho e ela tem olhos cor de chocolate, o corpo definido e bronzeado, é na verdade bem bonita. Há um pequeno clima de competição no ar entre as duas, alguns sussurros ciumentos. Nada demais, nada maldoso, mas existe. Gosto de observar a rivalidade delas dos cantos, de fora da briga. Já eu, sou uns bons dez anos mais velha, mas bem aceitável. Num dia bom. Num dia muito bom. Mas estou fora da competição, ninguém precisa se sentir ameaçado por mim, e assim posso desfrutar do desinteresse de uma observadora casual. Bem, não exatamente. Ambas são minhas amigas agora, e uma delas precisa de mim.

— Tem de ser alguém em quem eu confie totalmente — disse Jenna. — Não vou contar a mais ninguém e o Philip não pode ficar sabendo disso nunca. Não posso ir sozinha. Por favor. Você é bastante sensível e discreta.

— Vou com você, dou minha palavra. Não se preocupe. Mas quem é o pai?

Jenna começa a gargalhar de forma desesperada e um tanto quanto estranha.

— Ah, meu Deus! Roberta, às vezes você é bem inocente mesmo.

Ela vai dizer para o Philip que vai passar o dia com uma amiga, para fazer compras e almoçar. Aí eu vou telefonar e dizer que estou doente. Sabe como é, dor de cabeça, cólicas, o que vier à mente, o que parecer plausível. Sophie ficará brava por ter de ficar sozinha o dia todo, mas Jenna disse para eu não me importar, que ela vai cooperar. A loja não está com muita demanda no momento, de qualquer forma.

Fico ouvindo em silêncio enquanto Jenna elabora os planos. Lembro-me do meu último aniversário, o de trinta e quatro anos. Trouxe bolos, algumas rosquinhas cobertas de creme gelado, com um xarope vermelho e doce descrito como “geleia”, recém-trazidos da padaria vizinha à loja. Jenna não aceitou o bolo, disse que não queria engordar. Encolhi os ombros e disse que levaria o bolo para meu gato, que adorava bolos — especialmente os de aniversário. Lembro-me da cara da Jenna, da expressão desconcertada, de como ficou vermelha. Ela murmurou um “desculpa” envergonhada e pegou um pedaço do bolo. É óbvio que me senti má, não queria humilhá-la. Algum tempo depois, encontrei a rosquinha mordida no lixo da cozinha. Percebi então que Jenna está acostumada com o fato de as pessoas não gostarem dela, e acredito que seu círculo de amigos não seja muito grande. Resolvi tentar mais. Não sou do tipo ciumenta, e nos tornamos amigas. A confiança cresce lentamente entre nós.

Agora tenho de concordar em ajudá-la. O que mais poderia fazer?

— Você é uma boa pessoa — diz Jenna, assoando o nariz e sorrindo triste para mim.

Meus pensamentos começam a vagar, como sempre acontece em momentos de estresse ou de drama. Quero falar com a *babunia*, perguntar a ela sobre a carta enfiada na minha bolsa, que insiste em me chamar, sussurrando aquelas palavras tão estranhas no meu ouvido. Lembro de quase toda a carta de cor agora. Vou visitá-la em breve, estou devendo uma visita a ela, de qualquer maneira. Mas será que devo perguntar qualquer coisa sobre a carta? Não toleraria chateá-la ou tentar desvendar segredos que ela não deseja revelar.

E Jenna está aqui agora, pálida e com medo. Preciso resolver isso primeiro.

---

## CAPÍTULO 4

---

Agatha Mabel Fisher e Nina Margaret Mullens fizeram uma visita inesperada a Dorothy em março de 1940. Eram duas garotas de Londres que tinham acabado de sair de um treinamento de seis semanas do Women's Land Army.<sup>[1]</sup> Tinham sido contratadas pelos administradores como ajudantes. As duas precisavam de um lugar para morar, e Dorothy vivia sozinha na cabana. Sabia bem que tinha sorte de ainda poder morar lá. Albert havia partido para se alistar, “para fazer sua parte”, como ele mesmo e todos os outros haviam dito. Mas Dorothy sabia, e todos os outros também, que Albert havia ido embora para se livrar dela, para deixar para trás toda a decepção e a dor. Além disso, ele também queria outras mulheres, porque Dorothy não dormia mais com ele, e ela era inteligente o suficiente para saber disso — e até para compreender. Ele só tinha trinta e três anos. “Deixe-o ir embora”, dizia para si mesma. E não sentia falta dele.

Ouvia boatos de que alguns dos administradores e algumas pessoas na vila haviam começado a questionar seu direito de morar lá. Diziam que Albert não devia ter ido embora. Era um camponês com talento e experiência, e poderia ter esperado pela convocação, que talvez nunca viesse. Aquilo havia deixado a esposa em uma situação muito difícil. Vieram até ela e disseram: “Fique morando aqui, mas faça algo de útil”. Então ela não pagaria aluguel e receberia um pequeno salário para lavar as roupas de todos os administradores. Instalaram na lavanderia o modelo mais moderno de caldeira e uma máquina de torcer. Falava-se até em uma das novas máquinas de lavar. Penduraram metros e mais metros de varais de roupas que cruzavam o jardim. Ficava feliz agora por não

ter aceitado o par de filhotinhos de cabra que a sra. Twoomey lhe havia oferecido na primavera, mesmo que os desejasse muito. Eram muito bonitinhos, mas gostavam de mastigar roupas recém-lavadas.

E agora também havia as meninas, Aggie e Nina. Estavam sempre rindo de Deus sabe o quê, eram animadas e desordeiras. Dorothy se orgulhava de trabalhar pesado para as amigas, até mesmo de ferver as calcinhas cheias de sangue de Aggie e os absorventes higiênicos que havia costurado assim que as meninas chegaram na fazenda. Os absorventes eram feitos de um tecido adamascado cor de pêssego que havia estragado ao enroscar-se na máquina que torcia as roupas, também instalada na lavanderia da propriedade dos Sinclair. Pobre Aggie, tão fraquinha e frágil com os cachos loiros, a pele perfeita, a risada contagiante. Tão bonita, mas com um fluxo tão forte, cruel, regular e pontual. Por outro lado, Nina era mais alta e mais roliça que Aggie, tinha a voz intensa como a de um fumante e seus sangramentos eram fracos, irregulares e breves. Era o tipo de garota que velejava alegremente pela vida, com todo o requinte de um transatlântico. As meninas haviam passado apenas algumas semanas com Dorothy, mas ela já achava que as conhecia, que as entendia. Quase podia dizer que as amava.

Dorothy as alojou no próprio quarto. Era o cômodo que passara a ocupar depois de Sidney, deixando Albert sozinho e aturdido na cama grande de latão. Dorothy havia transformado o quartinho de Sidney em sua casa. Tinha vista para o jardim dos fundos, para Long Acre, e, um pouco mais além, para as árvores de olmo e para o aeródromo de Lodderston. A pequena cama, ainda que precisasse de um colchão novo, era perfeita para ela. Gostava de se deitar nela com o caderno e ficar escrevendo. Ao reler as anotações, raramente reconhecia as palavras que havia escrito naquelas páginas.

Dorothy fez uma colcha nova para a caminha usando tudo o que conseguira encontrar: retalhos grandes, retalhos pequenos, quadrados, triângulos, formatos indescritíveis. Uma colcha maluca. Pendurou as poucas roupas no pequeno armário, organizou as calcinhas na gaveta de cima da penteadeira e colocou um vaso cheio de flores silvestres na mesa ao lado da cama. Costumava trancar bem a porta todas as noites, quando se retirava. Albert nunca bateu,

nem uma vez sequer, e Dorothy ficava feliz por isso. Aí ele se foi. Em agosto de 1939, ele simplesmente partiu. Ela não sabia onde ele estava, ou o que estava fazendo. Não recebeu uma única notícia dele. Ele também não mandou dinheiro algum. Ela sabia que aquilo significava um divórcio, e sua vida solitária começou para valer. Tornou-se autossuficiente, fazia o próprio pão e, todas as semanas, guardava alguns ovos que as galinhas botavam. Reformou as roupas velhas, tornou-se uma costureira talentosa e aprendeu a usar a velha máquina de costura Singer, que Albert dizia ter pertencido à mãe.

Naquele ano, cultivou as próprias frutas e vegetais com mais ou menos sucesso, mas comia tão pouco que aquilo quase não fazia diferença. Comer havia se tornado algo que fazia para sobreviver e não algo que lhe dava prazer. Achava o gosto da comida horrível, e a ideia de mastigar e engolir a deixava enjoada. Começou a odiar o próprio corpo, a magreza, as necessidades estranhas e nojentas, a inabilidade de ser uma mulher normal e o fato de que o corpo não conseguia desempenhar a tarefa para a qual havia sido criado. Tivesse esse defeito sido causado por Deus ou pela mãe natureza, ela já não sabia e nem mesmo se importava mais.

E então as meninas foram morar com ela, enchendo a casa de conversas em voz alta com sotaque londrino, risadas, energia e palavras. Dorothy cozinhava para elas, lavava e consertava suas roupas e lençóis; cuidava do conforto delas após os longos e duros dias de trabalho, que eram frequentes. Nunca havia visto ninguém trabalhar tanto. Albert, com toda a força que possuía, teria achado aquilo fácil. Mas aquelas meninas batalhavam muito para fazer tudo, suavam, choravam e seguiam em frente. Ficavam cheias de bolhas, se esfolavam, suportavam os machucados, cortes e calos, mas nunca desistiam. Elas inspiraram Dorothy. Deram um novo ar de esperança e propósito à sua vida.

Três dias após a colisão do Hurricane em Long Acre, Dorothy ainda estava dolorida e cheia de curativos, mas tentava ser útil cozinhando para as meninas e lavando parte da montanha de roupas que havia se acumulado. Foi então que recebeu uma visita.

Ouviu alguém levantar o trinco da porta de entrada e fechar o portão, e escondeu rápido o caderno na gaveta de talheres. Vinha

tentando escrever um poema novo, e parecia estar finalmente melhorando, já que algumas frases começavam a fazer sentido, o que era novidade. Irritada, começou a se preparar mentalmente para uma visita da sra. Compton, cantarolando uma melodia para parecer mais calma. Não queria que a sra. Compton tivesse a mínima ideia de como estava se sentindo. Não havia necessidade daquilo, ou melhor, era perigoso que a aquela mulher soubesse de qualquer coisa.

Mas não era a batida da sra. Compton. Era uma batida rápida, alegre, com certeza vindas das mãos de um homem. Depois de limpar as mãos no avental, Dorothy se aproximou da porta e a abriu.

— Sra. Sinclair? — disse o homem, com um sotaque estranho que Dorothy achou ser polonês. Ele segurava nas costas um buquê enorme de flores, em uma vã tentativa de escondê-lo.

— Sim? — respondeu Dorothy, soando inflexível e formal como sua mãe, o que a aterrorizou.

— Meu nome é Jan Pietrykowski, sou líder do esquadrão — disse, como se Dorothy reconhecesse o nome. Com uma série de movimentos ágeis, pegou a mão dela, beijou-a e, ao soltá-la, ofereceu as flores com um movimento bonito.

Dorothy ficou vermelha.

— Ah! Obrigada! — disse, recuperando-se, já sem se parecer com a mãe.

Pegou as flores e as cheirou, mais por educação do que por curiosidade. Não conseguia pensar em mais nada para dizer. Como todos os homens quando usam uniformes, aquele também estava charmoso e elegante. A primeira coisa em que reparou foi nos cabelos escuros, alisados e divididos na lateral da cabeça, além da pele levemente bronzeada. Estava barbeado e os olhos eram azuis e brilhantes. Um azul bem brilhante mesmo. Tinha um olhar direto e contemplador, o que a deixava preocupada e intrigada ao mesmo tempo. Parecia ser seis ou sete centímetros mais alto que Dorothy. Não era nem muito alto, nem baixo, mas era mais novo — talvez uns quatro, cinco, seis anos mais jovem. Jovem demais, assim como

Albert. Era impossível. E todas aquelas informações queimavam por dentro dela como o início de uma febre.

— Vim até aqui para lhe agradecer pela tentativa corajosa de salvar meu compatriota na terça-feira — anunciou o líder do esquadrão. Dorothy achou a fala muito pomposa, mas estava preparada para ignorar esse fato.

— Salvar? — disse ela.

— Meu piloto. Na terça-feira. Ficamos sabendo da sua coragem. Vim lhe agradecer — esclareceu, curvando-se na frente dela.

Dorothy o observava chocada e incrédula. E mais alguma coisa. Alguma coisa que não se preocupou em definir.

— Você está com curativos. Espero que seu rosto não esteja doendo muito.

Aquela mulher maldita! Amaldiçoada seja ela! Tagarela! Dorothy costumava ser gentil e não conseguiu nem pensar na palavra “vaca”, muito menos “vagabunda”. Aquelas palavras eram cruéis demais, grosseiras demais e, no fim das contas, ela era generosa o suficiente para dar continuidade ao entretenimento do homem, mesmo que aquilo não fosse verdade.

— Entendo. Não tentei exatamente salvá-lo. Parece que todos acham que... deixa para lá. Mas obrigada. O rosto não está muito machucado, tenho certeza de que vai estar melhor em breve. Você quer entrar?

No momento em que o líder do esquadrão pisou na entrada da cozinha, Dorothy percebeu que a presença daquele homem era reconfortante e a deixava feliz. Aquela casa não via nenhuma presença masculina há nove meses; havia se tornado um refúgio feminino, principalmente depois da chegada das garotas. Ela indicou uma cadeira perto da mesa e ele se sentou. Ele observou o ambiente, e Dorothy notou que ele manteve os olhos por muito tempo sobre o console da lareira, sobre as velas, o relógio e a pequena camada de pó de carvão que recobria tudo.

— Sua cozinha me lembra a da minha mãe, lá na minha terra — disse, fazendo um movimento de varredura, como se dividisse com ela um vasto panorama.

— E onde é a sua terra? — perguntou Dorothy, pegando as xícaras de chá, o leite e o açúcar, com mãos trêmulas.

— *Polska*.

— Polônia?

— Sim, Polônia.

Jan Pietrykowski abriu um sorriso largo para ela, e Dorothy ficou olhando fixamente para ele, apesar de todas as tentativas de parecer recatada. Tinha de parar de ser tão... boba. Ela se atrapalhou toda na preparação do chá e as mãos tremiam ainda mais. Mordeu o lábio, segurando a vontade de rir. Parecia que alguém a tinha acertado no joelho ou algo do tipo, pois suas pernas estavam bambas.

— Conheço, conheço — disse, tentando manter o tom de voz, que estava ficando cada vez mais agudo. — Somos todos uns malditos imperialistas, não somos? — pigarreou. O que exatamente estava acontecendo com ela? Certamente, ela deveria saber.

Se é que ficou chocada com a linguagem grosseira dela, o líder do esquadrão não deixou transparecer. Talvez não conhecesse aquela palavra, mas o inglês dele era muito bom. Dorothy não conseguia acreditar que ele nunca tivesse ouvido aquelas palavras ou que não entendesse seus significados. Ainda assim, Dorothy sentia que ali estava um homem com quem poderia usar palavras vulgares sem ser julgada.

— Minhas amigas me ensinaram essa palavra — disse orgulhosa.

— Imperialista?

— Maldito. Também me ensinaram “infernai”.

— Suas amigas...?

— Duas moças de Londres. Trabalham aqui na fazenda, já que muitos dos homens... — tentou não soar amargurada ao lembrar do abandono do marido — ...já que muitos dos homens partiram.

— Você está cheia de raiva, sra. Sinclair.

Preferiu ignorar o comentário. Preparou o chá e tentou focar no coador, e depois em servir o leite — mas ele agradeceu e não quis leite. Colocou um pouco de açúcar para ele e um pouco para ela. Estava alerta, atenta com a percepção daquele homem. Cheia de

raiva? Sim, estava cheia de raiva, era óbvio. Mas seria tão óbvio assim?

Estava ouvindo aquele homem falar, aquele homem estranho que não colocava leite no chá (incrível!), um visitante tão inesperado, em sua casa e em seu país, que agora lhe contava sobre sua vida. Disse que era filho único e que fora criado apenas pela mãe, sem chegar a conhecer o pai. A mãe era uma mulher forte e independente, que tivera que se sustentar sozinha em um pequeno vilarejo polonês perto de uma cidade que chamou de “Krakoof”. Dorothy não tinha ideia de onde “Krakoof” ficava, muito menos os vilarejos vizinhos. A mãe do líder do esquadrão era uma mulher muito inteligente, ele disse, e como amava aprender línguas, havia lhe ensinado inglês desde pequeno. Disse que era muito grato por isso, porque saber o idioma estava fazendo uma diferença enorme agora que estava na Inglaterra, ajudando, ou ao menos tentando organizar um esquadrão polonês. Tinha esperanças de, em um futuro próximo, voltar para seu país, fosse para a casa da mãe ou não, mas queria muito retomar sua vida, voltar à Força Aérea Polonesa restaurada, e ter uma vida normal outra vez. Para o inferno aqueles nazistas! Para o inferno os russos!

“Ele conhece esse tipo de palavreado, sim!”, pensou Dorothy.

— Sim — disse ela. Mas quantos anos ele teria?

— Tenho trinta anos — disse ele.

Será que ela tinha perguntado aquilo *em voz alta*? Várias vezes se confundiam em sua cabeça, convergindo em uma mistura confusa de raiva, revelação e, acima de tudo, excitação — o que ela percebeu com horror. Nove anos. Nove anos? Ah! Ah, não!

— E você é... piloto?

— Sim. Líder do esquadrão.

— Ah, sim. Você me disse, desculpe. Você deve estar me achando muito estúpida. É que estou muito cansada.

— É claro — ele disse, levantando-se e tomando um último gole do chá.

— Não tive intenção de mandá-lo embora. Desculpe! Por favor, conte-me mais. Há muitos pilotos poloneses em Lodderston nesse momento?

— Muitos. O suficiente para formar um esquadrão. Mas não acreditam muito em nós e parece-me que nosso talento não é muito óbvio. Mandaram-nos fazer exercícios, mas todos nós já lutamos contra os alemães, tanto no nosso país quanto na França. Não somos novatos. Somos obrigados a fazer aulas de inglês! Explico que posso traduzir, que posso ensinar meus homens. Estamos muito frustrados. Muitos dos homens fazem bobagens enquanto pilotam, e agora um deles morreu sem necessidade. Mas estou percebendo que você precisa de descanso. Obrigado pelo que você fez. Eu mesmo informarei a família do piloto sobre seus feitos corajosos — O líder foi em direção à porta e a abriu.

— Ah, não. Por favor, não faça isso. Não foi... não foi nada. Foi estúpido, para falar a verdade.

Por favor não, ah não, não, não vá embora. Ele era uma pessoa tão... *interessante*.

— Corajoso — repetiu o homem, com a voz firme.

— Sou filha única também — disse Dorothy em um impulso.

— Suspeitei que fosse — disse, passando pela porta, em direção à luz do sol da tarde, claramente determinado a ir embora.

Ela sabia que estava sendo ridícula, mas gostava de como o sol brilhava nos cabelos escuros dele. Mais uma vez, ele pegou a mão dela e a beijou. Acenou com a cabeça para ela, se despediu e então se foi. Dorothy foi correndo até a sala e o observou partir por entre as cortinas, aquelas cortinas que já estavam amareladas pela fumaça dos cigarros das amigas e que precisavam ser lavadas. O homem subiu em uma bicicleta e pedalou em direção a Lodderston, desaparecendo, engolido pelas flores de maio, pelo céu azul, pelas cercas vivas verdes e grossas, pelo mormaço de calor que subia das estradas.

Dorothy voltou para a cozinha. Pegou as flores que ele havia trazido, cheirou-as novamente, encheu de água sua melhor jarra esmaltada e as colocou lá, demorando-se bastante nessa tarefa. Foi até o consolo da lareira e posicionou o vaso de forma artística. Ficou parada por um tempo contemplando as flores, e então pegou o caderno e escreveu, fervorosa, por minutos, talvez por meia hora. Sentia que tinha algo sobre o que escrever. Finalmente. Sentiu o

cheiro da palma da mão, que ele havia beijado duas vezes. Respirou fundo, segurando o ar por muito tempo. Nada. Pegou a xícara de chá que ele havia usado e a colocou perto do nariz. Cheirou a beirada, a asa, examinou com cuidado. Em um ímpeto, e sem sentir culpa ou nojo, passou a língua pela beirada da xícara, mas só sentiu gosto de chá.

Ele tinha partido de bicicleta. É óbvio que queria ficar por mais tempo. Queria olhar de volta para aquela inglesa, que sabia que o estava observando pelas cortinas. Queria acenar, mas havia achado melhor não fazer isso. Não sabia explicar nem para ele mesmo como havia se sentido ao se sentar na cozinha daquela mulher, bebendo o chá forte e doce e ouvindo sua voz suave. Poderia ter ficado ali ouvindo-a falar até o fim dos dias.

Era estranho como uma pessoa podia aparecer em sua vida de forma tão inesperada e tornar-se tão importante. A princípio, não sabia o que esperar quando bateu na porta. Havia ido até lá para agradecê-la, porque achou que deveria. Estava apenas cumprindo mais uma de suas milhares de obrigações, e aí a porta se abriu. E lá estava ela, flagrante e charmosa.

Ele a veria novamente, sabia disso. Tinha de vê-la novamente. Sabia que voltaria lá assim que pudesse. E sentia — tinha certeza — que ela ficaria feliz com aquilo também. E não precisaria de nenhum pretexto.

---

## CAPÍTULO 5

---

*Uma fotografia: preto e branco, um homem de bigode com seus 30 e poucos anos, bonito, abraçando uma mulher. Ela é baixa, de cabelo bem loiro, um pouco mais nova que ele, e sorri largamente para a câmera. Atrás da foto está escrito: Harry e Nora, Minehead, agosto de 1958. E embaixo, com letras redondas de adolescente, está escrito também: “Vovó e vovô Lomax”*

Encontrada dentro de uma edição brochura de *A Bouquet of Barbed Wire*, de Andrea Newman. A cópia era antiga, mas como estava em boas condições, coloquei-a nas prateleiras de ficção ao preço de 1,00 libra.

Dirijo em direção à clínica. Jenna vai sentada ao meu lado, decidida, observando as pessoas, os prédios, as árvores e os carros que ultrapassamos no caminho. A não ser pelas instruções concisas de como chegar ao local, permanece calada. Tento puxar conversa, mas não é uma boa hora e acabo ficando quieta. Vamos ouvindo a Rádio 4 até que o prédio aparece na nossa frente. Uma pequena e vergonhosa placa de bronze no muro de pedra anuncia a Clínica Evergreen. Penso que o nome Evergreen foi uma escolha bastante infeliz para um lugar como aquele.<sup>[1]</sup> Sei como Jenna deve estar se sentindo, sentada ao meu lado quase imóvel. Ainda assim, parece indiferente. Entro com o carro na pista de cascalho e estaciono no lugar indicado. Como se fosse um sinal, pingos pesados de chuva começam a cair no teto do carro, quebrando o silêncio.

— Entra comigo? Por favor...

— Sim. Achei que esse fosse o plano.

— Ah, obrigada. Fico grata. Mas estou com muito medo.

É óbvio que está.

— Você não tem de ir — ofereço.

— Tenho sim.

E sei que tem mesmo. Não faz sentido prolongar o inevitável, não faz sentido tentar dissuadi-la. A decisão é só dela.

Passamos por um gramado bonito, com uma magnólia solitária no centro — branca, bela, cheia de esperança. Subimos devagar os degraus inevitáveis que nos levariam até a porta onde está escrito “entrada”. Lá dentro tudo é escuro, decorado em carvalho e couro. Uma mulher de cabelo loiro bem comprido usando um crachá onde está escrito “Rita” está sentada empertigada em uma mesa folhada e cafona. Não acho que Rita seja seu nome verdadeiro. Ela nos convida a sentar na sala de espera, que parece ter sido a sala de estar de uma casa bem grande no passado. Uma TV que parece ser dos anos 1980 está transmitindo a programação diurna. Há várias mulheres ali, todas nervosas, e, como Jenna, esperando por algo diabolicamente importante. Seja isso certo ou errado. É claro, não sou eu quem vai julgar. Mesmo assim me sinto um pouco enjoada, pegajosa. Algumas das mulheres são bem novas, quase meninas, acompanhadas pelas mães, que estão tão nervosas quanto as filhas. Mas assim como Jenna, todas parecem decididas. Há também um ou dois casais, os homens segurando as mãos das mulheres e fazendo carinho em seus braços. Por que estão aqui? O que pode tê-los levado a esse dia, a esse lugar, a essa decisão? Nunca vou ficar sabendo, não é meu destino saber.

Após meia hora, que mais pareceu uma eternidade, Jenna é chamada e desaparece como um fantasma dentro de uma sala discreta, e a porta se fecha atrás dela. Fico assistindo TV e aprendendo a fazer frango ao molho de mel ou qualquer coisa assim. Tento não pensar em onde estou, no que estou fazendo, no que está acontecendo do outro lado daquela porta, ou em que tipo de conversa deve estar acontecendo.

Jenna aparece depois de uns quinze minutos, pálida como um fantasma. Ela acena para mim e eu a sigo até o lado de fora, onde o sol está brilhando e os pássaros se divertem nas árvores, em total desafio a esse lugar. Jenna senta no degrau de baixo e acende um

cigarro, o que me deixa surpresa. As mãos dela tremem enquanto a fumaça do cigarro se contorce ao redor dos dedos finos. Não sabia que ela fumava.

— Dá para tomar um comprimido hoje — disse Jenna. — Depois que eu for ao médico.

— Um comprimido?

— Vai interromper a gravidez e vou sangrar, como em uma menstruação.

— Então você está mesmo grávida? — disse decepcionada.

Que bom seria se ela estivesse enganada, se não houvesse bebê nenhum para... se desfazer.

— Ah, sim. Eu o vi na tela. Um floquinho. Foi como ver um filme, mas não tinha muito para ser visto, somente sombras e... pulsações. Cinco semanas e meia. É bom estar bem informada, não é?

— Você ainda quer fazer isso? — pergunto, com a voz aguda e rebuscada. — Você vai em frente?

— Vou. Com certeza. Tudo isso foi um erro, um erro bem grande. E nem é um bebê ainda, é só um aglomerado de células e problemas. Não tem olhos, nem boca, nem mesmo um cérebro de verdade. Não tem pele. Não é crime algum, Roberta. Vamos deixar de lado a hipocrisia. Tenho direito de fazer isso e estou totalmente dentro da lei.

— Sei disso. Não estava tentando... tudo bem — não tinha mais nada para dizer.

Jenna obviamente não conhece a palavra arrependimento, pelo menos não ainda. Não quero começar a chorar, então vou pensar no meu frango com mel, em voltar para casa e ficar lá a salvo e sozinha. De repente me dá uma vontade de comer bolinhos amanteigados quentes com geleia de groselha. Que geleia maravilhosa! *Babunia* costumava fazê-la todos os anos até ficar velha demais para isso. Lembro dos potes enfileirados na prateleira mais alta da despensa até hoje.

Jenna traga forte o cigarro. Esse segredo entre nós está forçando uma intimidade intensa demais. Queria que ela nunca tivesse me pedido ajuda. Queria nunca ter concordado. Sophie teria sido uma

escolha melhor, não lhe faltava bom senso e compaixão. Sou por demais contida. Acho que isso está virando um problema na minha vida.

O que foi que meu avô disse para a minha avó, aparentemente do além-túmulo? *Você não vai se redimir do que está fazendo.*

Enquanto se prepara para voltar para a escuridão carcerária da clínica para ser “examinada” pelo médico, Jenna sugere que eu espere por ela no carro. Diz que ficará bem agora, que o pior já passou. Sento-me encapsulada no silêncio delicioso do carro parado e começo a pensar em Philip, em sobre como ele nunca vai saber o que aconteceu nesse dia. E como aquilo era bom, porque conheço meu chefe bem o suficiente para saber que ficaria chocado e triste, envergonhado por ela e por mim. O problema não seria o aborto em si, nem mesmo o fato de que o bebê pode não ser dele. Seria a mentira e a traição. Ah, como eu queria que Jenna começasse a chorar, pensasse melhor, mudasse de ideia e saísse correndo desse prédio! Queria que a porta se abrisse e ela pusesse os pés para fora acariciando a barriga, protegendo aquele bebê, acolhendo os instintos que deve estar tentando repelir com tanta dificuldade. Queria cumprimentá-la com um grande sorriso aliviado, ajudá-la a colocar o cinto de segurança e acelerar para bem longe daquele portão, para nunca mais voltar.

Mas sei bem que isso não vai acontecer.

Imagino Philip na feira de livros, sendo encantador e afável — algo que conseguia fazer com grande habilidade, considerando como costuma ser indiferente a quase todo mundo —, e me pergunto como as coisas devem estar na livraria, a pobre Sophie sozinha lá o dia todo, empilhando coisas nas prateleiras, atendendo os clientes e, provavelmente, sendo assediada. Mal posso esperar para sair daqui e voltar para o mundo que tanto amo.

A carta de meu avô ainda está na bolsa para que possa lê-la a qualquer momento. Estou lendo-a agora, enquanto espero por Jenna. Queria poder falar com papai sobre a carta, mas não consigo pensar na ideia de chateá-lo. Papai já tem um monte de coisas com que se preocupar. Será que sabia que o pai dele estava, na verdade, vivo e provavelmente bem? Pelo menos bem o suficiente para

escrever uma carta terminando o relacionamento com sua mãe em fevereiro de 1941? E que parecia que os pais dele poderiam nunca ter se casado, enfim? E que a mãe havia feito algo imperdoável a alguma criança — pelo menos, sob o ponto de vista do meu avô?

Será que ela fez um aborto? — Eu me pergunto.

O aborto era legalizado em 1941? Acho que não.

O que minha avó teria feito para “a mãe dessa criança”? Será mesmo que ele estava falando sobre a minha avó? O inglês não era sua língua nativa, e talvez tenha se confundido ao traduzir os pensamentos do polonês para o inglês escrito. Queria poder perguntar para a mamãe, mas isso está fora de questão. Então só me resta minha avó, a querida *babunia*.

Ela tem cento e nove anos.

Ergo os olhos sobre a carta e vejo Jenna saindo do prédio. Vejo como ela saltita pelos degraus e pelo gramado, enquanto passa pela placa de “Não pise na grama”, em direção ao meu carro. Podemos ir para casa agora. Ela me diz que tomou o comprimido e sorri como se tivesse acabado de conseguir uma ótima barganha em alguma liquidação. É um sorriso que reconheço bem.

---

## CAPÍTULO 6

---

*“Para o Marcus, pra 100pre, te amo, Natalie”* — o cartão, que estava na edição Harper Perennial de *O Deus das Pequenas Coisas*, de Arundhati Roy, consistia de um coraçõzinho rosa de feltro em um fundo vermelho. Acho que era feito à mão. O pingo no “i” também estava decorado em formato de coração. No começo achei tudo aquilo muito fútil, mas não era nem um pouco, na verdade. Era simples, eloquente e desolador, então acabei ficando com ele. Acho que foi o “Marcus” que trouxe as caixas de livros. Eu o vi chegar cambaleando pelo caminho com a namorada, cada um se esforçando para carregar duas caixas cheias. Ele a apresentou como “Kim”. A cópia era somente para leitura, então a coloquei na cesta de barganhas debaixo da janela, ao lado da porta de entrada.

Minha gata Tara e eu vivemos uma vida bem aconchegante por muitos anos. Ela me recebia com muito carinho todos os dias quando eu chegava do trabalho e se enrolava no meu colo nas tardes de domingo, enquanto eu lia ou assistia a um filme. Era fiel e leal, ao contrário da maioria dos gatos, e eu chegava a acreditar que me amava tanto quanto eu a amava. Mas, no sábado passado, cheguei em casa e encontrei Tara dura e fria no vão da porta. Tive de tirá-la dali para conseguir entrar.

Depois que anoiteceu e ninguém mais podia me ver, enterrei-a debaixo do pé de ameixa no meu pequeno jardim dos fundos.

Foi muita sorte eu ter encontrado essa oportunidade de emprego na livraria. Philip tinha planos de abrir mais um salão na loja e vender

uma quantidade decente de livros novos lá, então precisaria de alguém para cuidar dessa parte do negócio e também para ajudá-lo com os livros de segunda mão. Gosto de pensar que o diploma recém-adquirido em Literatura Inglesa me ajudou a conseguir a vaga. Philip diz que gosta do meu jeito amigável e despretensioso, e de minha disposição para limpar tudo. Sentiu que eu me encaixaria muito bem na livraria dele.

No começo, éramos uma equipe bem pequena: Philip e eu. Somente nós dois lá na loja, das nove da manhã às cinco da tarde (e, muitas vezes, ele ficava até bem mais tarde), ambos trabalhando quase sempre seis dias por semana. Não me importava em trabalhar aos sábados. Minha vida social é quase inexistente, e Philip sempre foi boa companhia, engraçado, esperto e observador, embora um pouco crítico. Gostei da companhia dele desde o primeiro dia.

Quando a loja cresceu, precisamos de mais um membro na equipe, e foi aí que Sophie se tornou a terceira funcionária. Uma menina adorável, por dentro e por fora, sempre muito inteligente e amável, perfeita para a livraria. Acho que a magoei no início. Queria a loja e o Philip. Queria tudo só para mim. Sophie era nova e bonita, e acabei ficando com ciúme. Foi muito ridículo. Mas já superei.

O namorado de Sophie, Matt, a busca no trabalho nas tardes de sábado, e sempre me chamam para sair com eles. Vão comer comida chinesa ou pizza, ou então assistir a algum filme. Sou sempre bem-vinda. Mas sempre digo que não.

— Ah, vamos, Roberta! Vai ser bom para você! — Diz Sophie.

— Não — respondo sempre —, preciso dar comida para a Tara.

Sophie balança a cabeça de leve.

— Você precisa parar com isso. Vá para casa e dê comida para ela, depois venha para a nossa. Você pode dormir lá! É só uma gata, não é uma criança. Você tem de viver um pouco, pelo amor de Deus.

Philip e eu temos um relacionamento profissional, mas podemos rir e fazer piadas juntos, o que acontece sempre. Raramente falamos de como é nossa vida fora da loja. Philip comprou a casa do século 18 onde montou a Old & New há uns doze ou treze anos. Acredito que não pague hipoteca nem haja nenhum financiamento pendente.

Sophie e eu achamos que ele deve ter ganhado na loteria ou herdado dinheiro de algum parente falecido, mas é claro que nunca perguntamos nada. Sei que há meses em que a loja tem sorte de consegue cobrir os custos. Geralmente, há mais gastos do que lucros, a não ser em dezembro — e mesmo assim, só nos anos de sorte. Ainda assim, Philip continua mantendo a livraria aberta e sem planos de fechar, e já até transformou o piso superior em um apartamento confortável e muito bonito para morar. Seus gostos são bem simples: livros, claro, muitos livros nas coleções pessoais. E pinturas. Na maioria cópias, mas suspeito que haja algumas originais também, todas em molduras muito bonitas. Plantas, muitas plantas, o que é estranho para um homem, acho. Aquele sofá encantador na sala de estar, uma velha cadeira de balanço e uma pequena TV no canto. Nenhum videogame ou Xbox ou seja lá como se chamam, só um bocado de DVDs de bom gosto. Uma cozinha limpa, pequena e bem útil. Tudo é simples e à moda antiga — ou pelo menos finge ser.

Há pouco tempo, Sophie lançou a ideia de transformar uma das salas de livro em uma cafeteria (Philip gosta das ideias “originais” dela). Philip vetou na hora e, cá entre nós, fico feliz por isso. Mas abençoada seja a Sophie por ser tão... moderna.

— Nós não somos aquela porcaria da Borders! — Balbuciou Philip. — Houve um motivo para eles falirem, sabe?

Sophie mostrou a língua para ele.

É claro que ele estava brincando, mas ele está certo. Somos uma loja pequena e independente. Somos únicos. Lidamos com livros. Lidamos com a palavra escrita.

Estou preparando um jantar modesto para comer com... quem? Meu namorado? Amante? O homem com quem durmo?

Vamos comer frango ao molho de mel, com salada e fatias de batata com ervas. Não sou uma grande cozinheira, acho muito chato cozinhar. Tenho uma garrafa de Pinot Grigio na geladeira e sorvete de limão no congelador. Não costumamos beber vinho, porque a mulher dele não pode sentir o cheiro quando ele chega em casa. Ela

acha que às quintas ele faz ioga depois das reuniões do trabalho. Essa mentira tão espalhafatosa, tão crua e transparente, me assusta um pouco. Detesto desculpas, ainda que sejam necessárias, às vezes. Mesmo assim, queria que as ideias dele fossem um pouco mais criativas.

É claro que me sinto mal. Nunca pensei, ou planejei, nem muito menos esperei estar em um relacionamento com alguém que já fosse casado. Acho que tive um momento de fraqueza, algum lapso no meu usual bom senso. Parece que agora estou sentindo as consequências. Ele diz que não está feliz com a esposa já há algum tempo, que ela é “difícil” — seja lá o que isso quer dizer. Não o pressiono de modo algum. Não culparia a mulher dele por ficar brava comigo se descobrisse, é verdade. Talvez ela o chutasse para fora de casa e ele viesse bater na minha porta, esfarrapado e aos prantos.

Será que tinha planos de vir morar comigo? Eu teria essa dívida com relação a ele?

Acho que não. Acho que não ia *querer* que ele viesse morar comigo. Sei que não deveria continuar saindo com um homem casado, vinte e dois anos mais velho que eu. Não é legal, não é justo, e não vai me levar a lugar algum. Sei disso.

O nome dele é Charles. Meio antiquado, mas é assim que eu sou: sempre atraída por homens mais velhos com nomes de homens mais velhos. Acho-os reconfortantes porque não têm a crueza e as ameaças de um homem mais novo. São mais civilizados. E você não tem de amá-los, se não quiser. Já ficam lisonjeados o suficiente se você gostar deles, convidá-los para ir até a sua casa e ouvir seus sofrimentos com compaixão. Esse é o lado ruim dos homens mais velhos: os sofrimentos são infinitos.

O meu homem mais velho — que, é claro, não é nem um pouco meu, e sim dela, da esposa, uma mulher chamada Francesca e que, pelo que ele diz, tem um cheiro parecido com desinfetante — me trouxe uma gata. Ela vai substituir Tara. Ele sabe, assim como todos os clientes assíduos da Old & New, que perdi a Tara. A compaixão deles é enorme, e acredito que seja verdadeira. A morte da minha gata é um assunto que está sempre aberto à discussão.

Nosso primeiro encontro foi em um lugar um pouco afastado da cidade, por necessidade. Ele não podia se dar ao luxo de deixar que alguém o flagrasse em um encontro clandestino com a mulher da livraria (Qual é o nome dela? Aquela sem graça, Rebecca?). Bem, o sr. Charles Dearhead, professor titular da escola primária de Northfield, tinha muito a perder. E eu também. A diferença é que eu não tinha tanto medo da perda. “Nós” somos um segredo, e ele confia que sempre vou manter nosso segredinho.

Mas não o mantive — não completamente.

— Você está saindo com alguém? — perguntou Sophie.

Foi em uma tarde calma de sábado, uma ou duas semanas atrás. O cara do fax havia entrado e saído da loja várias vezes, lembrando-me da proposta para que saísse com ele. Ri educadamente, recusando como sempre, e continuei procurando diferenças entre andorinhas e andorinhões no livro *Birds of Britain: An Illustrated Guide*. Sophie fez a pergunta virando-se para mim apressada, antes que outro cliente se aproximasse do caixa.

— Por que você pergunta? — disse, sorrindo para ela.

Não era como se estivesse morrendo de vontade de contar para alguém sobre o meu caso, mas achei que fosse bom contar para alguém, pelo menos para ter uma segunda opinião sobre o assunto. Descobri que eram andorinhões que sobrevoaram a loja no verão, não andorinhas e, definitivamente, nenhuma andorinha-dos-beirais.

— Você está, sim! Não está? — disse triunfante.

— Pode ser que esteja — respondi, piscando para ela.

— Quem, quem, quem é o cara?

— Ele é casado — avisei. Tinha esperança de que o comentário parecesse sofisticado, mas não.

— Sério? Ah! Bem, isso não é necessariamente... Quem é ele? Ele vem aqui?

— Sim.

Uma pausa. Uma cliente inconveniente nos chamou, e Sophie a atendeu com presteza e educação.

— Quem é? — Sophie sussurrou, assim que a cliente se afastou.

— Charles Dearhead.

Não tinha como não ver a decepção nos olhos dela. Queria poder estender a mão e arrancá-la dela, assim como poderia tirar uma mecha de cabelo de seu rosto. Tenho muita ternura pela Sophie.

— Tá tudo bem — disse, e encolhi os ombros.

É óbvio que não estava tudo bem, mas já era melhor do que nada. Eu já havia tido “nada” em demasia, e Charles tinha se tornado o meu “alguma coisa”.

Não o amava. Nunca amaria. Sophie e eu sabíamos disso. E tudo isso passou pela cabeça das duas naqueles poucos segundos, por telepatia. Uma conversa silenciosa onde nada foi dito e tudo foi comunicado.

— Ele é bem mais velho que você — disse Sophie, quebrando o encanto.

— Vinte e dois anos mais velho.

— Talvez velho demais? — perguntou.

Ela me fez pensar, mas não por muito tempo.

— Talvez seja, mas ele é legal. Gosto dele. Ele me trata bem e é bonito para a idade dele — disse minha vaidade, tentando me defender.

— Ele é casado com a esposa dele — disse Sophie, e nossos olhos se arregalaram e rimos juntas.

— Entendo o que você quer dizer. Ninguém menos que a sra. Francesca Dearhead. Você já a viu?

— Não, acho que não.

— Ele diz que ela é difícil.

— Você não tem medo de ser descoberta? O Philip pode demitir você para que não haja escândalos na loja.

— Philip não me demitiria. E nunca vai descobrir. Ninguém vai. Não fico espalhando aos quatro ventos, e muito menos ele. Está tudo bem, Sophie. Certo?

Jenna surgiu da sala de livros infantis, onde estivera organizando os livros novos que tinham sido entregues naquela manhã. É uma pessoa muito organizada quando quer, e arrumar o material novo nas prateleiras, especialmente na sessão infantil, havia se tornado uma de suas tarefas especiais. Sorriu para nós ao perceber que

havíamos interrompido a conversa. Acho que não chegou a ouvir nada; talvez tenha achado que estávamos falando dela.

Jenna se ofereceu para fazer café. Enquanto ouvíamos a chaleira apitando na cozinha e Jenna perambulando por lá com xícaras e pires, Sophie disse que meu caso com “o Dearhead” — como o chamava — era aceitável, se eu achava que era, e que não era da conta dela, o que era verdade.

Mas eu me importava com a opinião dela. Sei que ela sabe que eu não conseguiria ser feliz com um homem como Charles Dearhead, mesmo ele sendo muito bonito. Acha que mereço coisa melhor, e talvez seja verdade. Mas, vivendo do jeito que vivo, sozinha, Charles é perfeito para mim e, à sua maneira, é bastante amável. E gosto do fato de que ele nunca quer falar sobre mim. Posso me perder na vida dele, o que significa que não tenho de pensar muito na minha, que me convenço de que é mil vezes melhor que a dele.

E aqui está ele agora. Incomodado. Franzindo o cenho. Coloquei o CD da Billie Holiday para tocar. Ele gosta de jazz, eu também. Que bom termos isso em comum. Se eu o sentar na minha sala de estar pequena, mas confortável, massagear os ombros dele e servir uma taça de vinho... Será que ajuda? Sim! Ele agora está sorrindo e me perguntando o que eu fiz para o jantar, porque o cheiro está ótimo. Acha que vai conseguir passar a noite aqui, nossa primeira noite juntos. Bebe o vinho e parece meio presunçoso. Estacionou o carro a duas ruas de distância porque nunca se sabe quem pode estar bisbilhotando.

A mãe dela está doente, sabe. Da Francesca. Tropeça e cai o tempo todo. Sempre acaba se machucando, quebrando algum osso. Ele acha que não é nada sério, mas que ela vai precisar ser operada. Fala-se também sobre um lar de idosos, mas ela diz que não irá para lá, o que não é muito justo com a Francesca, que tem a própria vida aqui e não consegue ficar indo para Dales toda vez que a mãe espirra.

— De qualquer forma, foi um golpe de sorte, hein? — Ele disse, quando me ligou para dar a notícia.

Não gosto que me ligue no trabalho. Ele nunca liga no telefone da loja, somente no celular, onde salvei o contato como “Ashley”.

Deixo “Ashley” na sala. Na cozinha, preparo o frango e bebo vinho. Penso em mostrar a ele a carta de meu avô, mas decido que não. O Dearhead com certeza não estaria interessado, e eu me sentiria de alguma forma traindo meus dois avós. Principalmente a *babunia*. Isso é algo muito particular.

Estou usando a lingerie provocante de seda fina que comprei ontem para a ocasião especial. É de um vermelho bem escuro, parecido com o sangue que sai de um corte profundo. É bonita, mas também bem desconfortável. Tento ignorar o fato e pensar adiante, em como ele vai ficar feliz mais tarde ao tirar minha roupa e notar a lingerie. Espero que goste. Espero que tenhamos uma noite selvagem... Não, não selvagem — o que é que estou dizendo? — ... uma noite gostosa.

Merecemos isso.

E temos uma noite legal, sim. Charles é bom de cama, e preciso ser honesta quanto a isso. É grande parte de seu charme, e uma das razões pelas quais continuo sendo sua... outra mulher. Mas, de alguma forma, há um vazio cínico em tudo isso.

Tem alguma coisa faltando.

— O que você esperava? — disse Sophie, com as mãos na cintura, irada, enquanto ouvia minha história.

— Eu não sei.

— Pare com isso.

— Achei... Não sei o que achei. É bom ter um amante, na falta de palavras melhores. É divertido, na verdade.

— Sim, é lógico que é, e você merece um pouco de diversão. Mas não é com ele que você vai conseguir, pelo menos não por muito tempo. E envolver-se com um homem casado não é bom, você fica preocupada e alerta o tempo todo. Não dá para relaxar, vocês não podem dar as mãos em público a não ser que vocês estejam, sei lá,

há três mil quilômetros daqui, e nunca vão agir normalmente. Um relacionamento bom vai além de sexo, sabia?

— Eu sei. Sei muito bem. É tudo meio... vazio, acho.

— Sei lá. Se eu fosse você, daria o fora nele. Retome sua vida. Para frente é que se anda.

E eu penso. Ouço várias vezes as palavras de Sophie e termino o relacionamento com Dearhead dois dias depois, por telefone. Desse jeito.

— Charles? Desculpe ligar no trabalho, mas é importante. Veja bem, Charles, não acho que devamos nos ver mais. Tem que acabar. Acho que as coisas... não deram muito certo.

E é óbvio que ele me responde muito educadamente. Depois de ponderar por algum tempo sobre as próprias imperfeições, pede desculpas por estragar minha vida.

Digo que minha vida não está nem um pouco estragada, que só estou incomodada com a situação toda. Ele é um homem casado, afinal de contas. E, para falar a verdade, estou um pouco entediada.

Com um pouco menos de educação, ele pergunta se ele é mesmo entediante, é?

Digo que não, que ele não é chato, mas que o relacionamento é. Que está ficando cansativo e que aquilo tudo é muito errado.

Charles diz que nunca me achou muito sensível e que eu sou grossa.

Peço desculpas e tento novamente.

— Charles, o problema é que...

E a conversa termina com uma promessa de que ele não tentaria um encontro nunca mais. É claro que continuaremos mantendo a cordialidade e sendo profissionais quando estivermos na Old & New que, graças a Deus, é o único lugar onde temos a chance de nos encontrarmos.

Então o relacionamento tinha terminado e eu poderia ficar com a gata. Ele odiava gatos, de qualquer forma. Malditos açougueiros.

Seremos felizes juntas, ela e eu. E, claro, não vou sentir um pingão de falta do Charles, nem nas noites das quintas-feiras

alternadas. Ao invés disso, vou me ocupar com outras coisas. Vou limpar o que ainda não limpei da casa, vou atacar aquela pilha de roupas para passar antes que não tenha mais o que vestir, decorar o apartamento, levar minha gata nova ao veterinário. Sei que vou sentir falta do Charles Dearhead, apesar de todos os problemas. Vou sentir falta da presença refinada, mas não vou ficar com pena de mim mesma. Não vou deixar que minha essência solitária me derrube. O isolamento é uma concha onde me escondo com prazer e é bem diferente de solidão. Isolamento é algo que sempre achei que merecia. Algo que escolhi, que prefiro e que quero. Se você está sozinho, não pode ser machucado. Talvez tenha sido isso o que minha mãe sentiu quando decidiu dar um basta. Talvez eu nunca venha a saber, mas me pergunto o quão parecidas podemos ser. Fico imaginando o que ela está fazendo, como está vivendo a vida dela, como está convivendo consigo mesma. A culpa é uma carga terrível. Então, estou fazendo a coisa certa e tudo está bem.

Desejo a ele toda a felicidade desta vida, como meu avô deve ter dito.

Quero muito falar com meu pai sobre a carta.

Estou indo visitá-lo. É uma tarde de domingo, e está chovendo — o tipo de chuva pesada que ataca as janelas e os telhados como pedregulhos atirados por crianças. A carta do meu avô está bem protegida e seca em minha bolsa, e papai e eu estamos tomando chá.

— Você visitou a *babunia* recentemente? — Pergunto ao papai.

É um começo, uma pergunta bem inocente.

— Não. Não tenho me sentido preparado o suficiente para isto.

Está meio abatido hoje, talvez cansado. Quero perguntar sobre como está lidando com a dor, quero saber sobre o resultado da última visita ao hospital. Mal temos falado sobre a doença dele. Ele me deu a notícia alguns anos atrás, mas insistiu que não deveríamos tocar mais no assunto, a não ser se fosse “absolutamente necessário”. Ele mal comenta sobre as idas ao hospital. Menciona um tal dr. Moore, mas é um assunto bem restrito, que ele

geralmente me proíbe de tentar discutir. Então nem tento. É óbvio que ele sabe sobre a doença há anos, mas, sendo cabeça-dura como é, estava determinado a me deixar sem saber. *Babunia* ainda não sabe. Ele não quer preocupá-la ainda mais.

— Estou pensando em visitá-la amanhã — digo. — Faz mais ou menos um mês que não vou lá. Acho que eu deveria ir.

— Que bom. Tenho certeza de que ela ficará feliz em ver você. Não posso ir neste momento. Ela perceberia logo...

— Eu sei, papai. Vou dizer que você anda ocupado. Na verdade, tem algumas perguntas que eu gostaria de fazer para ela.

— Que tipo de perguntas?

— Bem, estou pensando em fazer uma daquelas árvores genealógicas — digo, achando que sou muito boa em improvisação. — Parece que todo mundo faz uma, e achei que seria legal tentar também.

— Ah, entendi.

— Gostaria de perguntar à *babunia* sobre o seu pai.

— Bem, não sabemos muito sobre ele, não é? Ele morreu durante a guerra, antes de eu nascer. Você sabe disso, querida. Não sei muito mais sobre ele, só que era polonês. Sua avó gosta de contar sobre como ele foi líder do esquadrão durante a Batalha da Grã-Bretanha. Mas você já sabe disso também.

— Você sabe *quando* exatamente ele morreu? A data, quero dizer? Pode ser que isso me ajude a descobrir alguma coisa.

— Mamãe sempre me disse que foi em novembro de 1940. Ainda estava na barriga dela. Difícil de acreditar, não é?

— Em quê?

— Que eu fui um bebê um dia. Há muito tempo.

— Ah, entendi. Achei que você quisesse dizer que... deixa para lá. A vovó tem alguma certidão de casamento?

— Ela me disse que acha que a perdeu há anos...

— Mas dá para procurá-la, não? Em algum cartório?

— Eu... bem, sim. Acho que dá.

— Você tem a certidão de nascimento?

— Hummm, em algum lugar. Embora ache que devo tê-la perdido também, faz muito tempo que não a vejo.

Bebemos chá e mordiscamos nossos cookies.

— Pode ser que sua avó esteja com ela — disse papai. — Ela gosta de guardar as coisas para mim. Não vejo essa certidão desde que comecei a reivindicar minha pensão, acho, e isso faz mais tempo do que queria que fizesse — papai pisca para mim.

— Você se lembra de ter visto a certidão de casamento deles algum dia? — Acho que estou começando a fazer pressão, exatamente o que não deveria fazer.

— Não, querida. Acho que não.

— Mas você acha que a *babunia* pode tê-la? Deve guardar todas essas coisas no mesmo lugar, não acha? Ela é bem metódica.

— Você vai ter de perguntar para ela.

— Existe alguma certidão de óbito? Do seu pai?

— Não sei, Rob. Se existe, nunca a vi, pelo menos acho que não. Você tem de perguntar tudo isso para sua avó. Mas, querida...

— Sim?

— Não conte para ela. Sobre meu problema, quero dizer.

— Não vou contar nada, papai.

— Isso a faria sofrer, pois acredito que ela ainda esteja bem o suficiente para entender.

— Eu sei.

— Você é uma boa menina.

— Talvez.

— Por que você não fica mais um pouco? Podíamos assistir *Antiques Roadshow*. Tenho bolinhos.

— E geleia de groselha?

— Infelizmente, não a da sua avó, mas tenho uma geleia de frutas do Tesco, se servir. Deve ter groselha nela.

Sinto-me desviada, bloqueada. Conheço bem papai e acho que ele está escondendo algo.

Deveria mostrar a carta para ele? Não. Vou guardá-la para mim por enquanto. Não quero chateá-lo, assim como não quero chatear a *babunia*.

Comemos nossos bolinhos com geleia e não dizemos mais nada.

## CAPÍTULO 7

Nina olhou para o buquê de flores no console da lareira. Ao seguir o olhar da garota, Dorothy notou que as flores irrompiam da jarra esmaltada, vulgares e exibidas. Observou como as meninas comiam velozes as batatas fritas, os ovos fritos e as favas de feijão — pequenas, macias e doces — que haviam sido colhidas naquela mesma tarde por Dorothy, debaixo do sol escaldante. Não estavam muito maduras, mas ainda não havia muita escolha.

Nina cutucou Aggie e ergueu a sobrancelha.

— Você andou colhendo flores, Dot? — disse Aggie, piscando para a amiga.

— Não.

— Alguém as colheu para você, então? — disse Nina.

— Sim.

— Um homem? — disse Aggie.

— Sim, um homem.

— Que homem? — disse Nina, de boca cheia.

Ah, mas que elegante, pensou Dorothy. E que homem? Será que Nina conhecia todos os “homens” do mundo? Na verdade, Dorothy pensou, havia uma grande chance disso.

— Foi o líder do esquadrão, Jan Pietrykowski, nada mais, nada menos. Ele pilota um Hurricane — disse Dorothy, mais para si mesma do que para as amigas.

— Líder do esquadrão, é?

— Ele é bonitão? — perguntou Aggie animada.

— Não sei, não parei para pensar nisso. Bonitão? Sim, é possível. É provável.

— Bem, se fosse bonito, você teria reparado, não é? — disse Nina. — Você não é tão velha assim! Como ele é? Onde você o conheceu?

— Aqui, hoje, nesta cozinha — Dorothy ficou surpresa. Teria sido mesmo naquele dia e bem ali na cozinha? — E é muito gentil, muito educado. Estrangeiro, é claro.

— O que ele queria? — indagou Nina. — Com exceção do óbvio, claro — Aggie a chutou e ela soltou um gritinho. — Só estou perguntando, certo? Você não se importa, não é, Dot? É que você tem de tomar cuidado com os poloneses, as mãos deles são como polvos. Já nos divertimos muito com eles, não é, Aggie? É incrível, parece que nunca viram uma garota antes. Existem garotas na Polônia, não?

— Claro que existem. Mas você tem de entender: esses homens passaram por momentos muito difíceis. Eles precisam de... diversão. O líder do esquadrão teve de fugir do país em circunstâncias horríveis, todos tiveram. Mas vou me lembrar do aviso, Nina, obrigada — Dorothy escondeu um sorrisinho por trás da xícara de chá, a mesma onde o líder havia bebido, e ainda não tivera tempo de lavar.

— E? — disse Nina.

— E o quê?

— Você gostou dele?

— É claro que não.

— Mentirosa! — disseram as duas amigas em coro, rindo.

O líder do esquadrão voltou no dia seguinte, no calor intenso da tarde. Era o primeiro dia de junho e fazia muito calor naquele ano. Dorothy ouviu a batida confiante na porta da cozinha.

Esperava que voltasse, mas não conseguia imaginar por que ele faria isso. Prendeu a mecha de cabelo solto atrás da orelha e limpou a garganta. Ficou ali parada por alguns momentos, inspirando e expirando — um esforço mecânico, feito de forma consciente. Sentiu um nó na garganta. Teria de ser um exemplo de compostura, nada menos que isso. Os joelhos quase desabavam debaixo dela. Respirou

fundo e forte e prendeu mais cabelo atrás da orelha; depois, começou a murmurar uma melodia que havia ouvido no rádio. Pareceria totalmente normal. De nenhuma forma poderia... e escancarou a porta.

O líder do esquadrão passou por ela, sorrindo, enquanto carregava para dentro uma caixa volumosa que parecia estar pesada.

— O que é isso? — perguntou Dorothy, com as mãos nos quadris e a cabeça pendendo para um lado, enquanto Jan Pietrykowski colocava a caixa sobre a mesa da cozinha. A curiosidade tomava conta dela, e ela acabou se esquecendo do nó na garganta, da respiração acelerada, do suor que se acumulava na parte detrás do joelho como óleo escorregadio.

— Um presente para você. Para você, sra. Sinclair.

— Ah, obrigada. Não precisava. Mas o que seria isso?

— Um gramofone.

— Oh!

— Você gosta de música, não gosta? Acho que sim, porque está sempre cantarolando baixinho. Pelo menos, nas duas vezes em que nos encontramos, você veio abrir a porta cantarolando. Então lhe trouxe um pouco de música.

Ela gostava mesmo de cantarolar baixinho, mas apenas melodias simples, que havia ouvido pouco e das quais pouco se lembrava. Talvez também gostasse de imaginar que dançava enquanto cantarolava as melodias. Fazia as tarefas diárias e tentava não pensar sobre a guerra ou sobre maridos que haviam partido, bebês e pilotos mortos. Era normal.

Jan levou o gramofone até a sala, a pedido de Dorothy. Ela esvaziou o aparador e limpou a camada fina de poeira. Ele foi até o carro — “O carro não é meu, é do esquadrão” — e voltou com uma caixa de discos, que colocou ao lado do gramofone.

— Não posso aceitar isso tudo, líder do esquadrão — disse Dorothy, encolhendo-se. — Temo que você não possa deixar isso aqui.

Odiava parecer descontente.

— Então é um empréstimo, e você pode me devolver tudo quando eu tiver de partir, quando eu voltar para casa, seja lá quando for.

— Um empréstimo?

— Sim. Na verdade, não são meus; pertenciam a outra pessoa, um ótimo piloto inglês que conheci logo que cheguei ao país. Um homem muito generoso, de boas intenções. Disse-me que se qualquer coisa acontecesse a ele, eu deveria me certificar de que o gramofone estaria sendo bem cuidado e aproveitado. Então pensei em você, nessa cabana tão silenciosa, e nas amigas de quem tanto falou. Acho que meninas adoram dançar. Você também?

— Eu? Dançar? Não.

— Sim.

— Não.

— Vamos descobrir. Enfim, o gramofone é seu por quanto tempo quiser. Use-o e divirta-se.

— Seus homens não querem ficar com ele? Para se divertir?

— Temos rádios e festas. Na verdade, convido você e suas amigas para um baile no próximo sábado. São minhas convidadas.

— Mas eu não danço, principalmente, em bailes.

— Não precisa dançar. Podemos sentar e conversar, como amigos.

— A ideia parece boa. Tenho certeza de que Aggie e Nina vão gostar; gostaram muito do último baile que foram.

— Temos de nos divertir quando é possível, em tempos como estes. Se meus homens ainda não podem pilotar, podemos beber, comer e fazer piadas, não é? Não há motivo para se sentir culpado

— E o líder do esquadrão sorriu para Dorothy. — Virei buscá-la no próximo sábado, às sete horas — anunciou.

— Está certo — disse Dorothy sorrindo, apesar da desconfiança. — Irei com você, porque foi muito gentil em nos convidar. Mas não irei dançar.

\*\*\*

As meninas retornaram à cabana às 19h30, cansadas e sujas. Olharam para o gramofone e para os discos, e, naquele momento, parecia que seus mundos estavam completos. Vasculharam ansiosas a pilha de discos e separaram os favoritos. Aggie ficou animada ao encontrar músicas de Billie Holiday.

— Você tem de ouvir isto, Dot!

A voz estranha e seca ecoava agora pela casa toda, e a música alegre reparava algo na vida de todas elas. Dorothy gostou na hora da voz alegre-triste da cantora americana. E, por uma noite, esqueceram-se da guerra. Não falaram sobre o que costumavam falar, por exemplo, de que tudo poderia acabar em um ano, ou em seis meses, ou até mesmo em seis semanas; que Hitler estaria no poder e não teriam mais liberdade; que Churchill seria enforcado e...

— Dance, Nina! — Gritou Aggie, levantando a amiga mais robusta e fazendo-a girar, rindo e vermelha de timidez.

Dorothy costurava e as observava. E sorria. Havia sido uma ideia sensacional do líder do esquadrão, pensou. É óbvio que meninas gostam de dançar, gostam de música. Por que não gostariam?

— Tem mais uma coisa — disse Dorothy, lembrando-se do convite. Fomos convidadas para o baile no próximo sábado. Convidadas especiais do líder do esquadrão.

— Ah, já sabemos disso — disse Nina, atirando-se no sofá com o rosto ainda vermelho e o cabelo castanho caindo sobre a face. — Já fomos convidadas. Todas as garotas do Land Army irão.

— Aliás, o que você vai vestir? — perguntou Aggie. — Acho que vou usar meu vestido azul.

— Não sei e também não me importo muito. Pode ser que use meu uniforme, mesmo. Ah, a comida lá é maravilhosa! Fizeram um belo banquete da última vez, Dot! Você deveria ter visto! Bolos, geleias, todos os tipo de sanduíche! Foi maravilhoso!

— Sim, e é por isso que o vestido não cabe mais em você — disse Aggie, dançando de acordo com o ritmo pela sala, com os braços abertos como se estivesse dançando com alguém, os cachos loiros voando por trás dela.

— Não tem problema. Meu apetite é saudável, não é, Dot?

— É verdade. Por que você não me dá o vestido e vejo se posso arrumá-lo? — disse Dorothy.

O vestido era feito de um algodão verde-claro e tinha um cinto de tecido combinando. Meio velho, precisando ser alargado e de um remendo ou dois. Dorothy examinou a bainha, que era bem generosa. Sugeriu que Nina o experimentasse, depois o soltou e costurou novamente, alargando-o para o tamanho desejado. Nina ficou muito bem nele. O verde combinava com o cabelo castanho-claro indescritível e com o bronzeado típico do interior do rosto e dos braços. Não estava exatamente bonita — e, honestamente, estava um pouco gorda —, mas Dorothy sentiu algo parecido ao orgulho de mãe ao olhar para a menina que sorria, usando o vestido reformado.

Um dia antes do baile, Dorothy resolveu examinar seu guarda-roupas e decidir o que vestiria. Tinha três vestidos para “ocasiões especiais”. O primeiro era vermelho, de lã, com mangas compridas, um vestido para o inverno. Estava um pouco justo, mas não muito apertado. Nunca recuperou o peso que perdera nas semanas seguintes ao nascimento de Sidney. O vestido vermelho tinha um comprimento agradável, logo abaixo do joelho, e poderia exibir as panturrilhas se usasse os sapatos pretos de festa. Ainda tinha panturrilhas razoavelmente bonitas de se ver. Isso ela permitiria.

Também tinha um vestido estampado verde e azul em um tecido quebradiço que amassava com facilidade, e além disso era jovial demais para ela. Veria se Aggie gostava dele. E, por último, tinha um vestido de verão, um estampado floral em rosa, preto, branco e laranja. Era sem dúvida o favorito, porque tinha mangas curtas e bufantes, além de ser muito confortável. Perfeito para um baile de junho. Ela tinha um cardigã rosa que poderia usar com o vestido, e sapatos marrons que também combinariam. Era discreto e bastante apropriado para uma mulher de quase quarenta anos, sem filhos e, até onde sabia, viúva.

Dorothy havia removido os curativos, e a pele do rosto não estava mais vermelha e irritada, estava rosada. Ainda doeu um pouco quando tentou cobri-la com um pouco de maquiagem, para ver como ficaria no dia da festa. Parecia aceitável. Pensou nos

vestidos, pendurados na porta do guarda-roupa e se espalhando pela cama. Gostava de todos eles, mas ao mesmo tempo não se importava se não usasse nenhum deles outra vez. Sentia-se indiferente — um sentimento horrível e vazio com o qual já havia se acostumado no último ano. Mas teria de escolher um.

Três vestidos. Um baile. Uma decisão. Só havia um candidato.

Nina estava certa sobre a comida. As mesas estavam forradas de pratos de sanduíche, geleias, pavês, molhos e até bolos. Havia bules enormes de chá e também cerveja, se preferisse, ou até mesmo cidra. Dorothy notou que alguns tinham até garrafas de vinho nas mesas. Pegou uma xícara de chá, um prato modesto de comida e encontrou uma cadeira no canto. A música tomava conta do lugar, alta e insistente. Pilotos ingleses e poloneses, assim como os convidados, dançavam e riam. *Swing*, ou pelo menos era assim que Dorothy achava que o ritmo se chamava. Gostava daquilo, dos movimentos crescentes e impetuosos. Observava os mais jovens dançando, olhava de longe as amigas, que tinham se esquecido totalmente dela — pelo menos naquele instante — enquanto dançavam e riam, com as bochechas rosadas e os cachos recém-arrumados roçando contra seus ombros firmes e jovens. Dorothy sentia-se fraca quando comparada àquelas pessoas jovens. Sentia-se inconsequente. Ficava feliz de estar sentada no canto.

Dorothy gostava de sentar-se nos cantos quando ia a festas. Não havia nada pior do que se sentar com um grupo grande de pessoas e sentir-se excluída. Ou pior, presa. Pessoas bobas fazendo perguntas bobas, interferindo o tempo todo, rindo de piadas que ela não sabia quais eram. Não, preferia a própria companhia. Mordeu um sanduíche de patê de peixe e se perguntou por que diabos havia ido àquela festa. Pietrykowski, o líder do esquadrão, chegara à sua cabana às sete em ponto, dirigindo o carro do esquadrão. Sorrira para ela, dissera que havia adorado o vestido. Dorothy sentira uma mistura de euforia e vergonha. As meninas, arrumadas e mal podendo esperar para chegar à festa, riam e conversavam no banco de trás. Nina não tirava os olhos de um rapaz com quem esperava “conversar” no baile. O interior do carro do esquadrão cheirava à palha, couro e cigarros, e Dorothy sentiu tontura enquanto

passavam por todas aquelas rodovias, pelas cercas vivas, árvores, flores, cabanas, pessoas e bicicletas.

O salão transbordava de vibração, energia e ciúme, com conversas, despeito e risadas. Dorothy continuou a observar Aggie e Nina de sua cadeira no canto, assim como as outras meninas e os meninos que dançavam, riam e flertavam. O líder do esquadrão andava pelo salão, falando com os convidados, certificando-se de que a música estava alta o suficiente, mas não alta demais, conversando com os colegas poloneses e com os pilotos ingleses. Havia boatos de que o esquadrão polonês seria formado em breve. Dorothy pensou em como era útil que ele falasse e entendesse inglês tão bem. Parecia que todos queriam falar com Jan Pietrykowski. Ele tinha mágica, tinha atração. Seja lá o que ela sentisse — ou o que achava que havia começado a sentir —, aquilo não era nada, não tinha importância alguma. Dorothy o observava, e seus olhos viajavam imperceptíveis das garotas para ele e dele para elas novamente. Observava como ele falava com as senhoras da vila, que comiam com gula, concordando com a cabeça, sorrindo ou dando gargalhadas espalhafatosas.

Duas delas, Marjorie e Susan, que Dorothy conhecia vagamente, aproximaram-se do canto onde estava sentada. Sentaram-se ao seu lado, e Dorothy sorriu para elas.

Como estava? Todos estavam falando sobre a recente aventura, será que sabia? Dos atos heroicos?

— Não foi nada — disse Dorothy.

— Bobagem!

— Sério...

— E parece que você chamou muito a atenção do líder do esquadrão!

— Eu...

— Ele é muito bonito, não é? E um cavalheiro e tanto!

— Sim, se você diz.

— E ele fala inglês tão bem!

As mulheres cheiravam à cerveja e vinho. E falavam demais. Ainda que mal as conhecesse, não tinha nenhuma vontade de conhecê-las melhor ou de conversar com elas. Achava que talvez

fossem amigas da sra. Compton, se é que a mulher tinha algum amigo.

— Um inglês maravilhoso, é verdade.

— E, Dorothy, como você tem passado estes dias?

— Estou bem, obrigada. As meninas me mantêm ocupada — disse Dorothy, feliz com a mudança de assunto.

— Sempre tivemos vontade de dizer — não é, Susan? — que sentimos muito em saber...

— Essas coisas acontecem, certo? — disse Dorothy. Não sabia bem se estavam falando sobre a perda de Sidney ou sobre a partida de Albert, mas não conversaria sobre nada disso com aquelas mulheres. Não conversaria.

— Mas você deve sentir a falta dele — disse Marjorie. — E nunca mais a vimos. Você tem se reservado muito, não é, Dorothy?

— Acho que é melhor assim.

Susan, mais esperta que a amiga — e entediada, ou constrangida, ou ambas as coisas —, murmurou que a sra. Sanderson havia chegado e que adoraria falar com ela. As duas amigas se desculparam e voltaram ao canto delas no salão. Ficaram cochichando com as amigas, entre elas a sra. Sanderson, que havia acabado de chegar, a sra. Pritchard e a sra. Twoomey. Talvez a sra. Compton estivesse com elas? Mas Dorothy não a havia visto. As mulheres viravam-se para olhar para Dorothy de quando em quando, virando-se novamente de forma brusca se Dorothy as flagrasse. Sabia bem que estavam falando dela, mas não se importava. Deixe que falem.

Talvez devesse dar a elas algo sobre o que falar.

Passando os olhos pelo salão, sorriu largamente para Jan Pietrykowski. Ele foi ao encontro dela, puxou a cadeira que havia sido desocupada por Marjorie e sorriu de volta para ela.

— Você está gostando?

— Não, não muito.

— Sinto muito. Você está cansada?

— São essas mulheres intrometidas. Não gosto delas.

— Vou me sentar aqui com você agora e vamos comer um pouco. Posso trazer mais comida? Seu prato está vazio.

E comeram. Ele perguntou a Dorothy quem eram várias daquelas pessoas. Aquela mulher feia de vestido cinza? O grupo de meninas olhando feio para Nina e Aggie e as outras garotas do Land Army?

— Aquela mulher gorda com... como é o nome?... *Papa*?

— Quase isso. *Papo*. Sinto dizer que ela não é muito amável, outra intrometida. O mundo está cheio dessas pessoas.

— Você gosta de pouquíssimas pessoas, sra. Sinclair — disse Jan.

— É tão óbvio assim?

— Sim, acho que sim. Algumas dessas pessoas devem ser muito interessantes se você lhes der uma chance.

— Vou guardar minha opinião sobre isso, obrigada. Não é que eu não goste das pessoas... Não, por favor, não pense isso de mim! Só estou cansada de tudo.

— Ainda assim, odeio vê-la tão sozinha.

Ela enrubesceu e baixou os olhos em direção às mãos que estavam contorcidas sobre o colo, os dedos entrelaçados. O líder do esquadrão pediu desculpas e mudou de assunto, dessa vez para a música, para as danças. Ignoraram os olhares interrogadores e invejosos das pessoas da vila. Quando a deixou por um momento para reabastecer as xícaras de chá e escolher um bolinho para cada um deles, Dorothy refletiu que estava recebendo tantos olhares de desaprovação quanto as garotas do Land Army. Não era correto. Uma mulher casada, já de certa idade, usando um vestido vermelho que ressaltava seu corpo (tão óbvio!) e alugando o charmoso piloto polonês só para ela a noite toda. Não, não era nada correto.

*...E o marido dela, o pobre Bert Sinclair! Não podemos culpá-lo por fugir assim, não é? Ela não conseguiu lhe dar um filho, e nenhum homem merece passar por isso. Não conseguia nem ao menos lhe proporcionar um sorriso, no fim. E nunca lhe fez companhia de fato, certo? Era solitária, pretensiosa. Não era uma boa companhia para um marido. Muito travada dentro de si mesma, aquela lá. Não tinha amigos. Ela se acha melhor que os outros. Sobrinha de Jane Frankman, se não me engano... Foi assim que conheceu o pobre Bert. Dizem que a mãe não falava com ela desde o casamento. Aliás, a mãe mora no sul, não mora?*

*Reading? Londres? Oxford? A sra. Sinclair deve viver uma vida muito solitária naquela cabana, com todas aquelas roupas para lavar. Não me parece muito certo uma mulher como aquela ser lavadeira, mas isso dá a ela um lugar para morar. Só Deus sabe o que aconteceria se Bert fosse dado como desaparecido; acho que a despejariam na hora. E então, para onde iria? Não tem amigos por aqui. Será que a mãe ainda está viva? Só Deus sabe. Não sabemos de nada, não é?*

Foi isso que Jan Pietrykowski ouviu quando foi até as mesas repletas de comida, para se “digladiar” com mulheres com papada (uma palavra muito engraçada, nova para ele, que tentaria lembrar), mulheres usando vestidos chiques, mulheres determinadas a conversar com ele, enquanto tentava escolher um bolinho para a Sra. Sinclair.

Mas conseguiu escapar delas e foi ao encontro de Dorothy mais uma vez. Antes que pudesse perceber o que estava acontecendo, antes que pudesse protestar, antes mesmo de poderem comer os bolinhos, Dorothy foi levada até a pista de dança com os braços do polonês ao seu redor, apertando sua cintura, os ombros, de leve no começo, e depois com mais força. Moviam-se pelo salão, agarrados e em silêncio, como se ninguém os estivesse observando, ainda que para Dorothy parecesse que o mundo todo a estivesse julgando. Mas ela não se importava, o mundo podia ir para o inferno. Ela não ligava, pela primeira vez, em um ano. A música parecia não ter fim — no coração dela, aquela música tocaria para sempre — e quando olhou para aquele homem e ele sorriu, apertando sua cintura com afeto e compreensão, encostou a cabeça no ombro dele e deixou que a conduzisse na dança. E aceitou, como que em um ato silencioso de misericórdia, as agitações nervosas do estômago, do intestino, da virilha, o desabrochar acontecendo dentro dela. Ela era adulta, afinal.

De repente as luzes foram acesas, as pessoas se levantavam balançando a cabeça, casais davam os braços se preparando para ir embora, alguns bêbados, outros bocejando e cansados. A fumaça de cigarro tomava conta do salão como um cobertor áspero. Houve um

balbuciar de despedidas, e o líder do esquadrão ficou de lado para deixar Dorothy pegar a bolsa e ver como Aggie e Nina voltariam para casa.

— Já vamos andando, Dot! — gritou Nina, enquanto um piloto polonês muito jovem, talvez com seus dezoito anos, agarrava seu rosto e a beijava, e depois a soltava e gargalhava. Ela deu um tapinha atrás da cabeça dele, e Dorothy se perguntou se aquele era o jovem que havia chamado a atenção dela.

Aggie, que dava risadinhas enquanto um rapaz lhe sussurrava ao ouvido, concordou que iriam andando, mas dando a entender que não iriam exatamente para casa.

Próximo a elas, um grupo de meninas da vila, uma delas a neta mais velha da sra. Compton, gritava: “Vadias!”.

Dorothy olhou para Jan.

— Será que vão ficar bem?

— Não são mais crianças — disse ele, encolhendo os ombros.

Dorothy hesitou e ele esperou, educadamente.

— Tudo bem então — disse, avisando as garotas para estarem em casa dentro de uma hora, e que as estaria esperando com uma jarra de chocolate quente.

O líder do esquadrão ficou em silêncio, calmo e concentrado, durante a viagem de vinte minutos até a cabana. A lua estava cheia e a noite, quente. A luz do luar era suficiente para iluminar o caminho, se ele dirigisse devagar. Dorothy também ia quieta. A rodovia parecia um rio de óleo escorregadio. Ela o observava dirigir confiante e seguro. Era o tipo de homem acostumado a estar no controle.

— Obrigada, líder do esquadrão — disse Dorothy, enquanto ele abria a porta do passageiro.

Quando ela saiu do carro, ele estendeu a mão para impedir a passagem. Mas Dorothy não se sentiu ameaçada.

— Você me chama pelo título o tempo todo, mas meu nome é Jan. Lidero um esquadrão, sim, sou membro da Força Aérea polonesa e esse é o meu trabalho, minha função, mas ainda sou o Jan. Esse é o meu nome. É o nome que quero ouvir você dizer. Faça questão. É isso.

— Entendo... Jan. Obrigada então, Jan, pela noite agradável.

— Só agradável?

— Divertida. Quente e barulhenta, mas divertida. Na verdade, passei momentos maravilhosos com você.

— Assim fica melhor. Obrigado por aceitar o convite e sinto muito que tenha se sentido desconfortável. Aquelas senhoras fofoqueiras não gostam de você, mas eu gosto.

— Obrigada. Não me importa se não gostam de mim, prefiro que seja assim.

— Por quê?

— Porque assim não preciso passar meu tempo com aquelas fofoqueiras. Minha vida é só minha, sabe? Não quero que sejam minhas amigas. Gosto da vida calma na cabana, tendo apenas as meninas como companhia.

— É como se você fosse mãe delas?

— Talvez.

— Elas gostam muito de você.

— Bem, elas me dão um motivo para levantar da cama todas as manhãs.

— É o que estou dizendo. Para elas, você é como uma mãe.

— Jan, não quero parecer rude, mas...

— Você está cansada?

— Sim, bastante.

Jan soltou a porta do carro e levou Dorothy até a porta da cabana, esperando enquanto ela lutava para abri-la. A tranca estava dura há meses, explicou. Jan disse que traria óleo na próxima visita. A cozinha estava escura e quente e cheirava a pão, roupas lavadas e, levemente, a peixe. Dorothy ficou chocada com o cheiro, como se aquilo fosse algo novo para ela, e percebeu, de repente, o quanto aquela cabana *era* ela — não só sua casa, mas sua vida. Construída com tijolos vermelhos, sólida, com quartos quadrados, paredes rebocadas cautelosamente, tetos altos. Sentiu como se estivesse traindo a cabana por ter se afastado por tantas horas. Sentiu-se como uma estranha parada em sua própria cozinha, ouvindo o mecanismo do relógio, que descansava no console da lareira —

tique-taque, tique-taque —, e resolveu se familiarizar novamente com a casa.

Assim que o líder do esquadrão...

Assim que *Jan* partiu.

Ele não queria ir embora, era perceptível. Provavelmente quisesse um beijo. Possivelmente, até mais. Mas ela não iria, e não podia fazer nada disso. Ele era o tipo de homem que ela se imaginava beijando, tocando, divertindo-se com o corpo dele — e a ideia de fazer essas coisas não a fazia enrubescer nem sentir vergonha. Mas não faria nada daquilo, e não sabia dizer o porquê. De certo, não era por causa de uma objeção moral, não era uma mera questão de integridade.

— Boa noite, sra. Sinclair — disse Jan. — Vou deixá-la agora. Posso visitá-la outra vez?

— Ah, faça isso, por favor. Mas meu nome é Dorothy. Esse é o nome que gostaria de ouvir, agora que estamos um pouco mais... amigos.

— Dorothy — repetiu devagar.

— É um nome horrível. Tenho pavor dele.

— Não, é um nome bonito. Bem inglês, acho.

— Boa noite, Jan. Obrigada pela noite agradável.

— É verdade! Os ingleses são muito educados!

— Quer tomar chá? Amanhã, às quatro horas? Não posso prometer um banquete, mas garanto chá e sanduíches. Quem sabe um bolo.

— Chá da tarde inglês? Virei, sim! Obrigado.

Jan encarou Dorothy, e ela sorriu para ele, fixa e sem reação. Ele sorriu de volta — resignado, ela achou — e partiu com uma reverência curta e rígida.

Depois que o carro se afastou, Dorothy perambulou pela casa, ignorando o quarto de casal onde o único filho havia sido concebido e nascido, agora ocupado pelas meninas. Entrou no quartinho embaixo das calhas e tirou o vestido vermelho, os sapatos, as meias, a cinta, a calcinha e o sutiã. Colocou a camisola e o robe, e esfregou o rosto com creme, para tirar o resto da maquiagem.

Voltou para a cozinha e preparou um pouco de chocolate quente, mexendo o leite devagar. Depois se sentou e esperou pelas meninas, que chegaram duas horas mais tarde, sem fôlego, desgrenhadas e bêbadas.

---

## CAPÍTULO 8

---

— Dorothea, seu chá é diferente.

Jan havia chegado de bicicleta, às quatro em ponto. Apesar do calor, não estava corado nem suado. Honrando a palavra, havia trazido uma lata de óleo, que passou nas trancas, dobradiças e maçanetas da porta da cozinha. Para que tivessem um chá agradável, Dorothy havia colocado a mesa de madeira e as cadeiras embaixo da sombra dos vidoeiros brancos no jardim dos fundos. As árvores chacoalhavam e sussurravam com a brisa quente. Depois que ele terminou os reparos na porta, ela o convidou para se sentar, enquanto preparava o chá e o levava para o jardim.

— Como assim, meu chá é diferente? — perguntou, sentando-se finalmente.

— Realmente parece chá, é bem refrescante. E você tem um bonito... como se chama? — disse, apontando para o coador de chá.

— O coador? Ah, era da minha mãe.

— Ela morreu?

— Não. Trouxe-o comigo quando me casei com Albert. Acho que trouxe coisas estranhas da casa de minha mãe. Foi tudo muito de repente, sabe? Achei que alguns objetos pudessem ser úteis, e alguns de fato têm sido.

— E alguns não?

— Muitos.

— Por que você se casou com ele?

— Por quê? — riu, um pouco afobada. — Porque eu quis.

— E por que você quis? — Jan mexeu o açúcar no chá devagar, sem tirar os olhos de Dorothy.

— Bem, creio que a melhor resposta seria que eu o amava muito e que tinha de ser esposa dele, que ele era capaz de me oferecer uma vida maravilhosa e felicidade eterna, que me apaixonei por ele.

— E a resposta verdadeira?

— Ah, não sei. Para escapar, creio. Queria fugir de minha mãe, queria ser independente e não tinha outra forma de conseguir isso, a não ser me casando. Achei que a vida dele parecia ser interessante e ele me tratava muito bem. Acho que foi mais ou menos isso.

— Uma história muito triste, Dorothea.

“Dorothea” observou Jan morder o sanduíche. Os dentes dele eram pequenos, retos e brancos. Reparou na forma como os dedos dele se curvavam com suavidade ao redor do sanduíche. Era um homem muito elegante.

— Talvez seja triste — respondeu.

— Você foi feliz algum dia?

— Ah, que pergunta! Talvez tenha sido feliz quando era bem jovem.

— E não mais, desde então? Sinto saber disso. Você merece ser feliz.

— Não tenho certeza do que ser feliz significaria para mim.

— Talvez ter um filho?

— Sim! Ah, e como! — Dorothy percebeu que, tomada pela ansiedade, inclinava-se ansiosa sobre a mesa, descaradamente, pensou, aproximando-se daquele homem, entretendo-se com ele de uma forma literalmente avançada. Então se recompôs, endireitou-se na cadeira e bebericou o chá.

— Você tem alguns arrependimentos na vida, não é? — perguntou Jan, erguendo as sobrancelhas para ela, como se a encorajasse a falar.

— Pode-se dizer que me arrependo de algumas coisas — disse Dorothy.

— Foi o que ouvi dizer.

— Imagino mesmo que tenha ouvido.

— Você perdeu um bebê?

— Perdi mais de um.

— Mas algum chegou a nascer?

— Você é muito curioso! — Dorothy pegou o prato de bolos e ofereceu um a Jan.

Ela o observou comer, e ele não parecia estar envergonhado, comendo sob a observação dela. Ela, ao contrário, sempre comia reservadamente. Odiava como o rosto se contorcia enquanto mastigava; sentia-se exposta fazendo isso em público.

— Estou fazendo perguntas demais — disse Jan, limpando a boca com o guardanapo. — Desculpe-me, sinto muito. Gosto de saber as coisas, só isso. Você é uma mulher muito interessante e eu gostaria de saber mais sobre você. A tristeza é o que nos torna humanos, acho que você entende bem o que quero dizer. Pessoas com corações que dão pancadas no nosso peito e com almas que sonham, sabe?

Estava se tornando incrivelmente difícil se distanciar de Jan.

Respirou fundo.

— O nome dele era Sidney, um menininho lindo. Foi levado de mim. Eles, a sra. Compton e o dr. Soames, acharam que seria melhor assim. Mas não queria que o tirassem de mim, queria que ele ficasse aqui comigo. Queria abraçá-lo, confortá-lo e dizer o quanto me dói que eu o tenha decepcionado.

Dorothy estava sem fôlego e com os olhos cheios de lágrimas, mas, de alguma forma, sentia-se bem em desabafar — palavras que precisavam sair de dentro dela. Coisas que nunca havia dito.

— A criança já nasceu morta? — indagou Jan.

Os vidoeiros balançavam com suavidade ao redor deles, chacoalhando as folhas prateadas.

— Sim, natimorto. Tudo era silêncio, não o ouvi chorar. Entende? Só houve um silêncio assustador; a calma naquele quarto chegava a ser apavorante. Acho que sempre me lembrarei de como ele estava azul. Translúcido.

— Trans...?

—...lúcido. Como se quase desse para ver através dele.

— Ah.

— Não se parecia nem um pouco com um ser humano.

— Queria que as coisas não tivessem sido assim.

— E agora eu a magoei.

— Não, não. Na verdade, acho que preciso falar sobre isso com alguém de vez em quando. Não ajuda muito guardar tudo para mim e tentar fingir que nada aconteceu. Aconteceu, sim. E a mágoa fica guardada dentro de mim o tempo todo. Não consigo parar de pensar no pequeno Sidney... aquele corpinho pequeno... o que aconteceu com ele? Sabe, era uma pessoa. Uma pessoa morta, mas esteve viva em algum momento me chutando por dentro — sentia-o chutando todos os dias. Queria tanto ser a mãe dele!

Jan permaneceu em silêncio, mas passou um guardanapo a Dorothy. Ela o pegou, enxugou as lágrimas, assoou o nariz e logo se desculpou.

— O destino pregou uma peça cruel em você, Dorothea. Ou talvez tenha sido Deus.

— Deus?

— Você acredita em Deus?

— Não.

— Você nunca reza?

— Já rezei.

— Mas você reza para um Deus em quem você não acredita?

— É claro.

— E pelo que você rezou?

— Pelos meus bebês. Por Sidney, nos últimos dias antes do nascimento, porque achei que fosse fazer alguma diferença. Pensei que talvez minhas orações pudessem protegê-lo.

— Mas as orações não funcionaram.

— Não.

— Não existem deuses, sei disso. Não há sentido algum nesta vida, no que insistimos em chamar de vida. Tudo ao nosso redor é loucura, crueldade e coisas injustas. O que agrada a um faz o outro sofrer. Não é nada pessoal, não há nenhum ser superior lá em cima ou aqui embaixo conspirando contra nós. Tudo o que acontece... acontece porque pode acontecer. A vida não tem nenhum significado além da própria vida, de respirar, dormir, comer, falar, amar e odiar — todas essas coisas. E quanto às perdas, começamos a perder no momento em que nascemos, ou seja, lá quando a vida começa. Não sei ao certo quando ela começa. Alguém sabe? Mas a

vida é algo difícil, sempre será difícil. Acredito muito nisso, Dorothea.

— Entendo.

— Você não concorda comigo?

— Acho que sim, faz muito mais sentido.

— Mais sentido do que o quê?

— Ah, do que os sermões de domingo, do que as pregações da igreja.

— Você vai à igreja?

— Não, não agora. Acho meio sinistro, era obrigada a ir a todas as missas de domingo quando era criança. Jan, você se importa se eu lhe perguntar o porquê de você me chamar de Dorothea?

— Porque é ainda mais bonito que Dorothy. Você é uma Dorothea.

— Eu gosto. Diga algo em polonês, por favor.

— *Ty jesteś piękną kobietą.*

— Que língua estranha!

— Não, é bem simples, mais simples que a sua.

— Você acha mesmo?

— Mas é claro.

— E o que foi que você disse?

— Disse que o jardim é muito bonito, que a tarde está linda, e que tudo aqui e agora está perfeito.

— Não sei se acredito em você.

— Bem, então terá de ficar imaginando.

— Ficarei.

— Minha esposa estava sempre “imaginando”. Acho que não sou muito fácil de se fazer entender. Talvez não seja... translúcido?

Esposa? Mas eu havia pensado que...! Sua idiota! Ah, meu Deus! Será que ela tinha...?

— Jan, eu... sinto muito. Você é casado.

Dorothy se repreendeu. Mas é lógico, claro! Como conseguira pensar que um homem como Jan não seria comprometido? Ah, mas que droga!

— Não sou casado — disse ele. — Eu *fui*.

— Sua esposa morreu?

— Não. Era uma mulher muito jovem e muito bonita. Nós nos casamos quando ambos tínhamos dezoito anos. Minha mãe me aconselhou a não me casar, mas não lhe demos ouvidos e nos casamos porque estávamos apaixonados.

— E o que aconteceu? — Dorothy mal tinha coragem de terminar a pergunta e as palavras saíram como um sussurro que se perdeu no balanço das árvores.

— Fomos felizes por apenas alguns meses. Construimos uma casa bonita, mas eu não era suficiente para ela. Ela não se cansava, queria sempre mais. Outros homens. Foi atrás de outros homens. Fiquei com raiva, gritei. Fui traído e a expulsei de casa. Daí me sentia sozinho e acabei saindo da casa também, e foi aí que entrei para a Força Aérea e nunca mais a vi. Ela acabou voltando para a casa do pai e nos divorciamos.

— Sinto muito, Jan. Deve ter sido muito difícil para você. Sei como o orgulho de um homem pode ser frágil.

— O amor de uma mulher. Isso é que é frágil.

— Todos os amores?

— Não, alguns amores são sólidos e não *despedaçar*.

— Não se despedaçam — corrigiu, desejando logo em seguida que não o tivesse feito. — Mas você se decepcionou no amor?

— Assim como você.

— Sim, e tudo pode se despedaçar, Jan. Já aceitei isso. Você não pode confiar em ninguém nem em nada, não vale a pena.

— Você acha que não?

— Por que não falamos de algo mais feliz? Já sei, a caixa de música! As meninas estão adorando! Elas adoram cantar e dançar, e ficam se sacudindo pela sala a noite toda, absortas em si mesmas e na música. É impagável.

— E o que você fica fazendo enquanto elas dançam?

— Costuro. Remendo, faço ajustes. Nina, a mais robusta, come muito e sempre preciso alargar as roupas dela. Acho que não tinha muito o que comer quando morava em Londres, a família era bem pobre.

— Sim. Ela tem muitos irmãos?

— Tem dois irmãos mais velhos, e uma irmã e um irmão menores, que são gêmeos, me parece. Como a invejo! Os gêmeos foram evacuados de Londres, e estão no País de Gales agora. Ela tenta escrever para eles, mas sempre tenho de ajudá-la. Ela é mal instruída, não sabe ler nem escrever direito. Diz que sente falta de Londres, mas acho que deve se sentir feliz por estar longe de lá. Por que se alistaria no Land Army se preferisse ficar na cidade? — Dorothy parou de falar de repente, percebendo que falava rápido demais e que as palavras dela não faziam muito sentido. — Mas e você, gosta de viver em cidades?

— Nunca vivi em uma, e você?

— Morei em Oxford, quando era criança. Era tudo barulhento demais, cheio e corrido demais para meu gosto. Isso antes mesmo de existirem tantos carros.

— Quantos anos você tem, Dorothea?

— Eu... bem... já que perguntou, e você mesmo me disse quantos anos tinha, vou lhe contar. Tenho trinta e nove anos. Completo quarenta em novembro.

— Uma moça.

— Bobagem. Velha demais. Velha demais para ter filhos, pelo menos. Talvez esse tenha sido o erro com Sidney: ter tentado por tempo demais, permitir-me engravidar estando tão velha. Foi estúpido da minha parte e fui punida por isso.

— Punida por quem? — Seus olhos azuis-claros não desviavam dela.

— Não sei. Talvez pela minha mãe? Ela pode ter lançado uma maldição em mim.

Os olhos dele agora pareciam rir.

— Você não está falando sério, está?

— Não exatamente, mas ela é uma bruxa.

— Por que você diz isso?

— Porque ela não tinha o direito de ser mãe — disse Dorothy, levantando-se para começar a limpar a mesa.

Jan levantou de súbito para ajudá-la.

— Era insuportável. Faz cinco, seis anos agora que não tenho notícia dela. Ficou furiosa comigo, sabe?

— Porque se casou com Albert.

— Sim, deixei-a em casa, na minha casa, para me casar com um homem que estava “abaixo de mim”. Ela não pôde suportar a ideia. Deve achar que ainda vivemos na época vitoriana. Bem, não vivemos. Estamos nos anos 1930 já. Aliás, já não estamos nos 1940? Tempos modernos, mulheres modernas. Veja só como se comportam hoje em dia! Veja só as garotas! Às vezes agem sem pudor algum. Mas não as culpo. Não mesmo. Você só vive uma vez, e o momento é difícil, é assustador. Só Deus sabe como tudo isso vai terminar.

Dorothy virou-se, segurando a bandeja.

— Você quer mais chá?

Insistiu para que Jan ficasse lá e aproveitasse a paz do meio da tarde enquanto podia. Reabasteceu a bandeja com um bule cheio de chá, xícaras e pires limpos, e tampou a jarra de leite e a cumbuca de açúcar. Hoje ela não iria economizar no açúcar. Subiu até o piso de cima para se olhar no espelho. Ficou tentada a passar batom, mas resistiu à vontade.

Quando voltou ao jardim, encontrou Jan deitado no chão, com as pernas cruzadas, uma mão atrás da cabeça e a outra segurando uma folha de grama que ele mastigava. Sorria para ela, enquanto ela colocava as coisas para o chá sobre a mesa.

— Está tudo bem aí embaixo? — perguntou.

Sentia-se confusa, mas não sabia dizer por quê. Talvez porque Albert não fosse do tipo que deitava no chão e mastigava grama. Albert era tudo, menos sereno e despreocupado.

— Estou muito bem. Dorothea, você tem medo desta guerra?

— Tinha esperança de que não teríamos mais uma. Todos nós tínhamos, acredito.

— Sim, é claro, mas aconteceria a qualquer momento, acho. Mais cedo ou mais tarde. E agora aconteceu, e temos de lutar outra vez pelo bem.

— Espero que vençamos, todos nós. De alguma forma! Começou mesmo, não é? Churchill está no comando afinal... isso faz tudo parecer mais real, de alguma forma. Você sente que algo vai *acontecer* agora. E vocês, poloneses, chegando ao país também... Mas acho que precisamos de um milagre, não precisamos?

— Precisamos de um milagre. E sim, a guerra está se aproximando. Hitler não vai parar tão cedo.

— Você acha que teremos um? Um milagre, digo?

— Não sei — disse Jan, e pela primeira vez parecia triste.

— Você está com medo?

— Tenho ódio no coração. Quero matar esses nazistas. O maior prazer, digo, o próximo maior prazer da minha vida será matar os nazistas.

— Você já matou algum?

— Sim.

— Sério? Isso não é assassinato?

— Não, é justiça. Esses monstros destruíram meu país. Matam crianças e mulheres, mulheres como você, nos jardins, nos campos, atiram para matar o tempo todo. E me forçaram a fugir do país, então quero matá-los. Estão destruindo meu país, não sinto misericórdia.

— Entendo. Sinto muito, Jan. Tudo isso é tão sombrio. E todos esses soldados voltando da França! Os jornais podem distorcer os fatos como quiserem, mas eles foram derrotados, não foram?

— Derrotados? Não. Ouvi dizer que foi uma retirada estratégica. Muitos foram resgatados, não se esqueça disso. Eles se reúnem, se rearmam e atacam novamente. Como eu, que deixei a *Polska* e vim para cá. Meus homens e eu temos o mesmo objetivo: matar os bastardos que tomaram nosso país. Dorothea, essa minha conversa sobre a guerra está assustando você? — Ele se sentou e jogou fora a folha de grama.

— Não, não estou com medo. Parei de ter medo. Já tive muito medo na vida, e os piores viraram realidade. O feitiço do medo se quebrou de alguma forma, e agora não restou mais nenhum temor em mim.

— Que conversa difícil para uma mulher.

— Estou cansada, só isso.

— Cansada do mundo?

— Sim, creio que sim. Nada me assusta ou me surpreende, nem mesmo me alegra mais.

— Nada? — disse, chegando perto dela e empoleirando-se sobre os pés dela como um cãozinho que busca atenção.

— Você nunca sentiu isso? — disse Dorothy.

— Acho que sim, mas não gosto da ideia — Ele franziu o cenho ao ver que ela chacoalhava os ombros. — Você gosta? Você gosta de ser... em polonês se diz *cynik*. É o mesmo em inglês?

— Sim, mas não sou cínica.

— Sim, você é *cyniczny*. É compreensível. Tempos difíceis trazem reações difíceis. Assim é na guerra. Assim é na vida, em todas as nossas guerras e batalhas. Ninguém pode culpá-la.

— Culpar?

— Por se sentir dessa forma. Você não está sozinha, Dorothea. Não você — ele colocou uma ênfase estranha na última palavra.

— Você diz isso mas... você está sozinho?

— Nos pensamentos e no coração, sim. Mas estou cercado de homens, alguns deles meninos que buscam consolo em mim, que me escutam, que confiam em mim. Dessa forma, não estou sozinho.

Dorothy percebeu de repente que Jan estava a meros cinco centímetros de seus joelhos descobertos, que tremiam. Seria aquilo... inapropriado. Por que raios não havia colocado a meia-calça? Tentou descer um pouco a saia, mas Jan pareceu não perceber que ela se sentia desconfortável.

— Mas você se sente sozinho? — perguntou.

— Assim como você.

— A solidão pode ser algo bom, às vezes.

— Como?

— Faz as pessoas pensarem direito e entenderem as coisas. Quando você tem tempo de estar sozinho, de pensar, de apenas cogitar as coisas.

— Cogitar?

— Cogitar... hum... remoer as coisas? Não, não ficou bom assim... considerar? De qualquer forma, acho que todos nós somos solitários na essência, não acha? Ninguém pode entender bem a cabeça do outro. Estamos todos dentro de nossas cabeças, mentes e corações. Mas é assim que tem de ser. Só podemos alcançar os outros até certo ponto; talvez as pontas dos nossos dedos venham a

alcançar os de outra pessoa, e esse momento será muito bonito. Mas nunca será mais que pontas de dedos.

O líder do esquadrão examinava as mãos. Dorothy sentia-se como se houvesse parado de respirar. Respirou fundo e suspirou.

— Você é uma filósofa — disse ele.

— Por Deus, não. Sou apenas uma mulher que tem tempo para pensar. Essas atividades do dia a dia, sabe, lavar, passar, consertar as coisas me dão tempo para pensar.

— Você é “apenas uma mulher”?

— Sim.

— Mas uma mulher muito esperta. Uma mulher inteligente. Você vê com clareza onde as outras pessoas não veem.

— Não.

— Eu acho que sim.

Ficaram lá em silêncio, e Jan voltou a ficar prostrado aos pés dela. E pegou outra folha de grama.

— Isso é muito bom, Jan. Sentar-se em silêncio e não ter de falar.

O sol começava a se pôr, lançando um brilho dourado sobre Long Acre, sobre o jardim de Dorothy, sobre Jan, agora deitado de bruços e examinando a terra sob ele. Ele parecia uma criança, Dorothy pensou.

— Não gosto de muita conversa — disse Jan. — Falar demais não faz sentido. Com você é exceção, mas quase sempre prefiro minha própria companhia.

— Sim, entendo. Onde você cresceu?

— Em um vilarejo pequeno, perto de Cracóvia.

— Ah, sim, é claro. Você me contou no dia em que nos conhecemos, mas nunca havia ouvido falar de lá.

— Assim como eu nunca havia ouvido falar de Lodderston antes de chegar aqui.

— Você morava com seus pais?

— Morava com a minha mãe, ou a mulher que eu chamava de mãe. Não tive pai, nunca cheguei a conhecê-lo.

— Ah, você também disse, desculpe. Mas como assim, você a *chamava* de mãe?

— Então lá vamos nós — Jan balançou a cabeça. — Ela me adotou. Minha mãe era muito nova quando engravidou, nova e solteira. Não sei bem o que aconteceu. Disseram que tive sorte de ter conseguido nascer, se você me entende. Fui criado pela minha tia, a irmã mais velha da minha mãe, que era viúva. Minha mãe deixou o vilarejo e nunca mais voltou, não tenho notícias dela.

— Meu Deus! E sua tia? Ela tratava você bem?

— Ah, sim, sem dúvida. Ela me amava. Eu a chamava de *matka*. Mamãe. Ela me protegia, me dava comida, roupas e educação. Teve mais filhos depois de mim, duas meninas. Mas não as considero minhas irmãs.

— Por que não?

— Porque não eram filhas da minha mãe, entende? Minha mãe me deixou, não importa com quem. Ela não me queria, eu era uma vergonha para ela. Sou uma pessoa sem raízes.

Ele se sentou, se esticou e se levantou. Dorothy ergueu os olhos em direção a ele.

— Mas ela era irmã da sua mãe de verdade, não era? A mulher que criou você? Você não está tão afastado assim de suas raízes.

— Mas elas foram arrancadas mesmo assim, e isso é suficiente. Tinha vontade de estar com minha mãe. Desde que me conheço por gente, desde que consegui entender. Se me comportava mal, ouvia sempre coisas do tipo: “Você é igualzinho à sua mãe!”. Não falavam por maldade, mas falavam. Minha mãe não era amada, não era respeitada por ter tido um bebê fora do casamento. Acho que foi forçada a ir embora, mas deveria ter me levado com ela. Porém preferiu não fazer isso.

Jan se sentou na cadeira de madeira ao lado de Dorothy, suspirou e olhou fundo dentro dos olhos dela.

— Obrigada por compartilhar essas coisas comigo, Jan — disse ela.

— Todos nós precisamos de um amigo, não?

Dorothy desejou que nunca anoitecesse, mas o sol afinal se pôs no horizonte, e as estrelas e os planetas se anunciavam um a um, obrigando-a a ir até a cozinha e procurar uma vela, que trouxe para o lado de fora com as mãos tremendo. Jan a acendeu com o isqueiro e não demorou muito até que mariposas e outros insetos estranhos começassem a voar em volta da chama, os corpos pequenos crepitando e caindo ao redor da vela. Dorothy e Jan ficaram observando fascinados, sem dizer nada, e incapazes de impedir a morte dos insetos. Ouviam as corujas nas matas distantes, o barulho de animais correndo nas sebes e o farfalhar lúgubre dos vidoeiros.

Às 22h32, Jan se levantou para ir embora. Dorothy também se levantou, imitando o movimento. Ele não disse quando voltaria, mas segurou as mãos de Dorothy nas dele e as beijou, primeiro uma e depois a outra. Ela olhou para ele. Quando ele a beijou na boca, foi a coisa mais próxima da vida que ela já havia conhecido. Os lábios dele se moviam, macios e fortes nos dela, e ela sentia uma onda de calor intenso, nada que já tivesse imaginado ser possível existir. Os dentes dele eram como pérolas apertadas e duras. Percebeu que passava a ponta da língua sobre eles, sem mais nenhuma noção de propriedade. Como se despertasse de um sonho entorpecido e tropical, ela se endireitou, percebendo a situação. Ergueu as mãos e empurrou o peito dele, confusa, enquanto o pânico tomava conta dela. Ele recuou, pegou as mãos dela novamente e sorriu. Disse que sentia muito. Muda, Dorothy balançou a cabeça, mas tentou sorrir para ele, até que os lábios tremeram e as bochechas endureceram. Sentia-se como uma garota em choque após o primeiro beijo.

Andaram juntos até o portão de entrada, Jan segurando as mãos dela como se fossem namorados passeando pela lagoa dos patos. Ele sussurrou um boa-noite e acariciou o braço dela, tranquilizando-a. Dorothy achou que talvez tivesse piscado para ela, mas era difícil dizer, já que estava escuro. Observou o polonês e a bicicleta desaparecerem na noite escura, escapando dela como uma aparição.

Ficou lá sozinha por muito tempo, olhando para ele no meio da escuridão.

---

CAPÍTULO 9

---

13 de setembro de 1947

*Cara Marion,*

*Escrevo para agradecer pela visita da semana passada. Foi muito bom ver você e Lionel outra vez. Peter também adorou. Foi muito bom jogar tênis mais uma vez. Foi uma partida e tanto, não? Desde que você foi embora, venho fazendo geleia de frutas e colocando nos potes — as plantações estão lindas este ano. Tem estado tão quente! Sempre penso muito no Denis durante esta época do ano, em como ele adorava frutas! E tênis, é claro. Peter jogou muito bem, não é? Ele se parece mais com o Denis a cada dia que passa. Em breve, estará na universidade e não é um problema para mim, minha querida Marion, admitir que vou sentir muito a falta dele.*

*Visite-nos novamente, querida, a qualquer hora que você puder, e por favor mande lembranças ao Lionel. Espero que o dente dele tenha parado de doer e que suas dores de cabeça tenham melhorado. Dores de cabeça são um horror.*

*Com carinho,  
Hilda*

Essa foi a primeira carta que achei na Old & New, mas não me lembro ao certo em que livro foi. Não é a mais fascinante das cartas, mas ela tem um significado emocional intenso. Levei-a para casa para começar minha coleção, que agora se encontra na maleta da sra. Sinclair. Formei na mente uma imagem de Hilda, do filho adolescente Peter e do marido falecido, Denis. Consigo imaginá-la

com o cabelo preso em um coque, o rosto quente e vermelho enquanto prepara geleia. Mas não acho que isso ajude.

Jenna mudou. São mudanças que até agora só eu percebi. Já não penteia o cabelo tão bem, a maquiagem é feita com desleixo, ou nem é feita — algo que nunca achei que fosse ver. As roupas dela andam amassadas, a pele está seca e escamosa no nariz. Os ossos da bochecha estão salientes, e ela está com olheiras gigantes; olheiras roxo-acinzentadas que falam em silêncio e denunciam culpa. Ou talvez seja arrependimento. Também tem remela acumulada nos cantos dos olhos dela. Essas mudanças são bem sutis, você sabe. Ela até então estava sempre impecável, e agora está menos que impecável. Agora está mais parecida comigo, uma garota nota sete.

Sei bem como se sente, e sei o quanto isso dói, ainda que as circunstâncias tenham sido diferentes.

Quando estava na universidade, saí com um aluno que era muito bonito, esperto e engraçado. Vou poupá-lo da vergonha e guardar o nome dele para mim. Sentia-me feliz tendo a atenção dele, e me apaixonei, pensei. Foi divertido. Foi incrível, para falar a verdade, até que minha menstruação atrasou duas semanas. Pânico. Uma viagem solitária à tardinha até a farmácia, uma noite inteira de espera (porque, naquela época, você tinha de usar o primeiro xixi do dia para fazer o teste). Duas listras rosa. Não uma, que era o que eu queria, mas duas, bem rosa. Não houve muita conversa entre mim e o aluno bonito, apenas a convicção de que “seria melhor abortar”. “Nós” éramos jovens demais. “Nós” tínhamos uma carreira pela frente. “Nós” não tínhamos nenhuma intenção de... Então fui ao médico, e depois à clínica, discreta, depressa, sozinha. O aluno bonitinho disse que ficava “agradecido”. Terminei com ele.

Nunca contei a ninguém sobre o aborto. Nunca achei que houvesse necessidade.

Será que Philip percebe a diferença em Jenna? Deve perceber. Será que *sabe*? Talvez Jenna tenha sangrado por muitos dias e, preocupada, acabou confessando? Talvez ainda esteja sentindo dor?

Espero que não. E mesmo assim, de alguma forma me sinto um pouco desconfortável. Algo mudou entre mim e Jenna.

Não devia tê-la ajudado. Foi um erro, foi tudo cru demais, parecido demais com minha experiência. Podia ter contado a ela que também havia passado por aquilo, podia ter contado no carro, enquanto íamos para a clínica, ou até mesmo na volta. Podia ter dito “eu entendo”, e “vai ficar tudo bem”. Ela teria concordado, talvez tivesse sorrido. Em vez disso, fumou um cigarro, segurando-o para fora da janela do carro, e quase não nos falamos.

Dá para perceber que Jenna queria ter confiado em qualquer outra pessoa menos em mim. Tem feito de tudo para me evitar desde o dia em que voltou da clínica. Tento ser legal, faço chá e levo para ela seja lá em que parte da loja esteja; uma vez fui abraçá-la, porque parecia estar muito triste, mas o abraço não aconteceu. Agora só nos falamos quando realmente precisamos, e mesmo assim são frases curtas e decididas. Nenhuma de nós menciona aquele dia, e ela não olha na minha cara. Quero ajudar, mas não sei como, não sei o que dizer. É muito mais fácil fazer essas coisas sozinha.

O abrigo onde minha *babunia* está é sereno e silencioso. Tem jardins bonitos atrás do prédio, e a casa em si é bem pequena e cheira bem. As enfermeiras e as cuidadoras são todas muito profissionais e gentis. Papai, eu e *babunia* escolhemos aquele lar juntos, e sei que fizemos a escolha certa. Só é uma pena que não seja mais próximo de nós, mas trinta minutos de carro também não é um grande problema.

Já tinha telefonado para avisar que a visitaria, e sou recebida na entrada por uma mulher que se apresentou como Suzanne. Não me lembro de tê-la visto lá nas visitas anteriores.

— Sou a nova gerente de entretenimento — me explica —, mas faço todos os tipos de tarefa. Queria conhecê-la, sua avó e eu nos damos muito bem.

Suzanne me conta algo que eu já sabia: que *babunia* é a “queridinha” do lar. Não causa problemas a ninguém e ainda não tem incontinência. Provável que nunca tenha. Suzanne me fala que

ela mantém toda a dignidade, e a mulher parece brilhar de orgulho, como se estivesse falando de uma sobrinha que tivesse alcançado um feito gigante.

— Posso vê-la?

— Sim, entre, vou levá-la até o quarto dela.

Sigo Suzanne, que é bem magra e está usando um vestido roxo, com sapatos roxos de salto. Tem cabelos fartos e vermelhos, anda com um rebolado feminino e é impossível chutar a idade dela. Chegamos ao quarto da vovó e Suzanne bate na porta. Ninguém responde, e ela abre a porta devagar.

— Dorothea? — Chama.

*Babunia* está sentada na poltrona, de costas para a porta, olhando pela grande janela balcão. O jardim está cheio de canteiros de flores, que ficam muito bonitas durante o auge do verão, mas que estão um pouco murchas agora que é agosto. Também tem algumas árvores pequenas de frutas, um comedouro de pássaros e bancos de madeira. Olho para ela e ela não se vira para mim. Está tão parada, pode ser que esteja dormindo. Pode ser que esteja morta.

Suzanne dá um passo para o lado para me deixar entrar no quarto.

Mas eu hesito.

— Vá em frente — diz Suzanne, com um sorriso amável.

— Não quero magoá-la — sussurro. — Ela está tão... vulnerável.

— Por que a magoaria? Ficaré encantada em vê-la.

Devagar, vou em direção à minha avó, paro ao lado da cadeira e fico olhando o cabelo grisalho que está arrumado como sempre. Ela inclina a cabeça lentamente em minha direção e eu sorrio para ela. Ela abre a boca e tem dificuldade para falar, as lágrimas encharcando os olhos verdes enquanto tenta achar meu rosto. Parece totalmente consternada.

Não estava esperando por aquilo. Tinha ficado longe por tempo demais, um mês era muito tempo. Deveria ter vindo toda semana, como costumava fazer antes.

— Quem é você? — Ela pergunta.

Apesar de garantir que sou sua neta, *babunia* continua me perguntando quem eu sou. Quer saber o que estou fazendo aqui. Chega a soar como uma acusação, e dá para ver medo nos olhos dela. É horrível.

Suzanne e eu nos sentamos uma de cada lado e seguramos as mãos dela.

— Sou eu, vovó. Roberta. Eu... eu te amo.

Parece algo estranho para se dizer nessas circunstâncias, mas é a coisa certa a ser dita mesmo assim.

Ela balança a cabeça e Suzanne tenta explicar. Mas *babunia*, em pânico e aos prantos, não nos ouve. Então ficamos lá sentadas, as três em total silêncio.

Quando *babunia* adormece, Suzanne e eu começamos a conversar em sussurros.

— Ela não age sempre assim — digo a ela.

— Eu sei — diz Suzanne. — Ontem mesmo estávamos fazendo palavras cruzadas juntas e ela acertou algumas perguntas.

— Por que não me reconhece? — pergunto.

— Não sei. Tem dias em que fica bem confusa. Tente não se preocupar — diz Suzanne, encolhendo os ombros.

Estou no trabalho e recebo uma das ligações que vinha temendo receber.

— É a srta. Pietrykowski? — diz uma voz feminina, pronunciando meu sobrenome com certa dificuldade.

— Sim.

— Ah, olá! Sou enfermeira na enfermaria onde seu pai, o sr...

— Sim? Ele está bem? O que aconteceu?

Philip, que estava falando com uma cliente, me olha por cima dos ombros dela e ergue as sobrancelhas, curioso.

— Ele está bem, srta. Pietry...

— Olhe, sei que é bem complicado, pode me chamar de Roberta.

— É bastante mesmo, Roberta. Obrigada. Seu pai teve de vir ao hospital, uma ambulância o trouxe aqui há mais ou menos uma hora. Ele está bem, meio desconfortável, mas está estável.

— Mas o que aconteceu?

— Dificuldade para respirar. Está com uma máscara de oxigênio. Os médicos querem mudar a medicação dele e mandá-lo para casa novamente, mas não hoje. Sei que ele quer ir para casa assim que possível.

Papai me havia feito jurar que ele morreria em casa, e eu prometi isso a ele. Não acho que vá morrer tão cedo, e sempre tenho de lembrá-lo disso.

Agradeço a enfermeira, desligo o telefone e digo a Sophie que tenho de ir embora. Pego a bolsa e o casaco e, enquanto me apresso em direção à porta, Philip grita por trás de mim para que eu demore o tempo que precisar.

## CAPÍTULO 10

A sra. Compton sorria para Dorothy enquanto bebericavam o chá e evitavam, como sempre, qualquer assunto de importância. Dorothy — também como sempre — não a havia convidado e torcia para que a mulher fosse embora logo. Tentava não olhar para ela, não encarar por muito tempo aqueles olhos que eram tão frios e rígidos quanto um banheiro no inverno. Talvez, se ficasse quieta por um bom tempo, a sra. Compton entendesse a dica e fosse embora. Como Dorothy desejava que as duas amigas estivessem lá, com as conversas altas e francas, a aparente falta de medo e a atitude sensata em relação à vida. Sempre diziam que Dorothy era “boa demais”. Só que às vezes você precisa se defender. Não custa nada. Mas as meninas estavam pelos campos, em North Barn, atoladas até os cotovelos de cocô de vaca, palha, leite, bezerros, placentas e sangue. E Dorothy não sabia o que “se defender” queria dizer.

Também não entendia por que a sra. Compton havia decidido aparecer tão rápido após a última visita. A mulher não parava de lhe fazer perguntas tolas como “Você está bem?”, “Como está o machucado na barriga? Já está cicatrizando?”. O rosto dela já estava com uma aparência melhor e não ficaria cicatriz, dava para perceber. Que alívio, não é mesmo?

Dorothy dava respostas superficiais e corretas e tomava o chá.

— E como você tem passado? — perguntou a sra. Compton, previsível como de costume.

Dorothy dava à mulher as respostas que ela esperava ouvir, mal prestando atenção no que dizia. Não via Jan há três dias. Algo estava acontecendo, os aviões iam e vinham sem parar. Havia rumores de que os alemães estavam se posicionando para atacar, de

que iriam incendiar o país inteiro, que invadiriam a qualquer momento, e que isso aconteceria em breve. Estava acontecendo um massacre nas ruas de Varsóvia. Os judeus estavam sendo cercados, talvez também em Cracóvia?

Dorothy não deu ouvidos aos rumores. Continuou lavando as roupas, costurando, cozinhando e tomando conta das galinhas. Pensava no quanto queria ver Jan, em como desejava que ele aparecesse na porta da lavanderia, austero e forte, surgindo através da umidade como um salvador.

— As notícias sobre a guerra não são boas — anunciou a sra. Compton.

Dorothy não respondeu. Não conseguiu pensar em nada para dizer.

— Calculo que estejamos à beira dela — continuou a senhora, inclinando-se para frente, como se convidasse Dorothy a falar, a se abrir, a abrir um sorriso para ela.

Carrancuda, rude, pouco comunicativa, Dorothy não se importava. Sabia que seria chamada daquelas coisas e de outras. Mais tarde, no vilarejo, a sra. Compton balançaria a cabeça e fofocaria sobre ela com as outras mulheres. Dorothy sabia que era misteriosa, e por isso as pessoas não gostavam muito dela. Sabia que não tinha amigos.

Por fim, a sra. Compton se levantou para ir embora, prometendo retornar na semana seguinte.

— Não precisa se incomodar — disse Dorothy, com esperança de que o tom de voz soasse determinado e seguro.

— Ah, mas gosto de ficar sabendo das novidades das minhas amigas!

*Mas eu não sou sua amiga, sou minha própria amiga. Agora, por favor, vá embora e não se dê ao trabalho de voltar. Nunca. Sua bruxa velha e intrometida. Sua ladra de bebês.*

É óbvio que Dorothy não disse isso. Limitou-se a sorrir de forma seca e cheia de desdém, e disse para si mesma, em sua cabeça, que parecia estar oca: “Suma daqui, mulher, me deixe em paz!”.

Uma semana e meia se passou e Dorothy não teve notícias de Jan. Resignada, deduziu que o havia afastado para sempre com a reação que teve ao beijo dele. Talvez a tivesse achado imatura e neurótica, talvez achasse que não gostava dele e que não queria mais vê-lo. Talvez simplesmente não tivesse gostado de beijá-la tanto quanto havia imaginado que gostaria.

Ah, como aquilo era desapontador, e Dorothy não parava de se censurar. O que mais esperava? O que mais poderia merecer?

Mas, enfim, ele apareceu. Outro toque confiante na porta, outro buquê de flores, outro sorriso que parecia lhe dar as boas-vindas, ainda que fosse ele o convidado. Jan entrou na cozinha, tirou o chapéu, abriu o botão de cima da camisa e se sentou na cadeira que Dorothy havia lhe oferecido. Ela tinha vontade de perguntar por que ele não a havia visitado por quase quinze dias, mas não podia fazer aquilo. Não era da conta dela, não era importante. Preparou o chá, enquanto ele a observava em silêncio. Queria que ele dissesse algo, ainda que gostasse da intensidade daquele silêncio entre eles. Era outro dia quente, e ele havia arregaçado as mangas da blusa, deixando os antebraços bronzeados, esbeltos e fortes à mostra.

Dorothy tentava não reparar. Tudo aquilo era tão inapropriado, mas... céus, ela não conseguia se controlar, e não admitia para si mesma, apesar de todo o anseio, o que havia acontecido com ela. Ainda não tinha aceitado o estado em que se encontrava.

Os braços dele eram pura poesia.

— Tenho novidades — disse Jan depois de algum tempo, limpando a garganta e pegando a xícara e o pires das mãos de Dorothy. — Obrigado — disse e bebericou.

— Novidades boas ou ruins?

Agora que estavam conversando, tudo estava bem de novo. Podia se comportar como a senhora de meia-idade educada e interessada, que ficara amiga do estrangeiro que falava a língua dela tão bem e estava tão longe de casa. Era o bom senso batendo à porta.

— Bom, depende de como você vai interpretá-la.

— Não me parecem boas por enquanto. Continue.

— Vou embora de Lodderston. Não só eu, mas meus homens também. Formamos um esquadrão de verdade.

— Para onde vocês vão?

— Para Kent. Fica mais perto de onde as lutas estão acontecendo.

— Faz sentido.

— Faz perfeito sentido, querida, não faz?

— Você aceita um biscoitinho? Fiz hoje pela manhã. Falta um pouco de açúcar, mas estão perfeitamente aceitáveis, pelo menos é o que Nina sempre diz. — E passou o prato para o outro lado da mesa.

— Obrigado — Jan pegou um biscoitinho, que devorou rapidamente, pegando outro logo em seguida.

— E quando você vai? — perguntou Dorothy, sem querer saber a resposta.

— Hoje.

— Hoje! Bem, entendo, as coisas acontecem muito de repente hoje em dia, não é mesmo?

— Peço desculpas. Devia tê-la avisado de que isso poderia acontecer. Mas estivemos muito ocupados treinando, voando e negociando com a RAF.

— Ah, não, por favor, não precisa se desculpar. Você não me deve nada, Jan. E achei mesmo que algo desse tipo pudesse acontecer.

— Sempre piora antes de melhorar, você sabe disso, não é, Dorothea?

— É óbvio. Não sou estúpida.

— Não, você não é.

Houve uma pausa.

— Espero que não — disse ela, preenchendo o silêncio.

— Então devo ir. Mas prometo voltar quando for possível. Visitarei minha amiga na casinha dela feita de tijolos.

— Você me faz parecer uma personagem de contos de fada.

— Mas você é.

Dorothy sentiu o rubor tomar conta dela; uma alergia estranha, violenta e furiosa que subia pelo seu corpo. A coluna formigava.

— Entendo. Bem, certamente estarei por aqui. Ou assim espero.

— Que bom, tomara que esteja mesmo! Agora tenho de ir. Obrigado pelo chá.

— Você tem de ir agora?

— Sim. Sinto muito.

— Mas você ficará bem, não é?

Jan inclinou o corpo por cima da mesa e segurou o rosto de Dorothy nas mãos, olhando firme em seus olhos, que não ousaram piscar.

— Dou minha palavra — disse, e a soltou.

Então não a beijaria novamente.

Jan levantou-se e vestiu o casaco. Dorothy o acompanhou mais uma vez até o portão de entrada e observou enquanto subia na bicicleta.

— Mas você realmente ficará bem?

Dorothy colocou a mão no braço dele. Ficou maravilhada com a força e a solidez daquele corpo. Fantasiava que a pele dos dois se fundia e eles desapareciam na segurança quente e crua do corpo um do outro. Mas ela não tinha o direito de pensar coisas tão brutas em relação àquele homem. Era uma mulher casada.

— Sim. Já te disse. Sempre tenho boa sorte. Sorte polonesa. Posso lhe mandar uma carta? Por favor.

E, pela primeira vez, ele não parecia o homem confiante de trinta anos que sempre aparentou ser, e sim um garotinho. Colocou a outra mão por cima da dela.

— Sim, é claro. Mas eu não escrevo cartas — respondeu, corando mais uma vez.

Ele era bom demais em deixá-la constrangida.

— E por que não?

— Não gosto de como as escrevo.

— Você é estranha. Mas agora é uma boa hora para abrir uma exceção, não acha?

— Talvez.

Ele afastou a mão e olhou para a dela, que ainda repousava sobre o braço dele. Apressada, ela puxou o braço e prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, corando ainda mais. Jan pareceu não notar.

— Partiremos em duas horas, três no máximo. Iremos à luta agora que seus compatriotas acordaram e perceberam o que podemos conquistar. Talvez na França, talvez na Inglaterra. Então preciso voltar e me preparar. Só saí para vir dizer adeus a você, minha nova amiga, mas tenho de voltar logo. Procure por mim, passaremos voando aqui por cima, e quero que acene para mim. Estarei à frente do esquadrão.

Jan começou a pedalar. Olhou para trás e acenou para Dorothy, o que fez com que cambaleasse na bicicleta.

— Sra. Sinclair? — gritou olhando para trás. — Seus biscoitinhos precisam mesmo de um pouquinho mais de açúcar!

Dorothy começou a rir.

Mas, quando ele desapareceu por completo, a risada sumiu dos lábios dela e as lágrimas tomaram conta dos olhos. Um medo concreto fervia seu sangue, apesar de garantir não sentir mais isso — ledão engano, claro. Então não era mais a Dorothea para ele. A intimidade entre eles havia dado um passo para trás e era tudo culpa dela. Era agora a “nova amiga”. Era a sra. Sinclair outra vez. Dorothy iria se livrar daquele medo todo, porque se ele podia, ela também podia. Jan disse que tinha boa sorte. Existiria mesmo essa tal “sorte polonesa”? Que ideia! Mas era algo para lhe dar esperança de que ele ficaria bem. Não havia espaço para o medo.

Dorothy voltou à cozinha e, mesmo com toda a mania de economia, picou o resto dos biscoitos em pedacinhos, carregou-os para o jardim no prato de botões de rosa e os jogou no chão para que as galinhas comessem.

Demorou-se no jardim, recolhendo devagar as roupas lavadas, que o sol já havia secado e endurecido. O céu estava muito azul, e os raios de sol batiam nela como que em um açoite. Dorothy ficou só com a blusa e a saia, e abriu os dois botões de cima da roupa, confiante de que não receberia mais visitas naquele dia. Tirou a meia-calça, algo que vinha fazendo com frequência naquele verão, e sentiu o calor intenso do sol contra as pernas descobertas, como se estivesse sendo acariciada por um gigante.

Admitiu para si mesma que estava encantada. Sozinha no jardim, solta e sem ninguém para observá-la, podia se abrir, e foi o que ela fez. Tinha vontade de beijar Jan, de abraçá-lo, queria que ele...

Ela simplesmente o queria.

E, ouvindo o rugido distante do esquadrão de Hurricanes ligando os motores, Dorothy parou de trabalhar e olhou em direção a Lodderston. Abandonou as roupas lavadas e a segurança do jardim e foi em direção a Long Acre, onde observou as aeronaves surgirem por trás das árvores, uma a uma, no lado mais distante do campo, e entrarem em formação. Dorothy protegeu os olhos do sol, e, em questão de segundos, o esquadrão já estava vindo em sua direção. O Hurricane à frente desceu de nível de repente, baixando mais e mais, voando em direção a ela como se fosse colidir, e, por um momento, pareceu a Dorothy que ele *fosse mesmo* bater. E de repente ela se transportou para aquele dia em maio, mas, dessa vez, Dorothy não queria acabar com a própria vida. Era óbvio que era Jan, mantendo o avião sob absoluto controle, como era de se esperar. E ele acenou para ela, acenou sim, e voava tão baixo que ela podia até ver o sorriso largo, a mão coberta pelas luvas acenando para frente e para trás como um bichinho mecânico.

Aquele momento pertencia a eles, era só deles, um momento que nunca poderia ser tirado dela. Aquele homem tão gentil e sorridente voando por sobre ela estava se preparando para matar outros homens gentis e sorridentes. Para matar, mutilar e machucar outros homens. Ela sabia como ele estava ansioso por isso. Ele já havia matado.

Tudo aquilo era muito peculiar. Ele era corajoso, ou era malvado, ou talvez fosse os dois — uma coisa não anula a outra, não é mesmo? E Jan se foi, à frente de todos como o líder de um punhado de gansos. E Dorothy ficou esperando e observando até que o esquadrão inteiro tivesse cortado o céu. Não demorou muito até que não os pudesse mais ouvir, até que já tivessem voado além do horizonte, e Dorothy sabia bem que talvez nunca mais visse o líder do esquadrão. Talvez tivesse partido para sempre, sido arrancado de sua vida, da amizade que crescia após um início tão rápido. Assim como tinha acontecido com Sidney, o bebê querido, roxo, azul e

morto. Jan poderia ser derrubado do céu por um capricho do destino ou, ainda mais provável, por algum guerreiro alemão. As coisas acontecem porque elas podem acontecer, ele havia dito, e embora aquela ideia devesse ser reconfortante, não era.

Lutando para controlar as lágrimas, Dorothy recolheu o resto das roupas lavadas, dobrou, passou, arejou e, enquanto fazia as tarefas rotineiras, relembrou cada momento que havia passado com Jan — as conversas, o beijo, as danças. Jurou que rezaria por ele todos os dias, que rezaria para aquele céu gigante e vazio onde Jan estava, mesmo que Deus não estivesse lá também.

Jan podia vê-la, pequena e distante, não entre os lençóis brancos, fronhas e toalhas de mesa que ondulavam com a brisa no jardim como bandeiras brancas gigantes, mas sim parada no meio do campo, estática, como um espantalho solitário. Queria que aquela inglesa, que talvez nunca mais visse, se rendesse. Ele já havia avisado os homens que voaria baixo sobre o jardim dela porque havia feito uma promessa, e ignorou as risadinhas, as cotoveladas e as piscadelas que a declaração havia gerado. Todos sabiam que o líder tinha se apaixonado por aquela inglesa (talvez viúva?). Davam apoio a ele e faziam piadinhas pelos rádios enquanto ele descia de nível, à frente do resto do esquadrão. Jan desligou o aparelho; aquele momento pertencia somente aos dois. Queria ficar sozinho com ela. Viu como o rosto dela se ergueu como o de uma criança enquanto estava parada lá, sozinha, no meio do campo, olhando para o céu, ansiosa e maravilhada. Jan sorriu e acenou, e se convenceu de que ela o havia visto claramente e acenado de volta.

Depois que já havia passado por ela, pelos jardins e pelos campos ao redor, permitiu-se soluçar uma vez, e depois outra, daí estrangulou um terceiro soluço e ligou o rádio outra vez para recomendar aos homens que ficassem atentos e tomassem cuidado; precisaria de todos eles nos próximos dias, nas próximas semanas e, possivelmente, nos próximos meses. E que Deus nos livre, mas talvez até mesmo nos próximos anos. Se encontrassem qualquer nave da Luftwaffe durante a viagem — o que não era provável, mas ainda

assim era possível —, deveriam abater os alemães. Não havia espaço para misericórdia.

Sabia que não precisava dizer aquilo, mas, mesmo assim, lembrou aos homens:

— Lembrem-se — disse em polonês —, esses bastardos nazistas merecem tudo o que vão ter.

---

## CAPÍTULO 11

---

24 de junho de 1940

Querida Dorothea,

*Eis aqui a primeira das cartas que lhe escrevo. Espero que a primeira de muitas — ainda que, é claro, isso queira dizer que não estamos juntos. Mas melhor assim do que morto, não? Você me viu acenar na terça passada? Você me pareceu muito triste. Espero que esteja mais feliz agora. Gostaria de ter escrito antes, mas há sempre algo a ser feito por aqui.*

*Não se preocupe comigo, ainda não encontrei nenhuma situação de risco. Meus homens e eu estamos treinando muito, e sempre nos pedem para fazer aquilo que já sabemos fazer. É muito frustrante! Somos humilhados, e não podemos discutir. Mas discuto mesmo assim, porque falo inglês. Tenho debatido, mas ainda não cheguei a lugar nenhum. Mas não vou desistir. Acho que já estão cansados dos meus resmungos. Algumas pessoas aqui são muito arrogantes, acham que só os ingleses sabem voar. Ah, me perdoe, estou irritado. Mas no fim vai dar tudo certo.*

*Estamos morando em bons alojamentos. A comida é boa, comemos bastante e as camas são confortáveis. Tenho um quarto só para mim, claro, supersilencioso, no fim do corredor. Posso fechar a porta, me isolar do mundo e escrever para você. Espero por sua carta.*

Jan

2 de julho de 1940

Querida Dorothea,

Não tive resposta sua, mas acredito que você tenha recebido minha carta. Mando outra agora. Mal redigida, acredito, pois estou cansado. Continuo discutindo com eles. Às vezes me questiono se deveria mesmo ter me dado ao trabalho de vir para a Inglaterra. Mas não tinha para onde ir. Mesmo assim, tudo isso é frustrante. Meus homens estão furiosos, mas o que se pode fazer? As engrenagens das mentes inglesas parecem girar devagar. Não confiam em nós, mas acho que deveriam ficar gratos por poderem contar com nossa ajuda, com nossa experiência e habilidade. Agora querem que meu esquadrão fique sob a liderança de um inglês. Parece que nem meu inglês é bom o suficiente.

Mas e você, minha querida amiga? O que está acontecendo? Meu palpite é que as coisas continuam iguais. E as meninas? Ainda trabalham duro, ainda a distraem? São boas moças, boas companhias para a minha amiga, solitária na casinha vermelha escondida nos campos de Lincolnshire. Penso sempre em você. Não sei quando poderemos nos ver novamente, mas espero que seja em breve.

Sinto sua falta. Por favor, me escreva.

Jan

6 de agosto de 1940

Querida Dorothea,

Às vezes é mais fácil colocar no papel nossos pensamentos e sentimentos mais profundos do que falar sobre eles. Tenho de lhe dizer que as poucas semanas que passamos juntos foram as

*melhores da minha vida. Apesar de tudo o que aconteceu, está acontecendo, e ainda vai acontecer, sempre serei grato ao que quer que tenha me trazido à Inglaterra e a você. Não tenho tido muito tempo para escrever, parece que temos de praticar mais e mais todos os dias, mas... para quê? Os oficiais britânicos não gostam de mim, sei disso. Meus homens estão desesperados para voar e combater os alemães. Precisamos de combate. Acho que iremos em breve, eles vão perceber que estavam desperdiçando nosso talento. Os dias têm sido longos, e, na maior parte, quentes e ensolarados, então há várias batalhas acontecendo. A Luftwaffe não dá descanso à RAF. Hoje o dia foi mais calmo e tive chance de descansar.*

*Estou com medo, Dorothea. Quando se encontra felicidade e bem-estar verdadeiros na vida, é difícil dizer adeus. Então não haverá um adeus entre nós. Voltarei, e só a morte me impedirá de fazer isso. Você pode me escrever também? Com frequência? O mais que puder? Até que possa visitá-la novamente?*

*Não quero me despedir, então não vou fazê-lo. Isto é temporário. Sentaremos em breve no jardim e conversaremos, falaremos de novo desse Deus em que não acreditamos e beberemos seu delicioso chá.*

*Até lá, pense sempre em mim — como pensarei em você.*

*Seu Jan*

*12 de agosto de 1940*

*Querida Dorothea,*

*Espero que tenha recebido minha última carta. Finalmente estamos na ativa, em um combate de verdade! Nosso esquadrão foi reconhecido e estamos voando todos os dias. Meus homens estão finalmente felizes, e estou no comando. Lembra que lhe disse que queriam um líder inglês? Outros esquadrões poloneses têm um Smith ou Jones no comando, mas o nosso tem Jan*

*Pietrykowski. Confiam em mim! Já derrubamos alguns alemães; eu mesmo derrubei um Stuka, perseguindo-o pelo céu. Foi um momento de pura emoção para mim. A RAF já sofreu várias baixas, aposto que você ouviu as notícias. Todos os dias acreditamos que vamos sobreviver, mas muitos acordam para o último dia de vida. Não acredito que tudo isto possa acabar bem, mas devemos ter confiança. A Luftwaffe é forte e persistente, e não é fácil nos equipararmos a eles. Não ousa e nem quero pensar no que pode acontecer aos meus homens, para dizer a verdade. Nada podemos fazer, a não ser lutar e ter esperança. E pelo menos agora estamos lutando, o que já é melhor do que aqueles treinos idiotas. Mesmo assim, já escrevi várias cartas às mães e aos pais de filhos mortos na guerra.*

*Vou lhe contar um pouco sobre o meu dia. É isto que devemos fazer: acordamos e saímos da cama às quatro ou quatro e meia da madrugada. É cedo, mas necessário. Tomamos café, bacon e ovos, às vezes salmão defumado. Sempre comemos torrada com manteiga e muito chá, que não é tão bom quanto o seu. Vamos para a concentração e ficamos lá esperando, esperando que o telefone toque, o que pode acontecer a qualquer momento. Às vezes, quando o tempo está ruim, esperamos por horas. Fico jogando pôquer com os homens e ganho sempre. Jogamos apenas com palitos de fósforo. Também jogamos xadrez. Deitamos na grama, temos espreguiçadeiras, e lemos jornais e livros. Dias chuvosos e nublados são os melhores, porque conseguimos descansar um pouco, e, às vezes, nem chegamos a voar. Mas na maioria das vezes o tempo está bom e saímos cedo, às vezes duas, três, quatro vezes, a qualquer momento. Meus homens estão exaustos, dormem quando podem. Quando há trégua, acabam dormindo o dia ou a noite toda, mas quase não há trégua. Dormir tornou-se um luxo. Às vezes, ouço alguns homens chorando à noite. Tento confortá-los, mas o medo e o desespero são fortes demais, e só mesmo na manhã seguinte conseguem reunir coragem outra vez para comer, voar e combater. Quando decolamos, alguns passam mal. Saltamos de nossas peles quando o telefone toca. O barulhinho antes que o telefone comece a tocar*

*não é um som muito agradável e todos ficamos nervosos; a espera é horrível. Você deve imaginar.*

*Mas até que estamos indo bem. Ontem mesmo meu esquadrão abateu dois Stukas. Foi um dia muito bom. Eu mesmo acertei um deles, como lhe contei. Mesmo assim, sinto-me mal por causar uma morte, não sei por quê. O Stuka caiu no mar, não sobrou ninguém da tripulação alemã, que achei que odiasse. Será que odeio? Sou mesmo um assassino? Não sei ao certo. Só sei dizer que sou um lutador.*

*Como está a vida? E os céus acima de você? A colheita já começou? Aggie e Nina continuam iguais? Ainda se divertem com o gramofone?*

*Tenho de parar por aqui, Dorothea. Há muito a ser feito e em pouco tempo. Tenho relatórios por fazer. Também venho fazendo o diário de bordo do esquadrão, que precisa ser escrito enquanto o dia ainda está fresco na memória. São uma e meia da manhã; estou cansado, mas estou vivo. Não se preocupe.*

*Até a próxima,  
Seu Jan*

*19 de agosto de 1940*

*Querido Jan,*

*Você pode não acreditar, mas é verdade. Esta é a primeira carta que escrevo, a não ser pelas três ou quatro que mandei para minha mãe após o casamento, mas essas eu não conto. Sinto muito por não escrever antes. Não tenho outra desculpa a não ser estupidez e reticência. A palavra escrita é algo permanente, e isso sempre me assusta de alguma forma. Mas lhe escrevo agora, com amizade e confiança.*

*Obrigada por todas as palavras bondosas que você escreveu nas cartas, que sempre chegam, não se preocupe, e que sempre recebo com alegria. As últimas semanas foram muito especiais e*

*sempre me lembrarei delas. Você é um homem muito bom, Jan, bom demais para uma mulher como eu. Por favor, não se perturbe pensando em mim enquanto estiver atarefado aí. Você já tem coisas demais para se preocupar. Não sou digna da profundidade do sentimento que você expressa. Sei de seus sentimentos e deveria gostar de retribuí-los, mas é uma causa perdida.*

*Sei que você ficará bem. Tenho esperança e acredito que ficará. Quando tiver tempo, se tiver folga, venha me visitar. As meninas e eu ficaremos felizes em vê-lo.*

*Dorothy*

*25 de agosto de 1940*

*Querida Dorothea,*

*Foi uma grande alegria receber sua carta, todas as 195 palavras nela contidas. Mas você está errada. Você é digna, sim. E há sempre esperança. Esperança é tudo que temos agora — todos nós aqui. Temo que suas cidades serão as próximas a serem afetadas, estou certo disso. Você não disse que as meninas eram de Londres? As famílias delas moram lá? A Luftwaffe bombardeou Londres na noite de ontem, espero que não aconteça novamente. Nossas baixas continuam, mas ainda acho que temos pessoal suficiente para lutar, contando com a RAF. E o seu Winston Churchill fala bem sobre os pilotos, incluindo os poloneses. Você deve tê-lo ouvido falar no rádio. Somos vistos como heróis! Não como assassinos. Estamos animados, apesar de todas as mortes ao nosso redor. É um milagre continuarmos firmes assim, mas, é lógico, há um preço para tudo.*

*E você? Continua com as roupas e com a costura? Você é uma mulher trabalhadora. Acho que se você não estiver trabalhando ou ocupada, você acabará envolta demais em pensamentos e aflita.*

*Agora tenho de escrever para uma mãe em Polska. O filho dela morreu ontem e o corpo se perdeu no mar. Não sei se as cartas são entregues, mas tenho de enviá-las. Peço coragem para fazer um bom trabalho e trazer algum conforto à mãe do rapaz.*

*Seu Jan*

*16 de setembro de 1940*

*Querida Dorothea,*

*O outono chegou e, com ele, uma mudança de tática, como achava que fosse acontecer. Você se lembra que eu disse que isso aconteceria?*

*Você está bem? Duvido muito que a Luftwaffe esteja interessada em bombardear a sra. Dorothea Sinclair na pequena cabana onde mora, perdida entre os campos de Lincolnshire. Mas você tem de tomar cuidado, já que está tão perto do aeródromo — os alemães atacam qualquer um: mulheres, crianças, isso não importa para eles. Disse que isso aconteceria e vem acontecendo mesmo. Esses nazistas, esses alemães são todos covardes, mas são covardes perigosos. Ficamos sabendo que ontem foi um dia bom para a RAF. Lutamos e acertamos. Não está sendo fácil para a Luftwaffe.*

*Espero ter um pouco de descanso nas próximas semanas, talvez em outubro. Se isso acontecer, posso visitá-la? Sentar-me com você mais uma vez na cabana é um grande sonho para mim.*

*Até mais,*

*Seu Jan*

*20 de setembro de 1940*

Querido Jan,

A pobre Aggie ficou sabendo que o noivo dela foi morto. O nome dele era Roger e pilotava um Spitfire em um esquadrão. Nem sabia que era noiva e que iria se casar. Conheceu o jovem pouco tempo antes de deixar Londres e me disse que estava apaixonada. Está aos prantos. Nina e eu tentamos animá-la, mas ela só fala em voltar para Londres, uma ideia que nos faz tremer, já que tudo isso está acontecendo por lá. Acho que ficará muito melhor aqui, aproveitando a segurança relativa do interior. Ela ainda vai aos bailes e aos bares com frequência.

As notícias de Aggie me fizeram pensar em Albert, meu marido, se algo assim vai acontecer com ele, embora, é claro, esteja no exército. Como ainda somos casados, será que eu receberia um telegrama? Penso em você todos os dias. Devo confessar que comecei a rezar por você, orações de todos os tipos. Soa estúpido demais?

O tempo está esfriando, e já posso sentir o inverno se aproximando. As árvores já estão perdendo as folhas e o vento tem soprado forte, uivando ao redor da casa à noite. Por favor, venha nos visitar em outubro. Posso improvisar uma cama no quarto extra, é tudo bem pequeno, mas confortável. Avise-me com antecedência se for possível, para que eu faça os preparativos. Você acha que terá alguma folga durante o Natal? Ainda falta muito tempo, eu sei, mas precisamos de expectativas.

Nina está bem, se bem que fez algo bem engraçado ontem à noite. Estava tentando animar Aggie, tentando fazê-la dançar — você sabe, elas adoram fazer isso —, e, bem, a Nina caiu com tudo no chão e ficou lá desmaiada por um minuto ou dois. Colocamos a cabeça dela entre as pernas e depois a levamos para a cama, e a fizemos beber um pouco de chocolate quente. Aggie me disse que ela dormiu bem. Hoje de manhã, quando foram trabalhar, Nina até que estava bem. Acho que ela trabalha demais.

Algumas bombas caíram no aeródromo de Lodderstone na semana passada. Nada demais, alguns estragos, pelo que

*ouvimos, e dois agentes foram mortos. O barulho foi indescritível, então nem consigo imaginar como as coisas são em Londres ou em Liverpool.*

*Não tenho mais novidades. Os dias passam sem graça aqui, e as coisas continuam como sempre. Suponho que, no fim, isso seja bom.*

*Dorothy*

## CAPÍTULO 12

*Para minha melhor amiga, Charlotte, pelo seu 30º aniversário, porque ela também adora fazer compras!*

Dedicatória encontrada em uma página em branco da edição da Penguin Classics de *Madame Bovary*, do escritor Gustave Flaubert. Evidentemente, Charlotte não gosta muito de ler. Não fosse pela dedicatória, seria uma cópia nova. O livro foi colocado na prateleira de clássicos de ficção no hall de entrada, por 2,50 libras. Eu mesma o comprei após algumas semanas e, desde então, já o li duas vezes.

No fim, papai ficou bem, graças a Deus. Após três dias no hospital, a respiração se estabilizou e o autorizaram a voltar para casa. Tenho ido visitá-lo todos os dias depois do trabalho. Ele precisa descansar bastante, mas não me deixa fazer as coisas por ele. Nunca deixará. Conversamos, tomamos chá, comemos muffins — “Tem coisas que até um homem muito doente pode comer!” —, assistimos ao noticiário e, depois, a *Pointless* — que ele sempre ganha de mim, quando tentamos acertar as respostas feitas aos participantes. Mas, apesar de sua boa recuperação, sei que não posso fazer nenhuma pergunta sobre a carta. Não seria justo incomodá-lo, e seria cruel deixar o mundo ainda mais conturbado dentro da cabeça dele. Mas me pergunto se o mundo dele realmente *iria* virar de cabeça para baixo, ou se isso aconteceria com o meu?

Além disso, minha visita à vovó não foi muito produtiva, ainda que tenha sido um prazer vê-la depois que a confusão inicial terminou. No fim, Suzanne nos deixou sozinhas e fiquei lá sentada

com minha *babunia*, segurando a mão dela e fazendo comentários sobre o jardim. Ainda não sei se ela me reconheceu.

Já nas visitas seguintes, *babunia* me reconheceu e sorriu, e me perguntou quando o filho viria visitá-la também. Tenho ido lá todas as semanas, e é sempre um prazer encontrar antes a Suzanne, que me conta como ela tem estado, as coisas que diz e as preocupações dela. Suzanne me explica que essas preocupações são quase sempre sem fundamento, e eu balanço a cabeça, compreendendo o que ela diz. Ela sempre foi assim, digo a Suzanne. Digo que fico muito grata por ela ter se tornado amiga da vovó; é um alívio saber que alguém está cuidando dela, alguém em quem podemos confiar. Suzanne diz que o prazer é dela. É claro que papai também tem vontade de visitá-la, e irá comigo quando estiver bem disposto, mas é difícil inventar desculpas. *Babunia* não é boba, e provavelmente vai suspeitar logo de cara que algo está errado. Ele mudou muito, e para pior.

Ainda não mencionei a carta de Jan para nenhum deles. Preciso achar a hora certa.

Estou na Old & New, onde sempre é possível me encontrar. Philip e eu estamos realizando a nobre tarefa de reorganizar algumas das prateleiras no grande salão de livros velhos. Ele quer também que as janelas francesas que dão para o pátio sejam polidas, fechadas e trancadas, já que estamos chegando no fim de setembro e fechamos o jardim durante o inverno. Jenna não veio trabalhar hoje. Philip explica que ela não está se sentindo muito bem, que ficou na cama bebendo uísque e água quente — receita que a mãe lhe dera para curar qualquer coisa. Tenho minhas próprias ideias sobre a doença, mas não digo nada. Espero que esteja bem, mas ela não me dirá nada. Temo que nossa amizade tenha acabado.

Sophie está no balcão, onde uma mulher de voz culta, educada e confiante chega perguntando por mim. De imediato a reconheço, e congelo. Uma onda de adrenalina negativa corre pelas minhas veias, uma certeza horripilante. Olho para Philip, que me olha de volta sem entender muito bem. Um zumbido começa a soar dentro dos

meus ouvidos, uma cacofonia de vozes amaldiçoadas. Isso não pode estar acontecendo, não, não, não! Não isso e não agora.

— Roberta? — Sophie me chama.

— Não se preocupe, eu a encontro — diz Francesca Dearhead.

Os passos lentos e decididos do salto alto podiam ser ouvidos cada vez mais nítidos, à medida que ela se aproximava do salão dos fundos. Veio me procurar, como sabia bem que faria mais cedo ou mais tarde. E agora estava aqui, parada no vão da porta.

Como uma criança, tenho esperança de que se fechar os olhos, tudo isso vai parar. Que, se me concentrar no pensamento de que nada disso está acontecendo, o zumbido no meu corpo vai parar neste instante. Mas nada acontece, e o zumbido só fica mais alto.

O perfume da sra. Dearhead flutua ao redor dela, e não é cheiro de desinfetante, e sim de algo caro e gostoso. E quando abro os olhos de novo, lá está ela me encarando, as mãos magras nos quadris magros, e um sorriso enjoado e triunfante nos lábios, revelando dentes brancos e perfeitos. Parece ser mais alta que eu, embora provavelmente seja da minha altura. Elegante, está vestindo um casaco de lã creme, e o cabelo preto está irretocável. Aquela mulher está invadindo meu espaço pessoal e acabo dando um passo para trás, intimidada.

— Sua mulherzinha *indecente!* — Sussurra, olhando para mim como se eu fosse uma tarântula.

— Espere um minuto — interrompe Philip. — Ele apoia a pilha de livros em um banquinho, tira os óculos e encara a mulher. Com um movimento quase imperceptível, aproxima-se de mim um ou dois centímetros.

— Você tem conhecimento de que essa... funcionária... tem saído com meu marido? — diz a sra. Dearhead. — Você sabe quem é o meu marido?

— Vagamente — diz Philip, limpando os óculos e os colocando de volta. — E *ocê?* Sabe que essa é *minha* livraria, e que não tolero nenhuma forma de abuso, seja físico ou verbal, contra mim ou qualquer membro da minha equipe? Ficou claro? E também não dou ouvidos a fofocas.

Os poucos clientes, que antes estavam folheando livros, conversando e murmurando, agora estão mudos. Há um silêncio sepulcral na Old & New. Alguém tosse, acho que ouço até um “Shhh!” abafado.

— Essa mulher tem de ser despedida! — retruca, perdendo um pouco a compostura e apontando para mim com um aceno desdenhoso da mão magra.

Fico imaginando se teria tocado o marido recentemente com aquelas mãos. É muito mais atraente do que eu havia imaginado, e também muito mais jovem. Será que eles ainda...? É óbvio que sim. Não seja tão inocente, Roberta. Meu Deus, Jenna tinha razão.

— Sou eu quem contrato e demito as pessoas aqui — diz Philip aturdido. Francesca e eu olhamos para ele, pegas de surpresa. Ele realmente havia dito aquilo?

— Você tem algo a declarar? — diz ela, virando-se para mim.

— Acho que tenho sim, na verdade.

— Então, por favor, diga. Estou ouvindo.

— Não estou saindo com seu marido.

— É claro que você ia negar, mas sei que está.

— Não, não estou. Quem lhe disse isso?

Sei com toda certeza que ele não teria contado sobre nosso romance para ninguém, muito menos para a esposa. Não faria sentido, especialmente agora que eu tinha terminado.

— Isso é da minha conta — diz a sra. Dearhead.

Respiro fundo. Dá para ver que está decidida e não vai desistir. Não tenho muita escolha se quiser salvar o resto de dignidade que ainda me resta.

— Eu *estava* saindo com seu marido. Saímos por um tempo, mas já acabou. Garanto que é a verdade.

— Entendo. Algo mais a declarar?

— Apenas que sinto muito. De verdade. Não sei bem o que aconteceu. Quero dizer, comigo. Foi um erro.

Sei que Sophie e Jenna estão no vão da porta nos observando. Jenna com certeza saiu da cama por causa do tumulto. Seus rostos lindos e joviais parecem ter sido tomados por um horror fascinado e curioso. Olho para Sophie, que faz uma careta. Jenna evita meu

olhar. Atrás delas, a sra. Lucas, cliente assídua que tem um apetite incontrolável pelos romances da Mills & Boon de segunda mão, me observa por cima dos ombros das duas, em choque.

E Francesca Dearhead parece calma novamente, a pele suave e bronzeada sem mostrar nenhuma ruga. Fica me estudando, e os lábios contorcidos denunciam seus pensamentos antes mesmo que os expresse.

— Bem, você não é exatamente como eu imaginava. Você é mais nova, imagino, e é isso. Mas o que mais? Não consigo encontrar nada.

— Chega! — diz Philip.

Jenna fica parecendo um pimentão, olhando para Philip. Sophie olha para mim, erguendo as sobrancelhas.

— Sinto muitíssimo — digo —, mas realmente acabou. E não aconteceu muita coisa, de qualquer forma, se posso ser honesta. Seu marido é apaixonado por você, não por mim. Sou superficial demais para ele. Não sirvo para um homem como ele. Não sou boa o suficiente, como você parece estar sugerindo, e está totalmente certa. E se entrei em um pseudocaso idiota para que seu marido descobrisse quem realmente ama e para que desse valor ao que já tem, então não foi tão ruim assim. Agora, se não se importa, sra. Dearhead, gostaria de voltar ao trabalho.

Francesca Dearhead se vira e passa furiosa por Sophie, Jenna e pela sra. Lucas, que a olham boquiabertas. Ouço o barulho do salto alto nas pedras da laje do salão, ouço a porta da frente se abrindo e se fechando. Uma pausa. O silêncio termina e os clientes murmuram outra vez; há risadinhas e pigarros. Sophie e Jenna recuam como anjos discretos. A sra. Lucas permanece por mais um instante e desaparece também. Sobramos somente Philip e eu.

Não consigo encará-lo.

— Coloque os livros no chão, Roberta — diz ele.

Percebo então que passei o episódio inteiro segurando uma pilha grande de livros, me escondendo atrás deles, usando-os como escudo. Estou tremendo, então Philip pega os livros de minhas mãos e os coloca no chão. Ele se inclina em minha direção e gentilmente retira uma mecha de cabelo do meu rosto. Daí me olha com

cuidado, como alguém olharia para uma vespa perigosa, imaginando se deveria matá-la ou resgatá-la. Nossas cabeças nunca estiveram tão perto. Mas não vou desviar o olhar, não vou virar os olhos para o outro lado como alguém que está envergonhado. Ainda que *esteja* envergonhada, terrivelmente envergonhada, e minha cara deva estar totalmente vermelha e cheia de agonia.

— Vá lá para cima e pegue algo para beber — diz, finalmente desviando o olhar. — Diga para a Jenna não incomodar você. — Bom para você — diz Jenna, me passando o conhaque que havia pedido.

Pego, agradecida, com as mãos trêmulas. O conhaque fica quente e azedo em minha boca, queima a garganta, a barriga e as pernas.

— E então? — digo entre goles.

— Você colocou aquela vaca idiota no devido lugar. Eu teria feito exatamente isso.

— Estava saindo com o marido dela, ela tem todo o direito de ficar brava.

— Mas fazer um escândalo em público dessa forma! Eu ficaria envergonhada de me expor assim, você não ficaria?

— Sim, é lógico, mas ela está chateada, não é? Ela é meio italiana, e você sabe o que dizem sobre os temperamentos mediterrâneos... Achei até que estava calma em relação à coisa toda. Ela só queria resolver as coisas com a rival, e quando descobriu que não sou tão rival assim... não sei. Tive a impressão de que ficou aliviada, mais do que qualquer coisa. Podia ter sido pior.

— Você realmente estava saindo com ele? — pergunta Jenna. — O que vocês disseram era tudo verdade?

— Mais ou menos. Estava saindo com ele, mas não era uma grande paixão de forma alguma, se é isso que você está perguntando.

— É meio velho para você, não é?

— Sim. Mas acabou, de qualquer forma.

— Nossa, foi engraçado. Ouvi o grito dela, acho que a cidade inteira ouviu. Tive de descer para ver o que era aquele escândalo todo! Você causou um escândalo e tanto, Roberta P.

— Jenna?

— Sim?

— Você poderia me deixar sozinha por alguns minutos? Preciso me recuperar um pouco aqui, sabe?

Jenna parecia uma criança levando bronca em público por enfiar o dedo no nariz, mas balançou os ombros indiferente.

— É claro.

E vai embora.

---

## CAPÍTULO 13

---

12 de novembro de 1940

*Minha querida Dorothea,*

*Percebi hoje que não tenho notícias suas há algum tempo. Lembro que hoje é seu aniversário, e aqui vão meus melhores desejos. Confio que você esteja bem. Por aqui, tudo está satisfatório. Ainda estamos lutando, tentando defender Londres, mas as coisas nem sempre vão bem. Ficamos impotentes quando cai a noite, e a frustração é insuportável.*

*Espero poder visitá-la em breve, talvez na primeira semana de dezembro. Um dia ou dois, não mais que isso. Não tive folga em outubro, o que me deixou desapontado, e espero que você também tenha ficado. Estou muito cansado e preciso descansar. Preciso de tempo para relaxar e ficar com minha amiga, e sua deliciosa comida, chá e conversas. O quarto com a caminha parece um lugar maravilhoso para se estar. Preciso de um pouco de paz, Dorothea.*

*Até dezembro!*

*Seu Jan*

As noites se arrastavam, e Dorothy tinha cada vez mais dificuldade em costurar sem a ajuda da luz do sol. Ficava amontoada debaixo da lamparina, acendia velas extras e apertava os olhos sobre o trabalho, franzindo a testa com a boca cheia de alfinetes, o dedal velho e confortável no dedo médio. Ouvia Billie Holiday, escutava as conversas das meninas e pensava em Jan, que estava tão longe e em

perigo. Toda a força e a virilidade não poderiam protegê-lo da vulnerabilidade que ameaçava tomá-lo a qualquer momento do dia ou da noite: uma bala, um motor destruído, uma queda no mar frio e escuro. As possibilidades a assombravam.

Dorothy estava fazendo um conjunto de mantas para sofá, usando uma velha toalha de mesa com manchas teimosas que não conseguira remover. Enfeitava cada uma delas com um modelo circular de botões de rosa, usando fios verde e rosa. Aquela era a terceira; as duas que fizera antes já estavam enfeitando o sofá. Era um trabalho satisfatório, mantinha Dorothy ocupada, e permitia a ela escapar para dentro de si mesma e ter liberdade para pensar em Jan, já que era só nele que queria pensar. Os cabelos negros, os olhos azuis, o sorriso, o inglês quase perfeito, as ideias perspicazes tão parecidas com as dela. O rosto lírico, o sotaque estrangeiro, tão vacilante e educado. A risada eloquente.

Lia e relia as cartas que recebera dele. Mantinha-as em um pequeno feixe, empilhadas na ordem em que as recebera, todas presas com um laço de fita azul-escuro. Ficavam ao lado das roupas de Sidney na maleta. Tinha mais de doze cartas, todas escritas em um papel azul-claro de uma finura incrível, todas escritas em letras bonitas, fáceis de reconhecer como sendo *dele*, manchadas aqui e ali de tinta azul. Ver o carteiro abrir o portão, entrar pela trilha assobiando e depois rir dela quando ela corria até a porta para pegar a entrega havia se tornado o ponto principal de sua semana.

— O amor pegou você de jeito! — Dizia ele.

Mas havia algo de cínico por trás de seus olhos cintilantes, que denunciavam a fofoca e as suspeitas que se seguiriam. Só Deus sabe que histórias ele inventaria no vilarejo, nos bares, e todos zombariam dela. “Fica toda derretida quando chega carta do namoradinho polonês!” Dorothy sabia bem que era o assunto das conversas dos amigos do marido, pessoas que haviam conhecido Albert Sinclair a vida toda.

Que tola devia parecer para todos.

Mas as cartas continuavam chegando. Ela as arrancava das mãos do carteiro e as lia com entusiasmo, uma, duas, três vezes. E aí começava a espera intolerável pela próxima, pontuada aqui e ali por

respostas inadequadas, sempre curtas, ainda que não fossem sucintas. Respostas desinteressantes e sem-graça, nem ao menos esclarecedoras. O imenso desapontamento quando o carteiro não vinha. Foram dias intermináveis.

Por sorte tinha a companhia das meninas, que coloriam sua vida como pássaros do paraíso. É verdade que Aggie andava mais melancólica naqueles dias, mas tentava se animar e, às vezes, até conseguia. Nina e Dorothy tentavam distraí-la, conversar com ela, consolá-la quando as lágrimas apareciam. As duas meninas viviam com medo de receber notícias ruins de suas casas. Os bombardeios continuavam, e as notícias não eram reconfortantes. As três mulheres ouviam os noticiários no rádio todas as noites, quietas, com respeito. As duas amigas falavam em visitar as famílias em Londres, mas os proprietários não permitiam que fossem, o que deixava Dorothy secretamente feliz.

Outro dia de lavar roupas, uma manhã maçante no meio de novembro, o inverno pendurado sobre as janelas do mundo como uma cortina surrada. As meninas haviam saído, estavam caminhando pelos campos enroladas nos casacos, chapéus, luvas e botas, cada uma com uma sacola de almoço preparada por Dorothy — sanduíches de patê de peixe, um ovo cozido, fatias de beterraba em conserva, uma garrafa térmica com chá e um biscoitinho caseiro de lanche. Era o mínimo que Dorothy podia fazer. Ela tinha ovos em casa — muitos ovos, se comparado com o resto do vilarejo —, farinha e manteiga, e até mesmo açúcar. Agora sempre se certificava de ter colocado açúcar suficiente nos biscoitinhos.

Havia uma brisa fria, mas forte o suficiente para secar as roupas. Os lençóis voavam e se debatiam nos varais, as gaiotas e as gralhas sobrevoavam, grasnando e brigando, as nuvens passavam correndo como se estivessem atrasadas para um compromisso. As galinhas, presas à terra como Dorothy, estalavam o bico e ciscavam o chão. E Dorothy, sozinha, se perdia no meio de toda aquela água quente, cristais de soda e sabão, e se perdia também em seus desejos. Eram tantos desejos que não conseguia mais separá-los uns dos outros.

De repente, percebeu que não estava sozinha. Virou-se da máquina, tirando os cabelos do rosto, e lá estava ele — um homem

parado no vão da porta, com uma mala nos ombros que parecia pesada. Estava apoiado contra o batente da porta, tinha um cigarro entre os lábios e o cheiro da fumaça atravessava o vapor.

Ela o encarou.

— Olá, Dot.

— Albert.

Aggie e Nina voltaram ao anoitecer e pareciam surpresas que aquele homem, Albert, estivesse sentado à mesa bebendo chá. Era forte e musculoso, mas os olhos pareciam turvos e inexpressivos, e parecia não se concentrar em nada. Mesmo assim, examinou as meninas da cabeça aos pés, olhando por mais tempo para Aggie.

O jantar foi um acontecimento forçado naquela noite, pontuado por conversas constrangedoras e longas e impenetráveis pausas. Investigadas minuciosamente por Albert, as meninas comiam devagar, substituindo o abandono e o apetite usuais pela formalidade. Até mesmo Nina, sempre faminta, terminou de comer rápido. Todas ficaram ouvindo educadamente as piadas e as histórias que ninguém queria ouvir.

Depois de comer, tomar chá e ouvir a dose diária de notícias no rádio, as meninas bocejaram e disseram que iriam para a cama mais cedo. Dorothy e o marido ficaram sozinhos na sala. Se é que percebeu as mudanças que ela havia feito — a mobília reformada, as almofadas de patchwork que confeccionara no inverno anterior, as mantas do sofá —, não fez nenhum comentário.

— Você ganhou um gramofone?

— Sim.

— De onde surgiu?

— Um amigo me deu. É um... empréstimo.

— Que amigo?

— Você não o conhece.

— Ah, então é assim?

— Não, não é “assim”, em absoluto.

Mantendo a voz baixa e com um tom estável, Dorothy explicou o que havia acontecido em maio e junho, e o respeito e a amizade que

havia despertado no líder do esquadrão. Não mencionou as cartas. Não mencionou o beijo, ou a falta que sentia dele e de seus braços magros, fortes e bronzeados.

— Certo, tudo bem, então — disse Albert, encostando-se no sofá com as mãos atrás da cabeça, as pernas esticadas para a frente.

— Posso perguntar, Albert? O que... por que você está aqui?

— Um homem pode voltar para casa, não pode?

— Acredito que sim, mas você ficou ausente por mais de um ano, sem mandar notícias. Não sabia nem se você estava vivo ou morto, e sou sua esposa.

— Não estou morto, estou?

— Não.

— Essas meninas dão trabalho?

— Não.

— Certifique-se de que não façam isso. Você não é mãe delas, certo? Não se preocupe, Dot, não vou ficar por muito tempo. Tenho uma folga de quatro dias, e então terei de voltar. Mas queria vir para casa depois da guerra, se ela acabar um dia. Quero voltar e... fui bastante injusto. Mas quero compensá-la por isso depois, quando as coisas voltarem ao normal. Talvez pudéssemos tentar novamente ter um filho?

O estômago dela rosnou.

— Albert.

— Sim?

— Eu já tenho 40 anos.

Ele balançou a mão com desdém.

— Minha tia Lou teve o último filho aos 42 ou 43, não me lembro bem. Mas já era velha. E estive pensando: talvez devesse lhe mandar algum dinheiro. Para você guardar.

— Não. — A voz dela era firme e cerrada. Não aceitaria dinheiro dele, não agora.

— Um homem deve bancar a esposa.

— Tenho todo o dinheiro de que preciso, obrigada, Albert. Lavo roupas para os proprietários e sou paga por isso. Sou independente agora.

— Ah, entendi. Não me parece muito certo, mesmo assim.

Dorothy se permitiu sorrir. Albert não era um homem malicioso, era apenas homem. Rústico. Não havia ódio de nenhuma das partes. Sim, tinha ficado perplexa e desconcertada quando ele a abandonou, mas estava tudo bem e ela havia retomado a vida depois que ele partiu. Ainda era esposa dele, mas apenas no nome.

Albert pareceu desapontado, mas aceitou quando ela mostrou com firmeza o quartinho com a cama de solteiro. A cama estava feita, coberta com lençóis macios de algodão, dois cobertores de lã e a manta favorita de Dorothy. Albert, que não tinha razão para pensar que o quarto tinha sido preparado antecipadamente para seu retorno, não fez comentários. Sentou-se na caminha e ficou olhando para ela, que permanecia parada no vão da porta. Os olhos dele eram impassíveis. Nunca havia conseguido ler os pensamentos dela. Eram e sempre seriam completos estranhos.

— Boa noite, Albert.

— Boa noite, Dot.

---

## CAPÍTULO 14

---

Albert manteve-se afastado na maior parte do dia seguinte. Dorothy preparou o café da manhã para ele e foi bastante elogiada. Ele passou a manhã distraído-se no jardim e consertando a bicicleta no depósito. Depois do almoço, foi dormir. Quando acordou, por volta das cinco horas, disse que iria até o bar. Dorothy preparou alguns sanduíches e o observou comer antes que partisse.

Albert saiu, enfrentando com a bicicleta a névoa de novembro e a escuridão. Aliviada, Dorothy preparou para si mesma uma jarra fresca de chá e comeu um sanduíche sozinha na sala, já que as meninas ainda não tinham voltado da jornada de trabalho. Ouvia o rádio enquanto o fogo crepitava, quente e brilhante, na lareira. Mesmo assim, sentia-se incomodada. E se os amigos de Albert fizessem *fofocas* no bar? Ele ficaria sabendo de coisas.

*...sua esposa e o líder do esquadrão, aquele polonês. Amigos, é? Por Deus, Bert, são bem amigos mesmo, então. O carteiro diz que ela sobe nas paredes esperando pelas cartas dele.*

*Está louquinha pelo homem. Deixou as mulheres da redondeza muito irritadas. Algumas se insinuaram bastante para ele, mas ele pareceu nem notar. Você perdeu o trem, cara. Azar...*

Albert beberia cerveja e ouviria, sem dizer muita coisa.

\*\*\*

As meninas voltaram para casa cansadas, com frio e com fome, e colocaram um ponto final no desconforto de Dorothy. Jantaram na cozinha, e então as três foram para a sala com as xícaras de chá, para ouvir o rádio. As meninas pareciam tão aliviadas quanto

Dorothy por Albert ter ido ao bar. Ficaram em casa e lhe fizeram companhia enquanto costurava; depois foram escutar o gramofone e nenhuma delas mencionou o nome dele.

Albert cheirava a álcool. A cerveja, que fora sempre sua favorita. Era tarde, e havia nele uma irritabilidade inflamada que Dorothy não gostava, um rubor no rosto que indicava fúria. Indicava perigo, e ela sabia que deveria tomar cuidado. Sempre odiou aquelas noites, que se tornaram mais frequentes conforme o casamento avançava, noites em que ele voltava dos bares bêbado, fedendo, falando alto e, muitas vezes, desagradável. Parecia que aquelas noites estavam de volta.

As meninas tinham ido deitar. Dorothy estava na poltrona perto da janela, costurando sob a luz da lamparina, espiando por cima dos óculos de aro que só usava para trabalhos minuciosos, e somente em casa. Dorothy ainda era vaidosa, ainda que à sua maneira.

Albert se atirou no sofá e ficou calado por alguns minutos, cruzando e descruzando as pernas entre suspiros e pigarros.

Dorothy continuou costurando. Talvez ele dormisse e acordasse na manhã seguinte de ressaca e sem se lembrar de nada. Ela não diria nada a ele.

Albert a olhou furioso, mudou de posição e pigarreou mais uma vez.

Ainda assim, Dorothy continuava em silêncio. Se ele tivesse algo a dizer, que dissesse logo, já era adulto e deveria agir como tal. Ela não diria na...

— Você não vai me contar o que está acontecendo com o filho da puta polonês?

Dorothy continuou a costurar, sem ousar olhar para aquele homem que era seu marido, sem, de fato, ser seu marido. Nem sabia se havia entendido direito o que ele dissera. Sabia bem que Albert era um homem mundano, mas ele nunca, nenhuma vez, havia falado palavras perto dela (a não ser por “maldito”). Nunca havia dito nada tão grosseiro.

— Então? Não vai me falar nada sobre o seu queridinho? — Ele insistiu sarcástico.

— Meu o quê? — disse Dorothy, encarando-o de volta.

— Fiquei sabendo de tudo. Parece que todos já sabiam, menos eu. Flores, cartas, o maldito gramofone! — Albert levantou de um salto e investiu contra o aparelho.

Mas Dorothy chegou antes.

— Não, Albert, deixe o gramofone quieto. Se não for por mim, pela Aggie e pela Nina. Não é seu. É nosso. Sua discussão comigo não tem nada a ver com as meninas. E a música dá a elas muito prazer. A música...

— E quanto prazer seu queridinho lhe dá, hein?

— Não vou entrar nessa discussão, Albert. Não vou. Você está bêbado. Vá se deitar, por favor.

— Não me diga o que fazer em minha própria casa, mulher.

— Essa casa não é sua. Você não mora aqui há meses. A casa é minha.

O tapa que se seguiu foi ardido, certo e forte, e derrubou Dorothy no chão. Ela cambaleou, endireitou-se e colocou a mão sobre a bochecha. O golpe havia acordado a dor daquele dia de maio (fazia tanto tempo assim?), quando tentara “salvar” o jovem piloto polonês. Todos a haviam idolatrado. Mas agora o marido, bêbado e ofegante, havia lhe dado um tapa na cara, sem respeito algum por ela. Albert estava parado na frente dela, com os olhos tão abertos e vazios como o céu de Lincolnshire. E Dorothy não ficou surpresa quando ele a agarrou e rasgou sua blusa, nem quando empurrou a boca contra a dela, com o hálito desagradavelmente doce, enjoativo e acre de tabaco, os dentes rangendo enquanto tentava escapar dele. Albert agarrou seu rosto com uma mão e levantou a saia por cima de seus quadris com a outra. Era forte e implacável. Se fosse em outra época, no passado, talvez Dorothy ficasse quase excitada com aquela situação. Os dedos dele pressionavam suas bochechas.

— Não, Albert! Por favor! — ofegou, mas a mão dele já cobria sua boca.

Dorothy não sabia se ele não a estava ouvindo ou não queria lhe dar ouvidos. Albert girou-a e apertou a cabeça dela contra o sofá, a mão larga e áspera apertando seu pescoço. Ela mal conseguia respirar, muito menos gritar. O marido se ajoelhou atrás dela, empurrou a calcinha de lado com dedos que pareciam balas e, depois de alguns empurrões fora de direção, invadiu o corpo dela, perfurando-a. Solto o pescoço de Dorothy, que segurou a vontade de gritar de dor. Ela só pensava em ficar parada. Não iria se mexer; deixaria que ele acabasse logo com isso, que fizesse o que estava tão determinado a fazer e que, de maneira alguma, acordasse as meninas. Elas não podiam acordar de jeito nenhum! “Não faça barulho, Albert, por favor, pelo amor de Deus. Se as meninas ouvirem e descerem as escadas...” — pensava Dorothy, e mordeu o lábio tão forte que pôde até sentir o gosto brutal do sangue.

Albert apertava seus quadris e os segurava com firmeza. Os movimentos foram diminuindo de velocidade, tornando-se mais rítmicos, como se, de fato, estivessem fazendo amor. Ele a puxava para perto dele com mais força, e depois mais devagar. Estava misericordiosamente quieto e só rompia o silêncio quando murmurava, a cada estocada: “Você é minha, não dele, daquele bastardo polonês. Minha esposa, você é a *minha* esposa”.

Quando acabou, Albert se afastou dela, que permaneceu no sofá com o rosto abaixado, petrificada. Não conseguia pensar nem se mexer, nem ao menos absorver o que havia acontecido com ela. Após algum tempo, puxou a saia para baixo. Ficou no sofá até perceber que a respiração dele estava ficando mais lenta e áspera, como a de um cachorro atarracado. Virando a cabeça, viu que ele estava sentado na cadeira perto na janela, com as pernas e os braços em ângulos contorcidos, a cabeça selvagem tombada para um lado.

Dorothy se virou lentamente até que estivesse sentada no chão e encostou as costas no sofá. Ela tinha se casado com aquele homem. Tinha *amado* aquele homem um dia. Permaneceu imóvel e sem conseguir pensar por um hora ou duas, de olhos bem abertos, até que começou a ficar com frio, até que o sono se tornou aparente. Levantou-se do chão e, sem olhar para o homem que roncava na cadeira perto da janela, deixou a sala sem fazer barulho. Fechou a

porta atrás dela e se arrastou até o quarto, sem se dar ao trabalho de ir ao banheiro antes, nem lavar ou escovar os dentes. Subiu na cama estreita, se enrolando nos lençóis, nos edredons e na manta. A noite estava fria e cheia de névoa, mas ela deve ter dormido e sonhado, porque, na manhã seguinte, acordou com um sol brilhante e quente do lado de fora da janela. Lembrou-se do sonho que tivera: segurava um bebê e beijava sua cabeça macia. Ele cheirava a almíscar, a lavanda, a laranjas e a mel.

Albert havia partido.

Não restara nada dele. Ninguém saberia que Albert Sinclair havia voltado ao encontro da esposa que abandonara, a acusara de adultério e abusara dela em alguns momentos imemoráveis de raiva e ciúme, um acesso comum de ressentimento. Para o mundo, ou seja, para as amigas e as galinhas, Dorothy continuou com a cara de sempre, sem maquiagem ou pretensões, seguindo os hábitos de sempre, fazendo o chá e o café da manhã, embrulhando os almoços, jogando comida para as galinhas, acendendo o fogo da caldeira e observando as amigas irem para North Barn. Pensou na possibilidade de existir um bebê no que sobrou da quentura viçosa e vermelha de seu ventre.

Pensou também em Jan, que estava tão longe, de todas as formas possíveis, sempre.

Os dias se passavam pesados e cinzentos; dias lamacentos de inverno. Tinha medo de ir ao banheiro e ver sangue, interrupções febris frequentes em seus dias. Nas duas semanas que se seguiram à partida de Albert, ela não havia sentido nenhuma cólica, nenhuma tensão, raiva, falta de jeito ou vontade de chorar, o que era comum acontecer antes das menstruações. Ela estava tomada de uma esperança muito grande mais uma vez, uma esperança tão óbvia e misteriosa quanto uma prostituta. Tentou se convencer de que quase tinha valido a pena. Aqueles poucos minutos que Albert tivera de raiva e agressão, os minutos de dor e humilhação, de luxúria — tão gananciosa e de tão curta duração como uma criança solta em uma loja de doces —, o medo que sentia, quando tudo aconteceu, não era, de fato, do que estava acontecendo com ela, e sim medo de ser descoberta. A ideia horrível de Aggie e Nina abrindo a porta, os

rostos em choque. E Dorothy dizendo “*me ajudem*”. Às vezes parecia que aquelas coisas tinham mesmo acontecido. Parecia que se lembrava da cara das meninas, do choque e do nojo que pareciam sentir. Às vezes, enquanto alimentava as galinhas, enquanto remendava meias, estremecia com essas quase-memórias, apavorada com o medo de ser pega.

Ela havia sido pega? Não! Não. Mas e se tivesse sido? A possibilidade se abria diante dela, e, apesar de tudo, era emocionante. Tentou continuar sem saber, tentou ignorar o drama secreto que poderia, *poderia* estar florescendo dentro dela. Tentou não pensar muito, mas era impossível não pensar naquilo, não dar asas à imaginação.

Tentou não se deixar intimidar pelos medos, que eram tão reais; o medo do sangue, do fracasso e da vida sendo lavada para longe com aquele óvulo precioso, as preparações viçosas de seu ventre, a primavera da vida em si. A primavera da vida estava dentro dela, sobre ela, ao seu redor. Era ela, mas ela não tinha autoridade sobre as coisas. Não tinha controle, somente esperança.

## CAPÍTULO 15

Jan voava impassível, mantendo o percurso à espera do inimigo. Ontem tinha derrubado um Dornier. Tinha atirado nele várias vezes, tentando matar o atirador primeiro, como se deve fazer. Ao bombardear a aeronave tinha assistido, com doce satisfação, o avião despencar do céu, descendo em espiral em direção ao chão, agarrado pela gravidade inexorável da terra. Não havia nada como aquilo, pensou, nada que lhe desse tanta satisfação quanto matar os inimigos. Achou que a tripulação havia ficado dentro do Dornier, pois não vira nenhum deles tentando ejetar. Talvez tivesse acertado todos. Mas aquilo era justo. Os únicos alemães bons eram os alemães mortos e, de uma forma ou de outra, ele havia matado quatro de uma vez.

O dia estava claro, mas tão frio que ele não precisava subir muito para sentir o ar gelado. Mas o frio era a última de suas preocupações. O esquadrão voava dia e noite, supostamente protegendo a cidade de Londres das bombas alemãs que continuavam a cair sem trégua. Às vezes, ele e os homens tinham sucesso, às vezes não. Homens morriam quase todos os dias, bons homens poloneses. De alguma forma, hoje, estava vivo. E hoje, sabia, mataria outra vez. Mas ele mesmo não morreria. Era tudo uma questão de fé.

Examinou todo o local: aqui, ali, acima e abaixo. Sempre usava os olhos, as percepções. Não conseguia confiar no novo “navegador por rádio” nem gostava de dar ordens corriqueiras e secas aos outros homens, ainda que aquela fosse sua tarefa, ainda que todos fossem subordinados a ele. Dava as instruções iniciais, mas, enquanto voavam, enquanto estavam no meio de alguma batalha, era cada um

por si. No solo, ele podia até ser o chefe, mas não aqui em cima, nesse espaço diáfano que não pertencia a ninguém. Aqui em cima só existia o caos, o voo e a adrenalina.

Ele os avistou: uma fileira de bombardeiros, os odiados Dorniers, feios, compridos, a morte gravada por toda a fuselagem. Inclinou depressa o Hurricane e ganhou o máximo de altura que conseguiu. Mais alto, mais alto... Ele queria ficar à frente do sol, porque era sempre bom contar com essa vantagem. Seria impossível pegar os bombardeiros dessa vez. O esquadrão estava ladeado pelos incansáveis Messerschmitts, aviões pequenos, rápidos, hábeis e mortais. Uma formação de Spitfires voava abaixo dele, destruindo os 109s. Mas dois estavam atrás dele, Jan sabia, afastando-se do grupo principal e vindo em sua direção, escapando dos Spitfires. A divisão de 109s. Ele só conseguiria manter um na mira.

Cambaleando, estabilizou o Hurricane, mirou e atirou por dois segundos. Errou. Onde estaria o outro? Alguém estaria atrás dele? Achava que sim. Mais dois segundos. Errou, errou e *droga!* Os tiros acertaram o vazio do céu, e o 109 já voava em sua direção, atirando de volta.

Será que ele teria sido atingido? O cheiro de óleo fervendo invadiu a cabine, e tudo era barulho e pânico. Ele sempre havia trabalhado nos confins penetrantes do pânico e o medo era o que o mantinha vivo. Jan puxou para a direita, ganhou altura, desviou, nivelou-se, mirou, atirou, atirou e atirou até acabar a munição. A visão que se seguiu foi a cena familiar de fumaça, morte e a aeronave inimiga girando em direção ao solo, como ele havia previsto. O piloto saltou, e o paraquedas se abriu como uma mariposa gigante de seda saindo do casulo. Jan, extasiado sombriamente pela mira tão perfeita, tomou seu tempo e começou a voar mais baixo, em direção ao piloto alemão que se pendurava, indefeso, pelo céu debaixo de seu gigante paraquedas.

O oficial de voo de Jan, que era inglês, já que não confiavam inteiramente que os polacos pudessem administrar um esquadrão de forma efetiva, gritou no rádio: “Onde diabos ele está?”

Jan continuou, mal dando ouvidos ao inglês pomposo, que estava em pânico. Tinha o paraquedas do inimigo na mira e sabia

que estava agindo contra a Convenção de Genebra. Será que ele seria submetido à corte marcial? Talvez. Mas sabia de pelo menos dois outros polacos de seu esquadrão que haviam feito a mesma coisa, e inúmeros alemães também. Aparentemente, nada acontecia a ninguém, então também não aconteceria com ele. Os britânicos não pareciam aprovar muito, mas e daí? Os nazistas estavam pisando na Convenção de Genebra todos os dias naquela guerra. Os rumores em Cracóvia diziam que eles andavam atirando em pacientes nos hospitais nas macas, e forçando, à mão armada, que alguns homens cavassem os próprios túmulos. Não só homens. Andavam jogando doces no chão, e, enquanto as crianças corriam para pegá-los, os nazistas riam e as chutavam até a morte. Jan não duvidava de nada daquilo.

“Esses bastardos nazistas vão ter o que merecem” — pensou Jan, antes de atirar. Sabia que era a última bala e que não precisava gastá-la daquela maneira.

O paraquedas se fechou sozinho, desaparecendo em uma coluna prateada, letal como uma navalha. Como os ingleses chamavam aquilo? Vela romana? E o alemão que estava pendurado debaixo dele ao deus-dará foi em direção ao solo para encontrar a morte. O nome dele era Hans, ou Dieter, tinha uma namorada em Berlim ou em Munique, tinha uma mãe e um pai. Por mais alguns poucos segundos, tinha um filho. Era uma morte cruel, e Jan sabia disso, mas não eram todas as mortes cruéis?

O que diria a inglesa sobre aquilo? Se se permitisse, ele podia imaginá-la, ver como tirava o cabelo do rosto, mas não se permitia pensar nela enquanto estava voando. Contudo, a morte — assassinato? — daquele jovem alemão entalou em sua garganta, tomou conta de sua cabeça, por um momento, e ele temeu mais que tudo que Dorothy desaprovasse aquilo: ela que havia perdido um filho precioso. Compreendia o que o filho significava para ela. Deveria ter contado a ela como ele...

E por um momento ou dois, Jan perdeu a concentração, não prestou atenção.

Sentiu uma explosão no braço. Sentiu o cheiro ruim do sangue que jorrava e de algo mais, alguma coisa química. Deus, não será o

fluido refrigerador? Sentiu uma sensação torturante, que queimava, ainda que soubesse que não havia fogo. Lutou contra a névoa que ameaçava se aproximar dele e tentou desviar o Hurricane com apenas uma mão, contorcendo-se de dor. Tentou dizer pelo rádio que havia sido atingido e se lembrou então que, claro, havia dois 109. Havia cometido o erro irremediável de ter focado apenas em um, enquanto o outro permanecera intacto. Onde estariam os bombardeiros então? Haviam sumido, haviam escapado, e lançariam seu terror, como Jan havia lançado o seu.

Procurou o outro 109 e o avistou pelo espelho, logo atrás dele, tão perto, tão rápido que jurou que podia ver o bigode do piloto alemão. Jan tombou sua aeronave — uma manobra inútil, ele sabia, mas que, pelo menos, o aproximaria da terra. Estava determinado a aterrissar a aeronave atingida. A RAF não poderia perdê-la sem um bom motivo, e a dor, definitivamente, não era um motivo razoável. Estaria amaldiçoado se simplesmente ficasse sentado lá e morresse. Mal conseguia respirar. De repente, viu o 109 em chamas, a fumaça negra, um gemido estridente, uma torção, uma volta, e ele se foi.

O oficial de voo de Jan gritava pelo rádio que havia acertado o bastardo, e que, “por Deus, pouse, Petrykowski! Agora, se você puder. Volte pra casa, homem!”.

---

## CAPÍTULO 16

---

*3 de outubro de 2010*

*Caro Philip,*

*Venho por meio desta comunicar minha intenção de deixar a Livraria Old & New. Cumprirei uma semana de aviso prévio. Gostei muito dos últimos onze anos, mas sinto que é hora de buscar novos desafios.*

*Atenciosamente,  
Roberta*

Achado por Sophie na lata de lixo debaixo da escrivaninha de Philip.

Pelo menos os clientes já superaram *O Escândalo*. As fofocas diminuíram e ninguém está falando mais sobre mim. Por um tempo, fui a mulher promíscua de lá, mas minha má fama teve vida curta e já sou a velha Roberta (Rebecca?) outra vez, o braço direito de Philip, a fiel funcionária da Old & New. Lá é um ótimo lugar para trabalhar.

Mas Philip não esqueceu. Ele vem mantendo certa distância de mim e evitando falar sobre *O Escândalo*. Não o culpo, é claro, mas queria mesmo que esquecesse tudo isso, como todos aparentam ter feito. Queria que me perdoasse. É claro que pedi desculpas no mesmo dia. Encorajada pelo conhaque que tinha acabado de engolir, naveguei escada abaixo até a loja e encontrei Philip terminando as mudanças na sala dos fundos, lápis na boca, franzindo a testa, o

cabelo talvez um pouco mais rebelde do que antes, e as bochechas um pouco mais rosadas. Ficou olhando para mim quando me viu parada no vão da porta.

— Desculpe, Philip. Nunca achei que... nunca achei que ela... mas ela fez. Não sei mais o que dizer, sério. Sinto muitíssimo.

Ele me olhou com o que eu só posso chamar de insatisfação. Parece que nem chegou a ouvir o pedido de desculpas; apenas suspirou, desviou o olhar e voltou a rabiscar o preço dentro da capa de um livro com as letras floreadas de sempre. Nunca vi ninguém parecer tão desapontado.

— Você pode terminar isso aqui enquanto vou pegar algo para comer? — Disse com um tom cansado. — Estes aqui ainda precisam do preço, aqueles lá precisam ser espanados e estes precisam ser postos na prateleira de baixo como combinamos de manhã. Ah! E não se esqueça de limpar as janelas também, por favor? Ou peça à Sophie que faça isso. Obrigado.

E não falou mais comigo depois disso.

Voltar para casa, para meu apartamento e para a gata que ganhei do Charles Dearhead — Portia — foi um alívio. Conto para a gata o que acontece todos os dias; ela me escuta e depois pede o jantar dela. Preparo também o meu, ou com mais frequência acabo passando manteiga em um pedaço de pão, jogo um pouco de leite no cereal, dou mordidinhas em algum biscoito de chocolate e beberico café. Não consigo dormir, estou cansada, pareço acabada e meu cabelo está escorrido. Sinto muito que tudo isso tenha acontecido.

Estou solitária.

Esse foi o resultado. Solitária, e acredito que um pouco confusa também. Charles Dearhead não significava nada para mim. Na verdade, nem gostava dele. Um chato. Egoísta. Refinado? Será que algum dia acreditei nisso de verdade? Fiz a pobre esposa passar por momentos difíceis; talvez tenha estragado o casamento deles para sempre. Era tudo uma questão de escolha, minha escolha. Nunca mais vou fazer algo assim, eu juro.

E agora meu amigo — a única pessoa cuja opinião me importa, como vim a perceber — parece me desprezar. Venho pensando e

pensando, não consigo parar de pensar, e acho que tenho de sair da Old & New. Philip não me quer lá e deixou isso bem claro. Vou escrever uma carta de demissão esta noite. Acho que ele vai ficar um pouco chocado, embora aliviado, e vai acabar me agradecendo pela minha integridade. Exceto que não tenho nenhuma dignidade. Foi o que provei a mim mesma, ao Philip, à Sophie, à Jenna e a vários outros clientes intrigados e escandalizados. Graças a Deus, meu pai não ficou sabendo de nada.

Será que “caí em desonra”, como a minha avó? Sim, é lógico que sim. E trouxe a desonra para as margens da vida de Philip também, como se não bastasse. Ah, eu deveria viver um pouco ao invés de me esconder em uma livraria a vida toda, molhando os dedos nas águas turvas do sexo com um homem bem mais velho e bem mais casado do que eu. Sophie estava certa.

Não estou com medo de entregar a carta de demissão amanhã. Vou encontrar outro emprego. Tenho minhas economias, não gasto muito com roupas nem comida, tenho um carro econômico. A Old & New é mais um lar para mim do que qualquer outro lugar nesta terra, mas estou determinada a ir embora desse lugar tão cheio de calor e de humor, porque é a coisa certa a ser feita.

Mas isso vai me matar.

De manhã, peço para conversar com Philip. Amável, como de costume, ele me convida a ir ao pequeno escritório do fundo da loja. Fecho a porta com calma e, ao me virar, percebo que ele havia se refugiado atrás da mesa, a mesma mesa ampla e barulhenta em que havia se sentado tão relaxado e cheio de interesse no dia em que me “entrevistou” para a vaga na loja.

— Philip — começo, sem ousar olhar para ele —, queria lhe entregar isso.

— O que é isso?

— É a minha demissão.

Ele pega o papel da minha mão. Sem tirar os olhos de mim, abre o envelope. Lê o papel, rasga-o em dois e o joga no lixo.

— Vamos começar de novo, ok?

— O que você quer dizer?

— Você o ama?

— Não sei bem o que é amar.

— Não seja ridícula. Você o ama?

— Charles Dearhead?

— Há mais alguém?

— Não! E não. Não o amo, por que amaria?

— É exatamente o que venho ponderando. Então que diabos você está fazendo?

— Não estou fazendo nada. Acabou. Eu... eu perdi a cabeça, foi só isso.

— Sim, acho mesmo que perdeu. Sabe, fico me perguntando... me pergunto o que uma mulher como você... por que você está desperdiçando a vida com um homem como ele? Meu Deus, ele é um completo imbecil. Desculpe.

— Você acha?

— Sim, honestamente.

— Seja lá o que você pense, não é da sua conta.

— Ah, é sim.

— Não é, não.

Ficamos em pé, nos encarando, um de cada lado da mesa enorme de noqueira, um obstáculo gigante que parecia que nunca iríamos superar, uma pantomima que nós mesmos criamos. Nenhum dos dois ri. Philip tira os óculos e os limpa, constrangido, na parte da frente da camisa e os coloca de volta, pigarreando, como sempre faz. O rosto dele se contorce em uma estranha inocência suplicante, querendo que eu fizesse o que queria que eu fizesse. Os olhos de Philip se fixam em mim e meu coração...

Ah, meu Deus! Sério! Não. Sou louca só de pensar nisso.

O que está me impedindo? Sou tímida? Não sou *tímida*. Não sou boa o suficiente para ele? Não importa, nada disso importa mais. Acabou, mesmo sem ter nunca começado.

— Olha — diz Philip —, você não pode ir embora.

— Posso, sim.

— Sim, sim é óbvio que pode, mas o que eu quero dizer é que... não quero que você vá.

— E por que não? Fiz você passar uma vergonha terrível.

— Quem passou por uma vergonha foi você mesma, só isso. Mas ninguém se importa. A poeira sempre baixa. Eu a proíbo de ir embora, na verdade. Você se lembra que eu te defendi? Até o fim?

É lógico que lembro.

— Philip... — E, para minha surpresa, começo a soluçar alto. Não queria chorar, odeio quando isso acontece.

— Ah, não! Pelo amor de Deus, aqui, pegue o meu lenço.

Somente um homem como Philip teria um lenço limpo no bolso. Limpo o nariz. “Recomponha-se, Roberta! Resolva isso logo”, digo a mim mesma.

— Achei que você estivesse acostumado a ver mulheres chorando. Por causa da Jenna, digo.

Não é a primeira vez que me arrependo de falar algo sem pensar. Philip me encara, sentindo necessidade de tirar os óculos de novo e passar os dedos pelos cabelos. Ele coloca os óculos na mesa. Espero que não sente em cima deles, sendo tão distraído. Não seria a primeira vez.

— Meu relacionamento com Jenna não é da sua conta.

E sei que o que ele diz é verdade. Eu me odeio. E estou errada, é claro, muito errada. Philip me considera uma funcionária, e apenas uma funcionária. Ele é apaixonado por Jenna e não por mim, e não acredito que eu tenha pensado nisso, admitido essa esperança para mim mesma.

— Sinto muito — digo, riscando meus sonhos —, não quis me intrometer.

— Deixe para lá, Roberta, eu entendo. E você vai continuar aqui. Eu dependo inteiramente de você. Este lugar desmoronaria sem a sua presença.

— E a Sophie?

— Ela é uma menina muito doce e muito capaz, sabe bem o que fazer. Mas você... você dá seriedade a este lugar. Você é a Old & New, entende?

— Seriedade? Eu? Causando escândalos como o da semana passada? Céus, Philip. Você é a Old & New, a loja é sua.

— Nesse caso, *nós* somos a Old & New. Um não pode trabalhar sem o outro. E você não causou escândalo nenhum, quem causou foi aquela mulher medonha. Então, com todo o respeito e com toda a sinceridade, por favor, você vai reconsiderar suas ideias e ficar? Por favor, Roberta.

O fato de estarmos tendo essa conversa já é o suficiente para me convencer. Tenho de ir embora, e tenho de ir embora agora. Dane-se o aviso prévio. Se não for embora já...

— Estou indo, Philip. Me desculpe, vou embora agora.

— Neste instante?

— Sim.

E se, em algum momento, achei que ele fosse subir em cima da mesa, me agarrar e me beijar na boca, me balançando pelos ombros e implorando que eu ficasse, estava errada. Ele me estende a mão e eu a aperto. A mão dele é quente, o aperto é firme, mas ainda assim o toque pareceu frágil, de alguma forma. Os olhos parecem vagos, como se observasse um futuro obscuro e cheio de problemas. E temo que ele vá chorar. Temo o desejo crescente de confortá-lo, então tiro logo a mão e saio do escritório, fechando a porta atrás de mim.

E estou ciente de que o estou deixando para trás, sozinho, me vendo partir em silêncio.

## CAPÍTULO 17

7 de dezembro de 1940

Querido Jan,

Sinto muito por não ter escrito ultimamente. Como você sabe, não gosto muito de cartas e tenho estado muito ocupada com algumas coisas. A guerra e a destruição que ela causa a este mundo podem também estar acontecendo em outro planeta. Vemos e ouvimos muito pouco sobre a guerra agora que o esquadrão se foi. É claro que ainda há atividade no aeródromo, mas não tanto quanto antes. Mas não há mais bombas explodindo, nem Hurricanes pousando a um passo da minha casa, graças a Deus! Sabe, ainda penso naquele jovem piloto e me pesa que tenha morrido daquela forma.

Bem, dezembro chegou. Espero que você consiga vir nos visitar, tenho certeza de que Aggie e Nina ficarão felizes em vê-lo mais uma vez. Aggie está bem, ainda sente falta do namorado e está terrivelmente triste, mas continua na luta. Nina eu fazemos o melhor que podemos para animá-la. Espero que o Natal restaure o humor dela, e, apesar de tudo o que está acontecendo no mundo, vou tentar fazer com que ela tenha um dia feliz.

E quanto ao seu desejo por paz, Jan, possivelmente sou a última pessoa que poderá lhe oferecer isso.

Mesmo assim, sou a sua  
Dorothea

\*\*\*

As cólicas, já tão conhecidas de Dorothy, começaram duas semanas e cinco dias após Albert tê-la estuprado. Conseguiu ignorar a dor por um dia, mas, na manhã seguinte, o sangue começou a jorrar, deixando-a sem escolha a não ser reconhecer mais uma vez a decepção amarga que flagelava sua vida.

Sabia que Albert não voltaria mais, e a ideia a consolava. Tinha esperança de que fosse morto. Isso tornaria tudo mais fácil. E também porque merecia morrer depois do que havia feito a ela.

Ele a havia abandonado, sabendo o quanto ela queria ter outro filho, sabendo muito bem que se fosse embora essa criança nunca nasceria. Mas ela também não o havia abandonado ao se mudar para o quartinho no fundo da casa, fechando a porta para ele todas as noites? Não havia como nascer uma criança se ela não...

Era difícil acreditar que havia se apaixonado um dia por aquele homem. Ele não tinha nada a oferecer, mas nunca o havia considerado um troglodita. Será que teria feito o mesmo com outras mulheres? Achava que não. Só com ela mesmo, a esposa. A ira de Albert era direcionada a ela e a mais ninguém. Ela podia imaginá-lo em outra casa com outra mulher — talvez mais nova, mais simplória... seriam felizes juntos, e ele conseguiria até amá-la, à sua própria maneira.

O pensamento a atormentava mesmo assim. Deveria denunciá-lo? O que exatamente denunciaria? Um soldado voltando para casa na folga e tendo relações com a esposa? Quem acreditaria que ele havia feito algo de errado? E agora já era tarde demais. Talvez ele nem entendesse que havia feito algo errado, ainda que tenha ido embora um dia antes do que dissera que iria. Será que por se sentir culpado? Talvez tivesse aprendido a lição.

E se ela *tivesse* ficado grávida? Como explicaria para Jan? Porque ela sabia muito bem, tinha certeza de que Jan voltaria um dia, de que ela o veria novamente. Ela poderia ter lhe contado a verdade, mas será que acreditaria nela? Talvez achasse aquilo normal. Afinal, Albert ainda era seu marido.

Mas não importava. Não havia bebê algum. Havia somente ela — vazia, machucada e cheia de sangue. Nada a ser contado, nenhuma confissão a ser feita.

Não importava o quanto tentasse, Dorothy não conseguia fazer as palavras rimarem. Então parou de tentar e deixou as palavras darem formato à página como quisessem, como pareciam querer, tendo vida própria. No final, aquela pequena coleção de palavras parecia um poema diante de seus olhos. Sentia que havia escrito a primeira e talvez única poesia. E ela seria a única a julgá-la, pois sabia que nunca mostraria seu trabalho a mais ninguém.

Mas enquanto dava forma às palavras, elas a surpreendiam. Ela as lia e relia, tarde da noite ou de manhã cedo. Dorothy tinha uma sensação estranha e surreal de poder, como se estivesse correndo por uma praia vasta e vazia, sob a areia macia e firme, com uma energia jovial e sem fim. Era como se libertar, ainda que não soubesse ao certo do quê.

---

## CAPÍTULO 18

---

Que sonhos assustadores!

A mulher se rastejava na frente dele, de olhos fechados. Aquela, a mais elegante e mais reservada das mulheres que ele já havia amado um dia. Ele gritava — algo que provavelmente fazia com frequência — e uma das enfermeiras vinha vê-lo em sua cama, tão rápida e tão quieta como uma aparição. Não raramente, era uma enfermeira chamada Sylvia, de uns dezenove anos, que tinha a pele bonita e branca como a de um anjo e o acalmava com alguma palavra tranquilizadora, com um murmúrio suave ou colocando a mão fria em sua testa. Ela verificaria o pulso, segurando o pulso esquerdo, conferindo o batimento cardíaco com o pequeno relógio que levava amarrado como um amuleto no bolso do peito.

Será que ele estava sentindo dor?

Sim, mas não era o tipo de dor de que ela falava, não era um tipo de dor que ela conhecesse, ele pensou.

A dor que sentia no braço não era nada comparada à dor que tinha no coração, que, por sua vez, não se comparava a seu desejo físico. O amor, naquele ponto, já era algo secundário. Admitiu para si mesmo que, mais uma vez, estava tomado de pura luxúria, da emoção mais vulgar de todas. Sylvia e as outras enfermeiras devem ter percebido. Elas lhe davam banho e o vestiam, conheciam bem o corpo dele — mas não importava. Onde estava a vergonha na verdade? Ele havia nascido homem.

Queria voltar para o Hurricane, juntar-se de novo a seus homens. Queria matar mais alemães, o que também era uma forma de luxúria. Às vezes era difícil saber onde uma começava e a outra terminava. Até se perguntava, em alguns momentos tortuosos de

lucidez, se seu estado de excitação se dava exclusivamente por causa da inglesa.

Dorothy. Dorothea. Ele mal conseguia pensar no nome dela.

Sra. Dorothy Sinclair.

A cama do hospital era confortável: branca e firme. Havia quebrado o braço, que doía, machucado e quebrado em vários lugares, como o médico havia dito. Ele o incomodaria pelo resto da vida, e Jan imaginou que sentiria dor e irritação para sempre. Mas ele ainda estava vivo, e estava bem. Voltaria a voar dentro de uma semana, proclamou ao médico.

Por azar era o braço direito, e não conseguia escrever. Pensou em pedir ajuda à enfermeira, mas não, não queria que as palavras que dirigia a uma mulher fossem compartilhadas com outra. As enfermeiras eram bonitas, jovens, confiantes e, pelo menos com ele, namoradeiras. Ele flertaria um pouco também, se não estivesse muito cansado, mas somente por educação. Aquelas eram apenas meninas gentis que faziam tarefas difíceis. Não as desejava.

Veio um médico novo. Sentou-se na cama e se apresentou como dr. Burton. Queria conversar, se ele se sentisse bem para isso. Jan não era bobo e soube imediatamente que se tratava de um psiquiatra. Disse isso ao próprio dr. Burton, que sorriu. Bom, nesse caso, poderiam ser francos.

Não era uma boa ideia voltar a voar tão em breve.

— Tememos que você esteja debilitado mentalmente, exausto. Você vai precisar descansar mais — disse ele.

— Isso não será possível, pois precisam de mim — respondeu Jan.

Era um dia bonito de inverno. A luz do sol parecia pálida e diluída, e pequenas nuvens deslizavam pelo céu azul. Podia ver pela janela outros homens feridos, sentados em cadeiras de roda com cobertores no colo, sendo levados para cá e para lá pelas enfermeiras bonitas, ou então sentados, enquanto fumavam e contemplavam a vista dos jardins do hospital até os campos mais além.

Percebeu, de súbito, que não fazia ideia de onde estava. Que hospital era aquele? Parecia ser um hospital instalado no que fora

antes uma mansão, mas não sabia o nome. Achava que ainda estava em Kent, mas talvez não estivesse. De alguma forma, não havia nem pensado em perguntar.

— Você já parou para pensar na responsabilidade que seria voltar a voar agora? — disse o dr. Burton. — Que sua capacidade de julgar pode ter sido danificada? Sem falar nos seus machucados, que não terão sarado completamente.

Jan achou o novo médico um tanto quanto presunçoso, assim como a maioria dos médicos. Aquele Burton obviamente achava que era Deus. Podia parecer elegante naquelas vestes de flanela cinza, mas, definitivamente, não era Deus e Jan estava determinado a colocar aquele juvenzinho no lugar dele.

— Não estou “debilitado”. Posso voltar hoje mesmo, se você quiser. Não quer? Então dou mais três, não, mais dois dias e volto. Voei até o meu aeródromo usando um só braço duas semanas atrás, se não me engano. O braço está sarado, sinto que está, ou, pelo menos, muito próximo disso. Vou eu mesmo tirar esse gesso se você não tirar, vou, sim — Jan fez um movimento violento, como se rasgasse seu braço machucado.

O dr. Burton balançou a cabeça e começou a fazer várias perguntas a Jan. De que lugar da Polônia ele vinha? Onde aprendera inglês?

Jan, entediado e na defensiva, respondia o mínimo possível.

O médico reiterou o aviso de não agir sem prudência, de pensar no bem e na segurança do esquadrão, assim como na dele mesmo.

Jan manteve o silêncio teimoso. Sabia bem que estava se comportando como um moleque mimado, mas não receberia ordens de um médico que parecia nunca ter matado um coelho, muito menos um ser humano. Jan não poderia se comunicar com um homem daqueles.

O dr. Burton desistiu, agradeceu a Jan pelo tempo que lhe concedeu e saiu.

---

## CAPÍTULO 19

---

Dorothy sorria sozinha enquanto regava com molho as galinhas que Nina havia matado no dia anterior. Ela não conseguia fazer isso, então era sempre Albert quem cortava os pescoços trêmulos das aves. No último ano, não se deu ao trabalho de preparar o almoço de Natal, já que não tinha companhia. Mas, naquele ano, tinha depenado, esartejado e assado a ave com prazer. O cheiro estava ótimo, a casa estava quente e a geada do lado de fora da janela se pendurava no mundo como uma renda lavada, deixando Dorothy e as amigas confortáveis e contentes. Dorothy estava determinada a fazer com que aquele Natal fosse um dia bom para as três. Além do frango, tinha preparado também batatas assadas, pasteizinhos e nabos que tinha colhido do jardim. Também serviria uma garrafa de vinho do porto que havia trazido da casa da mãe e escondido há anos. Dorothy não sabia por que havia trazido a garrafa, era apenas mais um item estranho do enxoval doentio. Talvez aquele dia fosse a razão: Natal de 1940, frio, mas calmo e, até então, seguro.

As meninas beberam duas taças de vinho cada e foram para a sala ouvir suas músicas preferidas de Billie Holiday. Adoraram os presentes que Dorothy havia feito para elas: lenços de linho bem simples que havia tirado do fundo da mala de trapos e depois bordado com as iniciais das amigas, passado e perfumado com um pouco de lavanda. Ainda, para Aggie, ela deu uma echarpe de seda que não usava mais; para Nina, um batom vermelho usado poucas vezes. Não eram presentes incríveis e tinham sido embrulhados em um papel marrom com cordas da cozinha, mas ainda assim era algo para ser colocado debaixo da pequena árvore de Natal para as meninas abrirem.

Dorothy estava feliz de não haver presentes para ela. Nunca tinha gostado muito de presentes. Quando recebia algo, tinha de sorrir e agradecer; sentia-se obrigada a ficar feliz. A ideia de presentes que sua mãe tinha eram coisas como *The Infant's Progress: From the Valley of Destruction to Everlasting Glory*, e outros livros horríveis que Dorothy nunca chegou a ler e acabara escondendo debaixo da cama. Era provável que ainda estivessem lá, pensou, enquanto bebericava o vinho do porto. A emoção e a exuberância que o álcool proporcionava eram sensações que Dorothy não se permitia desfrutar com frequência. Adorava a quentura e a incandescência em sua boca, na garganta, descendo pelo esôfago e passando pelo estômago até chegar nas pernas. Adorava a sensação de se perder, de estar flutuando, a oportunidade de confundir as lembranças e esquecer-las por um momento. Mas não conseguia se esquecer de como Albert havia agido depois de ter bebido demais. Nunca se permitiria chegar a tal estado, de perder a cabeça totalmente nos encantos desastrosos da bebida. Mas era Natal, e hoje se permitiria os prazeres do álcool. Dezembro havia sido um mês de grandes decepções e ela precisava se esquecer de tudo aquilo.

Apesar das promessas, das dicas e sugestões, o líder do esquadrão Jan Pietrykowski não tinha vindo visitá-la. Na verdade, ele não escrevia há mais de um mês. Estaria morto? Dorothy achava que não. *Sabia* que não. Será que estaria ferido? Era possível e provável. Talvez o esquadrão tivesse mudado de cidade novamente? Talvez ele estivesse bravo com ela? Será que sabia, de alguma forma, sobre Albert e a relação breve, vergonhosa e sem culpa que ela tivera com ele? Jan era esperto, e ela não ficaria surpresa se tivesse descoberto pelo tom da última carta, pela escolha cuidadosa de palavras que havia feito. Mas era impossível, não era? Ninguém era tão intuitivo assim.

— O que está acontecendo com você, Dot? — disse Nina, que estava esparramada no sofá com um copo de vinho transbordando na mão roliça, sujo do batom vermelho que ela não tinha conseguido ficar sem experimentar.

O jantar estava quase pronto e Dorothy havia saído um pouco da cozinha para descansar.

— Não foi nada, Nina. O jantar ficará pronto em dez minutos, só estou deixando o frango descansar um pouco — respondeu, afundando na cadeira perto da janela.

— Você é a melhor cozinheira de todas — disse Aggie.

— Ah, não, mas é bom sentir-se útil. Vocês duas pareciam estar com bastante frio hoje pela manhã.

— Está frio demais lá fora — disse Nina, ajeitando-se no sofá enquanto tremia por causa da temperatura.

— Você tem certeza de que está bem?

— Sim, claro que estou. Só estou meio estranha, não consigo ficar confortável. Estou morrendo de fome, mal posso esperar pelo jantar.

Dorothy virou-se para a janela. Devagar, levantou-se da cadeira, petrificada e com os olhos arregalados.

— O que houve, Dot? — disse Aggie, juntando-se a ela e puxando as cortinas amareladas de renda para o lado. — Ah!

O líder do esquadrão Jan Pietrykowski abria o portão, carregando um embrulho marrom em forma de garrafa e um saco de viagem. Um pequeno carro de teto aberto estava estacionado metade na calçada, metade na rua, vermelho e brilhante como um brinquedo novinho em folha. Dorothy se perguntou como não tinham ouvido o carro estacionar, mas a resposta era óbvia: a música estava alta demais.

— Você estava esperando por este momento há meses, e, agora que ele está aqui, vai ficar parada aí? — disse Aggie, tirando a taça da mão dela.

Como se estivesse sonhando, Dorothy tentou ir até a cozinha e abrir a porta para Jan entrar, mas seus joelhos desobedientes não queriam se mover.

— Não consigo — sussurrou.

— Vou lá! — disse Aggie animada, devolvendo o copo para Dorothy antes de sair correndo pela cozinha.

Dorothy olhou perplexa para Nina, que sorriu com seu jeito dissimulado, deu um largo gole no vinho e encolheu os ombros.

Dorothy tateou a cadeira atrás de si e se sentou, mas logo se levantou ao ver Aggie entrando na sala, seguida pelo cheiro inconfundível de uniforme, de goma de cabelo, de doçura. E daquele homem, que era mais lindo do que ela se lembrava. O homem por quem havia esperado tanto estava lá mais uma vez em sua sala, sorrindo ao desembulhar a garrafa de champanhe, olhando Dorothy como se ela fosse a própria Elizabeth Bowes-Lyon, a rainha-mãe.

— Minhas desculpas por vir sem avisar. Recebi permissão para sair no último minuto. Mas só poderei ficar por vinte e quatro horas. Terei de voltar a Kent amanhã.

— Entendo — disse Dorothy. Ela tinha um nó tão grande na garganta que achou que fosse morrer sufocada. Ele era de uma beleza extrema. Não tinha percebido antes? Achava que tinha. Mas algo estava errado, algo estava diferente no jeito como se portava, no jeito como se movia. Ainda a assustava um pouco o quanto ela se importava.

— Mas por enquanto é Natal. Bons tempos, bom vinho. E boa companhia — olhou para ela e sorriu.

Dorothy retribuiu o sorriso.

De repente, era Natal.

Jan a seguiu até a cozinha, onde ela o ajudou a tirar o sobretudo, que estava molhado e frio, colocando-o sobre o cabideiro em frente ao fogo para que secasse. Colunas suaves de vapor tomavam conta do cômodo. Jan abriu a garrafa e serviu o champanhe com a mão esquerda, segurando-a de forma estranha contra o corpo. “*Só Deus sabe onde conseguiu champanhe... Mas quem se importa? É champanhe!*”, pensou Nina.

Dorothy podia perceber bem que ele sentia dor pela forma como mantinha o braço em um ângulo curioso. Mesmo assim, Jan a ajudou a servir o jantar, colocando os pratos pesados na mesa um a um com a ajuda do braço bom.

— Vou chamar as meninas — disse Dorothy.

Mas Jan levou o dedo até os lábios em um sinal de silêncio e balançou a cabeça. Segurou gentilmente os quadris de Dorothy com as duas mãos. Ela desviou o olhar, constrangida. Ele então segurou o queixo dela com a mão que não estava machucada e tombou o rosto

dela suavemente em direção ao seu. Ele a beijou, um beijo suave e leve. Dorothy não queria que aquele beijo acabasse.

— Você emagreceu, não? — disse, soltando-a.

Dorothy abriu os olhos.

Tinha emagrecido? Talvez. De fato, havia perdido um pouco de apetite depois da visita de Albert.

— Estava ansiosa pela sua visita — disse Dorothy, sorrindo timidamente.

Jan deu uma risada larga e calorosa — risada de alguém que não ri com a frequência que deveria — e Dorothy enrubesceu, afastando-se dele para chamar as meninas para comer.

Todos comeram e beberam champanhe e mais vinho do porto. Jan declarou ter esperança de que não estivesse tudo perdido, de que todas aquelas mortes não tivessem sido em vão. Tinha havido uma vitória, incomum, apesar dos bombardeios, e aquela guerra poderia e seria vencida. Não haviam invadido o país e também não parecia que isso fosse acontecer em breve, podiam ter certeza disso.

— Mas não tenho ideia de quando a guerra vai acabar — disse, servindo-se de mais uma taça de vinho. A última taça, já que as meninas haviam insistido.

— Daqui a alguns anos?

— Espero que não, mas acho que sim. Não tenho esperanças de voltar para casa por muito tempo.

Após o jantar, ouviram o discurso do rei e então as meninas abriram espaço na sala, insistindo em dançar, ficando tontas até que Nina, com o rosto vermelho, se jogou no sofá, rindo. Bêbada e cansada, caiu logo no sono e Aggie saiu da cabana para ordenhar as vacas sozinha. “Levaria o triplo do tempo para fazer a tarefa sem ajuda de ninguém”, resmungou para si mesma, Aggie. Mas Nina estava exausta. *“Deixe que ela durma, ela merece descansar um pouco. Afinal, já havia trabalhado como uma mula”*, pensou Aggie, sobre a amiga.

Sozinhos na casa, a não ser pela amiga que dormia, Dorothy e Jan limpavam e lavavam a louça suja. Jan, que tomava cuidado com o braço, estremeceu uma vez ou duas.

— Posso dar uma olhada no seu braço? — Pediu Dorothy, enquanto terminava de guardar o último prato.

— Não é nada — disse ele.

— Mas parece estar doendo bastante.

Jan balançou a cabeça negativamente e mudou de assunto.

— Posso dormir aqui hoje? Pode ser no sofá. Trouxe as minhas coisas. É que está frio demais e praticamente já escureceu. Não estão me esperando por lá antes das dez da manhã.

— Sim, é claro que você pode ficar. Você deve. Preparei o quarto de hóspedes para você semanas atrás.

Após a partida de Albert, Dorothy havia tirado as roupas da cama, virado o colchão e esfregado o chão do quarto. Havia colocado lençóis novos na cama e esfregado a poltrona várias vezes.

Aggie voltou para casa e Dorothy preparou alguns sanduíches e um pouco de chá. Aggie achava que uma das vacas estava sofrendo de mastite. Nina, que agora estava acordada e cheia de preguiça, disse que estava empanturrada, mas ficaria feliz em acompanhar Aggie ao *The Crown*, para “ver quem estava por lá”. As meninas foram correndo até o piso superior e voltaram, alguns minutos depois, com outras roupas e a maquiagem feita. Jan lhes ofereceu carona, uma por vez, no pequeno carro esporte vermelho. Era um MG e havia sido cedido a ele naquela mesma manhã pelo oficial de voo inglês.

— Cuide bem dela, Pietrykowski — disse o oficial. Jan não tinha certeza se ele estava falando do carro.

Dorothy ficou observando e acenou da janela da sala enquanto cada uma das meninas escapulia. Aproveitou que Jan havia saído para levar a segunda menina e fez uma bandeja de chá fresco, que colocou na mesa baixa da sala.

— Obrigada por dar uma carona, ainda mais neste carro, para as meninas. Tenho certeza de que acharam muito chique.

— O carro é chique mesmo, não é? E veloz também. E vermelho! Mas muito gelado, como quando estou voando. Então quer dizer que cheguei a tempo para o seu delicioso jantar.

— Você não me escreveu.

— Desculpe, achei que você fosse gostar da surpresa. Além disso, não podia escrever — disse, levantando o braço.

— É maravilhoso poder ver você novamente. Por favor, posso dar uma olhada no fermento?

— Não há necessidade.

— O que aconteceu com você?

— Nada, não há o que contar. Só um machucado pequeno, um arranhão. Não precisa se preocupar.

Dorothy ficou em silêncio. Bebericou lentamente o chá, concentrada no tique-taque do relógio e em como o fogo crepitava. Sentia o olhar resolutivo do homem caindo sobre ela. Jan se amontoou no canto do sofá, bebendo o chá em goles grandes. Dorothy tinha esperança de que ele se sentiria mais confortável com ela, mas é claro, não podia esperar muita coisa.

Na verdade, eles mal se conheciam.

Ele se lembrava das xícaras da primeira vez em que tomaram chá juntos na cozinha, meses atrás, em maio — meses que pareciam ter sido anos. E sim, ela havia envelhecido. Talvez fosse imperceptível aos outros, mas ele tinha percebido uma ou duas rugas novas ao redor da boca e perto dos olhos. Ela definitivamente estava mais magra. Percebia todas aquelas coisas porque a observava. E a observava como apenas um homem apaixonado faria, dando atenção a cada detalhe.

Poucas mulheres haviam passado pela vida de Jan Pietrykowski: a jovem noiva, que perdeu poucos meses depois do casamento, depois um relacionamento intenso mas curto com uma jovem que o enfeitiçara por algum tempo e, uma vez, apenas uma vez, mas vergonhosamente, a esposa de um colega. Agora que estavam juntos novamente, Dorothy parecia preencher o mundo com feminilidade. Ele havia sentido falta dela e passara horas lendo e relendo aquelas cartas estranhas e empoladas que recebia dela ocasionalmente. Ela não era nenhuma escritora, e provavelmente nenhuma amante profissional, mas, se ele descobrisse isso — se ele fosse além da resistência daquela mulher, se ele tentasse “entrar nas calcinhas dela” (uma frase bem peculiar que ele havia ouvido várias vezes na Inglaterra) —, o feitiço entre os dois seria quebrado

irremediavelmente e para sempre. Naquele momento, odiou ser homem e a sensação física ridícula que sentia toda vez que pensava nela. Vinha pensando em Dorothy com frequência quando ficava sozinho à noite, deitado na cama (e às vezes também quando não estava sozinho, não era de noite e não estava deitado), antes e depois do acidente. Imaginava o prazer tomando conta de seus sentidos, da razão. Imaginava Dorothy sobre ele, de olhos abertos, suando, com o cabelo emaranhado, o rosto enrubescido e os peitos inchados.

E agora, estar ali com ela, em seu lar quente e seguro, era mais do que ele podia aguentar. O medo e a exaustão que havia combatido por tanto tempo finalmente o venciam, e seu rosto desmoronava como o de uma criança maltratada. Levantando-se do sofá, tropeçou quando ia em direção a ela, colidindo contra a bandeja de chá, que balançou na extremidade da mesinha. Jan achou que ela fosse cair, mas ela conseguiu se endireitar.

Jan caiu de joelhos e Dorothy fez carinho em seu cabelo, e acariciou a cabeça dele em seu colo. Ficava feliz por sentir a compaixão dela, saber que a dela permanecera intacta enquanto a dele havia desaparecido.

— Acalme-se, Jan, está tudo bem agora — sussurrou enquanto passava os dedos em seus cabelos negros e brilhantes, hesitante.

Ele começou a chorar. Ela levou a mão para o pescoço dele, e agora o acariciava para frente e para trás, um movimento hipnótico que obteve o efeito desejado. Dorothy pediu mais uma vez para ver o braço dele, e, dessa vez, ele permitiu que ela tirasse sua blusa de lã e levantasse a manga da camisa. O braço estava uma mistura de vermelho e roxo, inchado, mas certamente melhor do que antes. Mesmo assim, a visão a deixava triste.

Mesmo machucado, o braço dele era uma obra de arte, e ela não conseguia parar de contemplá-lo. Aos poucos, os soluços dele diminuíram. O relógio batia e o fogo queimava. A cabeça pesada do piloto ainda estava no colo de Dorothy, e ele permanecia imóvel e mal respirava. Dorothy achou que ele tinha adormecido. Contemplou o cabelo, a curva das orelhas, a minúscula marca de nascença no formato da Itália abaixo dela, as bochechas e a

mandíbula firme. Correu os dedos pela barba por fazer, que começava a crescer como pequenas flechas negras; depois, com as costas da mão, acariciou seu rosto. Ficou observando os olhos fechados daquele homem, que era ao mesmo tempo um menino, observando as lágrimas que formavam um longo e úmido caminho em suas bochechas como gelo fresco. Olhou para seu pescoço forte e esticado contra seu colo como se estivesse na guilhotina. Ele havia se rendido por completo. Aquele era Jan. O ser humano, o homem. Ela permaneceu imóvel, a não ser pela mão que o acariciava.

Atreveu-se a pensar que ele poderia significar a sua felicidade.

Um pouco mais tarde, talvez uma hora depois, Jan finalmente ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Desculpe, Dorothea.

— Não.

— Sou um covarde. Sou mesmo.

— Não.

— Choro como um bebê e durmo no seu colo.

— Eu gosto de bebês.

— Sei disso.

Dorothy o segurou pelos ombros. A força masculina emanava dele e vinha direto para suas mãos, subia pelos braços e ia inundando seu corpo, os pulmões, o coração, a barriga. Rangeu os dentes, segurando-o ainda mais firme, e, por um momento, havia pânico nos olhos dele.

— Jan.

Aquilo não era uma pergunta.

Ela se levantou e ele também. O líder do esquadrão polonês esticou a mão até os cabelos dela e desfez o coque que os prendia. Entrelaçou os fios nos dedos e os cheirou. E então Dorothy investiu contra ele, a boca indo de encontro aos lábios dele, e ela o beijou, assumindo o controle. Jan pareceu aturdido e por um momento ficou sem reação, até que se recompôs, trazendo-a para si. Com apenas um movimento, tomou Dorothy nos braços. Estremeceu outra vez por um momento, mas então a carregou até o piso de cima, procurando a porta de algum quarto — qualquer quarto — para que entrassem. O primeiro que encontrou foi o pequeno quarto

que ela havia preparado para ele. Jan jogou Dorothy na cama, fechando, com um chute, a porta atrás deles.

---

## CAPÍTULO 20

---

17 de novembro de 1944

*Querida Eliza e querido Bert,*

*Escrevo esta carta só para contar que o bebê finalmente nasceu! Foi há quatro noites, logo depois da meia-noite, então fazemos aniversário no mesmo dia! O nome dela é Diana. Mamãe vem me ajudando com as tarefas de casa enquanto descanso um pouco, cuido da Diana e tento dormir. Também venho lendo — é um luxo poder ficar na cama o dia todo! Obrigada pelos livros da Agatha Christie que você mandou no meu aniversário! Estou adorando, e acho que agora entendo por que vocês gostam tanto dela. Diana não dorme muito e está sempre com fome, o que não é muito cômodo para mim. Eu a amo do fundo do meu coração e sempre amarei. Existe alguma mãe que não ame assim? Ah, se Bob estivesse por aqui e pudesse conhecer a filhinha! Meu coração se despedaça cada vez que penso nisso e, aí, como sempre, me desmancho em lágrimas. Mamãe diz que estou com depressão pós-parto, e talvez seja verdade, embora eu ache que realmente tenha motivo suficiente para chorar. Desejem-me força, queridos amigos. Força para ser mãe e pai dessa menininha. Venham me visitar quando puderem. Sinto muito a falta de vocês.*

*Jean*

Encontrei a carta dentro da primeira edição de *A Mão Misteriosa*, da Agatha Christie. Philip me pediu para verificar o livro e embrulhar com celofane a sobrecapa quase imaculada, para protegê-la. O livro

foi colocado no armário trancado de antiguidades por 230 libras, sendo vendido logo depois.

O dia está escuro, mas aqui dentro do abrigo estamos aquecidos e protegidos. Suzanne está lá, e me cumprimenta com um sorriso.

— Como vai a vida? — pergunta.

Conto a maioria das coisas. Gosto de conversar com desconhecidos e semidesconhecidos também. Eles não me julgam. Não conto a ela sobre a carta que *babunia* recebeu do meu avô, ainda que esteja sentindo a tal carta queimando dentro da bolsa, pedindo liberdade. Conto um pouco sobre o caso idiota com o Charles Dearhead, sobre a esposa que veio tirar satisfações e que me demitiu da Old & New. Conto também sobre a doença do papai e sobre como Philip me defendeu.

Suzanne é boa ouvinte. Diz que Philip parece ser uma boa pessoa.

Pergunto se a vovó está bem.

— Não muito. Dorothea anda mais confusa do que lúcida, mas não acho que esteja caduca. Parece que tem algo no pensamento, alguma carga pesada como os idosos costumam ter. Provavelmente não é nada sério, só alguma coisa que guardou para si mesma por todos esses anos e agora tomou grande proporção.

Não sei bem o que dizer. Não trairia os segredos da *babunia*, mesmo se soubesse quais eram.

— De onde vem esse nome pelo qual você a chama, *babunia*?

— Quer dizer “vovó” em polonês.

— Achei que fosse isso. Seu avô era polonês, não era?

— Sim. Acho que ela gosta que eu a chame assim por causa dele. Ele morreu quando ela ainda estava grávida do papai, sabe? Apaixonaram-se durante a guerra, mas só se casaram muito depois, pouco antes de ele morrer.

— Casados?

— Sim.

— Mas a Dorothea nunca chegou a se casar com o seu avô.

— Claro que sim! Eles se casaram em 1940.

— Ah, sinto muito, Roberta. Achei que você soubesse... É que... ela me contou que os dois nunca chegaram a se casar. Ela se casou, sim, mas com outra pessoa. Porém, adotou o sobrenome do seu avô. Acho que ela ficou com vergonha, sabe? Naquela época ter um filho fora do casamento era visto como algo terrível, ainda mais com outro homem! Pode ser que seja isso que a está atormentando. Hum... Agora deixei você chateada, não é? Desculpe.

— Ela só adotou o nome dele, então?

— Parece que sim.

— Existe um certificado comprovando isso?

— Sim. Ela me mostrou logo depois que comecei a trabalhar aqui.

— Posso dar uma olhada?

— Claro que sim.

Um pouco mais tarde, o celular começa a tocar. É Sophie. Tinha ligado para minha casa chorando no dia que saí da Old & New.

Não acreditava que eu tinha ido embora. Quando eu voltaria? Será que não poderia me acertar com o Philip?

Disse a ela que não, que não poderia.

Agora ela me liga para contar que Philip está entrevistando algumas pessoas.

— Tem uma mulher chamada Patrícia, superalta, mais alta ainda que você, que tem cabelo curto e grisalho e usa um monte de colares e pulseiras. Philip me perguntou o que eu achava dela depois que ela saiu e disse que ela não era nada parecida com você. Juro que ele estava quase chorando, Roberta. Ele se trancou logo no escritório e só fui vê-lo outra vez duas horas depois.

— E o que eu posso fazer? — perguntei brava. Nada daquilo era problema meu.

— Acho que nada. Ele vai fazer algumas entrevistas amanhã, outra vez. Jenna está ajudando, mas, para ser honesta, ela mais atrapalha do que ajuda. E ela vem agindo estranhamente, sabe? Depois eu conto como foi.

— Se você quiser contar, legal.

— Você sabe que pode voltar a hora que quiser, não é? Quero dizer, se você entrasse na loja agora mesmo, ele te contrataria de novo sem pestanejar.

— Não sei não.

— Eu acho que sabe, sim.

Odeio a palavra “órfã”. Não sou órfã — quer dizer, não ainda. Aliás, adultos podem ser chamados de órfãos? Sento sozinha no apartamento e tomo uma taça de Pinot Grigio. Não estou exatamente me embebedando, mas sentindo pena de mim mesma, repensando minha vida patética e me odiando. E, é claro, me arrependo da saída abrupta da Old & New. Espero que Philip me ligue implorando para que eu volte, mas meu telefone teima em permanecer em silêncio, frio e sem vida, e o celular dentro da bolsa também parece não ter muito a me dizer.

Penso em ligar para papai, queria falar com ele. Suzanne me mostrou o certificado de 1941, que prova que a vovó realmente mudou o nome dela, por declaração de vontade, de sra. Dorothy Sinclair para sra. Dorothea Pietrykowski. Pelo menos sei agora que a maleta era dela o tempo todo, e agora é minha. Mas e daí se a vovó teve um caso e engravidou? Isso deve ter acontecido muito durante a guerra. Quem será que era o marido dela? Será que ele morreu na guerra também e, por isso, ela mudou de nome? Mas por que será que ela mentiu sobre isso para mim e para o papai? Não me importa se ela era casada ou se teve um ou uma dúzia de casos. Tenho certeza de que papai também não se importaria, ele é supertranquilo em relação à maioria das coisas. Mas, claro, Suzanne estava certa e as coisas eram diferentes naquela época. Entendo que vovó seja um produto de seu tempo.

Será que papai sabe disso tudo? Meu pai querido, que está morrendo aos poucos dessa doença terrível e se negando a aceitar suas limitações. Ele sente aversão por hospitais, e não posso culpá-lo por isso. Minha mãe, Anna, primeira esposa do papai — eles se divorciaram há muito tempo —, não está disponível para mim por razões pessoais. Vovó está confusa e velha, possivelmente a semanas

da morte — embora tenhamos que isso aconteça há uma década ou mais. Terminei o único romance adulto que já tive (não conto o episódio infeliz durante a faculdade), que por si não foi uma tragédia, mas pareceu. Fui exposta ao público como sendo uma destruidora de lares, ainda que, até onde eu saiba, o casamento dos Dearhead tenha ficado intacto. Me afastei da pessoa que, com certeza, é meu melhor e mais confiável amigo. E essa carta, essa carta idiota que queria nunca ter encontrado dentro do *Infant's Progress*, parece contradizer qualquer coisa que a vovó já tenha me contado sobre sua vida.

Bebo vinho e leio a carta mais uma vez, embora já a saiba de cor. Leio em busca de dicas e respostas que sei que não vou encontrar. Não consigo pensar além e não consigo pensar lateralmente. Só consigo pensar no passado, que se descortina aos poucos. Parece que só o que eu posso fazer é esperar que ele se revele sozinho para mim.

## CAPÍTULO 21

Dorothy acordou na manhã seguinte e percebeu que nevava. O quarto estava claro, e o mundo parecia paralisado. Eram cinco da manhã, e calculou que devia ter dormido por três horas, talvez até menos. Sentou-se e fechou as cortinas. Estava frio e a neve deixava tudo branco, e ela resolveu deitar-se novamente e se aconchegar nos braços que a abraçaram durante a noite curta. O dono dos braços se mexeu, beijou a cabeça dela e aconselhou que voltasse a dormir.

— Está nevando, Jan.

Ele então se sentou, inclinou o corpo sobre o dela e olhou pela janela. Exclamou algo em polonês.

— Tenho de me levantar. O carro... antes que tenha neve demais... Desculpe, querida.

— Está tudo bem. Sei que você tem de partir cedo.

Dorothy ficou observando enquanto Jan saía da cama, maravilhada pelo fato de que ele não sentia vergonha de estar nu. Era engraçado pensar em como havia se familiarizado tanto com o corpo de Jan em apenas uma curta noite, quando, na verdade, aquele homem ainda era um estranho para ela. Não se lembrava bem de tudo que haviam desfrutado juntos naquela noite; era como se estivesse embriagada, o que, com certeza, não tinha acontecido. Eram amantes? Sim, sem dúvida. Ele era o amante dela, e todos os boatos eram verdadeiros.

Jan se vestiu e saiu do quarto para usar o banheiro. Dorothy também levantou da cama e caminhou na ponta dos pés até seu quarto, onde espiou pela janela Jan saindo da casa, com a respiração aumentando na luz da neve da manhã.

Levantou-se, vestiu-se e foi para a cozinha. Limpou o fogão de lenha, esvaziando-o e acendendo-o outra vez, e depois esquentou água para fazer o chá. Separou um pouco de pão e de manteiga, pegou também a geleia de groselha. Jan tinha de comer algo antes da longa viagem. Esquentou um pouco mais de água para que ele pudesse se lavar. Jan fez a higiene matinal e se vestiu no quarto de hóspedes, enquanto Dorothy ficou sentada na cozinha, pregando os botões de volta na camisa dele.

Se as meninas perceberam que Dorothy e Jan haviam passado a noite juntos e, é claro que perceberam, não disseram nada. Dorothy as ouviu chegar em casa tarde na noite anterior. Naquela manhã elas se preparavam para um longo dia de trabalho, que deveria ser ainda mais penoso depois das festividades do dia anterior. Enquanto costurava, Dorothy podia ouvi-las comendo pão com geleia, bebendo chá e trocando gentilezas suaves, falando sobre o dia de trabalho que as esperava. Sabia que Aggie e Nina a estavam espiando enquanto consertava a camisa de Jan, e podia sentir o quanto estavam intrigadas.

— Deus, minha barriga está doendo — anunciou Nina, esfregando o estômago e dispensando com um gesto de mão uma segunda fatia de pão com geleia.

— É uma pena ouvir isso — disse Dorothy.

Olhou para Jan, que estava quase pronto para partir. Temia aquela separação e tentava aproveitar os últimos momentos que restavam, mas não conseguia pensar em muitas coisas para dizer.

Nina correu até o banheiro e, ao regressar, parecia pálida e com frio.

— Vocês se divertiram ontem à noite? — Dorothy perguntou, tentando quebrar o silêncio incomum.

— Não tanto quanto... — começou Nina.

Aggie balançou a cabeça.

Dorothy sorriu de forma doce, evitando o olhar tranquilo do líder do esquadrão que, como notou, havia terminado de comer. Olhou para o relógio. Eram quase seis da manhã. Ele tinha de partir, e ela não sabia como conseguiria suportar. Cinco minutos de

separação já seriam demais, pensou, enquanto tentava engolir as lágrimas.

Jan colocou o sobretudo, o cachecol, o chapéu e as luvas, e pegou a mala que havia arrumado antes do café da manhã. Pigarreou. Aggie entendeu a dica e disse a Nina que se apressasse. O casal ficou observando as meninas marcharem devagar e com dificuldade pela neve, indo em direção a North Barn, que ficava além do campo de Long Acre.

— Não quero ir embora, minha querida, mas tenho de fazer isso — disse Jan finalmente.

— Eu sei. Eu entendo. Mas você voltará para mim? Assim que for possível?

— É claro que sim. E você vai me escrever? Direito?

— Sim, vou. Minha carta vai chegar a Kent antes mesmo de você. O que acha?

— É provável que tenha um endereço novo em breve, mas escreva de qualquer forma, as cartas serão encaminhadas. Mandarei o endereço novo assim que possível.

Abraçaram-se e Dorothy começou a chorar. Prepararam-se para se despedir e ela colocou o casaco sobre os ombros para acompanhar Jan pelo jardim, até que partisse no carro. Ele não se importava com a neve, não era nada comparada às nevascas que tinha em seu país. Um último beijo, um aceno, e o motor gelado acelerou, fazendo a neve crepitar enquanto passava por ela até desaparecer por completo.

Mais uma vez, ela estava sozinha.

Dorothy acenou até que ele tivesse contornado o quarteirão e já não pudesse mais ser visto. Um pouco egoísta, uma parte dela desejava que ficasse, que dissesse que estava doente ou incapaz de partir. Mas ela o conhecia. A neve fez que voltasse logo para perto da lareira, para a casa vazia. Limpou o resto do café da manhã e encontrou a camisa dele em cima da cadeira onde a havia deixado ao acordar para preparar a despedida. Tinha pregado todos os botões com exceção de um e acabou se esquecendo de devolver a peça. Teria de enviá-la para ele. Subiu até o quarto no piso de cima, onde o cheiro de suor e de masculinidade permaneciam no ar. As

fronhas ainda estavam amarrotadas. Dorothy deitou-se na cama e fechou os olhos. Queria se lembrar daquela noite para sempre, então teria de começar a recordar naquele mesmo momento, antes que as memórias começassem a desaparecer. Relaxou sobre os travesseiros de penas, que ainda guardavam o cheiro dele; pensou no corpo quente, na boca macia, na língua que passeou por ela e por dentro dela.

Depois de dormir um pouco, levantou-se da cama e se ajeitou, e então resolveu tomar um banho. Mas, antes disso, tinha de soltar as pobres galinhas e fazer o pão e as outras preparações para o jantar das meninas. O lavatório que Jan havia usado naquela manhã precisava ser limpo e a água precisava ser liberada, mas ela não queria fazer aquilo. Desejava até a sujeira dele. Era sagrada para ela. Dorothy sorriu. Sentia-se estranhamente animada.

Depois de terminar de limpar a bagunça do café, foi fazer o pão. Enquanto sovava a massa, os pensamentos fugiam para os acontecimentos do dia e da noite anterior. Tudo havia sido momentâneo e ela sabia disso. Era algo novo trazer um homem como Jan para sua vida, para dentro dela, permitindo que possuísse todas as suas emoções, vendo-a como ela realmente era. Nunca havia se sentido tão completa com Albert, mesmo antes do estupro — um nome horrível para o ato que agora aceitava ter acontecido com ela.

Mas a vida tinha de continuar. Jan tinha partido para trabalhar, para desempenhar seu papel naquele jogo chamado guerra, e ela estava sozinha novamente. Continuaría lavando as roupas, costurando, cozinhando e bancando a mãe daquelas meninas. Sua vida, que finalmente havia sido pontuada pelo amor, não ia mudar, não teria como mudar. Talvez, assim que a guerra acabasse... Mas não ousava pensar que a felicidade pudesse durar para ela. A felicidade era apenas uma ilusão.

Deixou o pão crescendo no armário arejado. Escreveria uma carta selvagem e de menina para Jan, declamando todo seu amor. Ele ficaria surpreso ao receber aquela carta tão depressa, mas ela tinha prometido. Queria que ele sorrisse e tivesse tantas lembranças quanto ela tinha. Escreveria para ele todos os dias!

Foi então até a pequena mesa de carvalho na sala e escreveu febrilmente por mais de meia hora. Sobre o quê? Sobre a alegria. Nas entrelinhas, escrevia sobre o desejo de ser esposa e mãe. Ah, ser mãe! Engraçado, mas Dorothy não havia pensado na ideia de engravidar dessa vez de um filho de Jan. O sexo entre os dois tinha se baseado *neles*, no amor entre eles, no desejo deles. Escreveu na carta como só desejava Jan, dos sonhos que tinha para o futuro, se eles tivessem um. Ao terminar de escrever, leu e releu as palavras e sentiu vontade de escrevê-la outra vez, mas sabia que a arruinaria se o fizesse. Pegou um envelope, beijou a carta e a colocou dentro dele, escreveu o endereço e colocou os selos no papel. Pegou o casaco e as botas e correu pela neve até a caixa de correio no fim da estrada, o cabelo esvoaçando por trás dela.

No retorno à cabana, caminhava pela pista, devagar e desanimada, desfrutando do frio gelado. Sentia-se limpa. Os flocos de neve caíam como bailarinas graciosas e o mundo estava em silêncio.

Até que pensou ouvir um grito chamando pelo seu nome. Outro. Seria Aggie?

Sim, lá estava ela, segurando o chapéu enquanto corria por Long Acre em direção à cabana. Dorothy se apressou e chegou ao jardim enquanto Aggie passava pelo portão dos fundos com o rosto vermelho, sem ar e com os olhos arregalados, tomados pelo terror.

— Aggie? O que aconteceu?

— É a Nina! Acho que está morrendo!

— Morrendo?

— Está no North Barn, você pode vir comigo?

— O que houve com ela?

— Disse que se sentia mal hoje de manhã. Sente enjoos e dores horríveis. Está gritando como uma louca. Corra, Dorothy!

— Meu Deus, será que comeu algo estragado?

— Não sei.

Dorothy trancou a porta da cozinha e as duas saíram. A neve caía cada vez mais intensa. Por que não tinha pedido para Aggie chamar o dr. Soames? Dorothy não era enfermeira e não poderia ajudar Nina. Não era nem mesmo mãe. Nunca havia limpado uma

testa suada, dado uma colher de caldo de carne, nem limpado vômito que não fosse dela mesma.

Dorothy sentia dificuldade em correr no mesmo ritmo de Aggie, que acelerava à medida que se aproximavam do celeiro. A neve agora caía grossa e rápida. Aggie abriu a porta do celeiro e as duas entraram, arfando. Sentiu-se aliviada por estar em um lugar quente. Aggie fechou a porta. O celeiro estava escuro e, enquanto esperava que os olhos se acostumassem, examinou o local em busca de Nina. As mãos sem luva estavam geladas. Parecia que os pés estavam encolhendo dentro das botas de borracha. Respirou fundo, tentando recuperar a respiração.

Nina estava no canto mais longínquo, encolhida sobre uma pilha de palha. Gemia, fazendo um barulho estranho e ardido. Parecia um animal sentindo dor.

— Nina? — Dorothy se ajoelhou ao lado da menina doente e sentiu a temperatura em sua testa.

Não estava nem quente nem fria. Aggie se ajoelhou do outro lado de Nina e segurou a mão da amiga.

— Dot? Ah!

— Onde está doendo? — perguntou Dorothy, tirando o casaco e colocando sobre os ombros de Nina. — Nina, escute. Onde está doendo?

— Deus, o corpo todo! Dói demais! — Nina se contorcia, balançando o corpo e gritando de dor.

Dorothy e Aggie se levantaram. Aggie parecia pequena e perdida. Mas Dorothy ignorou a amiga que tremia como criança.

— Ela comeu algo estranho? Algo que não deveria ter comido? — perguntou em um tom urgente.

— Acho que não. Todos nós comemos demais ontem.

— Mas todos comemos as mesmas coisas, e eu e você estamos bem e Jan também estava. Não entendo. Nina? Você tem tido enjoo, não? Ah, sim, um pouquinho. Não importa. Tem sentido mais alguma coisa diferente? Você anda com diarreia?

— Lógico que não! — gritou Aggie.

— Nina?

— Tive de ir ao banheiro três vezes esta manhã, mas não fui mais desde então. Ah, não, não, meu Deus!

— Aggie, vá correndo chamar o dr. Soames! Se ele não estiver, procure a sra. Compton. Antes ela do que ninguém; acho que ela fez um curso de enfermagem uma vez, e ela tem um telefone. Acho que teremos de chamar uma ambulância. Algo está obviamente errado, talvez algum problema no apêndice?

— Mas isso não pode ser perigoso?

— Acho que sim, mas ela vai ficar bem. Agora vá buscar ajuda, por favor.

— Você vai ficar aqui com ela, não vai? Dot? Ela não vai morrer, não é?

— É lógico que vou ficar, e é claro que não vai morrer. Que ideia! Mas não há muito que eu possa fazer aqui. Agora corra, Aggie!

A neve se lançava através da porta pesada do celeiro enquanto Aggie tentava abri-la. Olhando para Nina com ansiedade uma última vez, a menina deixou o celeiro, fechando a porta com força atrás dela.

Nina suava de olhos fechados, enquanto permanecia deitada, em silêncio. Dorothy se agachou e tocou o rosto da menina.

— Não estou aguentando! — disse Nina começando a chorar. — Vou morrer! Estou falando sério!

— Bobagem! Aggie foi buscar o dr. Soames; você ficará perfeitamente bem, Nina.

— Ai, merda, merda, merda!

Nina debatia-se como uma selvagem diante de Dorothy. Puxou a mulher e a fez perder o equilíbrio, e Dorothy caiu a seu lado. Nina não parava, não soltava a amiga, e começou a apertar o braço de Dorothy com mais e mais força, gritando em seu ouvido. Dorothy lutou para se livrar da menina desesperada e sentar-se nos calcanhares novamente. Engoliu com dificuldade e olhou para Nina, que se contorcia agoniada entre as palhas, convencida de que ia morrer — e foi então que a compreensão raiou sobre ela, forte como o sol no Egito.

Correu até a porta do celeiro com mil pensamentos na cabeça, as conclusões abarrotando sua mente e reanimando-a como nunca havia acontecido. Era aquilo, tudo estava claro de repente! Ah, como tinha sido cega!

— Aggie! — gritou no meio da nevasca, mais forte do que um dia tinha imaginado conseguir gritar. — Aggie!

Esperou, mas Aggie provavelmente já estava fora de alcance para ouvir o chamado, e Dorothy não a avistava mais no meio do turbilhão de neve. Fechou a porta com força e se atirou ao lado de Nina mais uma vez. Virou o rosto da menina em sua direção e olhou direto dentro de seus olhos selvagens e cheios de medo.

— Nina, quando foi seu último sangramento? Sabe? Sua última menstruação? Você se lembra?

— Não lembro.

— Você tem engordado um pouco, não tem? Tive de afrouxar suas roupas várias vezes, não é?

— E que diabos isso tem a ver?

— Você tem sentido algum movimento estranho dentro de você, dentro do corpo? Cutucadas e empurrões? Chutes? Cambalhotas?

— Venho tendo muitos gases, e, às vezes, dor.

— Nina, não se trata de gases. Bem, não apenas gases. Acho que tem um bebê dentro de você.

— O quê?

— E provavelmente vai nascer logo. Acho que teremos de resolver isso nós mesmas. Tudo bem, Nina, segure minha mão, isso. Segure firme. Agente firme e vamos tirar a calcinha. Certo, nada de pânico, é isso. Respire, Nina.

Nina chorava e gemia enquanto apertava as mãos de Dorothy.

— Não resista — disse Dorothy, baixando o tom de voz a um murmúrio à medida que os gritos da menina se acalmavam. — É isso! Meu Deus, não acredito! Como posso ter sido tão cega?

— Do que você está falando?

— Você está tendo um filho.

— Você está louca? Um filho? Dentro de mim? Um bebê?

— Sim, é isso. Segure firme em mim. Isso, tudo bem. Bom trabalho! Tudo isso já vai passar.

Nina soltou um grito, depois foi se acalmando aos poucos e se deitou quieta outra vez.

— Estou grávida?

— Por que você não nos contou?

— Eu não sabia, juro.

— Como pode não saber que está grávida?

— Não tenho ideia! Simplesmente não sabia, é só o que posso dizer. Você tem certeza?

— Nina, você está em trabalho de parto. Acho que está sentindo as dores do parto, que vêm em ondas. É o seu corpo tentando empurrar o bebê para fora. Você está dando à luz!

— Estou tendo um filho neste momento? Mas eu não posso... Ah, não! Está vindo de novo! Me ajude, Dot, por favor!

Dorothy segurou a menina e a abanou até que a dor diminuísse.

Nina relaxou novamente.

— Como você não sabia? — Dorothy deu uma bronca. — Ah, sua tolinha cega! Você nem suspeitava? Não achou que isso pudesse acontecer? Escute o que digo, você está no fim da gravidez. O que você sente são as dores do parto. Elas vêm e vão e são muito, muito fortes, não é? Sim? Eu sei. Agente firme mais uma vez. Isso, Nina, respire! Respire! Isso, menina, bom trabalho! Agora, vou tirar suas roupas, só a parte de baixo, e dar uma olhada, porque acho que vai nascer em breve. Eu conheço bem essas coisas.

Nina olhou descontrolada para Dorothy, buscando o rosto da mulher como se não falassem a mesma língua, como se não tivesse entendido.

— Nina, pode tirar sua calça e as roupas de baixo, por favor?

— Não dá — gemeu Nina, tomada de agonia mais uma vez, contorcendo-se e debatendo-se entre gemidos.

As dores vinham velozes, uma após a outra. Dorothy sabia bem que o bebê estava para nascer. Tirou as botas de Nina e abaixou a calcinha da menina, que já estava molhada. Como se estivesse sonhando, Dorothy separou com cuidado as pernas da amiga. Não precisou observar por muito tempo para saber que Nina estava, de fato, tendo os espasmos do parto.

— Você vai mesmo ter um bebê, Nina, é certeza. Já dá para ver a cabeça. Agora ouça: sei que dói, mas você *está* tendo um filho, está quase na hora. Vai doer mesmo, mas isso não quer dizer que você esteja doente ou morrendo, juro. Você tem de estar consciente disso. Ah, por que raios você não nos contou?

— Juro que não sabia! — Arfou.

— É o que você diz, mas... Bem, deixe isso para lá agora. Mantenha o casaco nos ombros se for possível, Nina. Isso! Vai ser bom para o bebê quando sair e vai mantê-lo aquecido. Precisamos aquecê-lo o máximo possível, a qualquer custo. Você vai precisar de algo para colocar debaixo de você. Tem alguma coisa para usarmos? Qualquer coisa?

Dorothy olhou ao redor e encontrou uma lona do outro lado do celeiro. Ao correr para pegá-la, viu uma fila de vacas em suas baias, com as respirações efêmeras saindo das narinas enquanto mugiam baixinho e comiam o feno, observando, fascinadas, o drama do nascimento de um ser humano revelando-se diante dos olhos delas. Dorothy estava tão focada em Nina que não as tinha percebido antes, mas aquelas presenças eram agora um conforto inesperado. Dorothy pegou a lona, desdobrou-a e a sacudiu. Onde estaria Aggie? Com sorte, já teria encontrado o dr. Soames ou a sra. Compton. Mas mesmo enquanto pensava nisso, Dorothy tremia por dentro. Queria fazer aquilo sozinha. A intimidade naquele celeiro, as vacas curiosas, a pobre amiga infeliz em trabalho de parto e ela... ela sozinha, para ajudar a trazer uma criança para este mundo. A sra. Compton... bem, não se podia confiar naquela mulher perto de recém-nascidos. Ela provavelmente estragaria tudo.

Dorothy virou Nina de lado, colocou a lona por baixo dela e a voltou para a posição em que estava. Ajoelhou-se, então, ao lado de Nina e pediu que a amiga segurasse suas mãos, que as apertasse com força.

— Nina, escute. Da próxima vez que as dores vierem, tente empurrar. Empurre como se você... como posso dizer? Como se você estivesse no banheiro. Entende o que quero dizer?

— Você quer dizer... cagando?

— Exatamente. Não segure, Nina. É tudo perfeitamente natural. Nós duas somos mulheres, não precisa ficar com vergonha mesmo se você fizer isso.

— Mas o bebê não vai sair daquele buraco, não é?

— O que você acha? Tenho certeza de que você já viu várias vacas dando à luz. Por Deus, Nina.

— Não acho que eu vá me cagar. Ah, Dot! Não me deixe aqui! Meu Deus, meu Deus!

Nina fez força. Era uma mulher forte, mesmo estando cansada. E era capaz, mesmo que estivesse em choque.

— É isso, Nina, continue. Meu Deus, está quase lá. Tente respirar, respire antes que venha a próxima dor. Isso.

— Não posso estar tendo um bebê. Eu perceberia, não é?

— Não pense nisso agora. Você está tendo um filho sim, acredite. Está pronta? Segure minhas mãos e não solte. Está vendo? Não são quentes e fortes? Agora segure, respire fundo e empurre, Nina, empurre!

Nina olhou para Dorothy, o olhar assustado focado no da amiga mais velha. A cabeça do bebê começou a aparecer e Dorothy soltou as mãos de Nina das suas, e foi se ajoelhar na frente da menina em trabalho de parto, esperando com as mãos esticadas. Parecia que o sol ia brilhar sobre ela, mais forte e mais brilhante do que nunca; que iria despontar detrás de nuvens pesadas e negras e que a vida finalmente se tornaria iluminada e calorosa. Mas Dorothy não sabia por que tinha aquela sensação.

Nina, com o rosto vermelho e suado, jogou a cabeça para trás e berrou. E do corpo dela surgiu uma cabeça de cabelos escuros, um rostinho vermelho estressado, depois ombros, braços arroxeados, uma barriguinha, pernas e então um cordão umbilical cinza gosmento e sangue, meleca e uma inundação gelatinosa de líquidos misturados. Dorothy arfou e Nina se jogou de novo sobre a lona. O bebê começou a chorar alto, e Dorothy o viu chutar e se debater, forte como a mãe. Forte como deveria ser.

— Ah, você é lindo! — disse Dorothy, encantada, ao bebê. Tirou rapidamente o cardigã e o envolveu ao redor do bebê, colocando o menininho nos braços da mãe. Colocou então o grande pedaço de

lona sobre a mãe e o bebê e ajeitou o casaco sobre os ombros de Nina, deixando-os o mais aquecidos que podia. Achava que aquilo era suficiente. Teria de ser. Pouco tempo depois, o bebê começou a chorar menos até ficar quieto e calmo. Nina se apoiou novamente sobre a palha, totalmente exausta, com os olhos fechados como se estivesse dormindo.

— Ele é tão perfeito, Nina!

Nina não respondeu.

Dorothy, sentada e sem fôlego, contemplava a cena à sua frente. Os pensamentos fluíam por sua cabeça como um noticiário acelerado. Nina havia se tornado mãe. Tinha um filhinho de rosto vermelho, bravo e vigoroso. Vivo. Muito vivo.

Avistou as sacolas de almoço das amigas e as garrafas térmicas.

— Nina, querida, vou pegar um pouco de chá para você em um minuto. Vamos, sente-se um pouco, isso. Preciso cortar o cordão umbilical.

Dorothy puxou a lona para cima das pernas de Nina. Não tinha como cortar o cordão. Olhou ao redor pelo celeiro, mas não encontrou nada que pudesse utilizar. Mesmo assim, tinha de cortá-lo; o cordão estava ensanguentado e sujo, e não seria bom deixá-lo lá por muito tempo. Poderia até ser perigoso, talvez? Os pensamentos a assombraram por um momento e queria cortar o cordão logo antes que... antes que... embora o bebê estivesse livre. Livre do corpo da mãe, e seguro. O cordão agora só ligava a mãe ao filho como um ponto de interrogação. Precisava se acalmar, precisava cuidar de Nina. Se a placenta fosse removida, era provável que tudo ficasse bem. Apertou a barriga de Nina o mais forte que conseguiu, e a placenta saiu em uma piscina de sangue. Deixou-a na palha, entre as pernas de Nina, puxou o pedaço de lona para cima da amiga e do bebê mais uma vez e serviu um pouco do chá de uma das garrafas térmicas que havia preparado para as meninas naquela mesma manhã — poucas horas antes, logo depois daquele encontro tão íntimo com o líder do esquadrão, contente com o júbilo curto de uma noite especial.

Nina bebericou o chá; as mãos dela tremiam tanto que Dorothy teve de segurar a xícara para ela. Dorothy empilhou mais palha nas

costas de Nina e ajudou a nova mamãe a se sentar; depois, levantou o suéter e a ajudou a abrir a camisa e o sutiã para que pudesse amamentar o bebê. Ele imediatamente começou a sugar os peitos de Nina com os olhinhos fechados — uma imagem perfeita de paz e alegria. Nina o observava, tomada de pânico e admiração. Dorothy colocou o casaco de forma mais firme sobre os ombros de Nina, cobrindo o bebê o máximo possível, e depois amarrou as mangas do cardigã para que o bebê ficasse protegido. Finalmente, serviu-se também de uma xícara de chá, percebendo que tremia tanto quanto Nina.

A porta do celeiro se abriu e Aggie, coberta de neve, entrou sozinha. Fechou a porta e foi em direção a Nina e a Dorothy, parando assustada na frente das amigas.

— Mas o que está acontecendo?

— Nina teve um bebê, estava em trabalho de parto. É um menininho — disse Dorothy, que percebeu um sorriso amplo e bobo se abrindo em seu rosto enquanto dava a notícia.

— Um filho?

— Sim.

— Um filho *de verdade*?

— Cala a boca, idiota — disse Nina. — Não dá para ver que é um bebê mesmo?

— Mas... você não está... digo, não estava grávida.

— Ah, estava sim — disse Dorothy, colocando mais chá da garrafa térmica e servindo-o para Aggie.

Aggie pegou a xícara e ficou observando Nina e o bebê.

— Você não quis nos contar, Nina? — disse sem fôlego.

— Não sabia, ok?

— Como assim não sabia?

— Aggie, ela disse que não percebeu. Isso acontece às vezes, não é tão incomum. A Nina não tem a menstruação regular como a sua, então pode acontecer.

— Não consigo acreditar — disse Aggie balançando a cabeça.

— Você suspeitava? — perguntou Dorothy.

— Não.

— E nem eu. Acontece.

— Vamos dar uma olhada nele então — disse Aggie, debruçando-se sobre a amiga para ver o bebê, que havia parado de mamar e adormecera, protegido pelo lindo— e destruído — cardigã rosa de Dorothy.

— Ah, Nina! Como ele é fofinho! — disse Aggie suavemente.

As vacas arrastaram as patas e Dorothy sentou-se à frente delas, avaliando aquela cena tão especial. Nina, que não se movia por nada, encolheu os ombros. Estava pálida, exausta e em choque.

Dorothy recuperou os sentidos.

— Onde está o dr. Soames, Aggie? A sra. Compton?

— Tentei nas casas dos dois, mas ninguém respondeu. Acho que, por ser *Boxing Day*<sup>[1]</sup>, devem estar fazendo visitas.

— Entendo — disse Dorothy com um estranho sentimento que se parecia com alívio. — Olha, precisamos levar a Nina e esse homenzinho para se deitarem em casa. Como faremos isso?

— E se usarmos o trator? Posso tentar engatá-lo no trailer e eles podem ir no banco de trás. Mas você não acha que deveriam ir ao hospital?

— O quê?

— Não deveriam ir ao hospital?

— Não — disse Nina baixinho. — Não vou a lugar algum. Levem-me para casa, é só isso que quero. Ninguém precisa ficar sabendo, certo?

— Ninguém precisa ficar *sabendo*? — Repetiu Aggie.

— É óbvio que não. Tenho só dezenove anos e não sou casada. Acabei de ter um filho e nem sei direito quem é o pai.

— E desde quando você se importa com esse tipo de coisa? Mary Knibbs teve um filho aos dezesseis anos, você não se lembra?

— Lembro, sim. E também lembro que os pais dela a chutaram para fora de casa e ela teve de ir para um lar de mães solteiras. *Você* não se lembra? Todos a chamaram de vadia. Além do que todos os amigos a deixaram de lado, incluindo nós duas.

Aggie olhou séria para os pés. Dorothy as ouvia com atenção.

— Ninguém precisa ficar sabendo! Ninguém — chiou Nina.

— Poderíamos pedir a ajuda da sra. Compton? — disse Dorothy, querendo ser útil. Achou que precisava ser solícita.

— Aquela velha fofoqueira? Que bom que não estava em casa — disse Nina.

— Mas você pode precisar de ajuda médica — protestou Aggie.

— Não, não preciso de ajuda alguma. Digam às pessoas que estou doente. É isso aí, estou doente. Não vou poder trabalhar por alguns dias. E isso é tudo.

— Mas e o bebê? — disse Aggie torcendo as mãos.

A angústia dela era totalmente compreensível, Dorothy ponderou.

— Dot cuidará dele. Levará ele para adoção, não é, Dot? Para as freiras? Para algum lugar?

— É claro que vou ajudar, Nina — disse Dorothy. E lá estava aquela sensação novamente. Seria euforia?

— Não posso ficar com ele.

O olhar de Aggie passou de uma mulher para a outra.

— Preciso cortar o cordão umbilical. Você tem uma faca? — perguntou Dorothy, a Aggie.

Ela tinha. Dorothy segurou o cordão e o cortou com o auxílio da faca, e, finalmente, ele se rompeu, parecendo um membro amputado estranho, sem vida, parecido com gelatina.

— Aggie, vá e busque o trator, certo? Aggie? Vá lá, já está escurecendo. Temos de ir logo e botar esses dois na cama, aquecidos.

— Não estou gostando disso. Prometa que quando voltarmos iremos chamar a sra. Compton, na falta de alguém melhor.

— Vamos com calma — disse Dorothy.

— Se ela ou o bebê morrerem, como você vai se sentir?

— Nem Nina e nem o bebê vão morrer, que ideia boba! Você está sendo melodramática. Ele está forte como um touro, e ela também, apesar das aparências, mas precisam se aquecer. Conversamos depois, amanhã. Agora precisamos agir. Por favor, Aggie.

Aggie sacudiu a cabeça em desaprovação e saiu do celeiro sem dizer uma palavra. Algum tempo depois, voltou com o trailer preso no trator, o motor frio grunhindo e gemendo como uma criança que acorda de repente de um sono profundo. Ela e Dorothy ajudaram a

nova mamãe a subir no trailer, abafando os choros de dor ao se levantar. Dorothy murmurou que tudo “lá embaixo” ia ficar dolorido, machucado e sensível por alguns dias. Mas que não se preocupasse, pois, em breve, estaria deitada, aquecida e segura. Dorothy passou o pequenino bebê para Nina, coberto com os dois casacos e com a lona, juntou os restos da placenta e do cordão umbilical e espalhou as palhas ensanguentadas pelo celeiro. Então subiu no trator, ao lado da mãe e da criança, colocando os detritos do nascimento no canto do trailer. Mais tarde ia escondê-los sob as moitas.

Aggie conduziu o trator até a cabana, de forma sorrateira e lenta. Dorothy estava com frio e acabada — só estava vestindo uma saia e uma blusa. O que poderia fazer a não ser levar todos para casa? Aggie continuou conduzindo com os faróis apagados. Nada, a não ser a luz misteriosa emitida pela neve, mostrava o caminho — através dos campos, pela estrada, por Long Acre e de volta até a cabana. Dorothy pegou o bebê dos braços de Nina e Aggie a ajudou a descer do trailer. O grupo passou com cuidado, sem fazer barulho, pela trilha congelada até a porta da cozinha. Dorothy e Nina examinavam o local furtivamente naquela noite estranha e coberta de neve.

Chegando à cozinha escura e vazia, Dorothy acendeu a luz.

— Para os diabos com a escuridão! — disse, e instruiu Aggie que checasse se todas as cortinas da casa estavam bem fechadas.

Acendeu velas, deixando-as prontas para quando apagasse a luz, colocou Nina no sofá com o bebê, os cobriu com os cobertores e acendeu o fogão de lenha na cozinha.

Aggie levou o trator e o trailer novamente para o pátio. Dorothy ainda não podia acreditar. Nina estivera grávida aquele tempo todo e ninguém havia percebido, nem mesmo a própria Nina. Tudo aquilo parecia impossível, mas havia um bebezinho para provar o contrário.

Nina era mãe!

Dorothy encolheu os ombros.

Nina não era mãe. Mas aprenderia a ser, teria de aprender. Ninguém é mãe até ter um filho, não é mesmo? Agora havia aquele

bebezinho tão pequeno e indefeso deitado contra os seios da mãe, tão cheio de paz e tão distraído...

Acender o fogo, fazer o chá, a cabeça de Dorothy pesava de medo, choque e de um inquestionável — mas desorientador — prazer. Dorothy foi logo absorvida pelas tarefas, e sabia bem que a noite estava apenas começando.

---

## CAPÍTULO 22

---

26 de dezembro de 1940

*Querido e amado Jan,*

*Ah, meu amor, a vida está cintilando hoje! Faz três horas que você se foi, mas parecem três décadas. Espero que você esteja bem em sua jornada e que não tenha ficado preso na neve em algum lugar a caminho de Kent. Já sinto sua falta; senti antes mesmo de você partir, antes de você sair da cama esta manhã. Senti sua falta até mesmo enquanto dormia ao seu lado ontem à noite. Nunca me esquecerei daqueles momentos. Sempre sentirei sua falta enquanto você não estiver aqui comigo. Essa cabana parecia um lar até você ir embora hoje de manhã. Quero dividir minha casa e minha vida com você, fazer tudo que meu lado feminino me permitir. Meu querido, não costumo rezar, como você sabe, mas se tivesse esse costume, rezaria todos os dias por você, para que Deus o devolva a salvo para mim. Rezaria para que pudéssemos estar juntos e eu pudesse ser a mulher que você merece. Rezaria para que essa guerra terminasse logo. Querido, sinto-me viva. Você se lembra de quando eu disse que se apaixonar era como tocar digitais? Foi o que aconteceu comigo, e espero que o mesmo tenha acontecido com você. Sou a mulher mais sortuda de todas. Por favor, me escreva em breve.*

*Eternamente sua,  
Dorothy*

\*\*\*

Jan dirigia pela paisagem branca mais rápido do que deveria. Sentia muito frio, mas tentava ignorar a sensação. Era tão cedo e estava tão escuro naquele *Boxing Day*, como Dorothy costumava chamar. Dorothy Sinclair. Era uma mulher muito bonita mesmo. Estranhamente feminina e madura. Dorothea. Com sorte um dia seria a sra. Dorothea Pietrykowski, porque já sabia, já havia decidido há muito tempo, que ela seria sua esposa. Um sentimento tão imutável quanto a lua. Não havia outra alternativa para eles. E achava que ela sentia o mesmo por ele. Somente uma catástrofe poderia separá-los. Era perfeita e, se assim fosse, ele não voltaria para a Polônia. Não voltaria, mesmo que tivesse a chance — o que era impossível de prever. Permaneceria na Inglaterra, naquele país tão austero, onde as pessoas riam igual a seu povo, que também tinha um senso de humor fortíssimo, apesar de tudo que os ameaçava. Gostava daquele país e falava a língua suficientemente bem. Aquele país teria uma dívida com ele uma vez que a guerra terminasse. Os esquadrões poloneses estavam finalmente contribuindo bastante, e os feitos não seriam esquecidos por aquele país que fazia tudo tão “à risca”. Os aliados venceriam a guerra, disso ele já tinha certeza. Hitler era um tolo, e tolos não prevaleciam. E Churchill, definitivamente, era esperto. A guerra seria vencida de alguma forma.

Enquanto se afastava de Dorothy, Jan sentia-se mais e mais sozinho a cada volta das rodas. Ela era tão calorosa e o fazia sentir-se leve e solto, lúcido em seus braços, com as pernas entrelaçadas nele. Queria voltar para a cama dela. Havia lhe custado muito se levantar naquela manhã, cambalear para dentro do ar congelante daquela manhã escura, lavar-se, trocar de roupa e tomar o café da manhã que ela havia preparado. Observá-la enquanto ela costurava de volta, com tanto cuidado, os botões da camisa. Era uma mulher muito paciente. Como seu amor havia crescido por ela e pelos cabelos castanhos cor de mel que brilhavam à luz das velas! Percebeu que ela estava com certeza causando algum dano aos olhos costurando naquela luz turva na manhã escura. Mas esta era ela: a mais generosa das mulheres.

Será que escreveria para ele? Uma carta que fosse? Sabia que dessa vez ela escreveria com um pouco mais de liberdade, com amor e abandono. Mal podia esperar.

---

## CAPÍTULO 23

---

*Hoje visitamos Whernside e amanhã iremos a Ingleborough. Na segunda, fomos a Bolton Abbey. Até agora o tempo tem estado ensolarado e quente. Que sorte, não é? Esperamos ir a Penyghent na sexta, se o tempo continuar bom. Graças a Deus tudo está como sempre aqui, exatamente do jeito que gostamos.*

Cartão-postal de Hawes, em Wensleydale. Enviado a “mamãe e papai” e assinado pela filha Abigail. Encontrado em uma cópia de 1946 de *Jane Eyre*, publicado pela Zodiac Press — cópia muito boa, que acabou sendo colocada nas prateleiras de ficção de capa dura do salão dos fundos ao preço de 12 libras. Fiquei tentada a comprar o livro, assim como fiquei com o cartão-postal, mas o exemplar foi vendido rapidamente.

É um dia flagelante de outubro, aquele dia de outono em que você finalmente entende que o verão acabou. O vento está soprando forte e uma chuva gelada cai sobre o cemitério — o tipo de chuva que tenta estapear seu rosto e cegar você.

Estou na frente do túmulo do meu pai. Fica no fundo do cemitério, perto do muro, onde no passado havia urtigas e um monte de adubo. Ando na ponta dos pés em meio aos túmulos, alguns dos quais me lembram muito da minha infância. *Mary Sarah Wight, amada filha, irmã, sobrinha, esposa, tia, mãe, avó, bisavó e amiga, 1868-1967.* Esse sempre foi o meu favorito. Sempre pensei comigo que Mary Sarah Wight deve ter tido uma vida incrível para ter sido tudo aquilo para todas aquelas pessoas e por todo aquele tempo.

Estou parada, sozinha neste cemitério ermo. Sinto-me pequena, e isso me assusta. Não havia conversado com papai sobre... certas coisas... e agora nunca mais poderemos conversar. Ele morreu há quinze dias. Começou a enfraquecer de repente e foi tudo rápido demais. Os problemas de respiração voltaram ainda piores, e ele foi levado às pressas para o hospital, onde permaneceu por quatro dias, implorando o tempo todo para que o deixassem morrer em casa. Eu o resgatei e finalmente o levei para casa. Uma enfermeira muito gentil chamada Lisa foi até a casa do papai levando oxigênio e me mostrou como ajudá-lo a usar o equipamento. Aplicou morfina e alguns outros remédios. Todos eles — o dr. Moore, Lisa, alguns amigos do papai — queriam que ele fosse para uma casa de repouso para doentes terminais, porque seria “o melhor lugar para ele”. Mas quando discuti a questão com papai, enquanto ele ainda conseguia pensar direito e dizer o que queria, ele se recusou. Então recusei também. E, entre nós, a enfermeira Lisa e eu cuidamos do papai. E foi tudo bem estranho. Fiquei conhecendo o corpo do meu pai, as funções vitais. Eu dava banho, escovava os dentes, penteava os cabelos, lavava a roupa de cama quando estava suja, o vestia e o despia. Tive de ser como uma esposa para ele. Lisa e eu estávamos ao seu lado quando morreu. A morte foi rápida e piedosa, no fim. Lisa disse que já havia presenciado mortes muito piores.

Não fiquei chocada nem triste no começo. Depois, na noite após a sua morte, percebi, enquanto tentava dormir, que não havia ligado para ninguém para dar a notícia. Ele tinha poucos amigos, alguns antigos colegas de trabalho de quando estava na Pietrykowski & Wallace, mas ia me recompor e ligar para eles de manhã. Na verdade, mandaria e-mails para a maioria das pessoas, o que era muito mais fácil e seguro. Temia que minha voz falhasse ao telefone. Eram pessoas que não se importariam se eu chorasse; iriam ao funeral e diriam, de coração, coisas boas sobre meu pai. Seria até reconfortante.

Tem mais uma pessoa a quem devo dar a notícia, é claro. Quer dizer, estou pensando se eu deveria... e sei que deveria... contar

para a *babunia* que seu único filho morreu. Nunca contamos a ela sobre a doença que ele tinha. Papai e eu havíamos discutido a ideia quando ele me contou o que tinha, alguns anos atrás. Não queríamos preocupá-la. A chance maior era de que ela morresse antes dele. Mas ela ainda estava viva, e papai não. Eu precisaria de um pouco de perspicácia e sensibilidade e, para dizer a verdade, duvido que vá conseguir fazer isso. Venho evitando o assunto. Precisa ser na hora certa. Preciso me sentir forte antes e, nesse momento, me sinto tão fraca quanto um lenço de papel encharcado.

Mexi nas coisas do meu pai e achei a certidão de nascimento, que estava dobrada cuidadosamente e tinha sido guardada dentro de um envelope pardo junto com o documento de divórcio. De acordo com a certidão, meu avô polonês ainda estava vivo no dia em que minha avó registrou o nascimento do papai, o que aconteceu em 13 de janeiro de 1941. Presumo que papai sabia disso, já que deve ter lido a certidão de nascimento. Vovó já atendia por Dorothea Pietrykowski, o que acho que era uma completa mentira — já que a declaração de vontade para a mudança do nome que Suzanne me mostrou não havia sido lavrada até março de 1941. Será que papai e vovó estavam encobrendo algo juntos? Será que papai sabia da história toda? Queria ter lhe perguntado e obtido respostas. Porque agora, é lógico, como eu temia, já é tarde demais. Outra peça do quebra-cabeça está faltando, e eu talvez nunca consiga montar a figura completa. Mas será que quero mesmo montar? Não sei mais o que quero, para falar a verdade. Parece que toda a minha energia me abandonou, assim como papai.

Sinto a falta dele. Eu o amava muito. Ele era tanto meu pai quanto meu amigo.

E é melhor não esperar que ninguém pegue o carro e venha me encontrar aqui, sozinha na frente do túmulo de meu pai, debaixo dessa chuva que chicoteia e murmura. Melhor não ter expectativas de que alguém venha até mim com boas intenções, que me dê um abraço amigo, como um colega faria, e me diga que sente muito. Melhor não ter esperança de que alguém se ofereça para comprar bolos e preparar uma xícara caprichada de chá, nem que alguém me

faça rir com algum comentário conciso e sarcástico sobre a natureza inexplicável da morte, da dor e da vida. Eu ficaria desapontada.

Por que sinto tanta necessidade de ser resgatada? Sempre vivi sozinha, essencialmente sozinha, por dezesseis anos. Com “sozinha” quero dizer sem um namorado de anos. Com “sozinha” quero dizer sem filhos. Passei a maior parte da vida sem uma mãe. Sinto as lágrimas brotando e não posso detê-las; sei que estou com dó de mim mesma, e essa é a mais desprezível das emoções. Preciso de um amigo, sei disso, quero muito ter um. E com “amigo” quero dizer um namorado, um confidente, uma pessoa em quem eu confie, alguém especial. Talvez até queira dizer “marido”. Talvez tudo isso leve a um casamento. Eu me neguei todas essas coisas. Fico parada, observando o céu e a igreja, sentindo a chuva se misturar com as lágrimas que caem e não consigo ver meu futuro. Fico sozinha — pelo que parecem ser horas — e finalmente volto a mim mesma e para o carro. Entro e estou com tanto frio que não consigo colocar a chave no contato por vários minutos angustiantes.

---

## CAPÍTULO 24

---

Ah, Nina estava com tanto frio! Dorothy colocou a garota trêmula e seu filhinho na cama de casal, e mandou Aggie para o quartinho extra, um pedido que ela não encarou muito bem, a princípio — sabia muito bem o que tinha acontecido naquele quarto, e, em especial, naquela cama. Mas Dorothy lhe disse em tom enérgico que “pegasse roupas de cama limpas no armário e deixasse de ser boba, pelo amor de Deus”. Aggie encontrou a massa que tinha sido esquecida crescendo no armário naquela manhã, e Dorothy disse para jogar tudo fora. Era um desperdício e tanto, mas não havia nada que se pudesse fazer. Dorothy fuçou no fundo do guarda-roupa e resgatou a pilha de fraldas e alfinetes que havia comprado dois invernos antes. As fraldas ficaram gigantes no minúsculo recém-nascido, mas serviriam. Levou uma braçada de lenha e um balde de carvão até o piso superior e acendeu a lareira no quarto de casal; depois vestiu Nina com uma camisola de flanela, um casaquinho, e calçou meias quentes nos pobres pés gelados da amiga. Colocou também um cobertor extra sobre Nina, rasgou um lençol ao meio para enrolar no bebê e instruiu Nina que o deixasse com ela na cama naquela noite, mas que tomasse cuidado. Dorothy a ajudou a arrumar os travesseiros e mostrou como inclinar a cama para que sua cabeça ficasse na mesma altura que a do bebê, e assim não o sufocasse enquanto tentasse puxar as cobertas.

Dorothy foi para o seu quarto, mas deixou a porta aberta para ouvir quando o bebê acordasse. Cada vez que ele acordava, Dorothy se levantava, ia até lá, atiçava o fogo e colocava mais carvão na lareira. Nina não queria amamentar o bebê. Então Dorothy explicou a ela, pacientemente, que não havia leite adequado disponível e que

ela teria de amamentá-lo se não quisesse que ele morresse. Pelo menos até conseguirem leite para ele.

— Seria melhor se morresse mesmo — disse a menina aturdida enquanto segurava o bebê, desajeitada, e tentava amamentá-lo.

— Não fale assim — disse Dorothy, enquanto ajudava Nina a ajeitá-lo em uma posição confortável.

O bebê agarrou o peito de Nina com os olhinhos fechados e o corpinho rígido, sugando intensamente o peito da mãe. Dorothy permaneceu acordada, alarmada e com medo a noite toda. Não se importava com o choro e os soluços do garotinho. Achava que aqueles sons haviam sido tirados dela para sempre. Nina estava exausta, como todas as mães que acabam de ter filhos; mesmo assim, continuou embalando o bebê e alimentando-o com a ajuda de Dorothy.

O cuco anunciou a chegada dos primeiros raios da manhã, e Dorothy ficou ao mesmo tempo feliz e desanimada ao acordar de um cochilo curto e encontrar Nina dormindo, aconchegada ao bebê que também dormia. Mãe e filho respiravam em uníssono, ambos com os rostos rosados e parecendo contentes. Dorothy não conseguia tirar os olhos daquela cena; uma ira cresceu dentro dela, um sentimento cego e violento de raiva e enjoo. Ainda estava racional o suficiente para reconhecer que, pela primeira vez na vida, sentia inveja de algo.

Colocou o avental e foi preparar o café da manhã; quando Aggie saiu para o trabalho, levou com ela uma história inteira inventada sobre como a amiga estava doente, vomitando, e incapaz de sair de casa, e de como precisava se recuperar. Pobre Nina, trabalhar tanto finalmente a havia deixado doente. Se alguém questionasse a história, Aggie ignoraria as perguntas. Não se perderia na história de modo algum. Nina queria guardar segredo sobre o bebê, e o desejo da amiga deveria ser respeitado. Então era isso.

Dorothy tirou a maleta de baixo da cama, sacudiu os tufos de poeira e, com as mãos trêmulas, a destrancou e abriu. As roupas de Sidney estavam limpas e intactas, e o aroma eterno de lavanda seca inundou Dorothy com a surpresa bem-vinda de uma onda de calor de primavera. Retirou o maço de cartas de Jan e as jogou em cima

da cama, junto com o caderno e a caneta. Com cuidado, carregou a maleta até o quarto de Nina e mostrou a ela todas as coisas que havia feito. Nina poderia usá-las, é claro. Não havia mais nada. Dorothy deu o primeiro banho no bebê — só um banho de gato, como a mãe de Dorothy costumava dizer — enquanto Nina a observava limpar com carinho o rosto, o pescoço e as mãozinhas do bebê com uma flanela. E enquanto ela e Nina vestiam o bebê, Dorothy teve a sensação de que aquele garotinho era um impostor encantador que dava vida novamente às roupas fantasmagóricas de outro bebê, um bebê que não existia mais, que talvez nunca tivesse existido e que agora estava muito longe de Dorothy. As roupas ficaram um pouco largas, mas caíram bem no bebê de Nina, que batia as perninhas, subindo e descendo os braços como se estivesse feliz com as roupinhas novas que tinha o privilégio de vestir.

Nina estava atrapalhada e ainda em choque, ainda tinha um pouco de febre e tremia. Dorothy esperava não ter de chamar o médico, mesmo sabendo que, sim, era o certo a se fazer, tanto por Nina quanto pelo bebê. Seria a atitude mais sensata, a mais responsável.

Levou a banheira de metal para a cozinha, ferveu um pouco de água e ajudou Nina a tomar banho.

— Deixe-me ajudá-la — murmurou Dorothy.

A menina tremia, sentia frio e calor ao mesmo tempo, mas, após o banho, disse que já se sentia melhor. Dorothy a ajudou a subir as escadas e a enfiou de volta na cama.

— Você é uma boa mulher, Dot — disse Nina. — Não sei o que eu faria sem você!

— Bobagem! Vou trazer mais chá.

Dorothy jogou fora a água vermelha onde Nina tinha se lavado, enxaguou a banheira e a encheu outra vez para si mesma. Não se lavava desde a manhã do Natal, e parte dela não queria fazê-lo, mas sabia que era necessário. Relaxou na banheira, ensaboando-se devagar, e depois se enxugou com uma toalha flanelada. Estava engomada e quentinha, e Dorothy se permitiu ficar enrolada nela por algum tempo, deixando-a rente ao corpo. Depois se vestiu, descartou a água do banho e pendurou a banheira de novo no

gancho da lavanderia. Tinha tarefas a fazer e um bebê e sua mãe cansada para cuidar.

Dorothy continuou confiante. Continuou atenta. Nina era resistente e ia sobreviver. Atiçou o fogo no quarto e aconselhou Nina:

— Os bebês precisam ficar bem aquecidos. E você também. Então fique deitada e cuide dele.

— Ele era polonês — disse Nina, enquanto observava Dorothy colocar carvão no fogo.

Dorothy abriu um sorriso lento e pesaroso, compreendendo o que a menina queria dizer. Deve ter sido paixão, ou pelo menos esperava que fosse.

— Ele era engraçado — continuou Nina. — Gostei dele. Estamos em tempos de guerra, certo? Acho que foi ele que morreu no acidente lá atrás... o piloto que você tentou salvar.

— Ah!

— Pode não ter sido, mas acho que foi ele mesmo. Você entende?

— Sim, entendo.

— Mas isso não me ajuda muito. Minha mãe, meu pai, meus irmãos... Não posso contar a eles. Eles não podem ficar sabendo nunca sobre este bebê. Não posso contar a nenhum deles.

— E o que pretende fazer então?

— Você já falou com as freiras?

— Não, é claro que não, sua tonta! Ah, me desculpe, Nina. Sinto muito. Você deu à luz ainda ontem, ainda não tive tempo. É que... na verdade, não conheço nenhuma freira. Nina, entenda, por favor.

— Você pode descobrir alguma coisa. Você é inteligente, Dot, as pessoas lhe dão ouvidos.

O bebê, que Nina chamou de David, mamava nos peitos inchados e parecendo nuvens da jovem mulher, com uma paz alheia aos acontecimentos. Tinha cabelos escuros que ficavam colados na cabecinha; tinha sido abençoado com um cheiro picante e fermentado de recém-nascido, uma mescla de almíscar, menta e laranja — um cheiro de terra e de outro mundo. Aquele cheiro era como uma droga para Dorothy, mas Nina parecia imune a ele.

— Nina, não é vergonha nenhuma ter um filho. Seja lá quais tenham sido as circunstâncias. Um filho é um presente.

— Não me importa — respondeu Nina. — Não quero este bebê. Nem sabia que estava na minha barriga. Você acredita em mim, não acredita?

Dorothy deu um tapinha na mão dela.

— Acredito. Acredito de verdade. Também não sabia que ele estava na sua barriga, e veja que sou bem mais velha que você e deveria ter percebido. Deveria ter percebido alguns sinais. Você tem tido tanta fome! Você chegou até a desmaiar, lembra?

— Lembro. Foi uma sensação horrível, como se estivesse caindo do topo do mundo.

— Tente dormir um pouco, ok? Se você tem intenção de voltar a trabalhar esta semana, é melhor descansar.

— Vou voltar a trabalhar esta semana, sim — Nina enrijeceu a mandíbula, teimosa. — Mas e o David? Como vamos escondê-lo?

— Como assim “escondê-lo”?

— Não quero que ninguém saiba sobre ele. Por favor, Dot. Ninguém mesmo.

— Nem a sra. Compton? Ela poderia dar uma olhada nele, garantir que está bem.

Nina balançou a cabeça.

— Não. Depois do que aconteceu com o seu... ah, desculpe.

— Está tudo bem — disse Dorothy. — Deixaremos a sra. Compton fora disso, ok? E o dr. Soames? Mas, pensando bem, ele é extremamente intrometido. Não sei se guardaria o segredo.

— Então também não é uma opção. Acho que as freiras. Freiras sabem o que fazer com bebês, não sabem?

— Mas não há freiras aqui! — revelou Dorothy.

Nina se encolheu.

— Que diabos vou fazer, então? Não sou mãe, não quero um filho. Vou ser renegada por minha mãe. Ela sempre disse para mim e para a Shirley que se alguma de nós arranjasse esse tipo de problema, ela nunca mais nos veria, muito menos o bebê. Disse que não iria se envolver. E falou sério. Conheço bem minha mãe. Não

vou para um desses lares para mães solteiras, já ouvi falar algumas coisas sobre eles.

— Mas você tem dezenove anos, Nina. Você é uma moça crescida e pode fazer o que quiser da vida. Pense no futuro, pense em daqui há cinco, dez, vinte anos. Você será independente e ninguém vai saber ou se importar que seu filho não tenha nascido de um casamento. As pessoas superam esse tipo de coisa. E, além disso, talvez sua mãe crie amor pelo netinho. É o primeiro neto dela!

— Amor? Ela não ama nem a gente, por que amaria uma criança nascida fora do matrimônio?

Dorothy franziu a cara.

— Bobagem! É lógico que ela ama vocês.

Nina bufou.

— Não. Nós somos a cruz que ela tem de carregar. Não há muito amor sobrando dentro de nossa casa. Ela odeia o papai, e ele também a odeia. Ela sempre disse que se tivesse como voltar no tempo, nunca teria se casado e não teria tido filhos.

As coisas não estavam boas para Nina mesmo, Dorothy teve de admitir. A mãe dela não escrevia desde que ela tinha chegado à fazenda — será que sabia escrever?, Dorothy pensou — e nem os irmãos tinham escrito. Pelo que tinha entendido, o pai estava sempre bêbado. Como o bebê poderia sobreviver em uma família como aquela? O pensamento pesou na cabeça de Dorothy como o céu carregado de neve que vislumbrava pelas cortinas — as nuvens douradas e negras ameaçando descarregar mais uma vez.

Realmente, seria impossível. Quais eram então as opções que de fato restavam a Nina?

— Vou cuidar dele para você — A princípio, Dorothy não estava certa se havia dito aquelas palavras em voz alta, mas elas soaram fortes pelo quarto como um trovão nas montanhas.

— Você? — disse Nina surpresa. — Como assim? Você vai ser mãe dele?

— Se você quiser.

As duas ficaram se encarando, desesperadas, esperando. Dorothy se sentiu como se estivesse mal e perigosamente equilibrada no alto

de um precipício, e que se soltasse ou tropeçasse, cairia em um esquecimento escuro e infinito. Respirou fundo.

Nina balançou a cabeça.

Dorothy olhou para a amiga, tentando em vão silenciar o coração que palpitava forte.

Nina abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa, mas a fechou logo em seguida. Finalmente, disse algo:

— Você o trataria bem? Você cuidaria bem dele? E não se importaria com o que as pessoas falassem, não é?

— Não — Dorothy mal conseguia falar, a garganta tomada de medo e ansiedade.

— É porque você não tem medo de colocar as pessoas em seus devidos lugares. Não, você tem cabeça e sabe lidar com as pessoas. Mas eu tenho medo. Você cuidaria bem dele?

— Sim! — disse Dorothy efusivamente.

— Como se fosse seu próprio filho? Como você faria? Todos sabem que você não estava grávida. Você é magra feito um palito, as pessoas vão saber.

— As pessoas daqui por perto vão, sim.

— Você quer levar ele para longe?

— Tenho família em... bem, a quilômetros daqui.

— Entendo — disse Nina. E pela primeira vez desde que Dorothy a conhecia, a amiga parecia absorta em pensamentos.

— O que você acha? — disse Dorothy depois de alguns instantes.

— Parece bom, melhor até que as freiras. Mas não posso pedir que você faça isso por mim.

— Neste caso, peça-me que faça isso pelo bebê — disse Dorothy, segurando a mão de Nina. — Não consigo suportar a ideia de ver David em um orfanato, sem ter uma mãe de verdade. Não é isso que este bebezinho lindo merece.

*Faça por mim também, Nina, que droga! Não fique pensando demais, sua imbecil, não agora que está ao alcance de minhas mãos. Esperei por isto toda a vida* — pensou Dorothy.

— E ninguém ficaria sabendo? Que sou a verdadeira mãe? Você não contaria a ninguém?

— Não contaria a uma alma sequer.

— Você diria a todos que o filho é seu?

— Sim.

— Você o amaria?

— É claro que sim.

— Você ama bebês, não é? Você sente muita falta do seu.

Dorothy sabia que Nina estava tentando se convencer.

— Sinto. Muita.

— Então o David seria o filho que você não teve?

E o que dizer? Onde estaria tentando chegar? O que dizer que não fosse destruir tudo, não fosse arruinar aquela oportunidade com palavras mal escolhidas, com um tom errado, com um olhar errado. As palavras vieram à cabeça de Dorothy uma a uma, como se estivesse traduzindo sua fala.

— Não, Nina, não seria. Acredito que... Sei que posso dar ao David tudo que você não pode dar neste momento, ou que não tem como dar. Tenho sorte de ter como proporcionar a ele uma vida que você não tem nem como imaginar. Digo de uma forma positiva, Nina. Vou ter posses um dia. Dinheiro, espero, e uma casa boa para ele, um quarto que ele não tenha de dividir com ninguém e que vou encher de brinquedos e de livros. Ele irá para uma boa escola e fará amigos. Ele não passará necessidade. Mas é claro que você pode entregá-lo para as freiras se sentir que é o melhor para ele...

Nina olhou para o bebê que dormia em seu peito com o queixo sujo de leite e a respiração leve e calma. Dorothy observou a amiga e voltou o olhar para o bebê mais uma vez, que sabia que em breve não se chamaria David, e rezou, rezou como nunca havia rezado, com todo o coração — com tanto fervor que quase acreditava que alguém a estivesse ouvindo e pudesse ajudá-la. E quando Nina lhe passou o bebê, que vestia as roupinhas de Sidney, Dorothy o pegou com os braços trêmulos, segurou-o perto do coração e beijou sua cabecinha.

Nina se virou para dormir e comentou que assim que Dorothy arranjasse uma solução ela pararia de alimentá-lo, porque o leite estava vazando em suas roupas e não queria que as pessoas vissem aquilo. Era constrangedor e a denunciaria, não é mesmo? Dorothy disse que compreendia e carregou o bebê até o piso inferior. Depois

ela o colocou no carrinho de bebê grande e preto que estava abandonado no galpão há dois anos, estragando e mofando. Ela o havia trazido para casa na noite anterior, limpo e arejado perto do fogo durante a noite. Cobriu o bebê com o cobertor que um dia havia tricotado, cheia de esperança e felicidade.

Sem saber de nada, o bebê dormia.

Dorothy precisava agora pensar nas coisas práticas. Precisaria achar leite. Já tinha mamadeiras, as mesmas que havia comprado para Sidney. Planejava alimentá-lo no peito, mas a sra. Compton tinha recomendado que comprasse algumas “só por garantia”. Dorothy tirou as quatro mamadeiras que ainda estavam na caixa e as lavou, aproveitando a sensação de ter aquela embalagem suave nas mãos enquanto contornava com os dedos o estranho formato de banana. Colocou os bicos na mamadeira, e estavam prontas. Nunca havia amamentado um bebê antes.

Foi fácil resolver o problema das mamadeiras, mas o leite nem tanto. Dorothy não queria usar o leite em pó de que havia ouvido falar, não seria algo natural. Não, teria de ser leite de verdade. Mas leite de vaca seria demais para aquele bebezinho minúsculo, o deixaria doente, com dor de estômago ou algo pior. Quem sabe leite de cabra? Sabia que era nutritivo e fazia bem para bebês fraquinhos. Uma ama de leite, mesmo que ainda houvesse alguma naqueles dias, estava fora de questão.

O leite de Nina ia secar. Em poucos dias, poderia voltar a trabalhar e Dorothy poderia se ocupar com os preparativos. Em um delírio de felicidade e medo, ficou lá, alerta, balançando o carrinho com cuidado. Sentiu — e intuitivamente sabia — que a partir daquele momento, sua vida seria uma fraude. Seria daquela forma, e a vida agora com aquele bebê ficaria acima de qualquer coisa, a qualquer custo. Não havia outra opção de futuro para ela. Seu destino estava ali traçado como um mapa, e ela poderia imaginar cada passo que teria de dar.

Dorothy balançou o carrinho por algum tempo e aguardou que o bebê acordasse. Uma esperança insuportável tomou conta do

coração de Dorothy Sinclair mais uma vez. E ela sabia que se essas esperanças não dessem em nada mais uma vez, a decepção a esmagaria para sempre.

E havia Jan. Quase não queria pensar nele. Aquele homem havia sido o mais breve dos interlúdios. Doce, bem-vindo e glorioso. Ontem mesmo — ontem! — tinha sido sua maior oportunidade e hoje já havia partido. Aquilo era inconcebível, mas Dorothy tinha agora outra oportunidade. Uma oportunidade ainda maior.

E quanto a Sidney, seu filhinho precioso? Dorothy se permitiu cogitar que ele não aprovaria a ideia do novo bebê, daquele outro garotinho assumindo seu lugar. Mas sabia que esses pensamentos não faziam sentido e eram irrelevantes. Seu segredo estava a salvo de Sidney.

O bebê abriu rapidamente os olhinhos, encolheu os ombros, suspirou e voltou a dormir novamente.

## CAPÍTULO 25

*Marshall*

*Odeio você, a Rachel odeia você, todos nós odiamos VOCÊ, então a melhor coisa que você pode fazer é nunca mais nos procurar, está entendendo, seu imbecil? Minha irmã e eu ficaremos bem depois de tudo, mas não até que você esteja enterrado no passado! Então faça o favor de nos deixar em paz para resolver as coisas! Não precisamos mais de você, entendeu?*

*Jacqueline*

Carta encontrada dentro do livro *Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus*, de John Gray. Era uma cópia bem manipulada, então foi colocada à venda pelo preço justo de 80 centavos de libra na prateleira de autoajuda do salão dos fundos.

Portia não consegue entender a dor que se seguiu à morte do meu pai.

Choro e sinto raiva.

Ela fica me observando, fria, sem compreender nada; parece até que está me chamando de rainha do drama.

Acho que não gosto muito de gatos. Por que ela está aqui, então? A missão de vida dela, além de me irritar, parece ser destruir, de bom grado, vidas delicadas, pássaros, camundongos e musaranhos — criaturinhas que tremem. Anoto um lembrete para entrar em contato com a instituição Blue Cross de auxílio aos animais. Eles que a levem, não a quero mais por aqui.

Estou sozinha no mundo. Meu pai está morto, minha mãe pode estar morta também e não tenho mais nem o Charles Dearhead com

quem fazer amor, ainda que frio. De repente começo a sentir a falta dele — acho que porque até um amor sem emoção é melhor que nada.

Não me lembro mais de comer. Minhas roupas estão ficando largas e meu cabelo está fraco. Não me dou mais ao trabalho de passar o aspirador, tirar o pó, lavar as coisas e nem mesmo fazer as compras da casa.

Apenas me aflijo e durmo.

Sonho que sou criança novamente e estou pulando nos joelhos do papai, e gritando feliz, agitando os braços com as mãos cheias de vida e arranho as bochechas dele sem querer — desculpe, papai. Papai está limpando o rosto com um lenço, irritado, mas me dizendo para não me preocupar, Robertinha. Ele diz à mamãe que minhas unhas precisam ser cortadas, e ela, que está sentada na cadeira perto da lareira, com o cabelo comprido brilhando na luz do fogo, nos ignora. Não sei mais distinguir o que é real. Ela ainda estava conosco — talvez tenha ido embora no dia seguinte? Ela não foi me buscar na escola. Esperei e esperei na aula da srta. Romney, e ela me deixou cortar papéis e cartões com a guilhotina. A srta. Romney permaneceu alegre e sorridente, mas eu sabia que ela estava preocupada. Em algum momento, papai entrou na sala, me pegou e me abraçou. Não gostei muito quando percebi que ele estava chorando. Ele balançou a cabeça para a srta. Romney, agradeceu e me levou para casa.

Acho que estou doente, com febre ou qualquer coisa assim. Sinto-me queimando. Um dia de cama é tudo de que preciso.

Dia um: dormir. Muito suor. A parte racional dentro de mim que aparenta ainda funcionar por trás da raiva diz que estou gripada e com febre.

Dia dois: mais febre, mais suor; Portia não para de reclamar, o cabelo sedoso e brilhante da mamãe sob a luz do fogo. Nada acontece, mas acho que dou comida para a gata. Tenho de dar comida para ela. Há uma lápide no túmulo do papai, mas está tudo escrito em um alfabeto estranho que não consigo ler e é alto verão.

As abelhas estão voando ao redor da colmeia que está crescendo debaixo da janela da minha cozinha. As abelhas estão voando ao meu redor, em enxames horríveis e barulhentos. Acho que meu telefone está tocando, acho que ouço uma voz conhecida de uma garota dizendo que vai tentar ligar no celular. O celular, conectado ao carregador na mesa de cabeceira, começa a tocar. Não consigo me mexer. Toca, toca e para. Acho que adormeço.

Dia três? Sinto calor, estou com sede, estou fraca. E odeio a Portia. Ela parece estar bem magra também, aí entendo que talvez seja porque não ando lhe dando comida. A comida dela acabou ontem, eu acho, ou anteontem. Fico surpresa que ainda esteja aqui comigo e não tenha fugido para a vizinha, que tenho certeza que a alimenta com frequência, como costumava fazer com Tara. Pode ser que esse seja o terceiro dia, ou o sexto, ou sétimo — já não consigo mais contar. A verdade crua e amarga é que não posso contar com a ajuda de ninguém. Estou sozinha neste mundo, e agora vivo entre os escombros febris e espalhafatosos do que um dia foi forte e bom, da vida que um dia construí para mim.

Dia quatro, acho... ou seria dia oito? Tocam a campainha e, já que não escutei, ou não estava prestando atenção, tocam mais uma vez.

O celular também começa a tocar. Ameaça cair no chão, e eu luto para segurá-lo. Quando o alcanço, não consigo ler o nome de quem está ligando. Será que é o papai? Com certeza não é a mamãe.

— Alô? — Acho que a voz é minha. Ou será a da Portia? Ela vem conversando comigo ultimamente. Pelo menos ainda está aqui, e não estou totalmente sozinha. Ah, parece estar com fome.

— Roberta? Sou eu, o Philip. Você está bem? Estou na porta do seu apartamento. Você não está em casa?

Philip? O Philip nunca tinha vindo a minha casa.

— Estou aqui — consigo dizer, e minha voz parece um guincho. — Espere um minuto, por favor.

Vou tropeçando até o corredor e vejo a sombra de uma pessoa de verdade pelo vidro congelado da porta. Abro a porta e fico encarando aquele homem que se parece exatamente com o meu ex-chefe, Philip Old, só que mais bonito. Ele me encara de volta. Philip

era a primeira pessoa que eu via em quatro dias. Ou cinco. Ou talvez oito? Hoje é sexta-feira? Acho que deve ser sábado. O sol está brilhando como sempre brilha aos sábados — brilhante, reluzindo gelado, como nos dias de outono. Ainda é outono, aliás? Venho flutuando pela poesia do verão ultimamente. O túmulo do papai tem uma lápide, mas não consigo ler o que está escrito lá. É uma língua estranha, totalmente incompreensível. A colmeia está lotada e as abelhas torturam minha cabeça, rastejam dentro dos meus ouvidos e da minha cabeça, colorindo meu mundo com cores feias e viscerais. Minha mãe é tão bonita!

— Roberta, você...

Acho que ele parou de falar. O mundo está se dobrando sobre si mesmo. Não consigo respirar, tenho um nó gigante na garganta; também não consigo pensar ou ponderar as coisas, mas sei bem que estou desabando e que há alguém aqui para me segurar, então vou deixar acontecer, vou me deixar ser levada pela inconsciência que eu sei que está me esperando.

Sinto o toque de braços, ouço uma respiração pesada. Alguém diz: “Meu Deus!”, mas se foi o Philip, a Portia ou até eu mesma, não sei dizer.

E lá vou eu, para dentro da escuridão. E aquilo é o paraíso para mim.

Acordo na cama. Deve fazer horas desde que desmaiei. Estou vestindo pijamas limpos. Está escuro lá fora. Posso sentir o cheiro de café, de comida de gato e de pão torstando. Não estou sozinha. Estou debilitada, então me sento na cama com movimentos lentos e dolorosos.

— Olá? — Chamo. Dá para ouvir alguém ouvindo a Rádio 4 na cozinha.

Philip aparece na porta do quarto.

— Olá! — diz sorrindo, com a cabeça tombada para o lado, enquanto come torrada.

— Não sei bem o que está acontecendo — digo.

— Você está doente. Faz dias, acho. Sophie ficou preocupada quando tentou fazer contato e não teve resposta em nenhum dos seus números. Aí me ligou em casa hoje de manhã. Vim ver se podia ajudar. Você desmaiou em cima de mim na sala, resumindo.

— Que dia é hoje?

— Domingo.

— E que horas são?

Philip examinou o relógio.

— Sete horas e vinte e seis minutos.

— Da noite?

— Isso.

— E a que horas você chegou aqui?

— Umas duas da tarde.

— Fiquei desmaiada por cinco horas e meia?

— Não, você ficou desmaiada por pouco mais de um minuto. Você não se lembra? Trouxe você para cá, coloquei o pijama em você e te coloquei na cama.

— Não me lembro.

Estava de calcinha? Que não lavava há dias? Será que Philip a tinha tirado? O Philip me viu sem roupas?

Fico vermelha como um pimentão.

— Não se preocupe, Roberta. Sua dignidade está mais do que intacta. Além disso, nos conhecemos há muito tempo, não é mesmo? Então, se acabei vendo sua calcinha enquanto te ajudava a se deitar, não faz muita diferença, não é?

— Não.

Um silêncio constrangedor toma conta do quarto. Philip está parado no vão da porta, olhando para mim. Nunca vi esse tipo de expressão no rosto dele antes. Parece estar com pena de mim e não gosto muito disso. Fico aliviada quando Portia invade o quarto e salta para cima da cama. Fica ronronando enquanto faço carinho nela, encosto-a no rosto e sinto o pelo suave, tentando me familiarizar mais uma vez com o cheiro de gato.

— Obrigada — agradeço Philip, enterrando o rosto em Portia.

— Pelo quê?

— Por tudo. Obrigada por ser um amigo tão bom.

E ali estava eu, em prantos, as lágrimas escorrendo pelas bochechas. A gata se afasta de mim, porque nunca gostou de choro. Percebi que Portia não estava mais falando comigo.

Philip se senta na cama, coloca a torrada de lado e segura a minha mão entre as dele, quentes e meladas de manteiga.

— Sinto muito pelo seu pai.

— Não contei a você sobre ele.

— Não, mas todos contaram. Vivemos em uma cidade pequena, Roberta. Você deveria ter me contado. Por que diabos você não me ligou? Poderia ter ajudado. Queria ter ido ao funeral! Sei que deve ter sido... difícil. Senti que nossa separação não tinha sido amigável.

— Não podia... não esperaria nada de você.

— Faria qualquer coisa por você, Roberta, a qualquer hora que você pedisse. Você já deveria ter entendido isso — Philip abre um sorriso bondoso para mim.

— Não, não entendi.

— Então você deve ser bem boba.

Não sei o que responder. Philip está sentado na cama, segurando minha mão e fazendo o que parece ser uma declaração de lealdade, senão de devoção. E eu estou assustada e triste, me sinto podre e não consigo nem imaginar como devo estar parecendo ou cheirando. Será que Philip esvaziou a caixinha de areia da Portia? Acho que passei mal no banheiro em um desses dias e não me lembro de tê-lo limpo.

— Roberta, veja bem. Estamos fugindo do assunto faz muito tempo e essa situação toda está ficando chata. Já perdemos anos demais com essa bobagem de não sermos honestos um com o outro, seja por pura timidez, ou medo, ou escrúpulos, não sei dizer. O que eu quero dizer é que amo você como uma irmã. Mas isso não faz de mim seu irmão, não é?

Se não estou enganada, Philip acabou de proferir a frase “Eu te amo”, mas de forma ambígua como sempre, é claro. Mas ele tem razão, muitos anos foram desperdiçados, muito tempo se passou e se eu morresse neste instante — e, acredite, sinto-me perto disso —, sei qual seria meu maior arrependimento. Sei bem e já admiti isso para

mim mesma. Só preciso criar coragem para admitir para ele também, e tem de ser agora.

— Não tenho um irmão — digo. Não era aquilo exatamente que eu tinha intenção ou queria dizer, mas teria de bastar. Pelo menos não estava mentindo.

— Você teria gostado de ter um?

— Sim, e como!

— Eu também. Tenho uma irmã, mas ela não gosta muito de mim.

— Philip?

— Sim?

*Também te amo* — tenho a intenção de dizer. Respiro fundo e rápido, com o coração palpitando como se quisesse se libertar do meu corpo. E estou suando — mas não importa, porque venho suando há dias. Tenho de dizer essas palavras para esse homem que continua sentado em minha cama, segurando minha mão. Fiquei calada por muito tempo, calada e estúpida. Mereço essa chance, e vou tentar a sorte.

Mas tudo que consigo dizer é:

— Posso voltar a trabalhar na loja?

Patético.

— Achei que você nunca pediria para voltar. É lógico que sim, mas só quando você estiver bem.

— Obrigada — digo. E nada mais.

— Não, obrigado você.

— Philip, ela faz você feliz? A Jenna? — fico sem fôlego e encantada. Aos pouquinhos vou chegando ao assunto.

— Às vezes. É... complicado.

— Sinto muito.

— Eu sou extremamente idiota, Roberta. Eu sou homem, no final das contas.

— Você não é nem um pouquinho idiota.

— Não acho relacionamentos fáceis.

— E alguém acha?

— Meus pais achavam. Nunca ouvi uma briga entre eles durante toda a minha infância. Se bem que eu ficava na escola a maior parte

do tempo.

— Colégio interno?

Era a primeira vez que ele me contava qualquer coisa sobre sua infância.

— Sim, colégio interno.

— Entendo. Você tinha bastante dinheiro então?

— Ainda tenho, querida, ainda tenho — Philip pisca o olho para mim, algo que nunca havia feito. — A vida deveria ser fácil quando se tem a sorte de ter dinheiro suficiente para viver bem, não deveria?

— Sim... eu... acredito que sim — gaguejo, tímida.

Ele parece entretido.

— Bem, sim. Chega desse papo bobo. Vou pegar um pouco de torradas, você não come direito há dias. Depois vou deixar que você durma mais um pouco, mas vou dormir no sofá hoje, se você me permitir.

Concordo levemente com a cabeça.

E ele continua.

— Liguei para a Jenna mais cedo para dar notícias. Ela está bem compreensiva, na verdade, e disse que espera que você melhore logo. E não se preocupe com nada, já dei comida para a gata e limpei tudo. Vou estar aqui de manhã e conversaremos direito. Você ainda está febril, mas preciso saber se você está falando sério sobre voltar para a loja, e quero que saiba que cada palavra minha é verdade. Tudo o que você tem de fazer é comer e dormir. Você se importa se eu abrir a garrafa de Pinot Grigio da sua geladeira?

Como duas fatias de torradas amanteigadas quentinhas e depois mais duas antes de cair no sono. Sonho, como se entrasse e saísse do meu sono. Bem me quer, mal me quer. Finalmente, fico parada, fecho os olhos e analiso tudo o que Philip e eu conversamos.

E ele vai passar a noite aqui, cuidando de mim, como um amigo.

---

## CAPÍTULO 26

---

Dorothy e o bebê. Ele tinha cabelos pretos, era magrinho e serelepe, e estavam sentados na beira de um rio, perto do crepúsculo. O rio corria suave, e um ratão-do-banhado corria da água para a toca nas margens. Dorothy ouviu um barulho que parecia mil asas de anjo batendo, mas eram apenas passarinhos, uma revoada deles, um murmúrio movendo-se em bando acima do topo das árvores, uma aglomeração escura, movendo-se como uma coisa só, para lá e para cá, e a luz do sol ao cair da tarde refletia a imensidão de asas como se fosse ouro puro brilhando. Dorothy alcançou a mão do filho e ele sorriu enquanto os dois observavam juntos os pássaros — mãe e filho de mãos dadas, contentes e felizes. Mas os estorninhos logo desapareceram. No lugar deles apareceram corvos, e estavam bravos. Na frente deles, lutando para escapar com vida, vinha uma coruja, que batia as asas furiosamente e trazia nos olhos um medo fácil de ser reconhecido. Dorothy apertou o filho contra o peito, protegeu a cabeça dele nos braços e o balançou até que aquele espetáculo horrível terminasse. Como todos os sonhos, tudo acabou logo, deixando poucas lembranças.

Aquele dia de 1939, o dia em que Sidney havia nascido, sempre deixaria muitas lembranças, ainda que Dorothy tentasse esquecê-lo. As dores persistiam.

Dorothy não conseguiu terminar de lavar as roupas e teve de deixar as calças de domingo de Albert no espremedor de roupas e as próprias calcinhas penduradas na caldeira, o sabão formando uma camada de espuma por cima. Mandou que Albert fosse de bicicleta à procura da sra. Compton, que o seguiu de volta com sua própria

bicicleta. Os dois chegaram com os rostos vermelhos e cansados. Eram três horas da tarde de um dia quente e claro de maio, e uma brisa suave soprava. A sra. Compton invadiu a cozinha com uma sacola de tapete preta e desgastada, que parecia estar bem pesada, e a colocou sobre a mesa. Dorothy, que estava sentada perto do fogo, ergueu os olhos na direção dela.

— O que temos aqui, então? — indagou a sra. Compton com as mãos nos quadris, olhando malevolente para Dorothy, ou pelo menos foi o que pareceu à mulher que entrava em trabalho de parto.

Era óbvio que ela *estava* em trabalho de parto. As dores iam e vinham de forma rítmica, cada vez mais intensas e longas do que as últimas. Aquilo já estava acontecendo há seis horas mais ou menos, pelo que Dorothy se lembrava, mas não sabia dizer quando exatamente tinham começado aqueles primeiros tremores indistintos que aos poucos se transformaram em dor.

— Você está quieta demais — disse a sra. Compton. — O bebê ainda não está vindo; beba uma xícara grande de chá — Olhou para Albert, indicando a chaleira sobre o fogo.

Surpreso, Albert a balançou para ver se havia água dentro. Havia.

— E depois relaxe, coma algo, vão se deitar cedo, vocês dois. Voltarei de manhã. Deixarei minhas coisas aqui — disse, indicando a sacola com um tapinha.

Dorothy queria e não queria que a sra. Compton fosse embora. O medo do que estava por vir, da tarefa que tinha em mãos, e o medo de que o bebê não nascesse nas próximas horas a enchiam de ansiedade.

— E se o bebê nascer no meio da noite e você não estiver aqui?

— Ele não irá, querida, acredite em mim. Já vi centenas de mulheres como você. E é o primeiro filho, então demorará um pouquinho ainda. Voltarei bem cedo, às seis horas. Que tal? Tente dormir um pouco.

E foi embora. Albert e Dorothy bebericaram o chá, e Dorothy se esforçava para retomar o fôlego depois de cada dor que de súbito atacava seu corpo, perturbava a parte de cima das pernas e penetrava pela barriga como uma faca recém-afiada. Após algum

tempo, resolveram comer e conversar um pouco. Albert olhava ansioso para a esposa. Foram se deitar às nove da noite, e Albert ficou esfregando a barriga dela até cair no sono. Dorothy permaneceu acordada, desejando que o bebê nascesse logo. A ideia de que as dores pudessem piorar ainda mais estava se tornando inconcebível.

Dorothy ficou ouvindo Albert roncar por algum tempo até que decidiu sair da cama e andar pela casa. Resolveu fazer algo de útil, então voltou à lavanderia. Entre uma dor e outra, terminou de lavar tudo e pendurou as roupas no varal para que estivessem secas no dia seguinte. A noite estava morna e ainda havia brisa, o que era perfeito para que as roupas secassem. Depois de terminar a tarefa, voltou para a casa e, em silêncio, tirou a maleta debaixo da cama e a levou para a sala. Retirou de dentro dela todas as coisas que havia feito para o bebê, para Sidney. Estava convencida de que seria um menino; tão convencida que não havia nem pensado em nenhum nome de menina. Cheirava as roupas de Sidney, as chacoalhava, alisava e as colocava sobre o sofá, em uma tentativa de escolher a primeira roupinha que o bebê usaria. Depois, guardou as coisas mais uma vez na maleta e cochilou no sofá.

Às três da manhã, Dorothy acordou com uma forte onda de dor que só parecia piorar. Contorcia-se e gritava de sofrimento. Temia que algo estivesse errado, alguma tragédia indescritível estava, sem dúvida, acontecendo dentro dela. Aquela dor não era normal. Acordou Albert e mandou que fosse buscar a sra. Compton. Sim, sabia que ela prometera voltar cedo, mas precisava dela naquele momento. Sim, sei que são três da madrugada, mas, por favor, Albert, estou com medo. Albert achou tudo aquilo um exagero, mas Dorothy não se importava. Só ela sabia o que estava acontecendo dentro dela.

Quando ficou sozinha outra vez, as dores começaram a ficar mais intensas e fortes, mais frequentes e imperativas. Parecia que a sra. Compton e Albert nunca mais voltariam, que teria de dar à luz sozinha, que tudo ficaria coberto de sangue e o bebê choraria, e ela não saberia o que fazer. Sentindo dor, caminhou com dificuldade até o piso superior, foi para a cama e ficou de cócoras se balançando

para frente e para trás, tentando manter a respiração controlada. Tentou focar em algo diferente, no dia que quase amanhecia, se seria quente e seco — tinha a impressão que sim. Dorothy se levantou da cama, porque o balanço e o ranger das molas a estavam deixando enjoada, lembrando-a de quando o bebê fora concebido. Ajoelhou-se no chão, tentando se concentrar, tentando permanecer viva e sã.

Chegaram. Dorothy ouvia a sra. Compton suspirando enquanto subia as escadas estreitas, pedindo, por cima do ombro, que Albert esquentasse um pouco de água na chaleira.

— Silêncio, Dorothy, está tudo bem — disse a sra. Compton ao entrar no quarto.

Dorothy não havia percebido que estava fazendo barulho.

— Está doendo. Estou com medo.

— Eu sei, vai doer mesmo. Você está dando à luz. Tudo isso é normal e você vai sobreviver.

— Há algo errado aqui — Dorothy apontou para o meio das pernas e arfou. Dorothy lutava para respirar, enquanto a dor tomava conta dela. Estaria sendo espremida na centrífuga?

— Bobagem! Não há nada de errado aí, nada mesmo — disse a sra. Compton, enquanto abria uma fresta das cortinas e acendia algumas velas, além de pedir a Albert que acendesse a lareira.

Albert atendeu o pedido, observando com ansiedade a mulher em trabalho de parto. Preocupava-se com a esposa, mas, ao mesmo tempo, queria fugir dos confins do quarto assim que fosse possível. Aquilo não era lugar para homens.

A sra. Compton se apressou e se ocupou em preparar Dorothy, tirando sua roupa íntima e fazendo-a deitar para que pudesse examiná-la. O toque de sua mão era pesado e bruto, sem nenhuma sutileza. Disse que não demoraria muito e lavou as mãos na pia. Estava quase na hora de empurrar aquela criança para fora.

— Não consigo.

— Consegue, sim, e é isso que você fará. Você quer que o bebê nasça logo, não quer? Não tem vontade de abraçá-lo?

É claro que Dorothy queria. E quando finalmente chegou o momento, uma ou duas horas depois, Dorothy empurrou. Ela se

contorcia, suave e gritava que não conseguia continuar e que era impossível que algo não estivesse muito errado com ela. Tinha certeza de que a dor estava demais para aguentar... Quando aquilo ia acabar?... Por que doía tanto? —

Então, pensou na mãe que devia estar dormindo naquele momento mas acordaria mais tarde e se vestiria de forma apropriada e pomposa e tomaria chá em alguma das xícaras de botões de rosa que sobraram das que Dorothy esmagara ao desmaiar e cair sobre elas quando era menina vestindo a túnica dura de tão engomada. Nunca se esqueceria daquele dia e pensou em Albert no piso debaixo, na cozinha, será que estaria andando de um lado para o outro. Será que estaria escutando? Não queria que ele ouvisse aqueles barulhos selvagens que agora sabia que estava fazendo, nem aqueles gritos, berros e grunhidos, aqueles barulhos desesperados de uma mulher que estava lutando para ser mãe enquanto do lado de fora da janela os andorinhões mergulhavam e gritavam sabe-se lá o quê. E, apesar do que aquela mulher à sua frente lhe dizia, algo estava errado, extremamente errado, de repente sentia vontade de beijar Albert na boca, no abdômen duro, porque não havia feito aquilo vezes suficientes ainda que ele adorasse quando o fazia. Queria também que aquela dor parasse. “Pare, pare, pare, por favor pare, pare”, gritava ela, internamente. E a dor queimava, rasgava, rompia, arrebatava, queimava. Era uma dor horrível e ainda que tudo dentro dela estivesse sendo posto para fora, queimava até a morte.

Por fim, um jorro. Uma onda que deslizava e um pequeno choro abafado, mas que não era do bebê. A sra. Compton, na pressa, derrubou a sacola e a vela no chão, falou algum palavrão e pegou o bebê que tinha de fato nascido e estava roxo e molhado, e o agarrou e deu-lhe um tapa forte e uma voz guinchou.

*Não!*, pensou Dorothy, sem forças para gritar de verdade.

E o bebê ficou azul, azul e não roxo, mas azul e pequeno, tão pequeno e com cabelos negros e pele escorregadia. Dorothy estendeu o braço para alcançá-lo, mas o sangue jorrava de algum lugar. Ela achou até que o cordão umbilical que estava enrolado em torno do pescoço do menino fosse uma serpente, e a sra. Compton,

mais branca que um fantasma, agarrava o cordão e tentava tirá-lo do pescoço do menino, mas estava apertado, apertado demais. A parteira soprava na boca do pequeno e arfava em pânico, gritava para que Albert chamasse o dr. Soames imediatamente

— Corra Albert, algo está errado com o bebê, corra!

Um silêncio total no andar de baixo foi quebrado pela porta batendo, e Dorothy deitada exausta nos travesseiros, já sem dor, já não sentia mais nada, já não havia esperança, porque ela já sabia, sim, já sabia que isso iria acontecer, estava escrito em seu sangue, nos órgãos, não seria mãe por muito tempo, isso se chegasse a ser em algum momento. O destino do querido Sidney não era viver neste mundo, dava para ver pela cor dele, pelo jeito como não se movia, pelo silêncio estranho do bebê, aquele silêncio horrível. Morto, ele estava morto, Dorothy acha que gritou alto enquanto a sra. Compton ficava sentada no fim da cama segurando aquele amontoado ensanguentado e sem vida.

— Eu disse que algo estava errado... — disse Dorothy.

A sra. Compton retribuiu o olhar, tentando pensar em alguma resposta, ou, pelo menos, foi o que Dorothy achou.

— Ninguém poderia prever. Não é culpa de ninguém. Essas coisas acontecem às vezes, e eu tentei soltá-lo. Eu tentei. Mas já era tarde demais. Aconteceu antes que ele... fosse perdido. Sinto muito.

O médico chegou e examinou o bebê, e depois examinou Dorothy. Albert não entrou no quarto. O médico voltou-se para a sra. Compton e a instruiu que levasse o “corpo” embora, que esperasse do lado de fora e que, de forma alguma, o mostrasse para os pais. Ele atestaria a morte e levaria “o corpo” para o hospital. Colocou a mão sobre o ombro de Dorothy e disse que sentia muito, e depois disse a ela que descansasse por alguns dias, e que esperasse o leite e o corpo secarem, que deixasse as feridas fecharem, pois havia machucado um pouco as partes íntimas. Deixou o quarto e foi conversar com Albert, e um choro angustiado veio da cozinha.

Dorothy ficou observando as flores de maio pela janela semifechada, que se curvavam suavemente pelas sebes verdes naquela manhã, observando o céu azul que parecia tão alegre e compreensivo, mas sem se importar que essas coisas acontecessem

às vezes, e era um dia quente de maio, como todos os dias de maio tinham sido naquele ano. A sra. Compton, que ainda segurava o embrulho com um braço, guardava a parafernália com o outro. Apagou o resto das velas porque não precisaria mais delas, e caminhou para a porta carregando o pacote, sem ousar olhar para Dorothy ou dizer palavra. Saiu do quarto sorrateira, com o embrulho que agora lhe pertencia, roubando o bebê de Dorothy.

— Deixe-me vê-lo — disse Dorothy com a voz baixa e derrotada.

A sra. Compton deu um passo atrás e voltou para o quarto.

— Não, querida, é melhor que você não o veja. Você ouviu o que o dr. Soames disse. Você tem de se esquecer disso, dizem que dá azar.

E a sra. Compton foi embora, levando o embrulho nos braços e, ao fechar a porta e bater o trinco, o fim estava oficializado.

---

## CAPÍTULO 27

---

O bebê estava com fome. Dorothy combinou com a sra. Twoomey que receberia uma jarra grande de leite de cabra todas as manhãs, que seria trazida à cabana pelo criado. Dorothy pagaria um xelim por vez, e achou que o preço era justo. Será que o criado poderia deixar o leite no portão? Dorothy estava tentando manter a casa o mais silenciosa possível, sabe, para que Nina não fosse incomodada. A pobre menina precisava dormir até que estivesse forte outra vez. Ah, sim, estava exausta, terrivelmente gripada, tinha dores de cabeça e vomitava. Dorothy achava que era uma gripe forte. devia ser por causa do tempo. E de seu humor. Ah, pobrezinha! E aquela tosse? Não, não havia necessidade de chamar o médico. Mais alguns dias de descanso e ela ficaria bem, obrigada. Nina não gostava muito de médicos.

A sra. Twoomey achou tudo aquilo estranho, no começo. Mas ficara sabendo, sim, que uma das meninas de Dorothy estava doente e tentando se recuperar, e esperava que melhorasse logo. Ninguém imaginaria que uma menina tão forte como aquela ficaria doente. As cabras da sra. Twoomey eram ótimas, e o leite era de qualidade, como costumava se gabar. Tinha alimentado o filho mais velho com o leite delas quando ainda era um bebezinho, quando havia começado a viver.

Havia feito o bebê sobreviver quando achou que fosse morrer, e olhe só como está agora! Ah, mas tinha se esquecido. Sentia muito.

— Tudo bem, sra. Twoomey. Fico contente que possa me vender um pouco do leite — disse Dorothy.

A sra. Twoomey contou à sra. Sanderson que Dorothy Sinclair tinha aparecido em sua casa naquela manhã implorando por um

pouco de leite e parecendo estranha. A sra. Twoomey havia lhedado um pouco e até aceitou um xelim pelo produto, então qual era o problema?

Ah, mas o olhar daquela mulher, ela tem um olhar penetrante. Estava desesperada por leite. Aquela mulher sempre tinha sido estranha. E meio fácil, especialmente quando havia polacos envolvidos na história, coisa que não se esperaria de uma mulher como ela.

Todos comentavam sobre aquela história pelo vilarejo. Uma mulher daquela idade! Ainda era bonita, sejamos justos. Não era linda, mas agradável aos olhos — aos olhos dos homens, pelo menos. Tinha um ar meio nobre. Os rumores diziam que estava apaixonada, e o pobre Bert ainda estava vivo, e, até onde todos sabiam, retornaria para acertar as coisas. Dizem que ele nem se importou. E bem, todos nós sabemos o porquê, não é mesmo?

Um carro esporte vermelho foi visto correndo pelo vilarejo no dia de Natal. Ah, sim, a sra. Pritchard viu, e o marido dela até achou que se tratava de um MG, e muito bonito. E o carro não tinha ido embora “até a manhã seguinte!”. A visão da sra. Pritchard não andava muito boa, mas podia jurar que era o líder do esquadrão dirigindo o carro. Dizem que a sra. Sinclair ficou totalmente abalada quando ele teve de partir para o sul, e que ele lhe escreve cartas de amor. Será que *ele* é casado também? Não era um homem muito jovem.

Coisas engraçadas devem ter acontecido naquela cabana no Natal, mas as garotas ficam de bico fechado. Veneram a mulher. E agora uma delas estava doente. Era por isso que queria o leite, foi o que disse. A maiorzona, não a menina bonitinha, digo. Você até pensaria na outra, mas não foi bem assim.

A sra. Compton ouvia a fofoca enquanto a sra. Sanderson tagarelava a perder o fôlego, ávida por passar as “novidades” para frente. E depois, a sra. Pritchard, que confirmou ter visto mesmo o carro esporte vermelho.

A sra. Compton achava que nada daquilo era de sua conta. Dorothy Sinclair era dona da própria vida. Mas talvez devesse visitá-la? Pena que sentisse que as visitas sempre a incomodavam. Sabia

que a sra. Sinclair não queria as visitas, talvez porque a culpasse pela perda do filho em maio do ano interior. Mas a pobre criatura já estava morta antes mesmo de nascer. Talvez já estivesse morto há horas, ou mesmo por um dia inteiro. Já havia acontecido antes, e aconteceria novamente na vida.

A parteira se recordava do próprio primeiro parto: uma menininha, que também havia nascido morta. Lembrava-se de como se sentira vazia depois. Foram anos e anos com esse vazio. Mesmo tendo dado à luz seis bebês consecutivos, a sra. Compton sentia um buraco em sua vida que somente a filhinha falecida poderia preencher. E que, é óbvio, nunca seria preenchido. Era a maior tragédia que podia acontecer na vida de uma mulher. Os anos haviam se passado e a sra. Compton já quase não pensava naquilo. Você só tem de continuar vivendo e lutar com o que o bom Senhor achou melhor para você. Não cabe a você questionar as decisões Dele. Mas, mesmo assim, a sra. Compton compreendia bem os sentimentos de Dorothy. Ficava feliz em saber que era compaixão. A pobre sra. Sinclair era sensível e inteligente. Não fazia fofocas; não havia malícia nela.

Visitaria Dorothy, pela última vez, para ver se havia algo que pudesse fazer. Perder um bebê, ainda mais um bebê pelo qual tinha esperado tanto, era muito difícil para uma mulher. Algo assim poderia trazer sentimentos ruins, pensamentos ruins, mesmo anos após a tragédia. A sra. Compton entendia bem aquilo.

Sim, ia visitá-la. Uma última vez.

---

## CAPÍTULO 28

---

O pequeno John, com apenas oito dias de vida, já estava gordinho e rechonchudo. O cabelo negro grudava na sua cabeça e as bochechas eram bem coradas. Tinha dois grandes olhos azuis que pareciam observar a tudo e a todos, em um estado de eterna perplexidade. Na maior parte do tempo estavam focados em Dorothy, a mulher que lhe dava de comer, trocava suas roupas e o acalentava. Com o corpo todo enrolado em faixas, balançava os braços e movia os dedinhos de forma desajeitada. Dorothy achou que deveria enrolá-lo menos, pois o pobre bebê parecia preferir ficar mais livre. Não o magoaria. Ele agora dormia no quarto de Dorothy, no berço que Albert havia construído para Sidney. No oitavo dia, afinal, decidiu dar um banho nele. Os restos do cordão umbilical haviam murchado e caído, e parecia ser a hora perfeita para lavá-lo direito. Dorothy enterrou o nariz no cabelinho dele para sentir o cheiro adorável de bebê, um cheiro que — tinha de admitir — estava começando a sumir. Aos poucos ele ia perdendo o cheiro embriagador dos recém-nascidos.

Tinha um pouco de medo de derrubá-lo, porque o corpinho do pequeno era muito escorregadio, mas ele ficou quieto e calmo, apoiado na curva do braço de Dorothy, enquanto ela o lavava na pia da cozinha. Dorothy então deixou as preocupações de lado e começou a se divertir com o olhar de admiração estampado no rostinho dele com a sensação que a água caindo na barriga e na cabeça provocava. Espremia os olhinhos quando alguma gota de água caía dentro deles. Depois de lavá-lo, Dorothy o envolveu firmemente em uma toalha e ficou sentada com ele em frente à lareira, fazendo carinho e murmurando canções para o bebê.

Enquanto John dormia, Dorothy começou a compor na cabeça a carta que escreveria e colocaria no correio mais tarde.

Nina tinha voltado ao trabalho na fazenda. Os seios já começavam a secar depois de terem ficado inchados por um ou dois dias, e depois murchado como balões com um furo pequeno. Dorothy, por precaução, tinha feito alguns protetores para ela, e Nina os colocava com cuidado dentro do sutiã todas as manhãs. O bebê havia aceitado as mamadeiras de leite de cabra rapidamente, e mamava fazendo barulho e a toda hora, mas em quantidades tão pequenas que Dorothy ficava surpresa que ainda estivesse vivo, tanto mais ganhando peso. Muito do leite era eliminado, transformado de forma barulhenta e triunfante em fraldas sujas.

Dorothy planejou o que faria. Não contaria o segredo a ninguém. Sabia bem para onde iria e o que teria de fazer. Nina, embora ainda estivesse exausta, ficava aliviada por poder voltar ao trabalho e por se livrar de qualquer responsabilidade sobre o bebê, transferindo-as todas para Dorothy. A jovem mãe mal olhava para o filho.

Na noite anterior, Dorothy tinha ouvido, sem querer, Aggie e Nina conversando. Não teve a intenção de ouvir a conversa, mas a porta do quarto das meninas estava escancarada, e a dela também. As meninas sussurravam, mas, como a cabana ficava completamente em silêncio durante a noite, as vozes chegavam até ela.

— Você não sabia mesmo que estava grávida? — Parecia que Aggie não conseguia deixar o assunto de lado.

— Já não disse que não?

— Eu sei o que você disse.

— Então por que está perguntando?

— É que não consigo acreditar que eu passaria os nove meses inteiros sem saber. Não vejo como isso possa ser possível para nenhuma mulher.

— Não acho que foram nove meses, se eu parar para pensar. Devem ter sido uns oito, e é só isso o que posso dizer.

— Sou sua melhor amiga, Nina Mullens, e a conheço bem.

— Não conhece tanto assim.

— Você pode me contar a verdade. Você nem suspeitava?

— Não.

— Mas você ficou em trabalho de parto por horas! A ideia não lhe ocorreu?

— Não. Só me sentia mal. Estava com medo, achei que fosse explodir. Honestamente, fiquei tão chocada quanto a Dorothy quando ele nasceu.

— Ah, Nina!

— O quê?

— Queria que você ficasse com ele. Você não pensa na ideia?

— Não.

— Você vai se arrepender disso um dia — disse Aggie.

Quando ouviu isso, Dorothy sentou-se na cama, agarrando os joelhos e ouvindo com atenção. O bebê John cochilava no berço.

— Não, não vou.

— O filho é seu e não dela! Isto é errado!

Dorothy estremeceu. Não podia parar de ouvir.

— E por que não é certo? — perguntou Nina.

— Não é... não sei. Oficial. Ela vai ficar com o bebê e ninguém nem vai... e se ela o tratar mal? Você nem vai ficar sabendo.

— Você acha mesmo que a Dot vai tratar mal o John?

— O David — corrigiu Aggie.

— John, David, não faz diferença para mim.

— E se o marido dela voltar? Vai saber que o filho não é dele, mesmo não sabendo que ela também não é a mãe.

— E?

— Você sabe o que estou tentando dizer!

— Não é da conta dele, certo? Além disso, ele não vai voltar. Eles se separaram, lembra?

— Mas você já pensou na ideia, Nina? Digo, já pensou direito?

— Não posso ficar com este bebê; não o quero. Já discutimos isto um milhão de vezes. Dorothy quer um filho e pode ficar com o meu. Fica bom para todo mundo, não fica? A não ser para você, me parece.

— David não é um boneco!

— Shh! Fale baixo — chiou Nina.

— E para onde Dorothy vai? E quando? Não vai poder ficar por aqui. As pessoas vão ligar os pontos e descobrir a verdade. Fico

surpresa que ninguém ainda saiba sobre este bebê. Não sei, talvez tenham descoberto.

— Você contou para alguém? — perguntou Nina, rispidamente.

O coração de Dorothy deu um salto e começou a bater mais forte. Perguntava-se se as garotas podiam ouvi-la respirando, se saberiam que as estava espiando. Tentou respirar mais devagar.

— Claro que não. Dei minha palavra.

— Também não abri a boca. E Dot também não, com toda certeza. Não há mais ninguém. Ninguém mais sabe, não é mesmo?

— Não acho que seja possível. Mas se algum enxerido ficar sabendo, a notícia vai se espalhar pelo vilarejo todo.

— Aí é que está a graça. Ninguém a visita. Dorothy é muito reservada.

— Mas e se o carteiro ouvir o bebê chorando? O que vai acontecer?

Sim. E se o carteiro ouvisse o bebê chorar? Mas Dorothy estava se prevenindo, não é? Tinha se encarregado daquilo. Pensou em tudo isso. Não é mesmo?

— Não vai ouvir. Você bem sabe que ela agora deixa todas as janelas fechadas e tranca a porta dos fundos. Pare de me preocupar à toa, Aggie. Dorothy fica com a criança no piso de cima a maior parte do dia e você sabe bem disso. Ninguém vai ouvi-lo, então pare de se preocupar.

— E se alguém vir aquelas fraldas todas e as roupinhas no varal?

— Você não presta atenção em nada? Ela pendura todas as coisas dele para secar no varal de chão, perto do fogo, durante a noite. Ela não é idiota!

— Shh!

— Tenha um pouco de fé. Como eu tenho.

— Ela vai embora, você sabe disso. Sei que vai. Voltaremos para casa qualquer dia desses e... ela e o bebê terão partido. Você nunca mais vai ver o David.

— O John. Nunca mais vou ver o John.

Não disseram mais nada.

Algum tempo depois, Dorothy caiu no sono.

3 de janeiro de 1941

Querida mãe,

*Desculpe por não escrever há tanto tempo. Muitas coisas aconteceram em minha vida. Albert desapareceu. Sou viúva agora, ou pelo menos é o que acredito, e tenho um filho. Mãe, essa criança não é do Albert e, de alguma forma, acredito que você ficará aliviada por saber disso. Agora concordo que você estava certa o tempo todo sobre ele. Ele não era bom o suficiente para mim. O pai de meu filho, esse sim é um homem especial: culto, inteligente e corajoso. Mas está em perigo, como tantos outros homens nestes tempos em que estamos vivendo. Espero que depois da guerra tudo fique bem e possamos nos casar. Ele é polonês, e o homem mais doce e mais bondoso que já conheci.*

*Mãe, gostaria de voltar para casa com o John, meu filho. Ele completou oito dias de vida hoje. Posso pedir que você considere a possibilidade de nos aceitar em casa novamente? Os proprietários querem passar minha cabana para outras pessoas agora que acreditam que Albert esteja morto. Seu neto é um bebê lindo e tenho certeza de que você vai amá-lo tanto quanto eu.*

*Estou esperando sua resposta.*

*Sua filha,*

*Dorothy*

John tinha molhado o colo de Dorothy depois do banho. Ela tinha se demorado demais perto do fogo, cantarolando canções para o garotinho nu. Colocou então fraldas limpas e vestiu roupinhas nele; em seguida, colocou uma saia e meias limpas também. Em poucos minutos, John cairia no sono, mas, enquanto o menino ainda estava acordado, ela o abraçava forte, o acalentava e cantava um pouco mais para ele. Estavam sentados na cadeira dela, perto da janela da sala, e o olhar do menino parecia ser atraído pela luz brilhante da neve que penetrava pela janela.

Aquela época de janeiro era a mais fria e erma do ano; o mês em si era cinzento e branco e parecia não ter fim, o que enchia Dorothy

de tristeza todos os anos, mas não naquele. Naquele ano, os dias de janeiro estavam sendo preenchidos com a maior das alegrias. Contente com a nova vida, regozijava-se com a maternidade que havia finalmente se revelado para ela. Um sacrifício abundante e glorioso que a fazia mais feliz do que jamais havia sido um dia. Conseguia fazer todas as tarefas, encontrava tempo tanto para cuidar das roupas dos proprietários quanto das suas. John ainda dormia a maior parte do dia, então tinha tempo para trabalhar rápido enquanto podia. Uma pena que o trabalho não fosse mais tão bom como um dia havia sido, mas esperava que ninguém tivesse percebido isso.

Balançava John e cantava *Summertime* para ele. Sabia que não cantava bem, mas John parecia gostar, já que adormecia de repente, como só os bebês conseguem fazer. Ela o colocava no carrinho novamente e o cobria com o cobertor macio, posicionando-o mais perto do fogo, mas não perto demais.

Sabia que teria de deixar Lincolnshire em breve, que teria de fugir com aquele bebê. A conversa entre as meninas, que tinha ouvido por acidente na noite anterior, tinha deixado Dorothy apreensiva. Era hora de agir, de parar de se deleitar com a beleza daquele momento. Não poderia levar muitas coisas com ela, então começou a preparar uma lista mentalmente. A maior preocupação de Dorothy era como conseguiria chegar à estação de Lincoln sem ser vista ou, se isso não fosse possível, pelo menos sem levantar suspeitas?

Precisava levar a carta que tinha escrito para a mãe até a caixa de correio, mas o que faria com John? Não queria carregá-lo, para que ninguém o visse, e levá-lo no carrinho também estava fora de questão pelo mesmo motivo. John tinha adormecido rapidamente e respirava com calma e regularidade, às vezes suspirando. Apressada, Dorothy vestiu o casaco e as botas. Podia ir até a caixa de correio e voltar em talvez cinco minutos. Trancou a porta da cozinha com cuidado atrás de si e correu o mais rápido que conseguiu pelo ar frio e pela neve congelada que escorregava debaixo dos pés.

O gelo se afofava pela trilha que levava até a porta da cozinha da sra. Sinclair. A sra. Compton percorria o caminho devagar e com

cuidado. Sentia-se insegura em caminhar pelo gelo ultimamente; estava ficando velha e tinha um medo mórbido de cair e quebrar a bacia, o que costumava acontecer com mulheres mais velhas. Ela tinha pedalado até a cabana, uma viagem de apenas três quilômetros, mas que havia levado mais de uma hora. Em alguns lugares, onde a estrada estava especialmente escorregadia, tinha decidido empurrar a bicicleta. Era um alívio chegar à cabana da sra. Sinclair e encostar a bicicleta contra a cerca viva.

Ao chegar à porta da cozinha, empurrou-a com cuidado, só para ver se estava aberta. Tentou girar a maçaneta. Trancada. Aquilo não era normal. É claro que a sra. Compton sempre batia na porta por educação quando visitava Dorothy, mas sabia que a porta estava sempre destrancada — ou, nos meses em que fazia mais calor, entreaberta. Mas a sra. Sinclair passava os dias todos sozinha, sem a proximidade de vizinhos. Em seu lugar, a sra. Compton teria trancado a porta também.

Bateu mais uma vez e esperou.

Não havia ninguém em casa?

Tinha percebido que as janelas da sala estavam sem as cortinas de laço, então refez os passos e voltou até a entrada da frente. Pisando com cuidado pelo gramado congelado, protegeu os olhos e espiou pela janela.

---

## CAPÍTULO 29

---

*Uma fotografia trazia uma menininha de cabelos cacheados calçando meias brancas e sapatinhos de boneca, além de um vestido de babado de cor indecifrável, que ela parecia usar com orgulho. Tinha um sorriso largo, duas janelinhas nos dentes da frente. Segurava a mão de uma mulher, sem rosto e sem cabeça, somente pernas, uma saia escura, um braço e uma mão que segurava a da garotinha. Nada estava escrito no verso.*

Encontrado dentro de *Treasury of Nursery Rhymes*, de Hilda Boswell, em ótimas condições. Foi colocado à venda pelo preço de 15 libras na prateleira de colecionáveis infantis. Vendido no mesmo dia.

Enquanto me recuperava, Philip me visitava todos os dias e ficava lá por longas horas. Durante as visitas, limpava o chão, os armários, as janelas e o congelador. Não tinha percebido que o apartamento estava tão sujo. Ele me dava comida e me encorajava a tomar banho e a trocar de roupa. No terceiro dia, finalmente foi embora dizendo que estava tudo feito. Disse-me também que poderia voltar a trabalhar na livraria assim que quisesse, assim que eu estivesse pronta.

E agora estou pronta. Sophie me abraça, Jenna me abraça e Patrícia, a nova funcionária, me dá um aperto de mão. Philip aparece sorrindo de dentro do escritório. Então me ofereço para fazer café. Depois que entrego algumas canecas, Philip me passa algumas tarefas. Hoje vou cuidar da sessão de ficção de capa dura, tirar todos os livros que já estão nas prateleiras por mais de um ano e colocá-los em uma prateleira de barganhas, todos pela metade do preço. É o tipo de tarefa que adoro fazer.

O cheiro de pó que fica nos livros é reconfortante, mas faz mal à saúde. Ainda me sinto fraca e um pouco vulnerável. Se olhar demais ao meu redor, se me mexer muito, será que estas paredes e estas prateleiras vão me delatar como entidades vivas? Será que vão rir e zombar de mim? Será que vão me ver correndo de volta para casa aos prantos, e rir de como corro desajeitada e devagar? Será que esses livros de fato têm vida e estão sussurrando sobre mim entre eles, falando mal de mim e me odiando?

Controle-se, digo a mim mesma. Por Deus, Roberta. São apenas livros, e você já está melhor.

Vi *babunia* ontem. Achei que seria uma boa ideia visitá-la antes de voltar ao trabalho, antes que ficasse superocupada em dezembro. Fui até lá com a intenção de contar a ela sobre papai e levar flores pelo aniversário dela, que havia sido em novembro. Ela gostou das flores, mas não havia percebido que o aniversário dela havia passado. Perguntou se estava com 108 anos. Ou seriam 107? Disse a ela que era alguma coisa assim. E então ela disse que havia recebido outro telegrama da rainha, mas achava que não havia sido a rainha quem o assinara.

— Você parece meio pálida — observou, enquanto me olhava de perto.

Gostei daquilo. Dessa percepção aguçada, que é sempre muito reconfortante.

— Estou bem, *babunia*.

— Você está doente?

— Não! É só um resfriado, nada para se preocupar.

— Mesmo assim, você tem de se cuidar. Vocês novinhos não usam roupas suficientes.

— Olhe só para mim! — Eu disse, dando uma voltinha.

Ela examinou o moletom grosso de gola polo, o cardigã, as calças jeans e as botas, e então pigarreou.

Aha! Derrotada.

— E como está meu filho? — perguntou.

Hesitei por um instante. O que deveria dizer? Vovó parecia tão feliz, alegre e cheia de vida, assim como as decorações que eu estava colocando no quarto dela.

— Está bem, só um pouco ocupado com o trabalho — eu disse.

— Achei que tivesse se aposentado — ela disse, puxando um pedaço grande de enfeite dourado da caixa de decorações, alguns tão velhos quanto eu, senão até mais.

Peguei o enfeite da mão dela e o joguei fora.

— Ah, sim, mas você conhece o papai. Gosta de estar sempre por dentro das coisas.

— Tenho orgulho dele, meu filhinho.

— Sei que tem, e eu também tenho.

Em uma tentativa de evitar que minha voz falhasse ou que meu rosto se enrugasse, me entregando, enrolei o enfeite cintilante nos ombros da *babunia* e dei um beijo na testa dela.

Ela riu.

Então eu tiro o pó dos livros e estou feliz por estar em casa novamente. Cada livro que examino fica mais quente em minhas mãos, fica mais macio de alguma forma, e fico contente por estar escondida nesse salão dos fundos, com as janelas francesas fechadas com firmeza contra a tristeza do inverno; fico feliz que Sophie esteja no caixa e que Jenna e Patrícia estejam felizes e contentes decorando o saguão de entrada com uma árvore de Natal, e que apenas um cliente ocasional me encontre aqui sentada nesse banquinho barulhento limpando livros, colocando preços novos e reposicionando as coisas.

Um envelope cai de uma reedição de *The Death of the Heart*, de 1949, de Elizabeth Bowen, um romance que Philip e eu adoramos. Lembro-me de ter discutido o livro com ele por horas logo que comecei a trabalhar aqui. Pego o envelope. Parece e cheira a novo; o papel grosso de cor marfim tem marca d'água, em tom pastel, definitivamente um envelope de qualidade. Está selado. Examino o outro lado e está endereçado a “Roberta”. E, é claro, levo alguns segundos para entender que aquela carta era para mim.

---

## CAPÍTULO 30

---

Dorothy vinha correndo em direção à cabana e parou bruscamente ao chegar ao portão de entrada. Soltou um gritinho involuntário que fez a sra. Compton, parada em frente à janela da sala, se virar na direção dela.

John também chorou, um choro tão curto, afiado e claro como o ar frio daquele dia, apesar do vidro que o separava das duas mulheres perplexas.

Dorothy ficou olhando para a sra. Compton e a parteira para ela. Nenhuma das mulheres disse uma palavra ou piscou. Não sabiam quem deveria falar primeiro.

Ah, Deus, não! Aquilo não podia ser verdade, não agora. Tão perto de John, tão perto de realizar seus sonhos, tão perto de realizar aquele sonho que alimentava há tanto tempo, tão perto da felicidade que tinha deixado de acreditar que pudesse acontecer para ela. Aquela mulher, aquela mulher medonha, a própria *nêmesis* viva olhando pela janela da sala, a janela transparente de onde as cortinas amareladas haviam sido retiradas naquela manhã e que agora secavam sobre o varal de chão na cozinha. Aquela mulher desprezível olhava para o carrinho grande e preto onde estava o bebê, agora acordado e gritando, inocente e sem nenhuma malícia.

E que opções teria Dorothy? Teria coragem de dizer àquela mulher o que, de fato, tinha vontade de dizer? Mas para que faria isso? Era tarde demais, sabia disso. Aquela mulher tinha olhos — ah, e como tinha! Dorothy fechou o portão atrás de si, andou até a porta da cozinha e a destrancou. Sentiu que a sra. Compton a seguia, sentiu-se presa como um cachorro na coleira.

Dorothy bateu a porta da cozinha, trancando a outra mulher do lado de fora.

— Dorothy? — Chamou a sra. Compton, a voz abafada pela porta. — Dorothy? Deixe-me entrar, por favor? Não vou... está frio aqui. Vim de bicicleta para vê-la hoje. Tenho ouvido coisas. Coisas preocupantes. Prometo que vim para ajudar. Nada mais e nada menos que isso.

Dorothy ignorou o pedido da sra. Compton e entrou cambaleando para a sala. Pegou John nos braços e ele logo se acalmou. Abraçava-o forte. As lágrimas jorravam de seus olhos e ela se amaldiçoava por ter sido tão esquecida e tão descuidada. Dorothy caminhou de volta para a porta da cozinha, devagar, tentando evitar aquele confronto inevitável. Segurou John ainda mais firme contra o peito.

— Frio! — Disse a sra. Compton abruptamente, quando Dorothy finalmente abriu a porta. Ela deu um passo para trás, tremendo e apertando o bebê que dormia, e puxou o cobertor que havia tricotado para cima dele.

O que estava frio? Dorothy pensava. O tempo? A recepção de Dorothy? A casa? Não, não era a casa. As chamas estavam acesas em todas as grelhas.

Dorothy colocou o bebê adormecido de volta no carrinho e o empurrou até a cozinha, onde ficou em evidência, grande e preto, no canto. Preparou um pouco de chá às pressas, mal esperando que ficasse imerso por tempo suficiente, e serviu, com as mãos ainda trêmulas, uma xícara para cada uma delas. A sra. Compton fingiu não perceber e bebericou do chá. O relógio batia. Conversa fiada, comentários sobre o tempo. Perguntas sobre a saúde de Nina. Nenhuma delas mencionou o bebê que dormia, os suspiros felizes, os sussurros balbuciados com doçura pelo pequeno, que inundavam a cozinha.

John começou a chorar novamente, e a sra. Compton se levantou da mesa, mas Dorothy pulou na sua frente e ficou diante do carrinho, impedindo a passagem da outra mulher.

— Não! — gritou Dorothy.

— Mas ele está chorando!

— Vou pegá-lo. Não toque em nada.

Dorothy pegou John e o balançou, acalmando o choro. Depois o levou até a janela da cozinha e observou a brancura daquele dia e chorou mais uma vez, um choro suave e baixo. Era estranho pensar que aquele bebê não era mais um segredo. Alguém mais sabia sobre sua existência — a última pessoa que Dorothy queria que soubesse —, mas John não fazia ideia das batalhas que estavam por vir. Queria conforto e não se importava com quem sabia sobre sua existência ou quem o iria confortar. A dura verdade: qualquer pessoa serviria.

Dorothy se virou da janela e encarou a sra. Compton, que tinha uma mistura de confusão e preocupação estampada no rosto.

— Por favor, vá embora — disse Dorothy.

— De quem é essa criança? — replicou a mulher mais velha.

— É um bebê, apenas um bebê. Pedi que você vá emb... não. Estou pedindo para você ir para o inferno. Quero que você vá para o inferno e nunca mais volte a esta casa. Você me entendeu bem?

Dorothy sentia as bochechas queimando, tanto envergonhada pela linguagem que havia usado quanto pela fúria com a ideia de perder John.

— “É só um bebê” não responde a minha pergunta, Dorothy.

— É meu — deixou escapar.

— Seu?

— Sim.

A sra. Compton parecia totalmente desorientada.

— Mas você não... você não estava grávida. Ou estava? Eu a vi antes do Natal e você estava mais magra do que nunca.

— O filho é meu — insistiu Dorothy.

— Impossível — retrucou a sra. Compton ríspidamente.

Dorothy pensou que se elas fossem veados, ou rinocerontes, ou mesmo elefantes, provavelmente estariam lutando com os chifres naquele momento e teriam se atracado em uma luta até a morte. Dorothy respirava fundo e rápido, o coração batendo dentro do peito como nunca havia batido antes, mais forte até mesmo do que quando Albert a estuprara.

Apertava John contra o peito, acariciava o filho e beijava sua cabecinha. Não conseguia evitar que as lágrimas caíssem no cabelo macio e negro da criança.

— Você não vai me tirar este! — guinchou, encarando a velha senhora.

— Está bem então. — A sra. Compton aparentava uma calma estranha, quase amigável.

— É só isso que você tem a dizer?

— O que mais eu poderia dizer?

— Acredito que nada.

— Conte-me sobre este bebê. Por favor. É um menino?

— Um garotinho, sim — respondeu Dorothy com prudência.

— E como você o conseguiu, Dorothy? Você... Por Deus, você não o roubou, não é?

— É claro que não.

— Eu sei como a perda de Sidney a feriu. Não seria a primeira vez que um bebê seria roubado por uma mãe que sofre. E eu até entenderia, se fosse este o caso. Juro que entenderia. Mas... — Dorothy notou um tom autoritário diferente na voz da mulher — ... este bebê precisa ser devolvido à mãe. Você já imaginou como ela deve estar se sentindo?

— Não se atreva a falar comigo sobre o Sidney — rosnou Dorothy.

— Certo. Mas quero falar com você sobre *este* bebê.

— Você ficou sabendo de algum bebê desaparecido ultimamente?

— Não, admito que não. Mas isso não significa que...

— Este bebê não foi roubado, você tem minha palavra.

— Então de quem é?

— É meu. Já disse.

— Nós duas sabemos bem que isso não é possível. É seu sobrinho? Filho de uma amiga? — As sobrancelhas da sra. Compton se franziam com o esforço que fazia para entender.

— Não.

— Dorothy, me conte, por favor.

— É filho da Nina! — gritou Dorothy. — Certo? Nina o deu à luz, mas não o quer. E não é para ninguém ficar sabendo. Estou cuidando dele. Ela disse que posso ficar com ele, se quiser.

— Meu Deus!

— Pois é — Dorothy tentou acalmar John, que havia acordado agitado com o grito que ela dera.

— Da Nina? — repetiu a sra. Compton.

— Não sabíamos que estava grávida, ela mesma diz não ter suspeitado de nada.

— Não consigo acreditar. Quando nasceu?

— No *Boxing Day*. Ajudei a fazer o parto lá em North Barn.

— E nasceu em um celeiro, como o próprio Cristo?

— Se você preferir assim — respondeu cansada.

— Bom, devo dizer que você me assustou. Temia o pior, de verdade. Vou buscar o dr. Soames, ele vai saber o que fazer. Nina já falou com ele?

— Não, é lógico que não! — Dorothy foi tomada por uma nova onda de pânico. — Ninguém pode saber, você não entende?

— Sim, você disse. Mas a Nina está bem?

— Acredito que sim. Ainda está sangrando um pouco, mas não sente mais dor. Teve alguns ferimentos, mas disse que parecem estar melhorando. Também não tem febre, não está fraca, só um pouco cansada.

— Não seria melhor eu dar uma olhada nela? — A sra. Compton falava com suavidade, e havia na voz dela certo tremor que Dorothy nunca havia visto antes. — Já fiz muitos partos e suturei muitas mães. É meio tarde agora, é verdade, mas poderia dar uma olhada nela para ter certeza de que está tudo bem.

— E depois o quê?

O relógio bateu mais uma vez e John começou a choramingar, pedindo leite. Dorothy esperou alguns instantes, com o coração batendo forte e respirando com dificuldade.

— Isto é entre você e a Nina — disse a sra. Compton. — Vocês já têm tudo acertado, acredito.

Dorothy não tinha certeza se tinha ouvido direito, mas o rosto da sra. Compton estava sereno e expressava bondade.

— Nina queria mandá-lo para viver com as freiras — contou Dorothy, enquanto passava os dedos pelos cabelos de John, balançando-o com cuidado para cima e para baixo contra o peito. O bebê estava ficando mais agitado, a fome insuportável do recém-nascido atingindo o limite.

— Meu Deus! — exclamou a sra. Compton energicamente. — Por que você não esquenta o leite dele? Cuido dele enquanto isso. Parece estar bem, mas nunca se sabe. Por acaso ele vem tomando leite de cabra?

Então a sra. Compton havia dito que o bebê estava bem e fora de perigo.

O leite de cabra estava lhe fazendo bem, e sim, quanto mais ela pensava no assunto, mais sentido fazia manter tudo aquilo em segredo. Nina, que Deus a proteja, não era a menina mais inteligente do mundo; não sabia nem ao menos que estava grávida e não queria aquele camaradinha. Não tinha nenhum espírito maternal dentro dela. Algumas mulheres simplesmente não o tinham. Quantos anos tinha mesmo? Dezenove? Bem, ainda era bem jovem e queria aproveitar a vida. Já você, Dorothy, bem... Você é uma mulher madura e apta para esta tarefa. E você teve tanta má sorte na vida... Qualquer tolo pode ver que já ama este bebê, um amor que só as verdadeiras mães são capazes de ter. O amor por um recém-nascido, aquele antigo desejo de protegê-lo. Não se podia confiar que Nina tivesse aquele mesmo senso... Talvez o tivesse algum dia, talvez encontrasse um marido que estivesse disposto a aceitar aquela criança fora do casamento, e que ela própria aceitasse se dedicar à maternidade e fazer de tudo pelo bem do filho. Mas a criancinha precisava de tudo aquilo naquele momento e não só dali a dez anos. E Dorothy, você é uma mãe incrível. Você merece este golpe de sorte, este presente, seja lá do que você decidir chamá-lo. Avise se eu puder ajudá-la. E eu posso ajudá-la.

E a manhã deu espaço à tarde, e a tarde passou, o fogo queimava nas grelhas e as mulheres fizeram mais chá e sanduíches. Dorothy fez carinho no bebê, o alimentou mais uma vez e trocou as

roupinhas. Às três da tarde, a sra. Compton pegou a bicicleta e retornou ao vilarejo, através do crepúsculo carrancudo de janeiro.

Haviam feito um pacto e o segredo estava garantido — uma aliança improvável tinha sido formada.

Os dias se passaram e poucas coisas aconteceram. Cada dia parecia levar Nina para mais longe do filho e trazê-lo mais para perto de Dorothy. Fazia frio noite e dia. O inverno parecia durar para sempre.

A cada dia Dorothy esperava por uma resposta à sua carta; dias longos e repletos de ansiedade.

E então o carteiro apareceu, e uma pequena carta foi colocada sobre o capacho da cozinha.

*8 de janeiro de 1941*

*Querida Dorothy,*

*Fiquei surpresa e feliz em receber sua carta. Querida, é lógico que você e o bebê podem vir para casa, apesar de tudo o que aconteceu entre nós. Acho que esta guerra me fez uma pessoa mais leve. “A vida é curta” é um clichê muito usado, mas não deixa de ser verdade. Fico sozinha a maior parte dos dias e devo confessar que a ideia de ter companhia e um netinho me anima. Vou esperar por sua chegada, quando você estiver pronta.*

*Mamãe*

O escritório era grande e tinha um ar austero com as paredes revestidas de carvalho e o teto que parecia uma noite sem lua. Dorothy detestava a sensação escorregadia do assento de couro, temendo que fosse traiçoeiro e a derrubasse no chão. Suava, ainda que o cômodo não estivesse quente de forma alguma. A mulher do outro lado da sala estava embrulhada em um cardigã grosso e sorria para Dorothy.

— Bem, podemos começar. Preciso de alguns detalhes.

Dorothy disse o nome de John, o dela, o nome de solteira, endereço, nome do pai, o endereço dele e a ocupação. Já havia escrito na noite anterior tudo o que diria naquela manhã. Jan e ela eram recém-casados. Apressaram-se para se casar antes que o bebê nascesse. Eram tempos de guerra, e as pessoas precipitavam as coisas. Dorothy encolheu os ombros.

A chefe do cartório, que parecia cansada da vida, não respondeu. Continuou escrevendo todas as informações sem levantar os olhos — a não ser para perguntar como se escrevia Pietrykowski, é claro. Dorothy teve de instruí-la a escrever Jan com “J” e não com “Y”. Suas entranhas davam cambalhotas e estavam mais do que prontas para liberar o conteúdo do corpo. Por um momento, achou que fosse vomitar. Respirou fundo e disse à escritã que não andava muito bem e sentia-se muito cansada desde o nascimento do bebê.

— E quando o John nasceu?

— Dia 26 de dezembro.

— E onde nasceu?

— Em um celeiro.

— Meu Deus! — A mulher ergueu o olhar bruscamente mais uma vez após ouvir o comentário, como se suspeitasse que aquilo não passasse de uma piada.

— Na fazenda Lodderston.

— Neste caso, vou colocar o endereço da fazenda no lugar de nascimento. Céus, pobrezinho do bebê.

— Ele nos... ele nos pegou de surpresa. Foi tudo muito de repente.

— Deve ter sido mesmo, mas não é bom assim? Minha pobre irmã ficou em trabalho de parto por horas com os filhos dela. Acho que prefiro a primeira opção.

Nenhum outro comentário foi feito, e Dorothy saiu do escritório apertando a certidão de nascimento de John. Correu até o ônibus, que alcançou em tempo, encontrou um banco no fundo e abriu o documento. Estava lá, na frente dela, um papel rosa escrito com tinta azul. Mãe do John. Pai do John.

Tinha infringido a lei; as informações no certificado não passavam de ficção, mas não havia erros. Tinha sido

surpreendentemente fácil.

Dorothy sentia-se estranha; sentia-se *viva* de verdade pela segunda vez na vida. Sentou-se no ônibus e olhou pela janela, sabendo que nunca mais faria aquele trajeto em particular outra vez. Uma nova alegria tomava conta dela, um medo, um grande tremor. Lembrava-se da coruja do sonho fugindo dos corvos que a atacavam.

E quando algum pensamento sobre Jan tentava invadir sua cabeça, fazia o possível para ignorá-lo. Não queria ouvir a voz dele, as palavras sensatas, nem o bom senso, e, acima de tudo, a desaprovação. Tentaria a sorte, aquela sorte única, e nada que alguém dissesse ou fizesse a tiraria do caminho que havia escolhido percorrer.

Sacrificaria qualquer coisa, sacrificaria tudo, se preciso. Sabia daquilo agora. Também não havia erro.

Ao regressar à cabana, Dorothy encontrou John adormecido nos braços da sra. Compton. Tinha tomado o leite e trocado de fralda duas vezes, e, nesse meio tempo, tinha dormido como um carneirinho o tempo todo. O pequenino não dava trabalho. Por enquanto. E deu tudo certo?

Dorothy fez que sim com a cabeça.

— Amanhã você tem de partir, como planejamos. Estarei aqui às 6h30 em ponto. Não se preocupe, eu cuido de tudo, confie em mim. Esteja pronta para partir. Tudo ficará bem, Dorothy. Você não pode olhar para trás.

---

## CAPÍTULO 31

---

Dorothy preparou os sanduíches de Aggie e Nina e encheu a garrafa térmica mais cedo do que o habitual. Não havia uma garrafa para cada uma naquele dia, infelizmente. Havia quebrado uma delas, tinha ficado totalmente despedaçada, que desperdício! Teria de arranjar outra assim que possível. Despediu-se das amigas como de costume, de forma casual, recomendando que se mantivessem aquecidas e assegurando que estivessem usando os cachecóis e as luvas. Limpou as mãos no avental e tirou uma mecha de cabelo do rosto. Era apenas mais um dia, um novo dia naquele novo universo de realidades que havia se iniciado no *Boxing Day*.

A sra. Compton e Dorothy tinham decidido que seria melhor não dizer nada. E se Nina mudasse de ideia?

*Tome cuidado. Conte uma mentira branca. Conte quantas mentiras brancas precisar contar. Meninas tão jovens costumam ser volúveis. Seria inconveniente, para dizer o mínimo. Isso destruiria o seu coração, Dorothy. Não diga nada. Aja naturalmente,* pensou consigo mesma, Dorothy.

Dorothy ficou parada perto da janela da cozinha e observou enquanto as amigas partiam em direção a Long Acre, duas figuras esquecidas que se tornavam cada vez menores, até finalmente desaparecerem. Chorou uma lágrima ou duas — tinha a sensação de que nunca mais veria nenhuma das amigas novamente. Tinham passado por tantas coisas juntas, todos aqueles momentos difíceis durante a guerra, tanto trabalho árduo, tantas perdas e mortes ao redor delas, bombas, explosões e sofrimentos. Dorothy tinha esperança de que as duas amigas ficassem bem. De alguma forma, no mais íntimo de seu ser, sabia que as meninas iam se sair bem.

Dorothy preparou alguns sanduíches para a viagem, embrulhou-os em um papel marrom e correu para limpar a cozinha. Juntou todos os itens que lhe eram essenciais. Na maleta, colocou a certidão de nascimento de John, as roupas e os cobertores, e a camisa de Jan. Tinha costurado o botão que faltava, mas não a tinha lavado ou passado, porque queria preservar o cheiro do homem amado. Não conseguia esquecê-lo, rejeitá-lo, nem trocá-lo completamente pelo filho que a tinha aceitado como mãe. Nunca devolveria a camisa a Jan.

Colocou também na maleta o maço de cartas que havia recebido dele, junto com alguns poucos artigos de toucador e uma muda de roupa para si mesma. Guardou os sanduíches na cesta de compras com a garrafa térmica com leite quente para John, uma mamadeira no espaço que sobrou, alguns babadores, fraldas, alfinetes e talco, junto com as roupinhas de banho do bebê, todas embrulhadas em uma capa de fralda tricotada. Colocou a bolsa dentro da maleta de mão, que poderia carregar nos ombros. Levava consigo 2 libras emprestadas pela sra. Compton. Uma vez que se instalasse, devolveria o dinheiro à mulher. É claro, haviam discutido sobre o dinheiro por um bom tempo.

Era uma pena que não pudesse levar com ela o carrinho de bebê, seria impossível em uma viagem como aquela. Teria de deixá-lo onde estava. Perguntava-se se conseguiria ficar com as mãos livres para comprar, segurar e tomar uma xícara de chá durante as pausas da viagem. Parecia improvável.

Outras preocupações também a assombravam: e se a mãe tivesse mudado de ideia? E se a mandasse embora? Dorothy tinha esperança de que o coração da mãe continuasse mole depois de ver o netinho, e que permitisse que a filha “viúva” voltasse a morar naquela casa em Oxford, a mesma casa de onde Dorothy havia fugido com tanto alívio sete anos antes. O plano todo dependia disso, era a essência da questão. Voltar para casa, voltar para a mãe. Um plano tão simples e tão óbvio. Só lhe restava esperar que a mãe não ponderasse muito os fatos e mudasse de ideia. Dorothy sabia que teria de contar toda a verdade para a mãe no final, mas pensaria nisso quando chegasse a hora.

A sra. Compton manteve a palavra e chegou cedo à casa de Dorothy, planejando com cuidado a hora da chegada para garantir que as meninas já tivessem saído para trabalhar. Dirigia o carro do dr. Soames. Como havia conseguido isso... Dorothy não tinha ideia, e também não perguntou. A sra. Compton e o doutor eram como unha e carne. Talvez tivesse inventado uma história sobre precisar ir além dos campos, passando por todo aquele gelo e aquela neve — talvez reclamando do frio cruel de janeiro e de alguma mulher em trabalho de parto que precisava de ajuda.

Antes de sair da cabana, Dorothy foi de quarto em quarto pela última vez, olhando cada uma das coisas que em breve deixaria para trás, o que era quase tudo. Imaginava que Aggie e Nina continuariam vivendo naquela cabana, pelo menos por algum tempo, talvez com outras meninas; perguntou-se como arranjariam tempo suficiente para cozinhar, limpar e lavar as roupas. Foi até o gramofone e tirou uma camada fina de poeira de cima dele, levantando a tampa e depois fechando outra vez. Era um empréstimo, não um presente. Deveria ter encontrado uma forma de devolvê-lo, mas não pôde. Teria de deixá-lo lá para que as meninas tomassem conta. E continuassem se divertindo, esperava. Até que pudesse ser resgatado pelo verdadeiro dono.

Naqueles dias frenéticos após o nascimento de John, Dorothy tinha tentado não pensar em Jan. Mesmo assim, ele continuava em seus pensamentos, no corpo, tentando ser notado. Era impossível esquecê-lo. Não podia ver com clareza o rosto dele, a voz, a sensação dos braços morenos e firmes; não podia se lembrar do tom exato do azul dos olhos de Jan, ou dos cabelos negros. Já tinha se tornado uma memória de um tempo distante. Ficava triste por ele, aquele homem tão querido que havia proporcionado a ela tantos bons momentos naqueles poucos meses que passaram juntos.

Jan tinha sido o primeiro e único amante de Dorothy, no sentido literal da palavra. E se aquele bebê não tivesse entrado em sua vida de forma tão imprevista e gritante, era provável que estivesse construindo um futuro com Jan; provavelmente se casariam e viveriam juntos pelo resto da vida. Não teria filhos, com certeza — sentia que o corpo estava cansado de tentar conceber. Esse

pensamento terrível a teria feito entrar em pânico alguns dias antes, mas agora tinha John, e nada mais importava.

Jan e John. Jan *ou* John.

A escolha — se fosse necessária — já estava feita.

Concentrada na direção, a sra. Compton pronunciou poucas palavras enquanto seguiam para Lincoln. Tinha se oferecido para guiar o carro, já que havia aprendido a dirigir sozinha muitos anos atrás, ignorando os conselhos do marido. Achava que dirigia bem, disse a Dorothy, mas não gostava muito de fazê-lo, especialmente no inverno. Mesmo assim, saber dirigir estava sendo útil naquele momento, e a sra. Compton sorriu de soslaio para Dorothy, um sorriso lento de cumplicidade.

Dorothy tentava resistir à vontade que tinha de chorar. Deixar a cabana onde havia morado por sete anos não era uma tarefa fácil. Tantas coisas haviam acontecido lá. Naquela cabana, havia perdido a virgindade, concebido vários filhos e dado à luz. Havia perdido Sidney, se apaixonado por Jan e aprendido sozinha a costurar e a cozinhar. Acima de tudo, era a casa onde John havia sido oferecido a ela. Sabia que nunca mais pisaria naquela casa, nunca mais colocaria os pés nem mesmo naquela região.

Ao chegarem à estação, as duas mulheres olharam nervosas ao redor antes de sair do carro para a névoa fria da manhã. A sra. Compton insistiu em carregar a sacola e a maleta até o balcão de passagens, e também em segurar John enquanto Dorothy comprava o bilhete. Depois, a sra. Compton comprou para Dorothy uma xícara de chá na cafeteria da estação.

— Você pode não ter outra chance de comprar chá durante a viagem. Tome este agora, pelo amor de Deus.

Dorothy agradeceu e bebeu o chá depressa, e em poucos instantes, partiam em silêncio em direção à plataforma três, e o barulho do salto de Dorothy era o único som que se podia ouvir. Era cedo; Dorothy estava pegando o primeiro trem e, graças a Deus, não havia outros passageiros por perto. Dorothy sentia-se desconfortável mesmo assim. Olhava para os lados e mordida os lábios secos,

pigarreando ocasionalmente. Na plataforma, a sra. Compton insistiu em esperar com ela e ficou a seu lado, tão perto dela que parecia uma policial.

— O que está acontecendo?

Dorothy e a sra. Compton se entreolharam enquanto uma figura magra, vestindo um casaco longo, chapéu e botas, saía da sala de espera.

— Aggie! — disse a sra. Compton, se movendo para ficar na frente de Dorothy e do bebê. — O que você está fazendo aqui?

— Jogando o seu jogo. O que *you* está fazendo aqui? Dorothy não suporta você.

O silêncio tomou conta da plataforma por um instante, até que Dorothy saiu de trás da sra. Compton e disse:

— Aggie, podemos conversar?

— É para isto que estou aqui. Para isto, e para impedir que você roube o filho da Nina.

— Não estou roubando ninguém — chorou Dorothy indignada.

— Então *o que* você está fazendo? — A expressão de Aggie era violenta.

— Dando a ele uma oportunidade. Dando a John uma vida.

— Bobagem. Você pode enganar a Nina, mas não me engana. Isto não é certo e provavelmente é contra a lei. Vou descobrir. Se você entrar neste trem — o trem entrava na estação naquele momento, espalhando vapor, fumaça e cascalho por toda a parte, e um apito baixo anunciava a chegada —, vou direto para a polícia. Eles provavelmente vão prendê-la na próxima estação. Vai ser divertido ser presa, não é, sra. Sinclair?

— Vou entrar neste trem, sim! — Disse Dorothy decidida, segurando John firme contra o peito.

— Vá em frente. Mas deixe David comigo ou espere só para ver o que vai acontecer. Achei que você fosse uma pessoa decente, realmente achei que fosse. Mas você não é. Você é egoísta, podre e eu a odeio.

A sra. Compton, que tinha se mantido em silêncio desde que as duas começaram a discutir, agora corria para abrir a porta de um vagão enquanto o trem soltava uma nuvem de vapor e um jato de

cascalho negro e salgado. Dorothy protegeu John da fumaça, do cascalho e de Aggie, enquanto a sra. Compton pegava a maleta e a sacola e subia no trem. Aggie ficou na frente da porta do vagão.

— Vamos, Dorothy! — chamou a sra. Compton. — Entre no trem!

Com velocidade e força assustadoras, Aggie alcançou o bebê e o arrancou dos braços de Dorothy.

— Não! — gritou Dorothy.

A sra. Compton saltou do trem com uma agilidade surpreendente para uma senhora da idade dela e aproximou-se de Aggie.

— Devolva este bebê agora.

— Não, não devolvo. Ela não tem direito algum de fazer isto! Isto é cruel! — A mandíbula de Aggie enrijeceu, desafiadora, e seus olhos brilhavam.

— Sua menina tola! O que você sabe sobre “direitos”? E os direitos do John? — disse a sra. Compton.

— O nome dele é David e o lugar dele é com a mãe — retrucou Aggie. — Ela não está em condições de pensar, ainda está em choque. No começo achei que soubesse o tempo todo que estava grávida, mas agora tenho certeza de que não sabia, de que ficou ainda mais surpresa do que nós. Mas vai acabar se acostumando com a ideia de ser mãe. Vou ajudá-la, assim como todo mundo, e ela vai ficar bem. Mas vocês, *as duas*, vocês estão tentando roubar tudo dela.

— Por favor, entenda que nada de ruim vai acontecer com este garotinho — disse Dorothy suplicante. — Eu o amo como se fosse meu próprio filho. É meu filho, e vou amá-lo até o dia em que eu morrer. Eu imploro, por favor, Agatha, não me denuncie à polícia. Pense nas consequências que isso traria. Nina não tem condições de criar este bebê, e você sabe disso. Ele vai acabar sendo levado para algum lar, alguma instituição. Na melhor das hipóteses, vai ser adotado por algum estranho. Estou oferecendo a ele segurança, amor e uma casa confortável. Vou educá-lo, vou dar a ele tudo de que precisa.

Aggie balançou a cabeça, baixando o olhar para o bebê.

John olhou para aquelas mulheres com os olhos bem abertos, sem saber o que estava acontecendo.

Os ombros da menina se abaixaram, derrotados.

— O que posso fazer? — disse, com as lágrimas começando a rolar pelas bochechas. — Vá em frente, então! Leve-o. Mas é uma vergonha, Dorothy Sinclair — e devagar, entre soluços, devolveu John a Dorothy.

Dorothy subiu no trem, seguida pela sra. Compton. Aggie se afundou em um banco, procurando um lençinho no fundo dos bolsos.

— Boa sorte — disse a aliada improvável de Dorothy, fazendo carinho nas bochechas de John. — É boa sorte para este homenzinho também. Vou cuidar dela — concluiu, indicando Aggie com um aceno de mão. — Talvez você possa mandar mais dinheiro assim que estiver estabelecida...

— Sim, é claro — disse Dorothy. Sentia que deveria parecer grata. *Estava* mesmo grata. — Você foi muito bondosa.

— Bobagem.

— Você acha que vai ficar tudo bem? — choramingou Dorothy de repente, tomada pela angústia. — E se Aggie estiver certa?

— Tudo vai ficar bem — acalmou a senhora. — Pense no futuro, e esqueça-se da bobona lá fora. Ela não vai contar para ninguém e também garanto que não vai à polícia. Ninguém vai ficar sabendo.

A sra. Compton inclinou o corpo em direção a Dorothy e baixou ainda mais a voz:

— Nunca vou contar a ninguém, você tem minha palavra. Pense no futuro, é isso que você tem de fazer. Não olhe para trás, nunca. Você tem um futuro glorioso como mãe pela frente. Boa sorte, Dorothy.

O trem apitou, e a sra. Compton saltou para fora do trem, batendo a porta atrás dela. Dorothy colocou o bebê calmo no assento, abriu a janela e colocou a cabeça para fora. As duas figuras ficaram para trás rapidamente enquanto o trem acelerava, e pensou em como Aggie e a sra. Compton eram pequenas. Nenhuma delas acenou. E então sumiram, engolidas pelo vapor, pela fumaça e pela tristeza de janeiro.

Em pouco tempo Lincoln desapareceu também, e o trem já atravessava o interior, passando por campos vazios. Apareceu então a primeira estação, com soldados, pilotos e marinheiros. Mas não havia nenhum policial. Dorothy olhava ao redor ansiosa, suando e com os batimentos cardíacos acelerados, mas o trem partiu mais uma vez e seguiu em direção a Nottinghamshire. Em cada estação por que passavam, Dorothy procurava por policiais, mas nenhum apareceu. Apenas mais funcionários. Aquela espera era agonizante, mas Dorothy tentou continuar paciente. A última viagem de trem que fizera havia sido para Lincolnshire, onde encontrara Albert para se casar. A viagem havia sido calma e tranquila, e a lembrança daquele agosto tão distante a acalmava um pouco. Mas talvez os policiais estivessem esperando por ela em Nottingham, onde trocaria de trem.

Mas não. A mudança de trens foi atormentada, cheia de empurrões e caótica. Havia mais soldados, marinheiros, pilotos, e um fluxo incrível de jovens, falantes e roucos, e alguns desses jovens, e algumas meninas também, iam em direção ao esquecimento, e alguns estariam vivos em cinquenta anos — um fato totalmente horrível, mas que, de alguma forma, também era triunfante. O triunfo da vida e de sua arbitrariedade feroz. E então *apareceu* um policial solitário, que sorriu para ela quando passou carregando o bebê, a sacola, a maleta e a bolsa de mão, mas foi só isso, um sorriso de simpatia. Isso queria dizer que a sra. Compton devia ter “cuidado” de Aggie, assim como a própria Dorothy iria “cuidar” da sra. Compton. Mas agora iria colocar de lado esses pensamentos amargurados. Precisava estar forte tanto mental quanto fisicamente para passar com John por aquele momento difícil, para aguentar aquele dia longo e cheio de acontecimentos. Sabia que aquela seria a viagem mais importante de sua vida.

Mas será que teria de ficar o tempo todo espiando por cima do ombro, esperando ser pega? Será que sentiria medo para sempre? Ou aquela ferida se curaria, aquele rombo, aquele medo, a noção inegável de que John não era seu filho de verdade e de que o mundo ficaria sabendo?

John dormiu, alimentado e satisfeito. O balanço do trem o havia feito adormecer, e Dorothy o protegia em seu colo. Estava contente, porque o primeiro trem parecia ter deixado o menino um pouco desassossegado, ou talvez ele estivesse apenas sentindo o quanto *ela* estava desconfortável, e por isso tinha chorado tanto que Dorothy teve de ficar andando para cima e para baixo com ele pelos corredores. Tivera de passar pelos oficiais, que andavam sempre em grupos grandes e coesos, descansando pelos corredores, debruçando-se nas janelas, sentados em malas, fumando, fazendo piadas, zombando uns dos outros, um ou outro ocasionalmente sem tirar os olhos de Dorothy. Alguns ficavam claramente perturbados com o choro do bebê. Dorothy não reconhecia nenhum daqueles rostos no trem. Ali ela era uma anônima e tinha a liberdade que sabia que iria procurar ter pelo resto da vida.

O último trem da viagem, no qual embarcou na New Street, em Birmingham, estava tão cheio de oficiais quanto de fumaça, de escuridão e de barulho. O calor sufocava dentro dos vagões, mas nos corredores fazia muito frio. Ao deixarem Birmingham, ofereceram a Dorothy um assento perto da janela, e um soldado impertinente, ainda que muito educado, colocou a mala dela no maleiro acima de suas cabeças. Acomodou-se no canto o melhor que podia e deu a John a terceira mamadeira de leite de cabra. Ainda havia leite na garrafa térmica para mais uma mamadeira. Dorothy esperava que aquilo fosse o suficiente para acalmá-lo pelo resto da viagem, e rezava para que não precisasse trocar as fraldas mais uma vez — já o havia trocado três vezes no chão sujo e frio dos corredores do trem que balançava sem parar, e não gostava da ideia de ter de trocá-lo mais uma vez. Não usaria aqueles banheiros imundos.

Mas o que fazer com as fraldas sujas? Estavam todas na sacola, e cheiravam mal. Desejava ter pensando antes em jogá-las fora em uma cesta de lixo da plataforma, quando mudaram de trem. Teria de fazer alguma coisa com elas agora, então sorriu para os oficiais que a olhavam da cabeça aos pés enquanto passava pelo corredor, carregando John e a sacola cheia de fraldas sujas. Colocou a sacola no chão e abriu uma janela com a mão livre. Aquele ar enegrecido passava por ela como um desejo súbito de morte, e ela atirou as

fraldas molhadas e fedidas uma a uma pela janela, enquanto o trem sacudia e balançava pela tarde escura.

Às 16h57, o trem finalmente chegou à estação de Oxford, e Dorothy pôde desembarcar pela última vez, carregando a maleta, a sacola, a bolsa e o bebê. A jornada estava quase chegando ao fim, agora que ela e John haviam chegado a Oxford e estavam longe de Lincolnshire, longe de Aggie, de Nina e da sra. Compton — as pessoas que sabiam de seu segredo. John *era* dela finalmente. Tremendo de cansaço e ansiedade, Dorothy achou um banco perto da bilheteria e sentou-se por alguns minutos, para se recompor. John dormia, e ela o segurava com cuidado.

Poucos minutos depois, Dorothy saiu da estação e entrou em sua cidade natal pela primeira vez nos últimos sete anos, maravilhando-se com aquela grandeza antiga e familiar, aquele insistente ar de superioridade. Estava escuro e frio, e a escuridão covarde havia tomado conta do início da noite. Dorothy sabia que teria de ir para casa caminhando. Estimou que levaria uma hora ou mais para chegar à casa da mãe, ao norte da cidade, carregando tudo. Sentia-se extremamente cansada, mas queria evitar os ônibus. Não conseguia suportar a ideia de outra viagem cheia de poeira, com gente por todos os lados. Nevava menos ali, percebeu com certo alívio, e a noite estava mais branda que nos últimos dias. Passou pelo Ritz, na George Street, onde viu uma fila gigante de pessoas com frio, cansadas da guerra, que esperavam para entrar naquele lugar acolhedor e serem levadas para um mundo mais leve e mais feliz. Passou por lojas, algumas delas familiares, todas fechadas àquela hora. Os funcionários das lojas estavam voltando para suas casas, assim como ela.

Continuou andando. Um pé depois do outro, um passo por vez.

Viva este momento, Dorothy, dizia para si mesma. Viva o aqui e o agora, e agradeça por tudo isto.

A casa na estrada de Woodstock ainda parecia a mesma, pelo pouco que Dorothy conseguia ver no escuro. A porta da frente ainda parecia ser azul. Respirou fundo por alguns minutos, preparando-se

para enfrentar aquele obstáculo final, e então tocou a campainha. John começou a choramingar. Os braços dela queimavam por tê-lo segurado por tanto tempo, com uma só mão, a outra ocupada com a maleta, a sacola e a bolsa, o tempo todo pendurada nos ombros. Seria bom poder deitar John um pouco. Seria um alívio se, por apenas um momento, pudesse soltar aquele peso, passá-lo para alguém. Sentia que a qualquer momento, tudo, incluindo John, cairia das mãos dela.

A mãe abriu a porta. Olhou através da escuridão para a filha única, que pareceu não reconhecer. Dorothy teria mudado tanto assim? De repente a suspeita estampou-se em seu rosto, mas não havia mais amargura ao redor de sua boca, embora as rugas estivessem mais profundas. Parecia cansada, talvez solitária e, definitivamente, velha.

— Oi, mamãe.

— Você veio!?! — Arfou a mãe de Dorothy, colocando uma das mãos enrugadas sobre o peito. Olhou para o bebê que miava como um gatinho, os movimentos incansáveis ficando cada vez mais duros e enraivecidos.

Dorothy sabia que aquele barulho em breve viraria um guincho. John precisava tomar seu leite, e logo. Tinham viajado muito, e ele havia se comportado muito bem.

— Este é o seu netinho, John. Mãe, voltamos para casa, como disse que faríamos.

A mãe de Dorothy estendeu os braços e pegou John. Dorothy abaixou a maleta, a bolsa e a sacola devagar, apoiando-as no chão. O choque de ter os braços livres de repente a fez sentir-se leve e etérea, como se os braços flutuassem, e ela se viu em um estranho e doloroso estado de vazio, após horas carregando peso.

— Estou em uma situação bem ruim, mas o pai de John é um bom homem. Muito correto. Pilota um Hurricane e é líder de esquadrão, como o Douglas Bader. A única diferença é que é polonês. Foi ferido e continuou voando. É um homem muito corajoso e honrado. Pediram que eu deixasse a cabana, como expliquei na carta — Dorothy parou de falar abruptamente, ao perceber que o que falava não fazia muito sentido.

A mãe a ignorava e continuava murmurando, para acalmar o bebê. Por fim olhou para Dorothy com um olhar enigmático.

— A casa talvez não seja mais como você deve se lembrar — disse devagar. — Você realmente voltou? Não temos mais criados, e não temos mais tanto dinheiro. Seu quarto está do jeito que você o deixou, mas deve estar meio empoeirado. Mas não é nada que você não possa ajeitar — E só então a mãe de Dorothy pareceu se dar conta de onde estavam. — Mas que raios estou fazendo? — gritou. — Saia do frio, criança! Entre de vez!

— Mãe!

— Você está exausta, querida. O fogo está aceso e o chá está no fogão. Talvez eu estivesse esperando por você... E é isso, entre, entre, vamos fechar esta porta... Ainda emperra um pouco, não é? Ah, Dorothy, vamos deixar para trás o que aconteceu entre nós. Mães e filhas não devem guardar mágoas.

Dorothy entrou na casa da mãe, e a mãe fechou a porta atrás dela.

*Feliz Dia das Mães, mamãe*

*Te amo muito,*

*beijos do Bobby*

Era o que estava escrito em um cartão feito à mão com o desenho de uma mulher e de uma menininha perto de uma árvore, um gramado com flores e um sol enorme no canto, provavelmente feito por uma criança. A caligrafia na parte de dentro do cartão é trêmula, subindo e descendo. Uma graça. Penso que, seja lá quem fez aquele cartão, poderia bem ser outra Roberta, e me pergunto se a mãe se arrepende de tê-lo perdido, ou se ao menos se deu conta de que perdeu aquele cartão tão especial. Fora encontrado dentro de uma edição de 1950 de *Black Narcissus*, de Rumer Godden, lançado pela editora Penguin. O livro foi colocado à venda por 5 libras, e eu mesma o comprei.

Coloquei na bolsa a carta endereçada a mim. Ainda não a abri. É do Philip, não tem como não reconhecer a caligrafia dele. Não tenho ideia do que a carta possa estar dizendo, e tenho medo de descobrir. Que tolice. Mas temo ter sido honesta demais com ele quando veio me resgatar, e sei, tenho quase certeza, de que aquela carta foi a forma delicada que encontrou de me dar as más notícias. Não posso suportar a vergonha de ler suas desaprovações e explicações, e não importa que as tenha colocado de uma forma tão elegante. Ignoro tudo e continuo como se nada tivesse acontecido. Parece que Philip

adotou a mesma estratégia. Quase dá para se pensar que não existe carta alguma.

Hoje o dia está claro e frio. Faço café para todos quando chegamos. Philip resolveu que precisa da minha ajuda para arrumar o escritório “desastroso”. Diz que o escritório não passa por uma faxina “decente” desde 2001, e é provável que esteja certo.

Trabalhamos juntos por mais ou menos uma hora, diligentes e em silêncio, como sempre. Há bastante pó, bagunça e pilhas de livros espalhados, e descobrimos um monte de tesouros perdidos, livros que deveriam estar nas prateleiras.

— Roberta?

— Huum?

Estou tirando o pó dos livros enquanto ele arruma papéis.

— Sua mãe.

Meu corpo endurece e paro de limpar.

— O que tem ela?

— Você... Quer dizer, é claro que não é da minha conta, mas... minha pergunta é... Ela sabe que seu pai morreu?

Silêncio total.

Depois respondo:

— Eu ainda não contei para ela.

— Você não acha que ela deveria saber? — diz ele baixinho, me olhando por cima dos óculos.

— Não seria a coisa certa a fazer?

Desvio o olhar do dele. Nunca falo sobre minha mãe. Philip nunca a havia mencionado antes, e não estou gostando dessa conversa.

— Não tenho nada a ver com minha mãe — digo, dura, enquanto continuo a tirar o pó. — Não falo com ela há anos.

— E por que não? Seus pais se divorciaram um do outro, não de você.

— Foi isso? — digo.

Philip me encara ríspidamente.

— Não foi?

— Não, não foi.

— Então...?

— Então o quê?

— Por que você não me diz a verdade sobre sua mãe?

A verdade sobre minha mãe? Que verdade? Minha verdade certamente não seria a verdade dela. A minha verdade é, na verdade, os delírios frenéticos de uma criança confusa de seis anos. Mas vou contar esse segredo para ele, essa coisa da qual sempre senti vergonha, ainda que sempre tenha sido, ainda seja e serei sempre completamente inocente. Essa coisa que sempre me dividiu em duas durante toda a minha vida.

— Tudo isto é uma chatice, como você diria — começo.

Philip concorda com a cabeça pacientemente.

— A mamãe nos deixou quando eu tinha seis anos, simplesmente foi embora um dia enquanto eu estava na escola. Papai ficou sem saber se ela estava viva ou morta por três dias. Ela nos ligou após ter sido encontrada pela polícia e disse ao papai que não aguentava mais a vida de casada, nem o fato de ser mãe, de viver aquela vida com ele e comigo. Nunca mais a vi desde então e, resumindo, a partir daquele dia, o papai e a vovó me criaram sozinhos.

Philip fica boquiaberto. Posso ver a desorientação tomando conta dele. Mas ele não sabe o que dizer, e eu começo a chorar, embora me odeie por isso. Philip se levanta da escrivaninha, passa por ela e fica ao meu lado antes de me abraçar. Sussurra meu nome e beija minha cabeça. Acho. Não dá para ter certeza. Esfrega minhas costas. E naquele momento, de todos os momentos, o momento mais inocente que já existiu — mais inocente ainda que cartas secretas (e não lidas) colocadas em livros —, Jenna entra no escritório para perguntar se queríamos café ou chá.

Acabo mostrando a Philip a carta escrita por meu avô. Envergonhada e gaguejando um pouco no começo, conto a ele sobre as partes que não fazem sentido e sobre a revelação de Suzanne. Estamos quase terminando a grande faxina no escritório. Foi um dia longo. Tenho de falar com a Jenna e explicar tudo. Minha cabeça está explodindo.

Philip investiga a carta e a devolve para mim.

— Por que você não pergunta para a sua avó?

— Acho que ela ficaria magoada.

— Não valeria a pena se você descobrisse a verdade?

— Pode ser que sim, mas não quero deixá-la chateada, obviamente.

— Você chegou a perguntar sobre isso para seu pai?

— Tentei perguntar uma vez, mas a conversa não chegou a lugar algum. Parecia que ele sabia de alguma coisa, mas não queria me contar.

— Bom, e daí se seus avós não foram casados? Não seria o fim do mundo, não é?

— Não, acredito que não. Só não gosto da ideia de que a vida dela tenha sido uma mentira.

— Isso é problema dela, Roberta. Você sabe se ela chegou a receber uma pensão de guerra?

— Acho que não, não tenho certeza. Nunca a ouvi comentar sobre nada assim. Mas acho que se ele era polonês, ela não tinha direito a receber nada.

— Também não teria direito se não fosse casada. Faz sentido. Mas ela não era casada com outro cara? Hmmm... É tudo muito misterioso, não é? É claro que iria chamar sua atenção, mas não fique se corroendo por causa disto — Philip beberica o café e continua. — Tenho certeza de que essa tal de Suzanne está falando a verdade. E você viu a declaração de vontade, não é? Eis a sua resposta.

— Ah, já nem sei o que pensar, estou enlouquecendo com isto.

— As últimas semanas têm sido difíceis para você — diz Philip com suavidade.

— Você tem me ajudado muito, e sempre vou ser grata por isto, sério.

Pergunto-me se deveria trazer à tona o assunto da carta que encontrei e dizer que não tenho intenção de lê-la. Que, para falar a verdade, eu entendo, e que não preciso de uma carta para me desapontar com gentileza.

Philip faz um aceno com a mão e prossegue.

— Você vai contar a ela sobre seu pai?

— Não consegui contar na semana passada. Ela perdeu o único filho que tinha.

— Hmm. Talvez seja melhor não dizer nada.

— Acho que sim, mas ela me pergunta sobre ele toda vez que vou visitá-la. Já não tenho mais desculpas para inventar sobre a ausência dele, sabe?

— Pobrezinha! E a sua mãe?

— O que tem ela? — retruco irritada por ele ter tocado no assunto novamente.

— Não pode esclarecer nada sobre a carta?

— Ah, entendi. Para falar a verdade, não sei, não havia pensado nessa possibilidade.

— Bom, talvez valha a pena tentar algum contato com ela para perguntar sobre isto, pelo menos. Este assunto parece estar consumindo você.

O rosto de Philip mostra uma expressão estranha.

Não sei se foi algo que ele disse ou algo que eu disse, mas ele enrubesce e parece afobado. Jenna entra no escritório e vai até ele, passando o braço pela cintura dele e dizendo que está muito, mas muito entediada. Já chega de trabalhar, né? Ela vai cozinhar. O escritório já está impecável. Ela sorri para mim, mas não tenho certeza se aquele é um sorriso de verdade.

Tenho de falar com ela.

**De:** *Roberta Pietrykowski*  
**Enviado em:** *8 de dezembro de 2010 às 20h25*  
**Para:** *Anna Mills*  
**Assunto:** *John Pietrykowski*

*Anna,*

*Espero que não se importe com meu contato repentino. Se você for a Anna Mills correta, sou sua filha. Achei que você deveria saber que seu ex-marido, John Pietrykowski, morreu em outubro. Já não estava bem há anos. Foi corajoso e forte até o*

*fim, e evitou ficar no hospital o máximo possível. Talvez você se lembre de como ele odiava hospitais. Ele morreu em casa, e eu estava ao lado dele. Achei que seria correto informá-la.*

*Atenciosamente*

*Roberta Pietrykowski*

**De:** *Anna Mills*  
**Enviado em:** *9 de dezembro de 2010 às 18h19*  
**Para:** *Roberta Pietrykowski*  
**Assunto:** *RE: John Pietrykowski*

*Cara Roberta,*

*Obrigada pelo e-mail. Pergunto-me como você conseguiu me achar, mas é lógico, ninguém fica invisível hoje em dia. Também me perguntava se algum dia iria ter notícias suas. Sinto muito por saber de sua perda, e não me surpreendo em saber que seu pai foi firme até mesmo durante a doença e a morte. Você não me perguntou sobre a minha vida, e posso entender o porquê, então também não vou me voluntariar a contar muitas coisas. As pessoas ao meu redor não sabem sobre você.*

*Anna*

**De:** *Roberta Pietrykowski*  
**Enviado em:** *9 de dezembro de 2010 às 19h52*  
**Para:** *Anna Mills*  
**Assunto:** *RE: John Pietrykowski*

*Não é minha intenção fazer com que as pessoas ao seu redor saibam sobre a minha existência. Sinto muito por ser um segredo tão vergonhoso para você.*

*Roberta*

**De:** *Anna Mills*

**Enviado em:** 9 de dezembro de 2010 às 21h40  
**Para:** Roberta Pietrykowski  
**Assunto:** RE: John Pietrykowski

*Você não me traz vergonha, Roberta. É só que eu segui em frente com minha vida de uma forma que nunca achei que fosse possível, e não tenho mais nada a ver com a mulher que foi a sra. Anna Pietrykowski.*

**De:** Roberta Pietrykowski  
**Enviado em:** 9 de dezembro de 2010 às 21h58  
**Para:** Anna Mills  
**Assunto:** RE: John Pietrykowski

*Entendo.*

**De:** Roberta Pietrykowski  
**Enviado em:** 10 de dezembro de 2010 às 19h03  
**Para:** Anna Mills  
**Assunto:** Minha avó

*Anna,*

*Desculpe incomodá-la mais uma vez. Ainda não quero nada de você, só algumas informações. Pergunto-me se você saberia alguma coisa sobre minha avó, Dorothea. Tenho certeza de que você se lembra dela. Descobri que não foi casada com meu avô. Será que comentou algo a respeito disso com você? Aliás, você tem ideia de quando meu avô morreu?*

*Obrigada,  
Roberta*

**De:** Anna Mills  
**Enviado em:** 11 de dezembro de 2010 às 09h34

**Para:** **Roberta Pietrykowski**  
**Assunto:** **RE: Minha avó**

Roberta,

Sabia que aquela não seria sua última mensagem. Infelizmente, Dorothea e eu nunca fomos muito próximas, mas lembro-me bem dela. Era uma mulher muito honrada, o que pode soar estranho, mas não consigo pensar em uma palavra melhor para descrevê-la. Ela me contou, quando eu estava grávida de você, que seu pai havia sido um “milagre” na vida dela, e que havia perdido um filho antes do John nascer. Não sei se seus avós foram casados ou não, mas não me surpreenderia saber que não foram. Dorothea não comentou muito sobre ele comigo, mas sempre suspeitei que o pai do John tivesse sido amante dela. Nunca o tratava como marido nas conversas, se é que isso faz sentido hoje em dia. Para falar a verdade, suspeito que seu pai fosse filho de uma relação casual. Não sei quando o pai dele morreu. Não foi durante a guerra? John nunca o conheceu.

Se você quiser se encontrar em algum lugar neutro, ficarei feliz em fazê-lo. Estou morando em Londres. Não vou culpá-la se isso não estiver em seus planos; vou entender perfeitamente. Mas a oferta está de pé.

Anna

**De:** **Roberta Pietrykowski**  
**Enviado em:** **11 de dezembro de 2010 às 20h17**  
**Para:** **Anna Mills**  
**Assunto:** **RE: Minha avó**

Obrigada, Anna. Estou fazendo uma busca na árvore genealógica da família, por isso perguntei. Essas coisas de ancestrais são fascinantes, pelo menos eu acho. Não sabia que minha avó havia tido um bebê antes. Não é estranho como guardamos segredos das pessoas que amamos ou deveríamos

*amar? Ela ainda está viva, aliás. Completou 110 anos em novembro. Amanhã vou visitá-la. Vou pensar sobre me encontrar com você e então aviso.*

*Roberta*

***De: Anna Mills***  
***Enviado em: 12 de dezembro de 2010 às 12h11***  
***Para: Roberta Pietrykowski***  
***Assunto: Segredos***

*Roberta,*

*Sua avó foi — é — uma mulher muito intensa.*

*Às vezes, segredos são necessários. Você vai descobrir isso mais cedo ou mais tarde — se é que ainda não descobriu.*

*Anna*

---

## CAPÍTULO 33

---

18 de janeiro de 1941

*Cara sra. Compton,*

*Estou enviando 13 libras. Isso inclui as 2 libras que me emprestou com tanta gentileza e um pouco mais para A, caso ache que seja de alguma ajuda. Espero que ela compreenda algum dia que fiz tudo isso por um bem maior. De qualquer forma, não fui presa durante a viagem, como temia ser. J e eu chegamos bem à casa de minha mãe. A viagem foi longa e sofrida, como já imaginava. Mamãe está encantada com o netinho. Não posso dizer que sinta o mesmo encanto por mim, mas fico feliz por ver que estamos nos dando bem, até melhor do que antes de eu sair de casa. J quebrou o gelo entre nós e estamos tentando ter um lar feliz, o que espero que continue acontecendo.*

*Fiz minha inscrição para ajudar na guerra, e mamãe vai tomar conta de J enquanto eu estiver fora. Espero poder ser útil. O dinheiro que ganhar certamente vai ajudar minha mãe também, já que as fontes de renda dela são quase nulas. Pergunto-me de onde tirou o dinheiro que estou lhe mandando. É claro, não disse a ela para quê eu precisava do dinheiro, e vou fazer o melhor que puder para devolver cada centavo para ela. Papai deixou algum dinheiro, mas ela vem usando para pagar as contas há muitos anos. Não fazia ideia disso. Sugeri que vendêssemos a casa e comprássemos algo menor; poderíamos até nos mudar de Oxford. Isso também significaria que nosso paradeiro seria mais difícil de ser descoberto, só por garantia. Sei que vou viver com o medo de ser descoberta por toda a minha*

*vida, mas todas as mães vivem em constante medo, de qualquer forma. Percebi que até mesmo a minha.*

*Obrigada por ter me ajudado tanto com J. Sou muito grata por isso. Talvez fosse prudente que você destruísse esta carta. Acho que seria melhor se ninguém soubesse do meu paradeiro, por isso não vou colocar o endereço. Confio que você vá manter a palavra sobre sua parte no acordo, assim como mantive a minha.*

*Obrigada novamente,*

*D*

*26 de janeiro de 1941*

*Querido Jan,*

*Desculpe-me por não escrever antes. Espero que tenha recebido minha última carta. Escrevi em uma pressa louca depois que você foi embora no Boxing Day. Faz mesmo só um mês? Quatro semanas tão curtas que mais parecem ter sido uma vida inteira — e, de certa forma, é o que essas semanas foram.*

*Acho que fiz um papel idiota ao escrever tantas coisas bobas e sentimentais na última carta, coisas das quais nem me lembro agora. Talvez você tenha me respondido, não sei. Mas não irei receber a carta, porque não moro mais naquela cabana. E não deixei endereço para resposta.*

*Querido, algumas coisas aconteceram depois da sua partida no Boxing Day. Nem sei por onde começar. Então vou me jogar de cabeça e contar de uma vez tudo o que aconteceu. A Nina, pobre e tola Nina, teve um filho, no Boxing Day, depois que você se foi. Um garotinho muito bonito. Você se lembra de que ela reclamou que não se sentia bem naquela manhã? Nenhum de nós imaginava que estava grávida, e ela diz que também não sabia. De alguma forma, contra minha razão, acho que acredito nela. No começo, achei que estivesse contando lorotas. Como seria possível uma mulher não saber que havia um bebê dentro dela?*

*Mas Nina não é lá muito inteligente, devo ser honesta. Ela é meio grandalhona também, você sabe, e, se é que posso dizer isso, a menstruação dela sempre foi um pouco irregular, então é possível aceitar que não tenha mesmo percebido.*

*O menino nasceu em North Barn, no meio da palha, do feno, dos sacos e das vacas. Foi bíblico, na verdade. E é muito bonitinho. Nasceu bem pequeno, mas nessas poucas semanas já ficou mais cheio, rosado e saudável. Ajudei no parto. Estava sozinha com ela e, Jan, foi uma experiência incrível, que mudou minha vida.*

*Agora, vamos ao X da questão. Nina não quer ficar com ele. Parece não ter nenhum instinto maternal e, Jan, eu tenho. Tenho até mais do que deveria ter, e você sabe disso. Fiquei com o filho dela como se fosse meu. Conte uma mentira aqui e ali, confesso, e, provavelmente, vou ter de continuar fazendo isso pelo resto da vida, mas Nina está feliz. Ela queria ter mandado o menino para viver com as freiras! Tive de entrar no meio, você entende? Disse que os pais a deserhariam, porque o bebê nasceu fora do casamento, é claro. Isso não se faz, como você sabe. Pense em que estado de pobreza este bebê estaria sendo criado, e agora pense em mim. Estou sorrindo o tempo todo, explodindo de alegria. Viver com minha mãe outra vez não é uma tarefa fácil, com certeza. Mas ela acolheu o netinho em sua casa e acredito que tenha me acolhido com carinho também.*

*Comecei a trabalhar, estou fazendo torpedos. O dia é longo e é difícil deixar o John, mas minha mãe vem cuidando bem dele. Faz o papel de avó bem melhor do que fez o de mãe. Não sei bem o porquê disso, mas é a verdade. Então, sabe, estamos nos dando bem. E, Jan, as pessoas nunca mais vão me olhar com pena. Detestava os olhares que as pessoas lançavam sobre mim, aquelas pessoas que sabiam que eu tinha perdido o Sidney.*

*Querido, sei que você não ficará indiferente a estas notícias; sei que você não vai aprovar o que fiz. Mas, por favor, tente entender como estou me sentindo. Finalmente tenho um filho para amar e para cuidar. A maternidade me evitou por tanto tempo que achei que seria para sempre. E uma vez achei que a morte*

*fosse melhor que a vida, porque perder meu filhinho foi algo insuportável. Mas agora minha vida está quase completa.*

*Mas também quero muito que você seja parte da minha vida. Será que posso me atrever a pensar que você tinha planos de se casar tanto quanto eu? Desculpe se estou sendo tão precipitada, Jan, mas sinto que posso ser honesta com você. Venho pensando (e tendo esperanças) em me casar com você desde a primeira vez que nos vimos. Não percebi direito naquela época, é verdade, mas sim, até naquele momento já era como se você fosse meu marido. Posso pedir que você pense sobre isso? Você tem de saber, e é justo que eu diga, que não vou voltar atrás na minha decisão. Não posso. Chamei o bebê de John, por sua causa. Amo essa criança tanto quanto amava Sidney. Ele se tornou meu filho, e você tem de entender que seria impossível para mim desistir dessa criança que já me é tão querida. Tenho de ser honesta com você, mesmo sendo obrigada a mentir a todos ao meu redor.*

*O gramofone está esperando por você lá na cabana. Sei que as meninas vão cuidar dele até que você possa recolhê-lo algum dia desses. Você vai, não é? Foi um presente maravilhoso, obrigada. Sempre vou amar as músicas da Billie Holiday e, toda vez que a ouvir cantar, pelo resto da vida, me lembrarei de você e de todos os momentos que passamos juntos — momentos maravilhosos, meu amor.*

*Sempre sua e para sempre esperançosa,  
Dorothea*

Jan enviou a resposta a Dorothea. Seu coração e esperança afundaram ainda mais enquanto ouvia o barulho da carta descendo pela coluna da caixa de correio. Sua vida voltaria a ser como era antes de Dorothea, um estágio que deveria ser esquecido.

Aquela mulher havia feito sua imaginação voar muito alto. Apoiando a cabeça contra a coluna gelada e dura, fechou os olhos por um segundo, por dois... por três... por quatro... cinco.

Mas não. Ia conseguir. Lentamente, Jan começou a voltar em direção ao carro do esquadrão. Era hora de retornar.

Tudo doía, tudo estava frio.

---

CAPÍTULO 34

---

*Querida Helen,*

*Como está a universidade? Queria ter começado a estudar também; as coisas andam meio chatas por aqui desde que você foi embora. Fui ao casamento do ano e vou te contar tudo, como havia prometido.*

*Acho que correu tudo bem. A Arlene parecia uma assombração dentro do vestido, claro. E o Craig, bem, parecia o Craig de sempre, um imbecil cabeçudo. A mãe da Arlene ficou completamente bêbada e chorou e gritou durante toda a cerimônia. E à noite encheu a cara ainda mais. O Darren ficou olhando feio para o Tom o tempo todo, achei até que fossem começar a brigar quando começaram a servir as bebidas, mas ele conseguiu se controlar. Nem sei o que viu de tão especial na Arlene. Acho que escapou por um triz, não é? Ela escolheu o irmão errado para se casar, isso é certo. Mas, bem, eles se merecem, reconheço. As músicas estavam uma droga, como era de se esperar, e a primeira dança foi ridícula.*

*Mas, ei, esse era pra ser o seu casamento!*

*Como você está se saindo?*

*Vejo você nas férias, espero.*

*Saudade!*

*Vanessa*

Carta encontrada dentro de uma edição Clube do Livro de *Entre o Amor e a Amizade*, de Maeve Binchy. Uma cópia em bom estado, que foi colocada nas prateleiras de ficção de capa dura pelo preço de 2,5 libras.

Desembarco do trem na estação de Marylebone e me apresso pelas catracas como todo mundo, tomada imediatamente pela agitação e pela pressa da cidade. Dou uma passada pelo banheiro e depois fico lá parada, olhando ao redor, tentando encontrar minha mãe. Tenho uma imagem nítida dela na cabeça, ainda que saiba que não deve ser mais a mulher jovem e magra que era da última vez em que a vi.

Estou suando um pouco e meu coração está batendo um pouco mais rápido do que o normal. Mas por quê? É ela quem deveria estar nervosa, não eu.

E então vejo uma mulher de porte pequeno, que usa salto alto para compensar a falta de altura, movendo-se confortavelmente com eles entre a multidão e sorrindo para mim. Ela para na minha frente.

— Roberta.

— Anna?

— Sim. Reconheci você de longe. Digo... sabia que era você.

Olhamos uma para a outra; não sei o que dizer. Tenho os olhos dela. Mas ela é bem elegante, e eu não. Sou alta, meio desengonçada e trapalhona, enquanto ela tem um ar conciso, charmoso e contido. E eu, graças a Deus, sou filha do meu pai.

— Quer beber alguma coisa?

Faço que sim com a cabeça.

Achamos uma mesa no canto do bar da estação, e ela vai até o balcão e volta com duas taças de vinho. Não consigo tirar os olhos dela em nenhum instante, ela me hipnotiza. Não parece ser mais de dez anos mais velha que eu, os movimentos dela são sensuais, é atraente e cheia de confiança. Aquela mulher é mesmo minha mãe? Imaginava que fosse uma mulher amarga, cruel, uma bruxa velha e não aquilo. Estou tendo dificuldade em reconhecê-la, ainda que saiba, que possa dizer, que me lembre dela. O cabelo dela é sedoso, um tom claro de castanho caramelado pálido, e não dourado como o meu.

— Sinto que lhe devo uma explicação, Roberta.

— Sim, por favor. Eu iria... gostar.

— Mas, antes de tudo, quero saber como você é, como anda sua vida.

— Minha vida em geral é boa.

— Sinto muito que seu pai tenha morrido. Era um bom homem.

— Não devia ser tão bom assim, para você ter precisado se afastar dele — digo, empolgada por ter dado o primeiro golpe. Ela faz com que me sinta como uma criança, o que não é bom.

— Vamos chegar nesse assunto, prometo. Mas, antes, me conte sobre você. Sempre me perguntei como você estaria.

Começo a contar cada migalhinha da minha vida, e ela me faz perguntas, e eu respondo, e tomamos outra taça de vinho.

— Então — diz ela algum tempo depois, apoiando as costas mais uma vez na cadeira, enquanto brinca com o copo de vinho —, seu chefe, o Philip. Parece ser um homem bem simpático.

— Sim, é uma pessoa incrível.

— Uhum.

— A Jenna é legal também; a namorada dele, sobre quem lhe contei. Acho que formam um bom casal.

— Uhum.

Quero mudar de assunto. Minha... Anna me encarava com um tipo de brilho nos olhos que não gosto. O que sabe sobre minha vida? Sobre minha amizade com Philip? Só o que contei a ela, e que, bem, é quase nada. E também não foi para isso que vim aqui hoje, de qualquer forma. Como pode estar tão calma? Tenho vontade de gritar que sou a droga da filha dela, ou sinto que devia ter essa vontade, mas, no fundo, não tenho. Sei que às vezes sou meio frouxa, sei que sou um pouco inocente como a Jenna disse, mas minha mãe até que é *agradável*. É confiante e equilibrada, e gosto de ter pessoas assim ao meu redor. Pessoas como o Philip.

— Agora você pode me explicar, por favor? — digo, brincando com o vinho. Estou um pouco bêbada.

Anna sugere que almocemos antes e, sim, de repente, estou morta de fome. Fez o pedido, pagou tudo e voltou para nossa mesa.

— Vou começar pelo começo, ok? — Ela diz.

Parece tranquila, mas, na verdade, não está; talvez, somente talvez, seja mais difícil para ela falar sobre isso do que para mim.

— Certo, então. Era bem nova quando conheci seu pai. Tinha apenas vinte anos e já era casada, você acredita? Meu marido era um bruto; um homem grosseiro, rude e que me deixou com

cicatrizes em muitos sentidos. Seu pai era totalmente o oposto, sempre tão bondoso e gentil, e muito mais velho que eu. Já era formado em arquitetura naquela época, e estava decolando na carreira. Sempre achei que era muito solitário. Começamos um caso, e ele me encorajou a abandonar meu ex-marido, o que provocou um pequeno escândalo em minha família. Parece que achavam que Simon, meu primeiro marido, era um cara excelente, perfeito para mim. Ninguém percebia, ou se negavam a perceber, quem ele realmente era. Rompi com minha família e fui morar com seu pai. Foi aí que engravidei. Pedi o divórcio do meu primeiro marido, e John e eu nos casamos um pouco antes de você nascer. Sabe, sua avó, Dorothea, sempre foi gentil comigo e me aceitou muito bem, assim como toda a situação. Sempre vou me lembrar disso.

— E o que deu errado? — pergunto tão baixinho que fico surpresa por ela ter me ouvido.

— Eu dei errado, Roberta.

— Como assim?

— Não deveria ter me casado com seu pai. Não deveria ter ficado grávida. Não tenho espírito maternal algum, Roberta.

— O que isso quer dizer? — E minha voz soa mais ríspida do que eu esperava.

Ficamos sentadas em silêncio por alguns instantes. Como minha salada, termino meu vinho e olho ao redor do bar, que está mais barulhento agora e lotado de gente. Percebo que o lugar está decorado com bastante mau gosto, cheio de enfeites cintilantes e luzinhas. Todos parecem estar extremamente felizes.

— O que quero dizer é que não nasci para ser mãe, não consegui suportar. Eu amava você, mas era só isso. Não conseguia suportar ficar cuidando de você o dia todo. Toda aquela chatice, sem estímulo algum. Ficar em casa o dia todo. Sei que deve parecer horrível e egoísta da minha parte.

— Se odiava tanto assim ser mãe, por que me teve? Poderia muito bem ter se livrado de mim.

— Fico muito feliz de não ter feito isso.

Continuamos conversando.

Ela me diz que acha que fiz o correto ao abortar quando estava na universidade, mas acha que vou ser uma boa mãe um dia. Diz que eu deveria ter um filho, talvez dois, mas que não me subordinasse a eles. Que continuasse sendo quem sou e fazendo o que quero fazer. Diz para eu arranjar uma babá ou alguém que ajude. E para que eu seja uma mãe com quem meus filhos gostem de viver, alguém que possa inspirá-los.

— Eu desapontei você como mãe.

— Na verdade, o que me desapontou foi você ter ido embora. Não queria que você fosse, e não sei como você conseguiu. Você deve ser bem... durona.

— Eu sou durona mesmo.

— Bem, isso não é muito bom. Papai era um homem bom, como você mesma disse. O que ele fez de errado?

Minha voz oscila e treme, e a dor em minha garganta é enorme enquanto luto contra as lágrimas que querem escapar.

— Vamos pegar um café? — diz ela, colocando a mão em meu braço.

É bom ver que ainda há uma faísca de bom senso em minha mãe.

Um pouco depois, depois das lágrimas e depois do segundo café, mostro para Anna a carta que Jan havia escrito para Dorothea. Ela a lê uma vez, e depois a relê, franzindo o cenho levemente.

— O que você sabe sobre eles? — pergunto. — Você sabe alguma coisa?

— Um pouco. Acho que lhe disse que Dorothea me confiou alguns segredos uma vez, há muitos anos, quando estava grávida de você. Conversamos um pouquinho. Lembro que ela me emprestou uma maletinha velha cheia de roupinhas lindas de bebê.

— Sério? Você sabia que a *babunia* mudou o nome dela para Dorothea Pietrykowski? — Digo. — Na verdade, o nome dela era Dorothy Sinclair. A mulher que cuida dela no lar onde está diz ter certeza de que meus avós nunca se casaram.

— E acho que ela está certa. Desconfio que a *babunia*... Nossa, já havia me esquecido deste nome! Bom creio que ela teve um caso e

sempre achei que John tinha sido fruto dele. Sinclair, você disse? Isso me lembra alguma coisa, não sei por quê.

— Está escrito em uma etiqueta dentro da maleta, acho que deve ser a mesma. Está comigo agora.

— Sim! É isso! Não juntei os pontos naquela época.

Com cuidado, dobro a carta de Jan e a coloco mais uma vez na bolsa, junto com a carta ainda fechada do Philip, que também venho carregando comigo. Deveria — preciso — abri-la. Em breve. Devo encarar os fatos.

— Tenho de ir agora — eu digo. — Meu trem... Você sabe quando ele morreu? Meu avô? Ela alguma vez...?

Anna balança a cabeça negando, e olha para o relógio.

— Não, não sei. Acho que durante a guerra, mas, bem, talvez não exatamente quando ela diz que ele morreu. Quando foi a última vez que você viu Dorothea?

Anna se levanta e veste o lindo casaco.

— Na semana passada. Tento falar com ela, mas na maior parte do tempo ela anda bem confusa. Fica me chamando de Nina.

— Nina?

— Sim.

— Tem alguma Nina na família?

— Não, acho que não. Não tem mais ninguém na família, a não ser a *babunia* e eu. Você deveria saber disso.

— É claro. Deve ter sido alguma amiga dela, então, e talvez você se pareça com ela. Todos iremos fazer esse tipo de confusão algum dia — diz, fazendo uma careta.

Anna sai do bar comigo. Vai pegar o metrô para ir para casa. Percebo que não sei nada sobre como é a vida dela agora, sobre “as pessoas na minha vida” das quais tinha falado.

— Talvez pudéssemos nos encontrar de novo, outra hora? — pergunto.

— Sim, ficaria feliz. No começo do ano que vem? Feliz Natal, Roberta. Foi muito bom encontrar você.

Fico parada, observando aquela mulher desaparecer dentro do metrô antes de pegar o trem para casa.

Inscrição dentro da minha maleta:

*Sra. D. Sinclair*

Ao chegar em casa do passeio a Londres, tiro mais uma vez a maleta de cima do guarda-roupa. Ela agora é usada para guardar as roupas fora de estação, por isso está cheia de blusas de verão, saias, shorts, óculos de sol, um chapéu floral, uma roupa de banho que guardo por teimosia e que só usei uma vez, por ser pelo menos um tamanho menor do que o meu. Tiro todas as coisas de verão lá de dentro e coloco tudo sobre a cama. Acho que Suzanne estava certa. A *babunia* deve ter sido casada e meu avô deve ter sido amante dela. Nunca vi nenhuma certidão de casamento, nenhum papel de divórcio ou atestado de óbito. Só a declaração de vontade mostrando que havia mudado de nome. Não é de espantar que tenha sentido tanta compaixão por aquela Anna tão bonita, com seus vinte anos. Examinado com mais cuidado a etiqueta e, sim, parece ser a caligrafia da vovó, só que em uma versão mais jovem, maior, mais forte e mais firme. Então me pergunto como não percebi isso no dia em que papai me deu aquela maleta.

Tenho tantas perguntas e nem sei como articulá-las. Por que ela se denominava Pietrykowski? Para esconder a vergonha que sentia? Eu sabia que muitas mulheres faziam isso, mulheres que não haviam, de fato, se casado com os homens que chamavam de “maridos” — para se pouparem da vergonha, para se livrarem de vizinhos enxeridos, de colegas, amigos e talvez até mesmo de alguns familiares. Será que ela chegou a se casar com meu avô depois? Se

sim, por que papai não se lembrava dele? Será que aquele Sinclair, o verdadeiro marido, tinha morrido na guerra? Será que *ele* era o meu avô? E, por fim, uma pergunta inevitável: quem sou eu? Meu sobrenome é Pietrykowski, mas será que sou mesmo uma Pietrykowski?

Percebo que a etiqueta está começando a se soltar, então a aperto novamente com cuidado contra a maleta, alisando-a, segurando-a com firmeza até que cole outra vez. Passo os dedos pelas letras, demorando o indicador sobre elas, uma a uma.

Estamos a uma semana do Natal e vamos dar uma festa para nossos clientes. Ideia do Philip — fora do comum, mas ele parece estar animado com isso. Comento com Sophie que a natureza sociável de Jenna deve estar contaminando Philip. Ela dá de ombros. Lá em cima, no apartamento de Philip, Jenna e Patrícia estão preparando bandejas de tortas de frutas, garrafas de champanhe, suco de laranja, vinho quente e café. Petiscos e queijos também. O caixa vai ficar aberto até mais tarde, é claro, e acho que Philip tem esperança de que toda essa festa gere vendas. Disse que vamos dar um jeito, mas é o que diz todos os anos e ainda estamos aqui.

A loja está cheia de convidados, e Jenna está linda com um vestido de seda rosa e os sapatos de salto alto, o cabelo loiro levemente ondulado. Sophie ri enquanto conversa gentilmente com os convidados e recomenda alguns livros. Patrícia também está se misturando, confiante, com um tom de voz alto, embora não esteja gritando, o corte de cabelo bem curto contrariando a natureza calorosa. Acho que o Philip deve estar contente com a equipe que montou. Nosso time funciona.

Estou no topo da escadaria que leva ao piso superior. Acabo de fechar as persianas pesadas da grande janela e observo o salão daqui do alto. Vejo os convidados circulando enquanto conversam e compram, e ouço a registradora tilintar. O aparelho de som toca canções de Natal. Há uma placa na porta atrás de mim onde se lê “Privado”. A porta se abre e Philip vem ao meu encontro.

Ele me oferece uma taça de champanhe.

— Saúde! Feliz Natal, Roberta! Está dando tudo certo, você não acha?

— Sim, está. Todos parecem estar se divertindo.

— E quanto a você?

— Sim, estou bem. Foi uma ideia ótima, Philip.

— Na verdade, não posso levar o crédito por ela. Foi tudo ideia da Jenna.

Tomamos o champanhe e observamos a cena que acontecia abaixo de nós. Um silêncio estranho desce sobre nós, e sei que nós dois percebemos.

Philip solta um “tsc, tsc”, suspira e se vira para mim:

— Obrigado.

Ele parece estar em pânico.

— Pelo quê? — pergunto baixinho, com medo de que minha voz saia alto demais e as pessoas no salão ergam os olhares, o que significaria que Philip e eu teríamos de descer as escadas e sermos engolidos por aquela onda de festividade.

— Por me aguentar — diz, quase que num suspiro.

— Pelo quê?

Ele inclina o corpo e posso sentir o rosto dele roçar no meu.

— Por me aguentar.

Vejo Jenna no salão, conversando com o simpático sr. Lucas. Ela olha para cima, e nossos olhares se encontram enquanto Philip continua inclinando o corpo em minha direção e suspirando, as bochechas tocando as minhas.

Um pouco depois, Philip desaparece discretamente dentro do escritório e não muito tempo depois a namorada o segue até lá. Passam-se alguns minutos, nos quais fico conversando, rindo e recomendando livros, mas, para falar a verdade, honestamente, só consigo pensar em Philip. O toque do rosto dele no meu enquanto sussurrava no meu ouvido, a sensação que aquilo havia me causado. O cheiro da pele recém-barbeada, dos cabelos, do hálito fresco de champanhe, e mais alguma coisa. Algo novo para mim e, ao mesmo tempo, incrivelmente familiar. Algo que conheço, talvez dos meus sonhos.

Jenna sai do escritório ruborizada e parecendo triste. E eu me pergunto o quê...

— Roberta? — diz ela, passando por mim. — Você subiria comigo por um minutinho, por favor?

Sigo-a escada acima, até o consagrado apartamento de Philip. Ela acende uma lâmpada e vai até o quarto que divide com Philip, tira uma mala de cima do armário e começa a jogar algumas roupas dentro dela.

Fico parada no vão da porta, observando.

— O que você está fazendo?

— O que parece?

— Está fazendo as malas.

— Estou indo embora.

— Você brigou com o Philip?

— Não. Terminamos.

— Ah, Jenna! Tem certeza? Sinto muitíssimo. Há algo que eu possa fazer para ajudar? — Dou um passo na direção dela, quase que por instinto.

— Para ajudar a me tirar do caminho, é isso que você quer dizer? Para me tirar de cena?

Volto para onde estava, atormentada.

— Mas que diabos você está dizendo?

— Ah, não se faça de inocente comigo — dispara.

— Eu quis dizer... não há nada que eu possa fazer para ajudar vocês a se reconciliarem?

— Eu não vou ser a segunda opção, valho mais que isso.

— Vale, sim, é claro que vale. Mas continuo sem entender.

— Tenho olhos e ouvidos e, apesar do que possa parecer, sou bem inteligente.

— E...?

Observo Jenna com nervosismo, enquanto ela abre e fecha as gavetas e os armários, tira os sapatos de salto alto e os atira pelo quarto.

— Talvez o que estou dizendo não faça muito sentido, Roberta, mas vou ajudar você. Philip não me ama. Não temos um futuro juntos. Acabei de ouvir da boca dele, como se já não soubesse.

— Mas foi tudo muito de repente, não foi?

— E daí? É verdade, e é só isso que importa. Ele está falando sério. Está apaixonado por outra pessoa.

— Ele disse isso?

Estou perplexa, cheia de uma esperança lamentável.

— Deve estar. Eu o acusei disso e ele não negou. Nem precisei perguntar quem era a sortuda.

A voz dela ficou alta e irritadiça, cheia de dor.

Olho para o chão e meu rosto está queimando de vergonha e angústia, de descrença e de uma esperança que cresce dentro de mim. Jenna passa apressada por mim e anda nervosa pela sala, depois volta para o quarto e continua a fazer as malas. Abre uma segunda maleta.

— Tudo bem, eu já esperava por isso. Eu... eu nunca me comportei muito bem com você. Fui eu que contei para a Francesca Dearhead sobre você e Charles.

Fico de queixo caído. Ela para de fazer as malas por um instante e se dá ao trabalho de parecer constrangida, mas quando resolve falar, há um tom defensivo e desafiador em sua voz.

— Sinto muito, ok? Admito que queria você fora do caminho, mas me senti culpada assim que falei para ela. Queria não ter feito aquilo. E você foi tão boa por ir à clínica comigo! — Jenna tinha a voz trêmula e estava à beira das lágrimas. — É uma pena que não possamos ser mais amigas.

Ela está certa, é claro que está. Mas que jeito horrível de terminar uma amizade.

Quando termina de arrumar as malas, Jenna coloca um casaco e as botas.

— Vou falar para o Philip empacotar o resto das coisas para mim e venho buscar outra hora. Depois do Natal. Não fique tão surpresa — diz ela, em um tom meio bondoso, meio furioso. Ela até esfrega o meu braço. — É melhor você ir lá vê-lo. Acho que está esperando por você.

Ela sai do apartamento, desce as escadas — é claro, com um toque dramático — e deixa a Old & New para trás.

Minutos, talvez uma hora depois... Não tenho certeza de quanto tempo passou — volto para o piso da loja. A maioria das pessoas já tinha ido embora. Patrícia e Sophie estão amontoadas perto da registradora, conversando em tom sério, e erguem os olhos para mim quando desço as escadas. Balanço a cabeça para elas, desaprovando.

Sigo em direção à minha bolsa, que está pendurada no cabide do corredor, e tiro as duas cartas de lá. Coloco uma de volta, que não leio dessa vez, e, finalmente, leio a outra.

---

## CAPÍTULO 36

---

20 de novembro de 2010

Querida Roberta,

Obviamente, você achou a carta. Isso é algo que achei que devia deixar ao acaso. É claro que provavelmente vou acabar escrevendo outra ou, melhor ainda, vou tomar coragem e perguntar pessoalmente. A questão é que sei o quanto você gosta de cartas, de como você ama encontrá-las, lê-las e guardá-las. Sei como esses vislumbres das vidas de outras pessoas fascinam você. Então estou escrevendo na esperança de que você encontre minha carta também. E, se achar a minha atitude atrevida demais, ou se me enganei completamente e você não me ama como eu te amo, vou dizer a mim mesmo que você nunca encontrou a carta. Ah, as mentiras que as pessoas contam!

Jenna e eu somos um caso sem futuro. É triste, porque ela não é uma pessoa ruim, e não fui muito justo com ela. Mas não a amo, e, de alguma forma, preciso tomar coragem para dizer isso a ela. Vou fazer isso quando a hora certa chegar. Espero que seja em breve, porque não quero continuar com fingimentos por mais tempo do que o necessário.

Roberta, em algum momento no futuro, quando nós dois estivermos disponíveis, gostaria de convidar você para jantar. Gostaria de jantar com você várias vezes. Gostaria que tentássemos a sorte e víssemos se não poderíamos ser a pessoa certa um para o outro. Estou apaixonado por você, mas não sei o que você sente por mim. Pode ser que você ache que sou um bobão de meia-idade, não sei.

*Não sei quando você vai ler esta carta, mas, quando o fizer, venha me procurar. Estarei aqui.*

*Philip*

Respiro fundo enquanto bato na porta do escritório. Limpo a garganta.

— Entre.

Entro no escritório e fecho a porta atrás de mim.

Philip está sentado atrás da escrivaninha. Os olhos dele se voltam para a carta em minha mão.

— Ela já foi? — pergunta.

— Sim.

— Esta... é a minha carta?

— Sim.

— Sabia que você a tinha encontrado. Não estava mais no lugar onde a tinha deixado. Achei que...

— Encontrei no dia em que voltei a trabalhar aqui — interrompi. O rosto dele desaba, então acrescento apressadamente: — Mas só a abri agora.

— Ah, entendi.

— Jenna ficou bem triste.

— Eu sei — disse ele com tristeza. — Tentei ser gentil. Não foi uma surpresa absoluta para ela, então minha consciência está pesando um pouco menos. Além disso, disse que já estava cansada de mim e dessa coisa toda de livraria. Sou entediante, aparentemente.

— Você está falando sério? — deixo escapar.

Ele contorna a escrivaninha, a passos largos, fica na minha frente e coloca as mãos sobre meus ombros.

— É lógico que sim. A Jenna...

— Ela foi legal, sério. Ela me contou que...

— Ouça — diz ele me cortando —, Jenna era uma oportunista. Acho provável que ela não pense da mesma maneira, mas Jenna era uma interesseira, para ser franco.

— Meu Deus! — Não sei direito o que dizer.

Ele quebra o silêncio.

— Posso lhe contar algo que Jenna não sabia, embora com certeza desconfiasse — Philip parece estar bastante desconfortável, mas continua. — Sou muito rico. Milionário. Multimilionário, para falar a verdade.

— Ah. Bem, que bom então...

Philip solta uma risada.

— Na verdade, sou o sétimo marquês de Monmouthshire — diz ele fazendo uma careta mais uma vez. — Quer dizer, se eu quiser ser. Mas não quero.

— Entendo. Faz sentido.

Por algum motivo, nada daquilo me surpreendia. Era como se já soubesse daquilo o tempo todo, ou soubesse metade e tivesse suposto a outra metade. Imagino *babunia* sentada sozinha em seu quarto no lar, mantendo segredos dobrados e guardados dentro de si como camadas de rocha sedimentar.

— Nada deixa você impressionada, senhorita Pietrykowski? — diz Philip fingindo frustração. — E você está bastante errada, nada disso “faz sentido”. É tudo bobagem; não acredito em títulos.

— Nada disso faz parte do meu mundo, Philip.

— E você não se importa muito, não é? — Pergunta cheio de esperança.

— Para falar a verdade, não.

— Era isso que eu queria ouvir.

— Jenna... — arrisco.

— Jenna se retirou de bom grado. E não fazia a mínima ideia sobre quem eu era, na realidade. Pouquíssimas pessoas sabem. E aqui estamos nós.

Sinto-me leve, como se estivesse flutuando a um centímetro ou dois do chão, e não quero pousar.

— É verdade. Aqui estamos. E o que acontece depois?

— Deixe-me convidá-la para jantar e vamos ver o que acontece. Não é um encontro às cegas, então estou confiante de que tudo vai dar certo, mas não quero me encher de expectativas. Nossa amizade é algo muito delicado.

— Sim, um jantar seria ótimo.

— Amanhã à noite? Ou quando puder. Não quero apressar você. Que tal aquele bistrô novo? À luz de velas e tudo mais? Se for demais, é só me dizer e podemos ir ao cinema ou sei lá. Não me importo.

— É uma ideia adorável, Philip. Amanhã, então. Temos um encontro.

## CAPÍTULO 37

Lá está ela ouvindo rádio de novo.

Comprei o rádio para ela de presente de Natal depois que Suzanne me disse que vovó não parecia estar mais muito interessada pela TV. É um rádio digital, mas ela pede para qualquer alma que entre no quarto que ligue o “gramofone” para ela. Ainda não consegue mexer muito bem sozinha, e é provável que nunca consiga. Ou pelo menos é o que Suzanne diz. É pedir demais quando você tem 110 anos.

Suzanne me conta que ainda passa muito tempo com minha avó, pinta suas unhas e penteia seus cabelos. Que conversam bastante. E me diz que tem alguma coisa para me contar; alguma coisa estranha que Dorothea lhe disse.

— Acho que pode ser importante — diz ela, sem fôlego, a me ver chegar. Tinha vindo me receber no saguão de entrada, ansiosa para me contar as novidades.

— Sério? Posso conversar com você depois de ver a *babunia*?

Ela parece um pouco decepcionada, mas entende. Também pretendo colher algumas informações sozinha, se for possível, se minha avó estiver com a cabeça no lugar. Não seria legal ter a Suzanne me bisbilhotando. Ela vai ser meu último recurso. Devo isso a *babunia*.

Fecho a porta do quarto sem fazer barulho e sorrio para *babunia*. Ela vira o rosto quando ouve a porta se abrir. Está incrivelmente alerta hoje, o que é bom sinal. Uma brisa quente de primavera entra pela janela aberta e sopra pelo quarto. No jardim, as crianças gritam e correm por todos os lados. É aniversário de outra moradora, e a família toda veio visitá-la.

Puxo o banquinho e me sento ao lado da minha avó.

— Bom dia!

— Shh, por favor — acena em direção ao rádio.

— Posso pentear seu cabelo? Não? Posso pintar as unhas, então? Trouxe esmalte vermelho.

— Se você quiser, pode ser. Mas não faça barulho, por favor.

Suzanne montou uma caixinha cheia de esmaltes, batons, sombras, cosméticos, algodão, loções de limpeza, cremes para as mãos. Não importa que idade tenham, mulheres gostam de ser bem cuidadas, então achei uma boa ideia começar a fazer as unhas da *babunia* também. Começo o trabalho. A pele das mãos largas é vermelha e cheia de rugas, e as unhas estão amareladas e fracas. Anos e anos lavando roupas, como sempre me diz.

— Seu pai veio também? — Pergunta.

— Não, hoje não. Estava ocupado.

— Ah, que pena! Ele não me visita há muito tempo.

— Eu sei, *babunia*. Mas mandou um beijo grande.

— E como vai a esposa dele?

— A Anna? Ah, você sabe. Ela foi embora há anos, lembra? Quando eu tinha uns seis anos...

— Isso não me surpreende. Não confio nem um pouco nela. Ela é uma moça muito bonita, mas...

Que tipo estranho de lucidez, mas acho que estou me acostumando. Para falar a verdade, sei que Anna está bem; almoçamos juntas em Londres mais uma vez na semana passada. Mas não conto isso para a *babunia*, porque acho que a história vai deixá-la confusa.

Terminei as unhas de uma mão. Ajusto o banquinho e pego a outra. Vermelho combina com a vovó, apesar da idade avançada. A programação no rádio é sobre a Billie Holiday. Escuto, sem prestar muita atenção, a história sobre sua vida infame. Um jazz insistente ecoa do rádio e dança pelo quarto, levado pela brisa.

— Conheço essa! — digo. — Você ainda é fã de Billy... *Babunia*? Mas o que é isso?

Lágrimas rolam por suas bochechas magras e pálidas, e os lábios dela tremem um pouco. Continuo pintando as unhas, sabendo que,

quando alguém está chorando, a última coisa que quer é que fiquem olhando.

— Sempre penso nele quando a ouço cantar — diz ela quebrando o silêncio com um sussurro.

— Pensa em quem?

— Nele. Quando ouço as canções dela.

— Você está falando sobre o John?

— John?

— John. Meu pai. Seu filho.

— Não, não ele. Não hoje. Hoje não estou pensando nem no Sidney. Queria que meus filhos viessem me visitar! — Ela grita, subitamente animada.

Quem era Sidney? Seria o bebê que a Anna disse que *babunia* tinha perdido? Anna. A mulher que, aos poucos, estava se tornando minha mãe outra vez. Apesar de tudo, gosto dela. É engraçada, ríspida e diferente. Há um pouco de liberdade no perdão, e ela fica contente com minha história com o Philip.

— Você não tem de me contar nada se você não quiser, *babunia* — digo, aproveitando a chance e abrindo a porta, convidando-a a confiar aquele segredo a mim. — Mas estou aqui para ouvi-la, se a senhora quiser.

Há então uma longa pausa poética, na qual ela parece se dispersar e brigar consigo mesma em silêncio.

Ela franze o cenho.

— Meu marido — diz finalmente.

— Morreu na guerra, não é? Há muito tempo, certo?

Silêncio.

Decido me intrometer e dizer.

— Jan *não* era seu marido, *babunia*, era? Não tem problema, sabe? Ninguém liga.

Ela ignora meu comentário.

— Não acho que tenha morrido. Não na guerra.

— Ah! — Pinto lentamente a unha do dedo anular. Ela não usa nenhuma aliança, nem me lembro de tê-la visto usando uma no passado. Por que nunca reparei nisso antes? Viúvas continuam

usando as alianças, não é mesmo? — Quando você acha que ele morreu então?

— Não sei, sabe? Não cabe a mim saber, mas sempre achei que estivesse vivo, respirando como eu. O pensamento me reconfortava. Sinto muito a falta dele. Sabe, achei que o tivesse visto um dia, mas ele não me viu. E Deus sabe que provavelmente não era ele... Estava com uma mulher loira, uma mulher muito mais bonita que eu.

As mãos da *babunia* tremem, mas as aperto gentilmente, tentando tranquilizá-la, com cuidado para não estragar o esmalte. Fico me perguntando se ela percebe. Percebo que está em algum outro lugar, distante e passado.

— Ele era um bom homem, Roberta — diz ela finalmente, e olha para o jardim, onde as crianças estão fazendo travessuras sob a luz do sol, brincando de pega-pega. Mas não as vê.

— É claro que era.

— Mas era muito orgulhoso, como todos os homens.

— O orgulho é a ruína deles às vezes, não é mesmo? — Digo, feliz por concordamos em alguma coisa, pelo menos.

— Com frequência é — diz ela com tristeza.

— Você ainda sente a falta dele?

— É claro que sinto.

— Vocês não viviam juntos, não é?

Às vezes deixar o tom leve e fazer piadas ajuda. Apesar da confusão sem fim, ela ainda tem um pouco de senso de humor, um humor sutil e calmo.

— Não, nunca chegamos a morar juntos. Ele não queria que eu ficasse com o bebê. Será que foi tão errado assim da minha parte? Nunca mais o vi, mas não acho que tenha sido errado. Você acha?

Sinto-me esgotada e exausta. As palavras dela são desordenadas, como uma música fora do tom. “Ele não queria que eu ficasse com o bebê”. Então ela tinha abortado mesmo? Ah, aquela linha fundamental e provocadora na carta do meu avô! “*O que você está fazendo com essa criança, com a mãe dessa criança, é muito errado.*”

— Ah, eu... não sei bem o que dizer — sussurro.

— Ele não era filho do meu marido, nem mesmo era filho meu, sabe? Foi tudo um pouco confuso. Era filho da Aggie. Não, não da

Aggie. O que é que estou dizendo? Ah, querida. Ah... qual era o nome dela mesmo? Nina! Sim, era filho dela. Alta, gordinha, bobinha... e eu... ah, coitadinha! Ela estava desesperada e não sabia o que fazer. Eu tentei, é verdade. Eu disse a ela. Acredito que já tenha morrido. Nunca vou saber ao certo se sou má ou não. Tive uma cúmplice, e ela, sim, era uma bruxa. Mas Jan achou que a bruxa era eu. Tive de voltar para casa, para a casa da minha mãe. Sabe o que encontrei debaixo da minha cama?

Muda e sem saber o que dizer, balanço a cabeça. Será que vovó ajudou alguém mais a abortar? Essa tal de Nina de quem tanto fala e com quem já me confundi diversas vezes?

— *The Infant's Progress*. Entre todos os livros do mundo. Nunca vou me esquecer daquele bendito livro. Coloquei a última carta que recebi dele lá dentro, a carta na qual Jan terminava nosso relacionamento. Guardei aquele livro por muitos anos, mas acho que já o jogaram fora, com a carta dentro. Fiquei irritada com ele e queimei todas as outras. Queimei o laço azul e queimei até a camisa dele, Roberta. Você imagina? Nunca a lavei. Todos aqueles botões... como fui tola! Devia tê-la guardado, devia ter guardado tudo. Não tenho mais nada dele, mais nada mesmo. Eu o perdi, entende? Fiquei muito brava porque ele não quis se casar comigo depois de tudo! Fiquei furiosa com ele por anos e anos! Pedi que se casasse comigo. Você entende? Achei que quisesse ser meu marido. Mas ele não me perdoou. Não dá para descrever como isso tudo me fez sentir mal. Ele destruiu meu coração em milhões de pedacinhos. Tão pequenos que não consegui encontrá-los para colá-los novamente. E junto com o Jan eles se foram, não é mesmo? Mas não me arrependo do que fiz. John valeu tudo isso. Tudo bem, não podemos ter tudo na vida, não é mesmo?

Bem, pelo menos isso faz sentido. Minha mente gira enquanto tento juntar tudo que *babunia* está me contando.

— E quem era Nina? — pergunto.

— Nina? Não conheço nenhuma Nina! Não faça perguntas, não consigo me lembrar de tudo... Não vou lhe dizer! — E agora a velhinha triste e sábia se transformou em uma criança emburrada outra vez.

Sei que a pressionei demais. Então ficamos sentadas em silêncio ouvindo o rádio, e preparo um pouco de chá. Ela toma o dela com as mãos trêmulas. Olho para ela e me pergunto se nos falaremos novamente. Ela agora mal está presente; está cinzenta e franzina como a chuva em uma tarde de inverno.

As possibilidades se apresentam para mim. Não gosto de nenhuma delas, então rejeito todas, uma a uma, como pedintes cansativos. *Babunia* foi uma mãe maravilhosa tanto para meu pai quanto para mim, e nada mais importa. Como Philip diria, o resto é bobagem.

Philip. Meu noivo. Como isso soa bonito e estranho ao mesmo tempo. Decido contar a *babunia* as novidades.

— Já contei para a senhora que Philip e eu estamos noivos?

— Philip? Não acho que conheço nenhum Philip.

— Ele é um homem bom, o melhor de todos, e vamos ser muito felizes juntos — digo a ela.

Ela concorda com a cabeça, parecendo satisfeita.

— Vamos nos casar em agosto e quero que a senhora esteja presente.

Ela ergue as sobrancelhas e sorri.

— Vamos ver — diz ela, com uma lasquinha daquele humor seco que sempre adorei.

O programa com Billie Holiday termina. Diminuo o volume até ficar um murmúrio de fundo, ondas vagas quebrando em uma margem distante, mas *babunia* não parece perceber. Com cuidado para não incomodá-la, estendo a mão e pego minha bolsa. Encontro a carta de Jan, agora muito mais dobrada e amassada, abro as duas folhas frágeis, desamasso-as e as coloco na mesinha ao lado da cadeira da *babunia*. Ela está cochilando como uma criança e, depois de soltar os cabelos grisalhos, eu os escovo com cuidado várias vezes até que estejam brilhando.

## CAPÍTULO 38

Agora que tinha terminado, Jan só tinha ideias vagas do que fazer ou de onde ir. Já não voaria mais, e essa era a única coisa da qual tinha certeza, além de saber que não voltaria para a Polônia. Talvez fosse viver nos Estados Unidos. Um dia, sim, talvez. Mas havia algumas coisas a serem feitas antes, aqui na Inglaterra. Tinha negócios não resolvidos a terminar.

Foi até a cabana em Lincolnshire e, da estrada, tudo parecia igual. Percebeu que as mesmas cortinas ainda estavam penduradas na janela. Mesmo assim, ao inspecionar com mais cuidado, viu que o jardim já não estava mais tão bem cuidado como antes. Não havia mais galinhas. Não havia mais roupas lavadas no varal, mesmo sendo um dia quente de maio.

Abriu o portão e caminhou pela trilha. De repente, estava de volta ao passado, cinco anos atrás, e imaginou poder ouvir o coração cheio de sofrimento daquela mulher murmurando. Mas não conseguiria. Bateu na porta da cozinha, que foi aberta por um homem jovem, que o inspecionou com desconfiança e impaciência.

— Sim?

— Sou o líder do esquadrão Jan Pietrykowski.

— Eu conheço você?

— Não, mas eu conheci esta cabana. Já fiquei aqui. Era amigo da senhora que morava na casa. Você a conhece, por acaso?

— Talvez Sal a conheça. Sal!

Uma jovem camponesa veio até a porta. Não era Aggie, nem Nina.

Jan se curvou em uma saudação.

— Estou procurando a sra. Dorothy Sinclair.

— Ah, não cheguei a conhecê-la, mas acho que a Aggie sim.

— A Aggie ainda mora aqui?

— Não, foi embora em 1942, se não me engano. Mudou-se para uma fazenda em Yorkshire. Fiquei sabendo que vai se casar com um soldado quando ele der baixa. Acho que vão morar no Alabama. Ou será Arkansas?

— E Nina? Você conhece alguma menina chamada Nina? — Jan tentou conter a impaciência.

— Não, mas ouvi falar que uma moça chamada Nina tinha tido um bebê.

— Ouviu?

— Uma menininha. Acho que se casou, mas não sei o que aconteceu com ela depois.

— Ah!

— A Aggie costumava falar sobre uma mulher chamada Dorothy, mas não a conheci.

— Tem uma caixa de música aqui? Um gramofone?

A mulher pareceu assustada.

— Sim.

— Você se importa se eu levá-lo? Emprestei para a Dorothy no começo da guerra e tenho de pegá-lo de volta.

— Não faço objeção — disse a garota. — Bill, o que acha?

O jovem deu de ombros.

— Vamos voltar para casa em breve e íamos deixá-lo aqui. Faça o que quiser com ele.

O casal deu um passo para o lado para permitir que Jan entrasse na cozinha, que não era mais a cozinha de Dorothy. Tudo estava sujo e escuro. A sala estava cheia de poeira e em péssimas condições, com caixas de mudança lutando por espaço. A moça indicou o gramofone sobre a mesa e Jan, agradecendo-a, pegou o aparelho e estremeceu. O jovem ofereceu ajuda e Jan foi obrigado a aceitar. Enquanto Bill levava a caixa de música para o carro, Jan recolheu os discos que tinham sobrado; achava que havia alguns faltando. Agradeceu a moça.

Ela sorriu.

— De onde você é, então? — Ela perguntou.

— Da Polônia.

— Ah!

— Você vai voltar? — perguntou Bill, que havia voltado para dentro.

— Infelizmente, não.

— Não o culpo.

Jan agradeceu o casal novamente e, sem pressa, voltou para o carro.

Algumas semanas depois, estava em Oxford. Sentia-se melhor e mais forte. Provavelmente não deveria ter feito aquela viagem a Lincolnshire, mas tinha sido fraco. Agora já estava tudo bem. Era verão, e achava Oxford uma cidade agradável e magnífica. Andou sem rumo, observando maravilhado as universidades, os prédios intactos revestidos de mármore. Fazia perguntas às pessoas que encontrava por acaso nas lojas, nas livrarias, nas ruas. Fez de si um estorvo, mas um estorvo bem charmoso.

— Honour? Estou procurando a sra. Honour — Ele se lembrou que Dorothy havia lhe dito uma vez que seu nome de solteira era esse — Ela tem uma filha já adulta, Dorothy.

Já estava quase desistindo, cansado e cético. A energia inicial e as esperanças desvaneciam, e desejou ter guardado a carta de Dorothy ou pelo menos memorizado o endereço. Foi aí que uma mulher, pronta para ajudar um estrangeiro bonito, pareceu saber de alguma coisa e, ao contrário dos outros, não chacoalhou a cabeça negando.

— Ruth? Ruth Honour?

E lá estava ele, então, cansado e trêmulo, do lado de fora de uma casa de portas azuis ao norte da cidade. Respirou fundo e bateu. Sem resposta. Bisbilhotou, então, pela janela. A casa parecia estar vazia e abandonada. Foi falar com um vizinho que o espiava por cima de uma cerca viva muito bem aparada.

Sim, conhecia as pessoas que haviam morado lá. Uma senhora mais velha e a filha, ambas viúvas, e o netinho. Era uma família muito simpática. Mas tinham se mudado, há três, quatro anos. Não,

ele tinha não tinha o endereço novo. Achava que a filha tinha se casado com um polonês que tinha morrido no começo na guerra.

— Você se lembra do nome de casada? — Jan perguntou ao homem.

— Pilkowski? Pentrykowski? Algo assim.

— Obrigado — disse Jan, e o peito dele se inchou com um sentimento que não sabia nomear. — E você sabe se ela casou novamente?

— Acho que não, mas como disse, faz bastante tempo que se mudaram. A casa tem dono, mas ninguém mora aí. Recolhem as cartas de vez em quando, então é possível que tenham um endereço para encaminhamento. Você é russo?

— Ah, claro. Obrigado pelas informações. Não, não sou russo.

14 de agosto de 1945

*Minha querida Dorothea,*

*Venho tentando encontrá-la sem nenhum sucesso. Consegui chegar até a casa de sua mãe em Oxford, e parece que seus passos foram apagados de lá em diante. Escrevo na esperança de que minha carta seja encaminhada a você. É uma esperança vazia, mas é tudo o que tenho. Acho que, se tentar bastante, vou encontrar você. Suspeito que você esteja usando meu sobrenome, o que é um prazer. Na verdade, é um privilégio para mim. Não é possível que existam muitos Pietrykowskis morando na Inglaterra! Mas, ao mesmo tempo, não quero incomodar você. Pode ser que tenha se casado outra vez, tenha um novo sobrenome e esteja feliz, e que não pense mais em mim. Se esta carta chegar até você, que bom. Se não, paciência. Tenho planos para meu futuro, e, se não tiver mais notícias suas, vou tentar colocá-los em prática.*

*Como você pode ver, sobrevivi à guerra, como lhe disse que faria. Passei por muitas lutas longas e difíceis, e fiquei exausto. Como costumam dizer aqui, perdi o gás. Passei os últimos meses da guerra em um hospital. Meus ferimentos ainda me trapaceiam*

*às vezes, e fico realmente cansado, corpo e mente, e no fim acabo desmoronando. É horrível. Penso em morrer, sinto-me fraco, frágil e doente. Mas estou um pouco melhor agora e toda a minha vida está dançando e cantando sob a luz do sol novamente. Quase toda, porque está faltando você. Deixei você partir, e não deveria ter feito isso. Foi o pior erro da minha vida. Amo você mais do que nunca, e estava errado quando a julguei tão cruelmente por causa do bebê. Quero que você me perdoe e que se case comigo, como tínhamos planejado, se você ainda estiver disponível para fazer isso e, é claro, se quiser. Não duvido que esteja brava comigo, desapontada pela carta que mandei. Saiba que me arrependo de cada uma das palavras que escrevi nela. Eu estava errado.*

*Isso é tudo. Não tenho mais o que dizer por enquanto. Não vou voltar à Polska, para viver sob o domínio dos comunistas, não, e fico desapontado com isso. Mas minha vida será minha. Tenho planos de ir à Itália, ficar no sol, nadar, comer e encontrar um emprego. Vai haver vários empregos lá. Um amigo meu disse que o país é um bom lugar para recuperar a força. E depois, também penso em ir aos Estados Unidos, a terra da oportunidade. Talvez você e seu filho pudessem me encontrar lá? Essa é a minha maior esperança.*

*Jan*

---

## CAPÍTULO 39

---

Ainda estou aqui. Ainda respiro, durmo, acordo, observo e penso.

Lembro-me agora daquele dia em que viajamos até Londres de trem. Só nós três — eu, John e Roberta. Era o aniversário de dez anos dela, e entrar na casa dos dois dígitos merece ser comemorado. John ainda se recuperava de ter terminado um relacionamento com uma mulher chamada Kate. Não tinha sido um caso muito sério, e acho que já havia começado errado. John costumava ser bem intenso quando era mais novo, e, naquela época, é claro, ainda estava sofrendo com o choque de ter sido abandonado por Anna. Não me surpreende que a Kate também o tenha deixado. Ela entendia bem a dor no coração que os dois carregavam juntos, e não gostou da ideia de tentar ocupar o lugar de Anna e falhar. Não podemos culpá-la de forma alguma.

E então, Londres. Primeiro Madame Tussauds, que Roberta amava, e depois pegamos o metrô e fomos até Trafalgar Square. Demos comida aos pombos, admiramos os leões de bronze — até fizemos Roberta sentar em um deles para tirar uma fotografia. Ela vestia uma blusa listrada.

Era um dia frio e decidimos almoçar em algum lugar fechado. Nenhum de nós conhecia Londres o suficiente para saber de um bom restaurante para irmos, então ficamos nos perguntando o que fazer e para onde ir. Sentia-me cansada.

Estava prestes a sugerir o bistrô da National Gallery quando me virei em direção ao prédio e a vi. Uma mulher alta, beirando os sessenta anos, olhava para mim. Devia estar me observando há algum tempo, nunca vou saber. Estava parada perto de uma das fontes. Junto a ela, outra mulher que devia ter uns quarenta anos e

duas crianças, da idade da Roberta, ou talvez um pouco mais novos, ambos meninos. Achei até que fossem gêmeos. Os dois eram altos, com cabelos dourados, e não dava para negar que, assustadoramente, havia algo neles que lembrava a Roberta. A mulher mais jovem era a versão feminina do John. A mais velha, Nina — porque era ela, sem dúvida nenhuma —, ficou nos olhando. Olhou para os dois menininhos, que provavelmente eram seus netos, e depois olhou de volta para John. Estava mais gorducha do que antes e parecia cansada, desinteressada e descuidada. Ousei desejar que não estivesse infeliz. Por um segundo ou dois ficamos lá nos encarando e, por trás dos olhos dela, vi a menina impertinente de dezenove anos, forte, espalhafatosa e ignorante. Tudo isso em poucos segundos. É claro, minha visão estava falhando, mas a essência de uma pessoa nunca a deixa completamente. E, principalmente, não se pode confundir o rosto de uma mulher que um dia você viu sofrendo, precisando de ajuda, implorando por socorro.

E no instante seguinte, já havia desaparecido por trás de outras pessoas, com outras vidas, que carregavam suas próprias histórias, e percebi, com certo alívio, que ela não viria ao meu encontro. Parei de olhar. Achamos um lugar para almoçar, mas não consegui comer. Meu coração não se acalmou por pelo menos uma ou duas horas. Finalmente, um pouco mais tarde, comecei a pensar na Aggie enquanto andávamos pelas galerias. Será que as duas haviam mantido contato? E, graças a Deus, não tinha sido a Aggie que eu havia encontrado. Ela provavelmente teria feito um escândalo.

Algum tempo depois, comecei a pensar em Jan, claro. Ele nunca saiu dos meus pensamentos. Não acho que um único dia na minha vida tenha se passado, desde a última vez em que nos vimos, em que eu não tenha pensado nele ou me perguntado o que teria sido feito dele. Cultivei uma esperança dentro de mim por muitos anos de que teria notícias dele, de que me procuraria e me acharia. Mas não procurou. Existiu mais um homem na minha vida, mas foi apenas uma possibilidade secundária, cinco décadas atrás, divorciado e charmoso. Acho que era rico também, e um pouco solitário. Tivemos

um romance que nunca foi para frente. Ele queria mais de mim do que eu podia dar. E, então, desapareceu — ou será que fui eu?

E agora, todos devem estar mortos, assim como eu também deveria estar. Até mesmo o John está morto. Ela acha que não percebi. Roberta, minha menina querida, me disse que está noiva de um homem muito bom. Lembro-me dele, amante dos livros, engraçado e charmoso. Eles têm de ir em frente, ter filhos e construir juntos uma vida boa e sólida. Sei que isso vai acontecer.

Fico feliz de poder moldar esses pensamentos, feliz que essa parte tão essencial de mim ainda esteja intacta; ainda consigo pensar claramente sobre essa parte intrínseca, esse centro que todos nós temos e que permanece intacto durante nossas vidas.

Devo dormir agora. Estou muito cansada. Faz anos que deveria ter adormecido. Roberta está penteando meus cabelos. Está sendo tão carinhosa e eu estou desvanecendo. Posso me sentir indo embora, célula por célula. Acho que a hora chegou. Sim. Vou fechar os olhos agora e não os abrirei outra vez. Vou me encontrar com Jan. Se eu pensar que vou, então irei.

Mas... Não! Roberta quer algo. Ela quer saber a verdade, assim como o John quis. Sim, é tudo muito simples, posso contar tudo, me restabelecer e colocar um fim nessa aflição que toma conta dela.

— Roberta?

— Sim?

Pronto. Feito. Confuso no começo, mas contei tudo, no fim.

Ela fica um pouco chocada, mas nem tanto. Prefiro pensar que ela já sabia mais do que havia se dado conta. Ela me abraça com tanta força, com tanto carinho, e me diz, com sinceridade, que ainda sou sua *babunia* e que sempre serei. Que gostaria de ter conhecido o Jan, porque ele parece ter sido uma pessoa maravilhosa.

Ficou orgulhosa por eu ter tentado salvar a vida de seu avô “de verdade”. Tive de manter essa parte da história, afinal, todos acreditavam nisso e a Roberta não seria uma exceção. Talvez a história se torne uma lenda na família. Tudo bem.

Ela tentou me mostrar algo, mas não pude ver o que era, não consegui entender o que dizia. É uma coisa horrível ficar tão velha, perder tudo o que teve um dia, e perceber que viver, que o ato de estar vivo e de tentar sobreviver através do dia, se torne uma tarefa tão impossível.

Agora devo ir ao encontro de Jan. Finalmente teremos nosso momento juntos. Um estrondo intenso, e esse sol, meu Deus, como está quente! Minhas pernas macias e fortes estão descobertas e lá vem o esquadrão, outro estrondo e lá está o Hurricane do Jan, mergulhando no céu como um pedregulho caindo em águas calmas, e o rosto dele, aquele rosto lindo, aquele sorriso. Ele acena com a mão e eu aceno de volta. Acho que ouço a Roberta sussurrar algo como “acalme-se, *babunia*”; e agora tudo está em silêncio. Faz calor por todos os cantos e não há barulho, nenhuma paisagem, tudo é perfeito aqui. As palavras dele, aquelas palavras finais, cruéis para mim, agora tinham se transformado em um conforto: “Sabia que você seria eterna, mesmo que não houvesse eternidade”.

---

## AGRADECIMENTOS

---

Gostaria de agradecer a todos na *Hodder e Stoughton*, especialmente minha editora de olhos aguçados, Suzie Dooré. O meu obrigada vai também para Hannah Ferguson, minha representante, por dar uma chance a mim e ao meu trabalho. Também sou grata a Debi Alper, Ian Andrews, Victoria Bewley, Sonja Bruendl-Price, Emma Darwin, Katherine Hetzel, Sophie Jonas-Hill e Jody Klaire pelos conselhos, opiniões, ajuda e encorajamento, e por arrasar no WIP. Obrigada a Neil Evens e a Mark Forster pelas informações técnicas. Queria agradecer muito Susan Davis e toda a *Cornerstones Literary Consultancy*, e também Jo Dickinson.

Gostaria de dizer que minha pesquisa me levou a três livros que foram, em particular, muito agradáveis de ler, tanto que até me esqueci que estava pesquisando! Foram eles: *Battle of Britain*, de Patrick Bishop, *How We Lived Then: A History of Everyday Life During the Second World War*, de Norman Longmate, e *For Your Freedom and Ours: The Kościuszko Squadron — Forgotten Heroes of World War II*, de Lynne Olsen e Stanley Cloud. Qualquer erro é de minha responsabilidade.

Obrigada às minhas amigas Radosława Barnaś-Baniel, pela ajuda com as palavras em polonês, e Tessa Burton, pela alegria e pelo encorajamento. Meus pais me deram livros e tempo para ler desde que eu era bem nova, então gostaria de agradecê-los também. Obrigada, Pete, por ser meu irmão e por muito mais. Obrigada aos meus filhos Oliver, Emily, Jude, Finn e Stanley, pela inspiração e pelo entusiasmo. Finalmente, obrigada ao meu generoso marido Ian, que tornou tudo isto possível.

1 *Blitz*: bombardeio do Reino Unido pela Luftwaffe alemã entre 7 de setembro de 1940 e 10 de maio de 1941, durante a Segunda Guerra Mundial. O nome provém da contração popular inglesa da palavra alemã *Blitzkrieg*, ou guerra-relâmpago. (N. T.)

1 Women's Land Army (WLA) era uma organização civil britânica criada durante a Primeira Guerra Mundial, que funcionou também durante a Segunda Guerra, e formava mulheres para trabalhar na agricultura, substituindo os homens chamados para o serviço militar. (N. T.)

1 *Evergreen* significa “sempre-viva”. (N. T.)

1 O *Boxing Day* é tradicionalmente o dia seguinte ao Natal, comum em países anglo-saxões, quando empregados e comerciantes recebem presentes dos chefes ou empregadores, conhecidos como *Christmas boxes* (caixas de Natal). No Reino Unido, Canadá e em alguns estados da Austrália, o *Boxing Day* é um feriado similar ao *Black Friday* (dia seguinte ao de Ação de Graças) dos EUA. (N. T.)

A vendedora da livraria Old & New, Roberta Pietrykowski, encontra, numa antiga mala, uma carta datada de fevereiro de 1941, escrita por seu avô, Jan, um piloto polonês que lutou ao lado dos britânicos na Segunda Guerra Mundial. As informações truncadas e aparentemente sem sentido sobre um bebê aguçam a curiosidade da vendedora, que adora ler e guardar algumas das cartas e postais deixados dentro dos livros usados e colocados à venda na loja onde trabalha.

Agora é um capítulo da história da família dela que a instiga a procurar a verdade por trás daquelas palavras escritas no inverno de 1941 – data posterior à morte de seu avô, abatido em novembro de 1940, segundo havia lhe contado sua avó, Dorothy.

Que bebê era aquele que seu avô mencionava? E quem seria a sra. Sinclair, dona da mala onde a carta foi encontrada?

Eram tempos de guerra, e muitos bebês nasciam sem pai e eram dados a freiras, à doação ou abandonados. Que destino teria tido a pobre criança da carta de Jan? E por que sua avó, Dorothy Pietrykowski, mentiria sobre a morte de seu marido e guardaria uma mala de uma mulher de sobrenome Sinclair?

Em meio a essas dúvidas e perguntas sem respostas, Roberta tem ainda que lidar com o sumiço da sua própria mãe, a doença do pai, sua solidão e um amor não correspondido.



© Iam Walters

## *Louise Walters*

nasceu em Oxfordshire, no Reino Unido, e atualmente vive em Northamptonshire, com seu marido e cinco filhos. *A Maleta da sra. Sinclair*, editado em 12 países, como Espanha, Itália, Holanda e Estados Unidos, é seu romance de estreia. Ela é formada em literatura e, por seis anos, trabalhou em uma livraria.

- 📧 PlanetaLivrosBR
- 🌐 planetadelivrosbrasil
- 📘 PlanetadeLivrosBrasil
- 🌐 planetadelivros.com.br

A britânica Roberta Pietrykowski adora encontrar e ler as cartas e postais perdidos em meio a edições antigas dos livros que aparecem para ser revendidos na livraria Old & New, onde trabalha. Esses pequenos pedaços de vida alheia a fazem imaginar o que pode ter acontecido aos seus donos.

E é também uma carta, que ela encontra numa mala que pertencia a uma certa sra. Sinclair, escrita por seu avô, Jan Pietrykowski, que dará um novo sentido à sua vida, fazendo-a imaginar uma história diferente da que lhe foi contada sobre sua origem.

Quem teria sido a dona daquela misteriosa mala? E por que ela, Roberta, teria herdado o misterioso objeto, bem como todas as lembranças guardadas nela? É o que este romance, que viaja entre 1940 e 2010, revela ao leitor.

**“Uma encantadora e emocionante história muito bem escrita.” – *The Times***

**“Um livro deslumbrante e muito bem elaborado sobre amores que sobrevivem a segredos.” – *Kirkus Review***

